ESCOLA DE DOUTORAMENTO
INTERNACIONAL DA USC

Bruno José
Ferreira Mendes

Tese de doutoramento

Belide – a terra e as gentes: Território, Património, Memória e Identidade

Lugo, 2022

Programa de Doutoramento en Estudos Culturais: Memoria, Identidade, Territorio e Linguaxe

TESE DE DOUTORAMENTO

BELIDE – A TERRA E AS GENTES: TERRITÓRIO, PATRIMÓNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Bruno José Ferreira Mendes

ESCOLA DE DOUTORAMENTO INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EN ESTUDOS CULTURAIS: MEMORIA, IDENTIDADE, PATRIMONIO E LINGUAXE

LUGO

2022

DECLARACIÓN DEL AUTOR/A DE LA TESIS

D./Dña. **Bruno José Ferreira Mendes**

Título da tese: **Belide – a terra e as gentes: Território, Património, Memória e Identidade**

Presento mi tesis, siguiendo el procedimiento adecuado al Reglamento y declaro que:

1) La tesis abarca los resultados de la elaboración de mi trabajo.
2) De ser el caso, en la tesis se hace referencia a las colaboraciones que tuvo este trabajo.
3) Confirmo que la tesis no incurre en ningún tipo de plagio de otros autores ni de trabajos presentados por mí para la obtención de otros títulos.
4) La tesis es la versión definitiva presentada para su defensa y coincide la versión impresa con la presentada en formato electrónico.

Y me comprometo a presentar el Compromiso Documental de Supervisión en el caso que el original no esté depositado en la Escuela.

En **Belide**, **11 de mayo de 2022**.

AUTORIZACIÓN DEL DIRECTOR/TUTOR DE LA TESIS

D./Dña. **Paulo Manuel de Carvalho Tomás**

En condición de: **Director/a**

Título de la tesis: Belide – a terra e as gentes: Território, Património, Memória e Identidade

INFORMA:

Que la presente tesis, se corresponde con el trabajo realizado por D/Dña **Bruno José Ferreira Mendes**, bajo mi dirección/tutorización, y autorizo su presentación, considerando que reúne los requisitos exigidos en el Reglamento de Estudios de Doctorado de la USC, y que como director/tutor de esta no incurre en las causas de abstención establecidas en la Ley 40/2015.

En **Coimbra**, **11 de mayo de 2022**

AUTORIZACIÓN DEL DIRECTOR/TUTOR DE LA TESIS

D./Dña. **Carmen Blanco García**

En condición de: **Director/a**

Título de la tesis: **Belide-a terra e as gentes: Território, Património, Memória e Identidade**

INFORMA:

Que la presente tesis, se corresponde con el trabajo realizado por D/Dña **Bruno José Ferreira Mendes**, bajo mi dirección/tutorización, y autorizo su presentación, considerando que reúne los requisitos exigidos en el Reglamento de Estudios de Doctorado de la USC, y que como director/tutor de esta no incurre en las causas de abstención establecidas en la Ley 40/2015.

En **Lugo**, **11 de mayo de 2022**

AGRADECIMENTOS

Para começar quero agradecer aos meus orientadores, Professor Doutor Paulo Carvalho da Universidade de Coimbra, pela amizade, companheirismo, dedicação e presença constante no decorrer dos trabalhos; à Professora Doutora Cármen Blanco García da Universidade de Santiago de Compostela pela dispobibilidade constante, capacidade de mediação e por acreditar sempre em mim, e nas minhas capacidades de trabalho.

A todos os professores que fizeram parte do meu processo formativo, foram os seus ensinamentos que construíram o prossional que sou hoje, especial ao Professor Doutor Ricardo Vieira, Professor Doutor Fernando Magalhães e Professora Doutora Graça Poças Santos, que me ensinaram as temáticas das identidades, patrimónios e territórios.

Aos colegas de direção do PRAEF, componentes do GFEB e comunidade local em geral, gratifico a partilha de documentação, em especial ao José Bernardo dos Santos Monteiro que faleceu na fase final da redação da tese.

Aos entrevistados que desde logo se disponibilizaram para participar neste estudo: Augusto Carvalho Marta, Ramiro da Conceição Mateus, Jorge Germano Dias de Brito, Helena Almeida Diogo, José Carecho, Álvaro Monteiro, Maria José Corte-Real, Cátia Marques, João Paulo Morgado, Raúl Pratas, Beatriz Tarrafa, Elvira Carvalho Fernandes, Raúl Oliveira, Nuno Moita da Costa e Mário Jorge Nunes, sem as vossas narrativas, nada faria sentido.

À minha sogra pela colaboração administrativa durante o processo de redação dos trabalhos, ao João Pedro, pela disponibilidade para leitura e correções linguísticas. À Isa e ao Fernando pela amizade incondicional. Por último, mas sem margem de dúvida a mais importante, a família como grande suporte e pilar. Aos meus pais, à mana, sobrinhas, *in memorium* do meu avô Mário que partiu no decurso desta caminhada e, claro está, ao meu filho Guilherme.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

E ainda, a todos aqueles que, direta ou indirectamente, contribuíram para mais um alicerce na minha caminhada formativa e profissional, serei sempre grato.

A todos o meu muito obrigado!

RESUMO

Belide – a terra e as gentes: Território, Património, Memória e Identidade

Os territórios e a sua humanização oferecem um plano fértil para a investigação antropossociológica, pesquisar e inventariar esta relação com as conceções contemporâneas de património, memória, identidade e linguagem, leva-nos a compreender a relação e apropriação entre as organizações locais e a comunidade, que por sua vez leva à (re)construção e afirmação da identidade local, alicerçada na memória coletiva, colocando-as ao serviço público de forma a promover o conhecimento e o crescimento sustentado. É neste contexto que pretendemos evidenciar o processo construtivo da identidade da antiga localidade de Belide, povoamento bélico habitado desde o império romano, a curta distância da civitas romana de Conímbriga. Belide desenvolve-se ao longo dos milénios com a exploração dos recursos agrícolas, mas foi em 1864 com o incremento do caminho-de-ferro que assistimos a um crescimento demográfico contínuo, o homem moldou-se a este território, reorganizando-o com tradições, saberes e costumes tão peculiares.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

RESUMEN

Belide - la tierra y las personas: territorio, patrimonio, memoria y identidad

Los territorios y su humanización ofrecen un plan fértil para la investigación antroposociológica, investigar e inventariar esta relación con los conceptos contemporáneos de patrimonio, memoria, identidad e idioma, nos lleva a comprender la relación y la apropiación entre las organizaciones locales y la comunidad. lo que a su vez conduce a la (re) construcción y afirmación de la identidad local, basada en la memoria colectiva, colocándolas en el servicio público para promover el conocimiento y el crecimiento sostenido. Es en este contexto que pretendemos destacar el proceso constructivo de la identidad de la antigua ciudad de Belide, un asentamiento bélico habitado desde el imperio romano, a poca distancia de la civitas romana de Conímbriga. Belide se ha desarrollado durante milenios con la explotación de los recursos agrícolas, pero fue en 1864 con el aumento del ferrocarril que fuimos testigos de un crecimiento demográfico continuo, el hombre fue moldeado en este territorio, reorganizándolo con tradiciones, tan peculiar conocimiento y costumbres.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ABSTRACT

Belide - the land and the people: Territory, Heritage, Memory and Identity

Territories and their humanization offer a fertile plan for anthroposociological research, researching and inventorying this relationship with contemporary concepts of heritage, memory, identity and language, leads us to understand the relationship and appropriation between local organizations and the community, which in turn leads to the (re) construction and affirmation of the local identity, based on the collective memory, placing them in the public service in order to promote knowledge and sustained growth. It is in this context that we intend to highlight the constructive process of the identity of the old town of Belide, a warlike settlement inhabited since the Roman Empire, a short 2 distance from the Roman civitas of Conímbriga. Belide has developed over the millennia with the exploitation of agricultural resources, but it was in 1864 with the increase in the railroad that we witnessed a continuous demographic growth, man was molded to this territory, reorganizing it with traditions, knowledge and customs so peculiar.

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

RESUMO

Belide – a terra e as gentes: Território, Património, Memória e Identidade / Belide, a terra e as persoas: territorio, patrimonio, memoria e identidade aparece como título da miña tese de doutoramento en Estudos Culturais, na especialidade de Memoria, territorio e patrimonio, desenvolvida na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela.

A relevancia motivacional para a realización deste estudo está ligada ao territorio obxecto de estudo, Vale do Rio dos Mouros - Belide, que quería coñecer mellor, en particular o seu patrimonio cultural e a forma en que serve de fundamento á miña identidade cultural. Formo parte da xeración que aínda viviu as tradicións rurais daquela comunidade mondeguina, tendo vivido xogar nos bambáns no adro da igrexa, mergullo no Río dos Mouros, as festas de Nosa Señora da Saúde, entre outros. Tamén participei na fundación da Agrupación Folclórica e Etnográfica de Belide e outorguei a escritura pública do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica.

A pesar da existencia de enquisas etnográficas nas parroquias limítrofes, nomeadamente as monografías de Ega, elaboradas polo padre Amílcar Neves, e a de Anobra de João Pinho, creo que esta tese consolida parte do traballo que vén facendo a etnofolclórica local. grupo (GFEB), do que son responsable, converténdose no centro do desenvolvemento local da comunidade.

En conxunto, a investigación ten como obxectivo xeral a análise da implicación dos actores locais (residentes) nos procesos de patrimonialización e territorialización, asociados ao enfoque antroposociolóxico, a partir dos seguintes obxectivos específicos:

1. Caracterizar e relacionar o patrimonio cultural (construído e inmaterial), na construción da memoria e da identidade.

2. Coñecer a diversidade de bens, estado de clasificación, sistemas de xestión, valores e funcións asociadas ao patrimonio cultural.

3. Explicar a relevancia actual do patrimonio cultural para o desenvolvemento do territorio e das poboacións.

4. Reflexionar sobre o papel das comunidades locais nos procesos patrimoniais.

USC DE COMPOSTELA

5. Coñecer en que medida a intervención cultural e asociativa do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica e da Agrupación Folclórica e Etnográfica de Belide contribúe á difusión do patrimonio cultural e do territorio en consonancia cos actores locais.

6. Avaliar a actuación dos axentes locais e dos poderes públicos no proceso de patrimonio e territorialización da comunidade.

A tese estrutúrase en sete capítulos. O primeiro corresponde á introdución presentando a temática e a motivación, os obxectivos que guiaron a súa elaboración e a xustificación da súa relevancia. Por último, achegámonos á forma en que está escrito e organizado o estudo.

No segundo capítulo constrúo e destaco o estado da arte. Comezo este proceso de revisión bibliográfica coa evolución e (reafirmación) do concepto de patrimonio e dos camiños do patrimonio cultural. Tamén expoño e analizo o marco legal e lexislativo do patrimonio cultural, nomeadamente na normativa portuguesa e do patrimonio internacional. Posteriormente explícolles o proceso de desenvolvemento local, asociado a comunidades, territorios e patrimonio, a construción da identidade e da memoria, o papel da cidadanía e a educación patrimonial e a xénese e importancia do asociacionismo local.

As opcións metodolóxicas aclaráronse no capítulo terceiro, no que xustifico a miña función como investigador, así como os procedementos e técnicas de recollida de información. Valido as achegas da etnografía, mediante o traballo de campo e a observación participante, mediante a entrevista, que me permitiu valorar a actuación dos actores locais e dos poderes públicos, no proceso de patrimonialización e territorialización da comunidade local.

O cuarto capítulo describe o territorio dende unha perspectiva histórica e xeográfica, a xénese e humanización da aldea de Belide, e o camiño construtivo da democracia local. No capítulo quinto descríbese o patrimonio construído, natural, inmaterial e alimentario do territorio de Belide. Patrimonio e identidade son inseparables e xustifican o patrimonio colectivo do territorio, polo que analizamos como os veciños constrúen a súa identidade e proceso cultural a través de símbolos e representacións de pertenza.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O asociacionismo e a salvagarda do patrimonio cultural da comunidade realízase no capítulo sexto, destacando o marco institucional do Pódio de Recordações - Associação Etno-Folclórica, e a resposta interxeracional da Agrupación Folclórica e Etnográfica de Belide, organismos que tutelan programas de intervención patrimonial que se desenvolven anualmente na comunidade: Intercambio Ibérico de Costes e Tradicións Populares e o Encontro de Cancións do Ciclo de Nadal, para rematar, a patrimonialización do cancioneiro local de Belide.

Rematamos este estudo co sétimo capítulo, onde presentamos as consideracións finais. Comprender como os líderes da poboación e os representantes do poder público lexitimaron o territorio, segundo os obxectivos marcados para o estudo, foi o noso obxectivo. Como conclusión, destaco a dimensión social e cultural deste estudo para min como investigador, así como para a comunidade local, entendendo isto como unha modesta contribución ao seu enriquecemento e afirmación dentro doutros tipos de comunidades como a municipal ou a comarcal.

En canto á metodoloxía de investigación, o traballo de campo permitiu escoitar aos axentes locais e ao goberno. Os métodos e técnicas que guiaron a elaboración deste traballo estiveron condicionados pola necesidade de escoitar e analizar os discursos que os líderes asociativos e o poder político produciron sobre o territorio. Utilizouse para isto unha entrevista en profundidade, concretamente a metodoloxía da entrevista en profundidade.

Na selección dos entrevistados tívose en conta a influencia da súa formación académica e profesional nos discursos e representacións que teñen sobre o territorio de Belide, polo que se delimitaron as entrevistas a autores do ámbito político, cultural, relixioso e asociativo.

Realizáronse quince entrevistas entre o 14 de novembro e o 4 de xaneiro de 2021. A guía de entrevistas elaborouse con cinco preguntas orientadoras:

1. Que é para ti Belide?

2. Como cres que encaixa Belide no contexto municipal, comarcal?

3. Cal é a importancia do patrimonio cultural na construción da identidade de Belide?

a) Cal é o patrimonio material máis representativo da comunidade?

b) Cal é o patrimonio inmaterial máis representativo da comunidade?

4. As asociacións locais (Pódio de Recordações – Asociación Etno-Folclórica) xogan un papel importante na salvagarda do patrimonio cultural en Belide? Por que?

5. No exercicio das túas funcións profesionais/asociativas/políticas, que medidas implantas/ches para salvagardar o patrimonio cultural local?

As entrevistas, despois de ser gravadas, transcribíronse integramente, sen utilizar *software* cualitativo. Comezou logo a escritura etnográfica, que destaca a relación que tiven cos actores estudados. Preséntoos dende un punto de vista formal con citas e fotografías, expostas ao longo da obra, nunha perspectiva narrativa.

Os líderes da poboación e os representantes do poder público lexitimaron o territorio, segundo os obxectivos marcados para o estudo, concluíndo o seguinte:

a) Obxectivo 1– Caracterizar e relacionar o patrimonio cultural (construído e inmaterial), na construción da memoria e da identidade. A construción da memoria e da identidade realízase de xeito integral de pais a fillos e de fillos a netos, como patrimonio cultural emerxente, entendido nas súas máis variadas formas como pedra angular desta relación. Neste sentido, segundo destacan as nosas entrevistadas como Beatriz Tarrafa, que describiu as festas da Señora da Saúde, tendo en conta as realidades dos anos 70 e 80 do século XX, sen telas vividas. Tamén Álvaro Santos Monteiro, lembrou a grandeza da festa anual, onde era difícil, na grande aglomeración, que a xente circulase. Reforzou a necesidade da continuidade destas festas, xa que hai que manter a tradición e nada pode fallar nestes días. Jorge Germano foi aínda máis alá, proclamando que Belide ten unha identidade propia, unha marca fundada fóra do municipio e do distrito, xa que falaba dunha comunidade cun nome que se impón, ben polas súas tradicións ou ben pola presenza da propia devoción, e concluíu que a Señora da Saúde é un encontro de moitas xeracións e situacións.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

María José Corte-Real destacou a importancia da identidade comunitaria fundamentada na memoria, xa que esta identidade se constrúe cunha aglomeración de identidades persoais. Esta construción faise co legado que transmitiron as xeracións anteriores, ensinando a ser e a ser como comunidade local.

Para concluír, Cátia Marques entendeu que o patrimonio cultural asociado á construción da memoria e da identidade é unha cuestión de identificación. O patrimonio permite enmarcar colectiva e socialmente unha cultura común, o que fai a unión e conexión a un determinado territorio, e, sobre a identidade común da comunidade, ese patrimonio se sustenta dalgún xeito.

b) Obxectivo 2 – Coñecer a diversidade de bens, o estado de clasificación, os sistemas de xestión, os valores e as funcións asociadas ao patrimonio cultural. O patrimonio cultural e construído do territorio é proporcional á súa superficie, é dicir, reducido. Na localidade obxecto de estudo non existe un ben patrimonial clasificado, a diferenza das parroquias limítrofes (Ega e União de Freguesias de Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova).

O patrimonio local que é propiedade do Consello Parroquial, da Comisión Fabril da Igrexa de Belide, do Concello de Condeixa, do Centro Recreativo e Deportivo Social Cultural de Belide e do Pódio de Recordações – Associação Etno- Folclórica atópase en excelentes condicións. Hai coidado e celo por parte dos distintos organismos gobernamentais e asociativos na xestión e posta en valor do patrimonio local, e é importante mencionar o interese e implicación da poboación no seu mantemento. O lavadoiro, propiedade do Consello Parroquial, cedido ao PRAEF estase a transformar nun espazo musealizado. Cátia Marques, por exemplo, destacou que estes inmobles teñen un valor afectivo nas comunidades, a pesar de perder a súa función primordial, de aí o seu valor museístico. Jorge Germano referiuse a Belide como un patrimonio condensado, non só polo seu patrimonio relixioso central, a igrexa é un fito e paso obrigado, senón tamén pola sede do Consello Parroquial, onde se atopan os traxes orixinais, recollidos pola Agrupación Folclórica. A exhibición de ditos bens materiais e históricos marca a evolución da cultura. Axentes locais e autoridades públicas están preocupados polas ruínas do pazo Barata Tovar, na Quinta de Belide, manifestando un sentimento de impotencia debido a que non é posible rehabilitar o inmoble, xa que é privado, e o propietario non ten conexión co territorio. Nuno Moita da Costa explicou que o Pazo do Barata Tovar, do século XIX, era unha referencia en termos locais e era lamentable que estivese en ruínas. Engade que intenta, xunto co Consello Parroquial, entender que se pode facer alí. Na súa opinión, a igrexa e o cruceiro son tamén símbolos e marcas da identidade do lugar, non hai só un elemento representante, senón un conxunto, todas as construcións erixidas distinguen o territorio.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

c) Obxectivo 3 – Explicar a relevancia actual do patrimonio cultural para o desenvolvemento do territorio e das poboacións. O patrimonio cultural e a implicación das poboacións arredor das dinámicas locais pode verse como unha ferramenta para asegurar poboacións no territorio. Nuno Moita da Costa amosou que en Belide, a pesar de ser unha comunidade pequena, a poboación está unida e vive en harmonía, servindo de exemplo do municipio, por ter unha dinámica moi forte. Mário Jorge Nunes concluíu, pola súa banda, que o patrimonio cultural pode verse como un instrumento de implicación territorial.

d) Obxectivo 4 – Reflexionar sobre o papel das comunidades locais nos procesos patrimoniais. A identidade local do territorio de Belide está moi arraigada nos seus habitantes, cun forte orgullo de ser de Belide, e esta marca exprésase das máis variadas formas. Maria José Corte-Real asegurou que, en Belide, o investimento da poboación no seu territorio fai que o propio terreo se presente doutro xeito, aos ollos de paso, xa que ten unha dinámica moi forte. É importante mencionar que a dinámica local tamén sufriu cambios. Augusto Carvalho Marta lembrou que, na actualidade, a organización das festas locais xa non precisa da ardua man de obra que existía hai trinta anos. Nuno Moita da Costa concluíu que o traballo arredor dos temas patrimoniais debe seguirse facendo cos máis novos, motivándoos. Engadiu que, na actualidade, as persoas que están en Belide se organizan, participan e teñen sentido da identidade do lugar, están orgullosas de ser de Belide. Desde a súa perspectiva, é importante que este significado se transmita á próxima xeración, e que se manteña ese camiño, porque iso será bo, non só para Belide, senón tamén para o concello.

e) Obxectivo 5– Coñecer en que medida a intervención cultural e asociativa do Pódio de Recordações– Associação Etno-Folclórica e da Agrupación Folclórica e Etnográfica de Belide contribúe á difusión do patrimonio cultural e do territorio en consonancia cos actores locais. Este organismo asociativo ten un importante papel na protección do patrimonio, non obstante, outras entidades locais xa realizaron este labor antes e actualmente descartan esta responsabilidade desa colectividade. Jorge Germano defendeu que todas as entidades locais teñen claramente un papel importante na salvagarda do patrimonio. Quen non atopa ou quen reduce algunha destas dimensións a só unha cuestión funcional está empezando a non gardar e non lembrar a todos os homes e a todas as mulleres que no pasado encarnaron o manifesto, xa fose na igrexa ou no Centro Social ou no Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica. Todo

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

home e muller que vive en Belide ten a obriga, máis que non, dos seus antepasados de manter viva esta liña de continuidade. A representación televisiva tamén foi salientada por Álvaro Santos Monteiro, cando afirmou que Belide percorreu o mundo, foi unha experiencia das que marcan o lugar, é un orgullo para Belide e os seus habitantes, amosar o mellor que se fai na comarca, o grupo folclórico local representou ao concello de Condeixa. Raúl Pratas destacou que, a pesar de ser Belide un pequeno territorio, é un orgullo chegar ao Porto, ou mesmo ao estranxeiro, e que se saiba onde está Belide.

A asociación organiza na actualidade dúas grandes citas na localidade, FESTIBELIDE – Festival Internacional de Folclore da Parroquia de Belide (Intercambio Ibérico de Costes e Tradicións Populares) e o Encontro de Cancións do Ciclo de Nadal, iniciativas que implican a práctica totalidade da poboación. Raúl Pratas destacou que FESTIBELIDE é unha fin de semana importante na cultura local. A chegada de grupos internacionais a Belide é un acontecemento que sempre hai que eloxiar. Helena Diogo mencionou que esa fin de semana Belide é a capital do folclore. Para a vila son días de gran dinamismo e actividades que requiren moito traballo. A poboación de Belide é pequena, na organización participan moitas persoas ademais das que, en xeral, interveñen directamente no grupo folclórico. Familiares axudan na organización, e no proceso participan a metade dos habitantes de Belide. Pero só funciona porque está nunha comunidade rural e hai espírito de axuda mutua, nun contexto urbano sería, en principio, impensable, se falamos da boa vontade de todos. É a xente a que leva a camisola, a xente está contenta de que continúe ese evento. Jorge Germano sinalou que FESTIBELIDE, que se celebra a segunda fin de semana de setembro, move toda a comarca por Belide, xa que é unha marca xa consolidada. Non é necesario lembralo nin marcalo anualmente, está arraigado en lugares. Pola súa banda, Nuno Moita da Costa sinalou que Belide, en termos comarcais ten un gran protagonismo, pola súa agrupación folclórica, pois esta agrupación cando sae leva o nome de Belide e Condeixa-a-Nova polo mundo. Estamos a falar dunha comunidade de algo máis de 200 persoas, algo moi importante e distintivo, unha marca de identidade forte. O grupo folclórico vai ao estranxeiro, levando consigo un terzo da poboación. Hai lugares máis grandes que non teñen esa forte dinámica. Belide ten esta forte dinámica cultural ligada á tradición. Jorge Germano concluíu que o Encontro de Cancións do Ciclo de Nadal ten a particularidade de revivir recordos da importancia que tivo noutros tempos a relixiosidade. No evento atópanse dúas dimensións, a primeira é a cultural, polo tempo no que estamos, ou que se

está a desenvolver, alí entre o Advento e os Reis. Culturalmente, é unha baza forte poder vivir e formar parte desta asociación e, polo tanto, tamén o é a dispoñibilidade por parte da igrexa para esta acollida. A segunda é a dimensión da fe, hoxe descóbrese, como antano, a través de cantigas populares e tradicionais, formas de vivir e vivir a fe.

f) Obxectivo 6 – Avaliar a actuación dos axentes locais e dos poderes públicos no proceso de patrimonialización e territorialización da comunidade. O poder político nas últimas décadas colaborou coa comunidade local. Aínda que o financiamento destinado non sempre se corresponde coas necesidades inmediatas da poboación, as liñas de apoio foron un activo para atopar no territorio un patrimonio debidamente protexido e salvagardado. Cátia Marques, en representación da Dirección Comarcal de Cultura do Centro, advertiu de que as comunidades locais terán que ser as primeiras en gustarse, en recoñecer o seu patrimonio, en protexelo e salvagardalo. Ramiro Mateus, Augusto Marta, Raúl Pratas e Raúl Oliveira, como membros de catro órganos executivos do Consello Parroquial, declararon que durante os seus mandatos municipais achegaron financiamento a temas territoriais, patrimoniais e asociativos. Nuno Moita da Costa aclarou que o concello de Condeixa non ten unha epígrafe específica para o patrimonio cultural, pero si hai apoio, e aportou no que se solicitou, refírese ao exemplo de apoio á gravación de CD; asegura que son un activo. Ao seu xuízo, un dos principais puntos do Concello é deixar constancia do que se fai, do que son as tradicións, creando ferramentas para os legados patrimoniais para as novas xeracións. Mário Jorge Nunes dixo que para salvagardar o Patrimonio Cultural nesta zona xeográfica hai que facer unha xestión da paisaxe. Por iso, a Asociación Terras de Sicó traballa nun proxecto de fondo, non para todo o territorio, senón para parte do macizo calcario, co obxectivo de crear a zona paisaxística que se denomina: Serra de Sicó. Hai un dereito maior, que é manter unha certa identidade e salvagardar cales son os aspectos naturais a través do turismo, a ecoloxía, e a sustentabilidade do Patrimonio Natural, vinculándoo co Patrimonio Cultural.

En conclusión, podo dicir que as preguntas clave que se formularon ao comezo da investigación están debidamente validadas e fundamentadas. Este traballo de investigación abriu horizontes científicos, técnicos e metodolóxicos e proporcionoume ferramentas académicas, aínda difíciles de medir.

USC
DE COMPOSTELA

ÍNDICE GERAL

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO **27**

1.1. A temática **28**

1.2. Pertinência motivacional **28**

1.3. Objetivos **29**

1.4. Estrutura da dissertação **29**

CAPÍTULO II – ESTADO DA ARTE **31**

2.1. Património: evolução e (re)afirmação **32**

2.2. Património cultural: conceitos e percursos **41**

2.2.1. Enquadramento jurídico e legislativo: normativa internacional 45

2.2.2. Enquadramento jurídico e legislativo: normativa portuguesa 57

2.3. Desenvolvimento local: comunidade(s), território(s) e património(s) ... **67**

2.4. Identidade **74**

2.5. Memória **78**

2.6. Cidadania e educação patrimonial **83**

2.7. Associativismo local **89**

CAPÍTULO III – ESTUDO EMPÍRICO **93**

3.1. Opções metodológicas **94**

3.2. Papel do investigador **99**

3.3. Procedimentos e técnicas de recolha de informação **102**

CAPÍTULO IV – BELIDE: O TERRITÓRIO **111**

4.1. Quadro Histórico e Geográfico **112**

4.2. Génese e evolução do povoado **120**

4.3. A democracia local: um percurso construtivo **127**

CAPÍTULO V – BELIDE: OS PATRIMÓNIO(S) **135**

5.1. Patrimónios edificados **136**

5.2. Patrimónios naturais **154**

5.3. Patrimónios imateriais **166**

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

5.4. Patrimónios alimentares **182**

CAPÍTULO VI – ASSOCIATIVISMO E SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO DE BELIDE **194**

6.1. O associativismo cultural na comunidade **195**

6.2. O Pódio de Recordações e a intervenção patrimonial **202**

6.3. O Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide: um património vivo **205**

6.4. Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares **209**

6.5. Encontro de Cantares do Ciclo Natalício **219**

6.6. Patrimonialização do Cancioneiro local **222**

CAPÍTULO VII – CONCLUSÃO **228**

7.1. Síntese da investigação **229**

7.2. Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações **236**

7.3. Reflexão final **236**

BIBLIOGRAFIA **237**

ANEXOS **257**

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Festa de N. S. da Saúde (04.08.2011) – Foto de Adão Mendes 2
Figura 2 – Augusto Carvalho Marta 103
Figura 3 – Ramiro Mateus 103
Figura 4 – Jorge Germano 104
Figura 5 – Helena Diogo 104
Figura 6 – José Carecho 104
Figura 7 – Álvaro Monteiro 105
Figura 8 – M. J. Corte-Real 105
Figura 9 – Cátia Marques 105
Figura 10 – João Paulo Morgado 106
Figura 11 – Raúl Pratas 106
Figura 12 – Beatriz Tarrafa 106
Figura 13 – Elvira Fernandes 107
Figura 14 – Raúl Oliveira 107
Figura 15 – Nuno Moita da Costa 108
Figura 16 – Mário Jorge Nunes 108
Figura 17 – Condeixa: vista aérea da sede de concelho 113
Figura 18 – Condeixa e as suas freguesias no país e no distrito 114
Figura 19 – Buracas de Casmilo 114
Figura 20 – Museu PO.RO.S 115
Figura 21 – Palácio dos Figueiredos 115
Figura 22 – Palácio dos Matos no Sebal 117
Figura 23 – Casa Museu Fernando Namora 118
Figura 24 – Reserva Natural do Paúl de Arzila 118
Figura 25 – Vista aérea de Belide (1993) 120
Figura 26 – Vista do Casal (povoado primitivo) 123
Figura 27 – Sebal e Belide no território concelhio 124
Figura 28 – Constituição de 1976 130
Figura 29 – Antigas instalações da JFB 132
Figura 30 – Atuais instalações da JFB 132
Figura 31 – Igreja Matriz de Belide 136

Figura 32 – Imagem de N. S. das Neves (altar mor) 137
Figura 33 – Capela de N. S. da Conceição 139
Figura 34 – Pelourinho 141
Figura 35 – Palácio dos Barata Tovar 142
Figura 36 – Convívio no Solar 143
Figura 37 – Cemitério de Belide 144
Figura 38 – Mina da Fonte 145
Figura 39 – Lavadouro de Belide 146
Figura 40 – Crianças locais 147
Figura 41 – Pelourinho e Escola Primária 148
Figura 42 – Escola EB 1 de Belide 150
Figura 43 – Marcos da Croa Real 151
Figura 44 – Rio dos Mouros em Belide 154
Figura 45 – Rio dos Mouros no Verão 155
Figura 46 – Ponte de madeira 157
Figura 47 – Pesca desportiva em Belide 159
Figura 48 – Pesca de Rio 161
Figura 49 – Paisagem local 162
Figura 50 – Belide: panorâmica da torre da Igreja 163
Figura 51 – Fonte da Caldeirinha 164
Figura 52 – Festa de N. S. da Saúde (anos 80) 166
Figura 53 – Belide: dia de festa 167
Figura 54 – Andor de N. S. da Saúde 167
Figura 55 – Procissão de N. S. da Saúde (anos 70) 168
Figura 56 – Procissão de N. S. da Saúde (anos 80) 169
Figura 57 – Belide: procissão de velas 170
Figura 58 – Altar mor em dia de festa 172
Figura 59 – Forja da Família Marta 173
Figura 60 – Parteira 180
Figura 61 – Cultivo do milho 182
Figura 62 – Escamizada à moda antiga 184
Figura 63 – Vindima na comunidade 185
Figura 64 – Varejar a azeitona 187
Figura 65 – Mulheres a rapar a azeitona do chão 188

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Figura 66 – Dia de matança do porco – Família Morgado 189
Figura 67– Paisagem campestre 192
Figura 68 – Rancho (década de 60) 196
Figura 69 – Rancho infantil 196
Figura 70 – Rancho juvenil 196
Figura 71 – Comunidade na Quinta 197
Figura 72 – Equipa de Futebol 197
Figura 73 – Construção do CSCRDB 198
Figura 74 – Caminhada comunitária 198
Figura 75 – Tuna de Belide 199
Figura 76 – Recorte de imprensa 199
Figura 77 – Passeio Motard 200
Figura 78 – Beliriders 200
Figura 79 – Logotipo GFEB 205
Figura 80 – Cartaz - Festival 2012 209
Figura 81 – Cartaz - Festival 2013 210
Figura 82 – Representação entográfica das vivências do Campo e do Rio 212
Figura 83 – Atuação do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide 212
Figura 84 – Representação etnográfica da vindima 213
Figura 85 – Cartaz - Festival 2015 213
Figura 86 – Cenário do Festival em 2015 214
Figura 87 – Festival 2015 - espetáculo etnográfico..... 214
Figura 88 – Cartaz - Festival 2016 216
Figura 89 – Cartaz - 2017 217
Figura 90 – Espetáculo Etnográfico – Jogo do Cântaro 217
Figura 91 – Cartaz - Festival 2019 218
Figura 92 – Cartazes dos Encontros de Cantares do Ciclo Natalício 219
Figura 93 – GFEB em Castro Marim 220
Figura 94 – Capa do CD - A Moda da Monda 222
Figura 95 – Perspetivas do CD - A Moda da Monda..... 223
Figura 96 – Ó meu Jesus pequenino - capa do CD 224
Figura 97 – Perspetivas do CD - Ó meu Jesus pequenino 225

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Entrevista – ACM **257**
Consentimento informado (ACM) 262

Anexo II – Entrevista – RCM **263**
Consentimento informado (RCM) 266

Anexo III – Entrevista – JG **267**
Consentimento informado (JG) 272

Anexo IV – Entrevista – HD **273**
Consentimento informado (HD) 277

Anexo V – Entrevista – JC **278**
Consentimento informado (JC) 281

Anexo VI – Entrevista – ASM **282**
Consentimento informado (ASM) 286

Anexo VII – Entrevista – MJCR **287**
Consentimento informado (MJCR) 290

Anexo VIII – Entrevista – CM **291**
Consentimento informado (CM) 294

Anexo IX – Entrevista – JPM **295**
Consentimento informado (JPM) 299

Anexo X – Entrevista – RP **300**
Consentimento informado (RP) 302

Anexo XI – Entrevista – BT **303**

Consentimento informado (BT) 307

Anexo XII – Entrevista – ECF **308**
Consentimento informado (ECF) 311

Anexo XIII – Entrevista – RO **312**
Consentimento informado (RO) 315

Anexo XIV – Entrevista – NMC **316**
Consentimento informado (NMC) 319

Anexo XV – Entrevista – MJN **320**
Consentimento informado (MJN) 327

Anexo XVI – Estatutos do PRAEF **328**
Constituição de Associação (2013) 329
Alteração Estatuária (2016) 335

Anexo XVII – Regulamento Interno do GFEB (2015) **352**

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

SIGLAS E ACRÓNIMOS

ACM – Augusto Carvalho Marta

ASM – Álvaro Santos Monteiro

BELIRIDERS – Grupo Motard de Belide

BT – Beatriz Tarrafa

CIBM – Comunidade Intermunicipal do Baixo Mondego

CIRC – Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra

CM – Cátia Marques

CMCdx – Câmara Municipal de Condeixa

CSCRDB – Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

ECF – Elvira Carvalho Fernandes

EFAPEL – Empresa Fabril de Produtos Elétricos

FESTIBELIDE – Festival Internacional de Folclore da Freguesia de Belide

FFP – Federação do Folclore Português

GFEB – Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide

HD – Helena Diogo

ICCROM – International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property

ICOM – International Council of Museums

ICOMOS – International Council of Monuments and Sites

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico

INATEL – Instituto Nacional para Aproveitamento do Tempo Livre

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPCR – Instituto Português de Conservação e Restauro

IPM – Instituto Português de Museus

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

JC – José Carecho

JFB – Junta de Freguesia de Belide

JG – Jorge Germano

JPM – João Paulo Morgado

MJCR – Maria José Corte-Real

MJN – Mário Jorge Nunes

NMC – Nuno Moita da Costa

PRAEF – Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica

PRPC – Programa de Recuperação do Património Classificado

RCM – Ramiro Conceição Mateus

RO – Raúl Oliveira

RP – Raúl Pratas

UFSB – União de Freguesias de Sebal e Belide

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Cultura e Ciência

UNIDROIT – Instituto Internacional para a Unificação do Direito Privado

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

1.1. A temática

Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade surge como título da minha dissertação de Doutoramento em Estudos Culturais, na especialização em memória, território e património, desenvolvida na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela.

1.2. Pertinência motivacional

A pertinência motivacional para a realização deste estudo encontra-se ligada ao território em estudo, Vale do Rio dos Mouros - Belide, que pretendi conhecer melhor, em particular o seu o património cultural e a forma como ele serve de alicerce à minha identidade cultural. Integro a geração que ainda viveu as tradições rurais daquela comunidade mondeguina, tendo experienciado as brincadeiras nos baloiços do adro da igreja, os mergulhos no Rio dos Mouros, as festividades de Nossa Senhora da Saúde, entre outros. Integrei, ainda, a fundação do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide e outorguei a escritura pública do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica.

A tradição e a cultura popular portuguesa fazem, também, parte da minha atividade associativa, o que despoletou o interesse pelo estudo do património cultural local. Tendo verificado que não existia nenhum estudo na área do património, território e construção da identidade local de Belide, entendi necessário elaborar este estudo, contribuindo, desta forma para a preservação e afirmação da identidade local, num mundo crescentemente globalizado. Por outro lado, considero este, um modesto contributo para a preservação da memória futura da comunidade.

Apesar de existirem levantamentos etnográficos nas freguesias vizinhas, nomeadamente as monografias de Ega, elaborada pelo Padre Amílcar Neves, e a de Anobra da autoria de João Pinho, considero que esta tese vem sedimentar parte do trabalho que tem sido feito pelo agrupamento etno-folclórico local (GFEB), do qual sou responsável, tornando-se fulcral no desenvolvimento local da comunidade.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

1.3. Objetivos

De um modo global, a investigação tem como objetivo geral a análise do envolvimento dos atores locais (residentes) nos processos de patrimonialização e territorialização, associados à abordagem antropossociológica, alicerçada nos seguintes objetivos específicos:

1. Caracterizar e relacionar o património cultural (edificado e imaterial), na construção da memória e da identidade.

2. Compreender a diversidade de bens, estatuto de classificação, sistemas de gestão, valores e funções associadas ao património cultural.

3. Explicitar a relevância atual do património cultural para o desenvolvimento do território e das populações.

4. Refletir sobre o papel das comunidades locais nos processos de patrimonialização.

5. Averiguar até que ponto a intervenção cultural e associativa do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica e do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide contribuem para a divulgação do património cultural e do território em consonância com os atores locais.

6. Avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

1.4. Estrutura da dissertação

A dissertação encontra-se estruturada em sete capítulos. O primeiro corresponde à introdução apresentando a temática e a motivação, os objetivos que nortearam a sua elaboração e a justificação da sua pertinência. Por fim, abordamos o modo como o estudo está redigido e organizado.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

No segundo capítulo construo e evidencio o estado da arte. Começo este processo de revisão bibliográfica com a evolução e (re)afirmação do conceito de património e os percursos do património cultural. Exponho e analiso ainda o enquadramento jurídico e

legislativo do património cultural, nomeadamente nas normativas patrimoniais portuguesa e internacional. Posteriormente, explano o processo de desenvolvimento local, associado às comunidades, territórios e patrimónios, a construção da identidade e da memória, o papel da cidadania e da educação patrimonial e a génese e importância do associativismo local.

As opções metodológicas aparecem clarificadas no terceiro capítulo, em que justifico o meu papel enquanto investigador, assim como os procedimentos e técnicas de recolha de informação. Valido os contributos da etnografia, através de trabalho de campo e observação participante, com o recurso à entrevista, que me permitiram avaliar a ação dos atores locais e do poder público, no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade local.

O quarto capítulo descreve o território numa perspetiva histórica e geográfica, a génese e humanização do povoado de Belide, e o percurso construtivo da democracia local. Os patrimónios edificados, naturais, imateriais e alimentares do território de Belide encontram-se descritos no quinto capítulo. O património e a identidade são indissociáveis e justificam a herança coletiva do território, pelo que analisamos a forma como os residentes constroem o seu processo identitário e cultural através de símbolos e representações de pertença.

O associativismo e a salvaguarda do património cultural da comunidade encontra-se enfatizado no sexto capítulo, evidenciando o quadro institucional do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica, e a resposta intergeracional do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide, organismos que tutelam os programas de intervenção patrimonial que se desenvolvem anualmente na comunidade: Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares e o Encontro de Cantares do Ciclo Natalício, por fim, a patrimonialização do cancioneiro local de Belide.

Cessamos este estudo com o sétimo capítulo, onde apresentamos as considerações finais. Entender como os líderes da população e os representantes do poder público legitimaram o território, de acordo com os objetivos traçados para o estudo, foi o nosso objetivo. Em jeito de conclusão, evidencio as dimensões sociais e culturais deste estudo para mim enquanto investigador, assim como para a comunidade local, entendendo este como um modesto contributo para o seu enriquecimento e afirmação no seio de outros tipos de comunidade como a concelhia ou a regional.

USC UNIVERSIDADE DE COMPOSTELA

CAPÍTULO II

ESTADO DA ARTE

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

2.1. Património: evolução e (re)afirmação

O conceito de património é um vocábulo que sofreu diversas metamorfoses ao longo dos tempos, associado sempre a valor e a herança. A sua utilidade varia em diferentes períodos e acontecimentos históricos, (re) construindo-se, consoante os paradigmas de cada época. A noção contemporânea de património (Choay, 1999), é deveras abrangente, possui diversas interpretações e a transferência semântica sofrida pela palavra assinala a opacidade da coisa.

No nosso quotidiano ouvimos frequentemente o desígnio, se consultarmos qualquer dicionário, deparamo-nos com definições similares, vejamos: conjunto de bens que se herdam dos nossos antecessores (pais ou avós), bens da família, espaços, construções e outros bens materiais e naturais de determinado território que são protegidos e valorizados pela sua importância cultural.

O termo património, deriva etimologicamente da expressão latina "*patrimonium*" (de *pater*, pai) e aplicava-se ao conjunto dos bens pertencentes ao *pater familias* e, por este transmitidos aos seus sucessores. O *patrimonium* era aquilo que se herdava implicando, por conseguinte, a ideia de herança, pois carrega os nexos de continuidade, de entrega e recebimento, de tradição (*traditio*, ação de passar algo às mãos de alguém) que resulta capital para a apreensão do património (Correia, 2013), nesta linha de pensamento, Martins (2012, p. 14), acrescenta:

> *Património é tudo o que vem do passado ou criação contemporânea que possua no presente um valor histórico, científico, estético, cultural, social, natural, e que é considerado uma herança comum, e nesse sentido, necessitando de proteção por parte do estado, tendo em vista a sua transmissão para as gerações vindouras.*

Em todo o património é preciso distinguir os ativos (conjunto de direitos e bens) e os passivos (conjunto de dívidas ou obrigações). Quando se pretende expressar o valor de um determinado património torna-se necessário reduzir-lhe o passivo, ou seja, por analogia, consideramos o património como um conjunto de bens culturais, materiais ou imateriais, sem limite de tempo ou lugar, herdados dos antecessores que se foram conservando com o objetivo de transmissão às gerações vindouras (Hernández, 2002).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Assistimos à evolução deste paradigma com a emergente apropriação do património, assim apercebemo-nos da transição do que é apenas individual (meu), do legado deixado pelos nossos antepassados, para aquilo que é coletivo (de todos), com a herança simbólica com que nos identificamos, enquanto membros de uma comunidade. Esta visão está relacionada com as perspetivas do Direito, conjunto de bens que se herdam por família, móveis ou imóveis, capitais económicos e sociais, à luz do Direito Privado e ainda, na perspetiva do Direito Público, todos os recursos legados pelas comunidades e grupos humanos.

De qualquer forma, o património só fará sentido quando utilizado e aceite como valor social, integrador, agregador, edificando uma sociedade justa, de desenvolvimento equilibrado e sustentado, aqui o meio ambiente e a cultura deverão preencher um lugar cimeiro na afirmação de uma cidadania participativa e crítica (Custódio, 2010). Agregar o património ao indivíduo leva à construção do sentimento de pertença coletiva sedimentando-se no princípio da semelhança cultural, baseando-se na cultura e história comuns, que unam e identifiquem uma comunidade (Ballart, 1997; Ferreira, 2014).

Nos nossos dias o património entrou de forma definitiva, na agenda das preocupações políticas, científicas e sociais do nosso mundo. A diversidade cultural e a consequente pluralidade de valores associados ao património, com os seus diferentes significados e conflitos de interesses que daí resultaram, reflete-se na atual amplitude conceptual da temática patrimonial (Carvalho, 2006). De acordo com a Carta de Cracóvia (2000), cada comunidade, apoiando-se na sua memória coletiva e consciência do passado, é igualmente responsável pela identificação e gestão do seu património. A própria sociedade fruto da inexistência de alguns valores simbólicos e de identificação, exige de forma nostálgica a recuperação do passado, ou seja:

> *Através do património o indivíduo sequestra um pedaço de passado, sob a forma de totens pessoais, em relação aos quais percebe uma vinculação direta. Como um artifício idealizado com finalidades de identificação no espaço e no tempo, como elemento de referência, o património representa, para a sociedade atual, uma verdadeira necessidade. De tal forma que o "património" se converteu, nos últimos anos, num verdadeiro culto popular e também, numa etiqueta extraordinariamente extensiva a uma enorme quantidade de elementos e objetos, do individual ao coletivo, do*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *material ao intangível, de um passado mais remoto a um passado mais recente* (Silva, 2000, p. 220).

Por intermédio destes constantes processos de mudança, cada comunidade desenvolve uma tomada de consciência da urgência de zelar por cada bem cultural existente. Como portadora dos seus próprios valores patrimoniais comuns, para melhor entendermos a até refletirmos os testemunhos do passado, sobretudo clássicos, designados por "antiqualhas", teremos de perceber a sua evolução histórica, pois o conceito de património como hoje o entendemos teve origem apenas com a Revolução Francesa, no entanto, achamos pertinente iniciar este percurso histórico na Antiguidade.

No Ocidente, não podemos desprezar os fenómenos religiosos desenvolvidos no continente europeu, pois é necessário compreender a relação com a conservação de obras de arte. Os verdadeiros tesouros não estavam na cultura do velho continente, encontravam-se na cultura japonesa, chinesa e islâmica. Nestas civilizações, surgiu a criação artística com tipologias religiosa e profana que se encontrava em torno dos templos, cujos exemplos mais expressivos encontramo-los no tesouro de Shôsoin, no mosteiro de Tôida-ji de Nara, nas proximidades de Kioto no Japão e o tesouro de Meched no noroeste do Irão, onde permanecem os restos mortais de Imán-Reza do século VIII (Café, 2012).

Os templos gregos foram, na Antiguidade, os fiéis depositários das obras de arte. Os sacerdotes eram os responsáveis pelo registo, inventário e conservação do património artístico que os fiéis ofertavam para cumprimento de promessas, emergiam grandes coleções que eram admiradas por peregrinos, mas também por turistas e curiosos da época.

O cristianismo deu a sua contribuição à criação e conservação do património. Apesar de a Igreja ser essencialmente uma instituição conservadora, guardou com extremo cuidado o arsenal da fé herdado da tradição apostólica, preocupando-se também em favorecer o culto a objetos e lugares relacionados com experiências religiosas, fossem elas cristãs ou pagãs. A Igreja, desde as suas origens, tratou de conservar todos os seus elementos, fazendo referência à fé, considerando-os como um autêntico património, com a responsabilidade de o transmitir às futuras gerações de fiéis.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

São os santuários, as relíquias dos santos e dos mártires e as peregrinações para as venerar, que nos dão uma consciência mais precisa de como se vai, passo a passo, erguendo a ideia de património dentro de si. O património da Igreja que observamos em todos os

objetos que se vão acumulando torna possível a génese de tesouros das igrejas e catedrais que os fiéis visitaram com devoção e admiração, que deram origem a museus, e, consequentemente, património propriedade da instituição e dos fiéis, complementados por objetos profanos que os devotos cederam a Deus e aos santos como pagamento de promessas (Hernández, 2002).

Na Idade Média, começou a existir a preocupação com a salvaguarda dos edifícios militares, inteiramente ligada à defesa do território. Nas casas reais, rainhas e princesas atraídas e subjugadas pelo valor artístico de determinados objetos, formaram grandes coleções. Os paços soberanos europeus estavam recheados de peças de grande valor. Com o advento da época renascentista, usaram-se as fortalezas e os castelos para guardar as suas coletâneas junto de arquivos e bibliotecas.

No século XVI, com o Renascimento e em particular pela mão de grandes personalidades como é o caso de André de Resende (1553) na obra "História da Antiguidade na Cidade de Évora", Damião de Góis (1554) "Urbis Olipisionmis Descriptio" e Francisco de Holanda (1751) "Da fábrica que falece à Cidade de Lisboa", pioneiros a defenderem nos seus estudos a importância do antigo, salvaguardando o património monumental como testemunho do passado. Assim, emerge a necessidade de preservar o património em Portugal, ganhando ênfase, dois séculos depois, com o Iluminismo, enquanto movimento cultural e intelectual europeu do século XVIII, que elegeu o poder da razão como meio para reformar a sociedade e a mentalidade herdada da tradição medieval, fomentando o florescimento cultural do Neoclassicismo. Esta corrente trouxe um renovado interesse pela cultura da antiguidade clássica e de tudo o que esta se relacionava. Encarou-se neste período, as civilizações clássicas como a principal referência estética e modelo de vivência.

No decurso do século XVIII, assistimos em Portugal à génese das primeiras atividades de enquadramento legal de manutenção do património monumental nacional. Através do Alvará de 20 de agosto de 1721, D. João V atribuiu à Real Academia de História Portuguesa a inventariação e conservação dos monumentos antigos existentes e a descobrir no Reino, dos tempos que dominaram outros povos território que hoje é Portugal, nomeadamente: fenícios, gregos, persas, romanos, godos e árabes.

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Delega-se a competência junto das Câmaras das Vilas e Cidades do Reino, a conservação e guarda das ditas antiguidades, sendo necessário informar a Academia de

qualquer outro achado (monumental) na sua área de atuação. Deste modo, assistimos ao primeiro documento legal na dominação patrimonial, estruturado pela Real Academia de História, organismo fundado em 1720 com a missão de retratar a história eclesiástica e secular, determinando a conservação monumental. Assim sendo, nasce o sistema português de proteção do património, que se tivesse sido implementado teria poupado muitos elos da identidade nacional, os quais seriam hoje testemunhos vivos do passado do povo português (Carvalho, 2006).

A Revolução Francesa (1789), com todos os seus paradigmas revolucionários, nomeadamente a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a aplicação prática do lema "liberdade, igualdade, fraternidade", aumenta assim o interesse pela antiguidade clássica (cultura greco-romana), através da revivificação dos ideais da democracia grega e da república romana. Em Portugal, na segunda metade do século XVIII, encontramos outras manifestações de reconhecimento do património, especialmente nos inquéritos dirigidos ao Ministério do Reino ou sob veemência da Real Academia de História, até mesmo por ação do sacerdote Luís Cardoso que, por norma, eram preenchidas pelo padre-cura no seio das comunidades, dando a conhecer referências de interesse patrimonial digno de memória, (item 22.º) do Inquérito de 1758 das Terras de Portugal.

Sem dúvida, é no século XIX, com o Romantismo (1825-1865), que se fizeram notar propostas mais amplas e efetivas de proteção do património. Este movimento artístico, político e filosófico, onde a visão do mundo está centrada no indivíduo e na imaginação popular, surgindo o interesse pelas origens dos povos, contribuiu para que a cultura popular surge em detrimento da cultura erudita.

O Romantismo despoletou um movimento de estudo, salvaguarda e defesa dessa cultura tradicional e popular que viria a florescer no século XX. Diversos autores portugueses como Júlio Dinis e Camilo Castelo Branco nutriram o sentimento romântico, mas realça-se a obra "Viagens na minha Terra" de Almeida Garrett, assim como a redação principal da Revista "O Panorama" de Alexandre Herculano, este último foi precursor na sua época na defesa e salvaguarda do património, como defende Noras (2011, p. 26):

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *Para Herculano, o município faz parte da expressão mais funda da própria existência. É a pátria dos seus habitantes, o espaço onde se conhecem os verdadeiros amigos e se criam os melhores laços de vizinhança, pelas relações de parentesco, pelos relacionamentos políticos de proximidade,*

> *pela esfera do interesse económico, pela ligação ao território e pela fruição dos espaços naturais e construídos. Os valores da cultura local, das tradições históricas e do património artístico, onde pontuam monumentos, conjuntos e sítios, são igualmente geradores de cumplicidades e, fundamentalmente, dessa unidade cultural que faz de cada município a pátria dos seus habitantes, o espaço territorial do país constituiria uma simples abstração e o seu Governo, uma mera ficção, estimulando os cidadãos a gerir os seus negócios e os da localidade para se afazerem à vida pública, em vez de os conservarem numa tutela infantil.*

Com o Liberalismo, a chegada dos ideais franceses, teve um custo avultado para os centros históricos portugueses localizados no percurso das invasões francesas, pois não há nascimento sem sangue, nem guerra sem destruição. Portugal sofreu em 1755 um violento terramoto que devastou a capital e o seu termo, destruindo na íntegra parte dos seus monumentos, mas é o surto vandálico das invasões francesas que lhe ganha em destruição, como tão bem defende Noras (2011, p. 42):

> *Às invasões francesas, seguiram-se as lutas liberais e a extinção das ordens religiosas. Todos estes marcos históricos acarretaram prejuízos incalculáveis para o património. Da talha, à imaginária, das iluminuras aos sepulcros, dos altares às torres, dos palácios aos mosteiros, dos solares às igrejas e aos claustros, nada escapou ao surto vandálico trazido pelas guerras, pelas pilhagens, pelo abandono e, em muitos casos, pelo encarceramento dos monumentos expostos à sua sorte, a primeira metade do século XIX foi apocalíptica em termos patrimoniais.*

A extinção das Ordens Religiosas em Portugal (1834) e "a venda em hasta pública dos seus bens levou a uma dramática dispersão de propriedade e de bens, transformando uma grande parte dessas casas de tesouro em desertos ou ruínas" (Calado *et al*., 2002. cit. por Carvalho, 2006, p. 215). Esta revolução patrimonial originou uma readaptação funcional dos edifícios que se converteram em quartéis militares, escolas, universidades, hospitais, sem esquecer usos bizarros de edifícios adquiridos por privados, este atentado é assim descrito por França (1996, p. 26):

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *A nacionalização, mediante extinção, das ordens monásticas e religiosas, colocou o nosso país, à beira de um outro tremor de terra, com profundas implicações e consequências no nosso património cultural. Ditada por*

> *imperativos ideológicos, a transferência para a titularidade do direito de propriedade do Estado de mais de 500 conventos teve as maiores repercussões na vida social, política, económica, cultural e religiosa da Nação.*

O último quartel do século XIX trouxe-nos a emancipação do conceito de monumento histórico, por ação da cultura burguesa, marcada pelos seus valores e princípios, inspirada por um novo conceito e pelo desassossego da salvaguarda do património monumental. Porém o Decreto de 1876, aludia a necessidade de formar técnicos para interceder junto dos monumentos, decretando a competência do Estado no inventário, conservação e reparação dos monumentos históricos.

Em 1880 por solicitação do Ministro das Obras Públicas, a Real Associação de Arquitetos e Arqueólogos Portugueses expunha a listagem de monumentos a classificar, integrando-os em seis categorias: as grandes obras da arquitetura e da arte portuguesas, os edifícios com sentido para o estudo da História e das Artes, os monumentos militares, a estatuária, os padrões e arcos comemorativos e, por fim, os monumentos históricos.

No início de Novecentos, surgiu o primeiro documento sobre o património cultural (1901), a portaria de 10 de abril sob a Monarquia Constitucional e o Liberalismo, alertando para a importância de todos os elementos que vêm a cooperar no conhecimento da História Antiga e aconselha que as ruínas de edifícios antigos ou monumentos de grande grandeza sejam preservados. No ano de 1906, cinco anos depois, é decretada a primeira classificação de imóveis em Portugal. A 24 de outubro de 1901, o Decreto Orgânico refere a classificação de monumentos nacionais, sendo a génese da sua posterior classificação. O Decreto de 30 de dezembro do mesmo ano refere os imóveis passíveis de classificação. A partir de então, iniciou-se todo o crescente legislativo na defesa do património nacional português (Policarpo, 2004).

Posteriormente, são classificados os imóveis históricos de maior relevo. Em 1907, são distinguidos os Mosteiros da Batalha, Alcobaça, o Convento de Cristo em Tomar, as Sés da Guarda, Lisboa, Évora, Coimbra, e ainda, a Torre de Belém. Em 1910, com a República, Portugal passou a ser um estado democrático. Daqui em diante, o Estado responsabilizou-se pela preservação e valorização do proveito comum do povo português, baseado em perceções da elite pensante para instruir políticas nacionais para o património. Nesta data, é publicado um amplo Decreto de classificação ordenado de acordo com as tipologias:

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

monumentos pré-históricos, monumentos militares, monumentos civis, templos, inscrições, túmulos e sepulturas, marcos milenares, pontes, arcos, aquedutos, chafarizes, padrões comemorativos, pelourinhos, estátuas, sendo estes os mais evidentes.

As efetivas ações, resultado do cuidado com o património, emergem no início da República, são seguidas pela Ditadura Militar e Estado Novo, que o utiliza como forma de propaganda nacionalista, não se distinguindo do cenário europeu da época.

Na década de 30 do século passado (1932), introduziu-se, no plano legislativo, a configuração de "Imóvel de Interesse Público", com o Decreto n.º 20 985 de 7 de março. Posteriormente, em 1949, foi regulada a possibilidade de os municípios classificarem o património local com o desígnio de "valor concelhio", através da Lei n.º 2 032, de 11 de julho, enquanto, a classificação só teria legitimidade jurídica após a ratificação do governo. Estas propostas locais só alcançaram grande aceitação já no final das políticas do Estado Novo.

Assim, foi inevitável legislação relativa aos bens culturais e a definição de uma nova política para o património nacional. Com o fim do Estado Novo, em 1974, esta realidade emergiu porque o património nacional é cada vez mais uma referência fundamental que devemos deixar às gerações futuras, sendo a principal prioridade de quem guarda o património, a sua conservação, pois qualquer bem, móvel ou imóvel, está sujeito à degradação a partir do momento que é criado.

Com a modernidade, a tecnologia, a comunidade e a própria sociedade foram evoluindo, o conceito de património também se foi expandindo com vista a uma proteção mais abrangente dos diferentes níveis patrimoniais (arquitetónicos, industriais, artesanais e imateriais). Numa era de globalização que promove a assimilação cultural e, consequentemente, perde símbolos de cultura de uma nação ou comunidade, os governos locais chegam a reconhecer os direitos culturais como parte integrante dos direitos humanos (Sousa, 2015).

Já a meio do século XX, assiste-se ao aumento significativo da consciencialização patrimonial, também graças à destruição massiva em diversas cidades europeias com a Segunda Grande Guerra, em que muito do património nacional se passa a designar por património europeu. Emergem novos organismos, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), associações internacionais como o Conselho

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

da Europa, o Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS – Internacional Council of Monuments and Sites), o Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauro dos Bens Culturais (ICCROM – International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property), o Conselho Internacional de Museus (ICOM – Internacional Council of Museums) e ainda instituições públicas, como o Instituto Gestão do Património Arquitetónico (IGESPAR). De igual modo, entidades privadas e outras associações de base, que têm contribuído de forma ativa e veemente para o crescente esforço de manutenção do património. Colateralmente, é vasta a quantidade de cartas, convenções e declarações que abrangem as mais recentes noções de património, estipulando diretrizes na forma da sua preservação, divulgação e dinamização.

O património é um tema que entrou no nosso quotidiano, mas está longe de ser pacífico. Na aceção atual, o património constitui uma das maiores (mas, ao mesmo tempo, mais tortuosas) invenções da contemporaneidade ocidental, sendo, provavelmente, uma das suas mais relevantes criações difundidas à escala mundial, que entendem a instrumentalização atual do património, como um modo que satisfaz as atitudes nacionalistas ou regionalistas (Martins, 2014).

Em suma e de acordo com o artigo 7.º da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, o património, sob todas as suas formas, deverá ser preservado, valorizado e transmitido às gerações futuras enquanto testemunho da experiência e das aspirações humanas, de forma a fomentar a criatividade em toda a diversidade e a inspirar um diálogo genuíno entre as culturas.

O património é a noção de teor económico e jurídico que designa um conjunto de bens, de direitos e obrigações, avaliáveis em dinheiro. Apesar desta avaliação pecuniária não se adeque ao âmbito cultural, convém considerar dois aspetos: o de valor, de riqueza, quase de tesouro; e o de conjunto, um complexo cuja relevância vai para além das coisas que, consideradas individualmente, o inteiram.

O património, em qualquer aceção, é um todo, um continente que sobreleva o variado e variável conteúdo concreto que o preenche, uma universalidade posta ao serviço de um mesmo fim (Correia, 2013).

USC DE COMPOSTELA

2.2. Património Cultural: conceitos e percursos

Abordar o conceito de património cultural enquanto conexão, o vocábulo agrega dois elementos linguísticos, ou seja, um substantivo e um adjetivo. Contudo, nem o objeto que o substantivo património apelida, nem a qualidade que o adjetivo cultural lhe confere indiciam um sentido preciso e explícito. Pelo contrário, ambos são difusos, quando não equívocos. Convém, portanto, examinar previamente, e em separado, cada um dos termos, património e cultura para, posteriormente, alcançarmos o significado unitário do sintagma património cultural (Mendes, 2012).

A conceção de património cultural teve origem em França em meados dos anos 80 do século XX e vem redefinir diversos conceitos como folclore, cultura popular, cultura tradicional (Pereiro Pérez, 2005). Entende-se o conjunto de sinais materiais, tanto artísticos como simbólicos, transmitidos pelo passado a uma determinada cultura, que por sua vez, irá abranger toda a humanidade, fiel depositário do enriquecimento das identidades culturais, concedendo a cada lugar específico a sua homogeneidade e o seu repositório de ação e experiências humanas.

A noção de património cultural não é exatamente a mesma que a noção de património nem que a de cultura, esta é uma das confusões conceptuais mais reiteradas entre os investigadores e entre os agentes de patrimonialização. Da cultura "não podemos patrimonializar nem conservar tudo, daí que o património cultural seja só uma representação simbólica da cultura, e por isso resultado dos processos de seleção e de negociação de significados" (Pereiro Pérez, 2006, p. 24).

O património cultural, núcleo de identidade coletiva, não só possibilita que nos reconheçamos, mas ao mesmo tempo que sejamos reconhecidos. É este paradigma contrastado e caracterizado, que nos diferencia e distingue quanto à fisionomia física e moral, nas características de um lugar, cidade, região, um país – que sem ele ficam desprovidos de individualidade e personalidade próprias. Deixando de "ser o que (já não) são, motivo pelo qual o património cultural, que é, no presente, repositório do passado, constituindo a garantia de futuro e sobrevivência das sociedades" (Correia, 2013, p. 14).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Preocupamo-nos em reconhecer o património, como posse, tendencialmente se generaliza à realidade como um todo, do esquecido ao salvaguardado, do passado ao

presente, do material ao imaterial, como herança de um conjunto de bens culturais e naturais, num mundo tolerado pela importância de materiais e objetos do passado.

Falamos de um conceito que advém da relação dinâmica entre o território e a comunidade, a herança comum que partilha, tal como refere Magalhães (2005, p. 11):

> *Memórias culturais locais, nacionais, globais e outras. Assim, ora se refere a religião, a gastronomia, os trajes ou tradições orais, subjacentes ao modo como os grupos humanos têm construído as suas vidas, ora se apela para a importância dos vários objetos metamorfoseados em património, que passam a construir metonímias e metáforas das capacidades artísticas mais refinadas das gentes locais, numa alusão à excelência da criatividade e de realização cultural comunitária.*

Ao longo dos séculos o património que foi alvo de maior atenção foi o património edificado, isto é, o património material imóvel e os textos antigos que se inserem hoje na categoria de património material móvel. A literatura, nomeadamente os textos antigos e a importância a eles atribuída, fazem-nos compreender a pertinência atribuída a esta tipologia de património. Compreendemos a necessidade em aproveitar infraestruturas e equipamentos, o que exigia algum cuidado para com o património edificado, assim como conservar o saber escrito de forma a transmiti-lo às gerações futuras.

Para terminar o esclarecimento conceptual e apresentadas algumas aproximações teórico-metodológicas sobre o património cultural torna-se pertinente enunciar as perspetivas que incidem nos processos de recuperação e conservação do património cultural defendidas por Pereiro Pérez (2005):

a) Tradicionalista ou folclorista – o património cultural é aqui reduzido a um conjunto de bens materiais e imateriais. A sua visão é historicista, pois consideram o património cultural como objeto e apenas relicário do passado. É, também conservacionista, pois pensa que o fim último do património cultural deve ser sempre a sua conservação, independentemente do seu uso atual. Tudo ou quase tudo deve ser conservado.
b) Construtivista – o património cultural é entendido como o conjunto de bens culturais fruto de um processo de construção social, como uma

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

representação simbólica das identidades e um mecanismo de reprodução simbólica das mesmas. Uma representação ideológica dessas identidades, um instrumento de coesão e disputa ideológica que produz uma série de símbolos para a sua identificação (local, nacional, internacional, transnacional).

c) Patrimonialista – o património cultural é a recuperação de memórias do passado desde a perspetiva presente, para explicar a mudança nos modos de vida, uma visão do passado desde o presente e perspetivando o futuro. O Estado e a administração pública legislam, administram e regulamentam o património cultural e o seu uso, enquanto legado e herança.
d) Produtivista ou mercantilista – o património cultural é entendido por esta corrente como uma nova forma de produção cultural para os outros (turistas, mercado). Em vez de satisfazer o consumo contemporâneo, o capital e a sua ativação, é um meio através do qual os lugares se convertem em destinos turísticos.
e) Participacionista – a recuperação e conservação do património cultural deve pôr-se em relação com as necessidades sociais presentes, e com um processo democrático de seleção do que se conserva. Deverá pensar-se primeiro nas pessoas e logo nos bens culturais ou de forma associada. Será necessário perguntar aos locais sobre os seus recursos culturais e como os gerir, atendendo também às parcerias e à negociação da partilha do poder, evitando assim o congelamento das culturas. O património cultural é um instrumento de autodefinição e autoconhecimento identitários que promove as chaves de compreensão da cultura e o fortalecimento da consciência de posse na sua diversidade cultural, usando metodologias de intervenção comunitária, numa perspetiva democrática e participativa.

Nesta linha de pensamento Pereiro Pérez (2006), alerta que para um melhor entendimento do património cultural será necessário conhecer as legislações e os seus princípios orientadores, pois estas têm dado as suas contribuições na (re)construção da noção de património cultural, assim, é possível afirmar que o património cultural é uma construção política e legislativa.O Património Cultural em Portugal, de acordo Anastácio (2016, p. 8) é "uma entidade jurídica com um objetivo próprio, composta por várias normas do Direito (Constitucional, Comunitário, Internacional e Administrativo) que definem um regime de Direito Público". Encontra os seus fundamentos na ideologia dominante dos países

desenvolvidos na qual se define o que deve ser considerado património, o que se protege, o que se valoriza e o que se divulga, determinando o que é, ou o que não é, património em ordem à sua fruição pelas comunidades.

A construção do Património Cultural é então um produto, segundo duas perspetivas, uma, obra da academia e do rigor científico, a outra a consagração de dinâmicas sociais que remetem para mais para a apropriação do que para conhecimento (Oosterbeek, 2011).

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

2.2.1. Enquadramento jurídico e legislativo: normativa internacional

Para uma compreensão mais aprofundada do património cultural torna-se fulcral um estudo e um entendimento da legislação e das suas diretrizes. O século XX foi sem margem de dúvida o que mais legislou e aprovou documentos orientadores, os quais no presente são pilares fundamentais que nos orientam na temática patrimonial. A normativa internacional de acordo com Carvalho (2007) assenta em quatro grandes domínios:

a) Convenções (aprovadas pelos estados signatários, que se obrigam a aplicar no seu território os princípios neles expressos);
b) As recomendações (princípios destinados a orientar as políticas de cada estado, mas sem carácter vinculativo);
c) As resoluções do Conselho da Europa (não têm carácter vinculativo, mas podem servir de modelo para a adoção de recomendações e de convenções);
d) Outros atos, como cartas, orientações, princípios, conclusões de eventos e declarações que definem os princípios e conceitos orientadores, sem carácter vinculativo.

Os estados terão a competência de legislar em cada país, os princípios definidos em contexto internacional, integrando-os no Direito e políticas públicas, adequando-os à sua realidade territorial. Assim tem acontecido com a realidade portuguesa, pois de acordo com o artigo 8.º da Constituição da República Portuguesa:

1. As normas e os princípios de direito internacional geral ou comum fazem parte integrante do direito português.

2. As normas constantes de convenções internacionais regularmente ratificadas ou aprovadas vigoram na ordem interna após a sua publicação oficial e enquanto vincularem internacionalmente o estado português.

3. As normas emanadas dos órgãos competentes das organizações internacionais de que Portugal seja parte vigoram diretamente na ordem interna, desde que tal se encontre estabelecido nos respetivos tratados constitutivos.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O património cultural acompanha as evoluções do século XX como uma época que se apresenta como moderna. Em 1931, a **Carta de Atenas**, documento que enumera as conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o restauro dos monumentos. Neste

documento destacam-se os princípios gerais e doutrinas relativas à proteção de monumentos, a instituição de uma manutenção regular e permanente, adequada a assegurar a conservação dos edifícios. Na situação em que um restauro surja como indispensável, consequência de degradação ou de destruição, recomenda-se o respeito pela obra histórica e artística do passado sem exilar o estilo de nenhuma época.

A cidade de Haia na Holanda em 14 de maio de 1954 é o local onde é subscrita a **Convenção para a proteção dos bens culturais em caso de conflito armado**. O diploma pretende salvaguardar e assegurar o respeito pelos bens móveis ou imóveis que representem uma grande importância para o património cultural dos povos, qualquer que seja a sua origem ou o seu proprietário. A salvaguarda destes bens implica que os estados em cujo território se encontrem situados tomem em tempo de paz todas as medidas necessárias à sua proteção.

Passados sete meses, a 19 de dezembro de 1954 é firmada em Paris a **Convenção Cultural Europeia**, com o objetivo de remover entre os seus nacionais o estudo das línguas, da história e da civilização das partes subscritoras e conceder-lhes no seu território facilidades com vista ao desenvolvimento destes estudos. Ao mesmo tempo, envidar esforços para desenvolver o estudo da sua língua ou línguas, da sua história e da sua civilização no território das outras partes.

Entre os dias 25 e 31 de maio de 1964 decorreu o segundo congresso internacional de arquitetos e técnicos de monumentos históricos, o evento deu origem à redação da **Carta de Veneza**, que nos oferece novas perspetivas. O conceito de monumento histórico engloba, não só as criações arquitetónicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais estejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo.

A Conferência Geral da UNESCO na sua 16.ª sessão, realizada em Paris de 12 a 14 de novembro de 1970, traz-nos a **Convenção relativa às medidas a adotar para proibir e impedir a importação, a exportação e a transferência ilícitas da propriedade de bens culturais**. Aqui são considerados bens culturais os bens que, por razões religiosas ou

profanas, são considerados por cada estado como tendo importância arqueológica, pré-histórica, histórica, literária, artística ou científica.

A conferência geral UNESCO, reunida em Paris em novembro de 1972 na sua décima sétima sessão, aprovou a **Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural**. Esta, considera património cultural: os monumentos, obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.

É criado junto da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura um comité intergovernamental para a proteção do património cultural e natural de valor universal excecional denominado Comité do Património Mundial. Os estados que assinaram a presente Convenção esforçar-se-ão, por todos os meios apropriados, nomeadamente mediante programas de educação e de informação, por reforçar o respeito e o apego dos seus povos ao património cultural e natural.

Em Amesterdão no ano de 1975, nasce a **Carta Europeia do Património Arquitetónico**, como forma de que o património arquitetónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes, mas também pelos conjuntos que constituem as cidades antigas, as aldeias com tradições no seu ambiente natural o construído.

Da recomendação sobre a **Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua Função na Vida Contemporânea**, oriunda da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, realizada em **Nairobi** (Quénia), de 26 a 30 de novembro de 1976, consolida-se a perceção face aos perigos reais de uniformização e despersonalização das cidades que o urbanismo contemporâneo tem provocado em todo o mundo. A conservação dos conjuntos históricos reveste-se de grande importância para as populações que procuram preservar a sua verdadeira dimensão cultural e a sua identidade.

O enquadramento, o meio envolvente, natural ou construído, influencia a perceção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou que a eles se associa, por relações espaciais diretas ou por laços sociais, económicos ou culturais. Entende-se por salvaguarda, a identificação, a proteção, a conservação, o restauro, a reabilitação, a manutenção e a revitalização dos conjuntos históricos, e do seu enquadramento, pois, constituem um património universal insubstituível.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Depois da reunião de 21 de maio de 1981, a Comissão Internacional dos Jardins Históricos do ICOMOS elaborou um documento relativo à salvaguarda de jardins históricos, a **Carta de Florença**, com o intuito de completar a Carta de Veneza neste domínio específico.

Um jardim histórico é uma composição arquitetónica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público, como tal, é considerado um monumento, uma composição arquitetónica, cujo material é essencialmente vegetal e, portanto, vivo, perecível e renovável. O seu aspeto é, pois, o resultado de um perpétuo equilíbrio entre o movimento cíclico das estações do ano, o crescimento e a decadência da natureza, e a vontade artística e a mestria humana que tendem a perpetuar o seu estado.

A **Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar** foi assinada em Montego Bay na Jamaica a 10 de dezembro de 1982 com o objetivo de solucionar, num espírito de compreensão e cooperação mútuas, todas as questões relativas ao direito do mar e conscientes do significado histórico desta convenção como importante contribuição para a manutenção da paz, da justiça e do progresso de todos os povos do mundo.

Com esta legislação ficamos a saber que na sua delimitação ao seu mar territorial, denominada zona contígua, o estado costeiro pode tomar as medidas de fiscalização necessárias a evitar as infrações às leis e regulamentos aduaneiros, fiscais, de imigração ou sanitários no seu território ou no seu mar territorial e a reprimir as infrações às leis e regulamentos no seu território.

A **Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa**, aconteceu em Granada, a 3 de outubro de 1985, no quadro dos estados membros do Conselho da Europa. Para os fins desta Convenção, a expressão património arquitetónico é considerada como integrando os seguintes bens imóveis:

1) Os monumentos: todas as construções particularmente notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, incluindo as instalações ou os elementos decorativos que fazem parte integrante de tais construções; 2) Os conjuntos arquitetónicos: agrupamentos homogéneos de construções urbanas ou rurais, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, e suficientemente coerentes para serem objecto de uma delimitação topográfica; 3) Os sítios: obras combinadas do homem e da natureza, parcialmente construídas e constituindo espaços

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

suficientemente característicos e homogéneos para serem objecto de uma delimitação topográfica, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico.

A Carta do ICOMOS sobre a salvaguarda das cidades históricas é o resultado de 12 anos de estudos desenvolvidos por especialistas internacionais; o documento foi adotado na 8.ª assembleia geral deste organismo na cidade de Washington, nos Estados Unidos da América, a 15 de outubro de 1987, e ficou conhecido como **Carta de Washington**. Todas as cidades do mundo, por serem o resultado de um processo de desenvolvimento mais ou menos espontâneo ou de um projeto deliberado, são a expressão material da diversidade das sociedades ao longo da sua História. Este documento reconhece que todas as cidades, grandes ou pequenas, e aos centros ou bairros históricos, com o seu enquadramento natural ou construído que, para além da sua qualidade de documento histórico, exprimem os valores próprios das civilizações urbanas tradicionais.

Assinada em Lausanne no ano de 1990, a **Carta do ICOMOS sobre a Proteção e a Gestão do Património Arqueológico** é o próximo documento que referenciamos, pois, a proteção do património arqueológico deve ser considerada como uma obrigação moral para todos os seres humanos é, também, uma responsabilidade pública coletiva. Esta obrigação deverá ser reconhecida através de legislação relevante e da provisão de fundos adequados para os programas de suporte necessários para a eficaz gestão do património.

A **Recomendação sobre a Proteção do Património Arquitetónico do século XX** é um documento do Conselho da Europa, assinado em **Estrasburgo** a 9 de setembro de 1991. Defende que se deverá promover o conhecimento e o estudo do património, pois, desde o século XIX, a arquitetura e o urbanismo sofreram mudanças profundas provocadas pela industrialização, pela introdução de novos materiais, pela mudança das técnicas de construção e pelo aparecimento de novas funções. Esta evolução acentuou-se face às novas necessidades da sociedade contemporânea e aos progressos tecnológicos.

A **Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico** revista em **La Valetta**, Malta, em 16 de janeiro de **1992**, recorda que o património arqueológico é um elemento essencial para o conhecimento da história da cultura e reconhece que o património arqueológico europeu, testemunha da história antiga, se encontra gravemente ameaçado de destruição em consequência tanto da multiplicação de grandes planos de ordenamento como

USC DE COMPOSTELA

dos riscos naturais, de escavações clandestinas ou desprovidas de carácter científico e da deficiente informação do público.

Realizou-se na **Vila Vigoni** em 1994, o encontro promovido pelo Secretariado da Conferência Episcopal Alemã e pela Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, sobre o tema: **conservação do património cultural como dever do Estado e da Igreja**. Os bens culturais constituem a expressão mais forte da tradição cristã vivida por inúmeras gerações de crentes, como tal, representam uma parte essencial da herança cultural da Humanidade. Do mesmo modo esse património é conjuntamente uma manifestação de Deus à Humanidade e uma elevação do ser humano para Deus, constituindo testemunhos da identidade e da tradição dos povos. O estado e a igreja devem colaborar, portanto, no âmbito das respetivas competências, na defesa e conservação dos bens culturais eclesiásticos.

A **Carta sobre o Património Construído Vernáculo (México)** ratificada na 12.ª Assembleia Geral do ICOMOS em outubro de 1999, afirma-nos que o património construído vernáculo ocupa um lugar central no afeto e no orgulho dos povos, seria indigno do património da Humanidade se não fosse prestada atenção à conservação destas harmonias tradicionais que constituem o núcleo da própria existência do homem. O património construído vernáculo é importante; ele é a expressão fundamental da cultura de uma comunidade, do seu relacionamento com o seu território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade da cultura mundial, no entanto, a sobrevivência desta tradição está ameaçada pelas forças da homogeneização económica, cultural e arquitetónica.

A **Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (México)** tal como a anterior, é proveniente da 12.ª Assembleia Geral do ICOMOS em outubro de 1999, assente no princípio de que o património natural e cultural pertence a toda a natureza humana, cada um de nós possui direitos e deveres relativamente à compreensão, apreciação e conservação destes valores universais. A gestão do património consiste em dar a conhecer, às comunidades de acolhimento e aos visitantes, o seu significado e a justificar a necessidade da sua preservação, que proporcione o acesso intelectual e emocional ao património, bem como ao desenvolvimento cultural, constitui ao mesmo tempo um direito e um privilégio.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A **Convenção Europeia da Paisagem** elaborada em **Florença** em 20 de outubro de **2000**, considera fundamental para alcançar o desenvolvimento sustentável, o estabelecimento de uma relação equilibrada e harmoniosa entre as necessidades sociais, as atividades

económicas e o ambiente, a paisagem desempenha importantes funções de interesse público nos campos cultural, ecológico, ambiental e social, e que constitui um recurso favorável à atividade económica, cuja proteção, gestão e ordenamento adequados podem contribuir para a criação de emprego.

A **Carta de Cracóvia** assinada em 26 de outubro de 2000, vem dar continuidade aos princípios da Carta de Veneza (1964), tendo em conta as recomendações internacionais e motivados pelo processo da unificação europeia, na entrada do novo milénio, conscientes de viver um tempo no qual as identidades, num contexto cada vez mais amplo, se tomam mais distintas e singulares, assim, cada comunidade, tendo em conta a sua memória coletiva e consciente do seu passado, é responsável, quer pela identificação, quer pela gestão do seu património. O património é o conjunto das obras do ser humano, nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica, a identificação e a valorização destas obras como património é, assim, um processo que implica a seleção de valores.

A **Convenção sobre a proteção do Património Cultural Subaquático** tem origem na 31.ª conferência da UNESCO em Paris, no dia 2 de novembro de 2001. Reconheceu a importância do património cultural subaquático enquanto parte integrante do património cultural da humanidade e elemento particularmente importante na história dos povos, das nações e das suas relações mútuas no que concerne ao seu património comum.

Em 2002 o Comité do Património Mundial celebrou o trigésimo aniversário da Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural que foi adotada pela Conferência Geral da UNESCO em 1972. Considerando que em trinta anos a Convenção demonstrou ser um instrumento ímpar de cooperação internacional para a proteção do património cultural e natural de valor universal excecional, adota a partir de então a **Declaração de Budapeste sobre o Património Mundial**, pela necessidade de assegurar a sua aplicação ao património em toda a sua diversidade, enquanto instrumento de desenvolvimento sustentável de todas as sociedades, pelo diálogo e pela compreensão mútua. Os bens inscritos na Lista do Património Mundial representam riquezas que nos são confiadas para serem transmitidas às gerações futuras, que delas são as legítimas herdeiras.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A **convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial** foi aprovada em Paris a 17 de outubro de 2003 na 32.ª sessão da UNESCO, com a finalidade de declarar a

salvaguarda do património cultural imaterial, o respeito do património cultural imaterial das comunidades, grupos e indivíduos envolvidos, a sensibilização a nível local, nacional e internacional para a importância do património cultural imaterial e, ainda, a sua apreciação recíproca e a cooperação e assistência internacionais.

De acordo com a convenção, entende-se por património cultural imaterial, as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências, bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados, que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana.

A **Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do Património Cultural para a sociedade**, assinada em Faro a 27 de outubro de 2005, considera que um dos objetivos do Conselho da Europa é o de realizar uma união mais estreita entre os seus membros a fim de salvaguardar e promover os ideais e princípios baseados no respeito dos direitos do homem, da democracia e do estado de direito, que constituem o seu património comum. Reconhece que o direito ao património cultural é inerente ao direito de participar na vida cultural, tal como definido na Declaração Universal dos Direitos do Homem, a preservação do património cultural e a sua utilização sustentável têm por finalidade o desenvolvimento humano e a qualidade de vida.

Em 2008, surge a **Declaração de Québec**, sobre a salvaguarda do espírito do lugar na 16.ª Assembleia Geral do ICOMOS, concidente com as celebrações pelo 400.º aniversário da fundação da cidade de Québec, no Canadá. Esta declaração de princípios e recomendações destinados à preservação do espírito do lugar, por meio da salvaguarda do património material e imaterial, considerada um meio inovador e eficaz de contribuir para o desenvolvimento social sustentável do mundo.

O espírito do lugar deverá ser definido como o conjunto de bens materiais (sítios, paisagens, edificações, objetos) e imateriais (memórias, depoimentos orais, documentos escritos, rituais, festivais, ofícios, técnicas, valores, odores), físicos e espirituais, que dão sentido, valor, emoção e mistério ao lugar. Ao invés de separar o espírito e o lugar, o

imaterial e o material, e de os colocar em oposição, explora as diferentes maneiras pelas quais os dois são unidos numa estreita interação, um construindo-se em relação ao outro.

O espírito constrói o lugar e, ao mesmo tempo, o lugar constrói e estrutura o espírito; os lugares são construídos por diferentes atores sociais, tanto por aqueles que os criam como por aqueles que os utilizam, ambos participando ativamente da construção do seu sentido. Considerado na sua dinâmica relacional, o espírito do lugar incorpora, assim, um caráter plural e polivalente, podendo possuir diferentes significações e singularidades, mudar de sentido com o tempo e ser compartilhado por diferentes grupos.

A **Declaração de Viena**, com origem no 4.º encontro do fórum europeu de responsáveis pelo património, em maio de 2009, apelou a todos os governos nacionais no sentido de reconhecerem o papel fundamental do património no desenvolvimento e implementação de políticas de recuperação económica sustentável. Demonstra que o património cultural tem um contributo essencial a dar à Europa, não apenas pela sua importância no passado, mas pelo papel primordial que terá no futuro, levando a crer que, a longo prazo, o investimento em património constitui uma solução sustentável de sucesso garantido para fazer face à recessão económica. O incentivo ao património encontra-se ativo em três áreas fundamentais: económica, ambiental e sociocultural.

A Carta de Bruxelas sobre o papel do património cultural na economia e para a criação de uma rede europeia de reconhecimento e difusão, foi assinada em Bruxelas a 30 de junho de 2009, e vem reforçar a importância do património cultural, pois este constitui um valioso e indiscutível recurso como elemento revitalizador das cidades e dos territórios, capaz de melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes.

No ano de 2010, é publicado **o Manual com as orientações técnicas para aplicação da Convenção do Património Mundial**, através do qual, o Comité do Património Mundial, organismo principal na implementação da Convenção, elaborou critérios rigorosos para o registo dos bens na Lista do Património Mundial e para a assistência internacional proporcionada nos termos do Fundo do Património Mundial.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Os **Princípios de La Valletta para a Salvaguarda e Gestão de Cidades e Conjuntos Urbanos Históricos**, foram adotados pela 17.ª assembleia geral do ICOMOS, em Paris no ano de 2011. O principal objetivo deste documento é propor princípios e estratégias aplicáveis a qualquer intervenção nas cidades e áreas urbanas históricas.

A **Declaração de Namur** ocorreu nos dias 23 e 24 de abril de 2015 durante a presidência belga no Conselho da Europa. Esta diretriz alerta-nos para a consciencialização de que as alterações climáticas, demográficas, os movimentos migratórios, as crises políticas, económicas, financeiras e sociais têm grandes impactos nas sociedades e no seu património. Emerge a necessidade de trabalhar com as sociedades no sentido de não se enfraquecer o sentimento de pertença e as referências identitárias, numa perspetiva de solidariedade entre as gerações. O património cultural é um alicerce fundamental à construção da identidade europeia, é do interesse geral a sua transmissão às gerações futuras pela responsabilidade partilhada. Trata-se de um recurso único, frágil e não renovável, necessário ao desenvolvimento do continente europeu e ao estabelecimento de uma sociedade mais justa e coesa.

A **Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade**, foi aprovada a 17 de novembro de 2015 na Conferência Geral da UNESCO em **Paris** na sua 38.ª sessão. Considerando que os museus compartilham algumas das missões fundamentais da organização, conforme estipuladas na sua constituição, incluindo a contribuição à ampla difusão da cultura, à educação da humanidade para a justiça, a liberdade e a paz, a fundamentação da solidariedade intelectual e moral da humanidade, oportunidades plenas e iguais de educação para todos, na procura irrestrita da verdade objetiva, e no livre intercâmbio de ideias e conhecimento. A proteção e a promoção da diversidade cultural e natural são desafios centrais do século XXI. Nesse sentido, museus e coleções constituem meios primários pelos quais testemunhos tangíveis e intangíveis da natureza e da cultura humanas são salvaguardados.

A **Declaração de Tunes** foi assinada na Tunísia em 10 de fevereiro de 2017 com um reforço às relações entre os países da Bacia Ocidental do Mediterrâneo no que diz respeito ao Património Cultural numa perspetiva de coesão e desenvolvimento económico e social.

A **Recomendação de Cracóvia** para a proteção do património cultural, oriunda do encontro sobre o património cultural em face das ameaças e dos desafios contemporâneos (programas e planos de ação), realizou-se a 23 e 24 de novembro de 2016 na Polónia. Defendeu-se que o património cultural tangível como o intangível são essenciais para o conhecimento da história da civilização humana. Os estados, preocupados com o facto de a destruição do património cultural, ser utilizado como arma de guerra, que desestabiliza as populações e fere as sociedades no seu âmago, terem aumentado no Médio Oriente, em

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

África e noutros lugares, esteve na génese da iniciativa conjunta da República Francesa e dos Emirados Árabes Unidos em criar uma rede de "refúgios seguros" para a proteção de bens culturais em áreas de conflito e de estabelecer um fundo internacional para a proteção dos bens culturais ameaçados por conflitos armados e terrorismo.

A **Declaração de Davos** aprovada em janeiro de 2018 sublinha a necessidade da qualificação da construção e do território e da paisagem, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos, deixando um legado qualificado às gerações vindouras. Os estados signatários têm consciência da tendência para a perda de qualidade do ambiente construído e das paisagens em toda a Europa, que se manifesta através de uma banalização da construção, uma ausência de valores na sua conceção e desenho, uma falta de interesse pela sustentabilidade, uma expansão urbana sem rosto, um uso irresponsável do solo, uma deterioração do tecido histórico e um declínio das identidades e das tradições regionais.

A **Declaração de Lisboa** teve origem na 2.ª Conferência dos Ministros da Cultura dos estados signatários, que ocorreu em Portugal a 21 de setembro de 2018, esta foi a segunda reunião do Diálogo 5+5. O encontro, subordinado ao tema Mediterrâneo ocidental, diálogos e pontes: património cultural e as novas gerações como promotoras do diálogo entre povos e culturas, sentou à mesma mesa os ministros da cultura de Portugal, Espanha, França, Itália, Malta, Líbia, Argélia, Marrocos, Mauritânia e Tunísia, tendo como resultado, o compromisso político assumido entre os países para o reforço de uma produtiva troca de experiências no domínio da cultura.

A **Conferência do Porto Santo** (2021), no âmbito da presidência portuguesa do conselho da União Europeia, configura um mapa orientador de princípios e de recomendações para aplicar e desenvolver um paradigma de democracia cultural na Europa. A Carta do Porto Santo dirige-se a decisores políticos europeus, de todos os níveis (autoridades europeias, governos nacionais, regionais e locais), às organizações e instituições culturais e educativas e, ainda, aos cidadãos europeus, para que se responsabilizem pelo horizonte cultural comum.

Apresentado o enquadramento jurídico e legislativo: normativa internacional, percebemos a dificuldade em agrupar a amplitude do património cultural dentro do contexto local, de forma a conseguir (re)escrever a memória e a identidade de uma determinada geografia do território. Emergiram cartas, recomendações, legislação internacional,

investigações académicas, mas carecem de uma intervenção local, envolvendo as comunidades e as diversas faixas etárias e geracionais.

Perante a posição exposta, cumpre situar o local, seja ele nacional ou regional no contexto global, pois, apesar de tantos esforços de homogeneização, agitam-se no quotidiano, diversidades e heterogeneidades, caracterizando distintamente sociedades e culturas do novo sistema internacional.

Assim sendo, o património cultural agrega um conjunto de bens materiais e imateriais, que se consideram ser de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a sua perpetuação no tempo, pois o património faz recordar o passado, como uma manifestação, um testemunho e uma invocação. O património cultural gera e fomenta uma solidariedade orgânica entre os elementos do grupo social, uma conexão ou afluência mental alicerçada no sentimento de pertença comunitária, seja ela uma comunidade de origem ou de destino, isto acontece quando o património cultural representa a persistência desse agregado humano ao longo do tempo, permitindo-lhe que seja o mesmo, apesar das mutações.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2.2.2. Enquadramento jurídico e legislativo: normativa portuguesa

O estado português ao longo dos séculos tem tido uma preocupação no que diz respeito às questões culturais, à preservação do património, descentralização cultural e internacionalização da língua e cultura portuguesas. A política do património cultural e a proteção legal dos bens culturais são feitas apenas através da sua classificação e inventariação, funcionando como instrumento jurídico, "com a finalidade de proteger e valorizar o património cultural, sem ter em linha de conta os fatores históricos, sociais e económicos que compõem a identidade cultural num território geográfico, que deveriam contribuir para o desenvolvimento socioeconómico regional e local" (Anastácio, 2016, p. 15).

Neste ponto pretendo identificar as principais referências sobre património cultural no âmbito da legislação nacional, apesar desta ser heterogénea. De igual modo, são relevantes diversas publicações sobre a temática, como, por exemplo, a de Nabais e Silva (2006), de Nabais (2010), e ainda, de Tamos e Claro (2018).

A Constituição da República Portuguesa de 1976, através do seu artigo 9.º, alínea e), define a obrigação em proteger e valorizar o património cultural do povo português, defender a natureza e o ambiente, preservar os recursos naturais e assegurar um correto ordenamento do território. Já o artigo 52.º elucida para a importância de promover a prevenção, a cessação ou a perseguição judicial das infrações contra a saúde pública, os direitos dos consumidores, a qualidade de vida e a preservação do ambiente e do património cultural. O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais (artigo 73.º). Todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural, promovendo a salvaguarda e a valorização do património cultural, tornando-o elemento vivificador da identidade cultural comum (artigo 78.º).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O enquadramento legal das questões patrimoniais inicia-se nas primeiras décadas de novecentos, com a Primeira República fortemente marcada pela Primeira Grande Guerra, com ameaças e atentados ao património. O nosso país com o início do Estado Novo,

marcado pela forte carga ideológica, reinicia uma produção legal no âmbito do património cultural, embora servindo as agendas políticas da época, tornou-se visível a crescente importância do património como instrumento de poder e forma de legitimação. O auge ocorreu com a filosofia cultural de António Ferro e com a ação do Secretariado Nacional da Propaganda, um dos mais eficazes agentes de sedimentação da ideologia corporativa (Coelho, 2012).

Após o primeiro quartel do século XX (1929), nasce a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e em termos legislativos o decreto lei n.º 20985, de 7 de março de 1932, institui o Conselho Superior de Belas Artes, orientando temáticas da arqueologia, proteção e conservação de monumentos alusivo ao património artístico e arqueológico.

Nos finais da década de 40, através da lei n.º 2032 de 11 de junho de 1949, a presidência da República promulga disposições sobre proteção e conservação de todos os elementos ou conjuntos de valor arqueológico, histórico, artístico ou paisagísticos concelhios, a classificação dos móveis e imóveis de interesse municipal e, ainda, a regulação das competências dos concelhos em questões de património cultural e a classificação dos monumentos nacionais e dos imóveis de interesse público.

Na reta final do regime salazarista, o decreto lei n.º 181/70 de 28 de abril de 1970, regula a constituição de servidões administrativas que exijam a prática de um ato da administração local. Já com o paradigma da democracia em Portugal, o decreto n.º 49/79 de 6 de junho de 1979, o Ministério dos Negócios Estrangeiros através da Direcção-Geral dos Negócios Políticos aprova, para adesão, a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural redigida em 1972. Passados dois meses, com o decreto regional n.º 13/79/A de 16 de agosto de 1979, a Região Autónoma dos Açores através da sua assembleia regional, define o património cultural da região e estabelece normas relativas à sua proteção.

A década de 80, traz-nos diversa legislação que ainda nos nossos dias tem um papel fundamental nas temáticas patrimoniais. O aviso n.º 24/80 de 14 de novembro de 1980, emitido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros através da Direcção-Geral dos Negócios Políticos, torna público que o representante de Portugal junto da UNESCO depositou junto do secretário geral daquela organização o instrumento de ratificação, por parte de Portugal, da convenção relativa à proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. No ano

seguinte, com o decreto n.º 95/81 do Diário da República de 23 de julho de 1981, o Ministério dos Negócios Estrangeiros aprova, para ratificação, a Convenção relativa à proteção da vida selvagem e do ambiente natural na Europa, ainda o mesmo ministério, pelo decreto lei n.º 39/82 de 2 de abril de 1982, pela Direção Geral dos Negócios Políticos, aprova para ratificação a convenção europeia para a proteção do património arqueológico.

Com a resolução n.º 7/84 de 29 de fevereiro de 1984, a Assembleia da República aprova o protocolo de acordo para a importação dos objetos de carácter educativo, científico ou cultural, adotados pela UNESCO. No ano seguinte a lei n.º 13/85 do Diário da República 153/85 de 6 de julho de 1985, aprova a lei de bases do património cultural português. Por via do decreto n.º 26/85 de Diário da República de 26 de julho de 1985, o Ministério dos Negócios Estrangeiros através da Direção Geral das Relações Culturais Externas aprova, para ratificação, o texto da convenção relativa às medidas a adotar para proibir e impedir a importação, a exportação e a transferência ilícitas da propriedade de bens culturais, adotada em Paris na 16.ª sessão da Conferência Geral da UNESCO em 1970.

No ano em que Portugal é admitido na comunidade europeia, a legislação patrimonial continua a ser aprovada, assim, a portaria n.º 226/86 de 19 de maio de 1986, o Ministério da Educação e Cultura, através da Secretaria de Estado da Cultura, autoriza a exportação temporária de obras de arte através do modelo da Imprensa Nacional n.º 974. Um ano depois, a lei n.º 11/87 de 4 de abril de 1987, a Assembleia da República Lei publica a lei de bases do ambiente.

Em 1988, com o aviso n.º 39/88 do Diário da República de 17 de fevereiro, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, pela Direção de Serviços Culturais, torna público que os bens nacionais foram incluídos na lista do património mundial da UNESCO por decisão do respetivo Comité do Património Mundial. O decreto lei n.º 205/88 de 16 de junho, pela Presidência do Conselho de Ministros torna público que os projetos de arquitetura são da exclusiva responsabilidade dos arquitetos em imóveis classificados e respetivas zonas de proteção.

A portaria n.º 36/89 de 20 de janeiro de 1989, através da Presidência do Conselho de Ministros, estabelece normas quanto à exportação temporária ou definitiva de obras de arte de autores nacionais vivos, revogando a portaria n.º 226/86, de 19 de maio. Com o acórdão n.º 403/89 de 27 de julho de 1989, o Tribunal Constitucional declara a inconstitucionalidade,

com força obrigatória geral, de várias disposições da lei n.º 13/85 de 6 de julho, no que respeita à sua aplicação à Região Autónoma dos Açores.

Já na década de 90, o decreto lei n.º 90/90 de 16 de março, aprova o regime geral de revelação e aproveitamento dos recursos geológicos. Pelo decreto n.º 5/91 de 23 de janeiro, a Presidência da República ratifica a Convenção para a salvaguarda do património arquitetónico da Europa, assinada em Granada a 3 de outubro de 1985. Através do despacho normativo n.º 23/9 de 29 de janeiro de 1991, a presidência do Conselho de Ministros cria o prémio de defesa do património cultural e aprova o respetivo regulamento. E ainda, a declaração de retificação n.º 28-I/91 de 28 de fevereiro de 1991, aprova o despacho normativo n.º 23/91 da Presidência do Conselho de Ministros que cria o prémio de defesa do património cultural e aprova o respetivo regulamento, publicado no Diário da República de 29 de janeiro de 1991.

Na Região Autónoma da Madeira, o decreto legislativo regional n.º 23/91/M de 16 de agosto de 1991, aprova o regime de proteção de bens móveis do património cultural do arquipélago. A lei 114/91 de 3 de setembro, o Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (aprovado pelo decreto lei n.º 63/85, de 14 de março na redação que lhe foi dada pela lei 45/85, de 17 de setembro), referente a obras de arte e exposições de arte e com referência expressa a seguros obrigatórios.

O decreto n.º 26-A/92 de 1 de junho de 1992, pela Presidência do Conselho de Ministros procede a classificação de imóveis arqueológicos como monumentos nacionais, imóveis de interesse público e imóveis de valor concelhio. O decreto lei n.º 16/93 de 23 de janeiro de 1993, estabelece o regime geral dos arquivos e do património arquivístico, alterado posteriormente pela lei n.º 14/94. A lei n.º 14/94 de Diário da República de 11 de maio de 1994, a Assembleia da República altera, por ratificação, o decreto lei n.º 16/93 de 23 de janeiro.

A lei n.º 90-C/95 de 9 de janeiro de 1995, a Assembleia da República autoriza o Governo a aprovar a nova lei do património cultural português, o decreto n.º 2/96 de 6 de março de 1996, o Ministério da Cultura, classifica como monumentos nacionais, imóveis de interesse público e imóveis de valor concelhio vários imóveis de relevante interesse arquitetónico. O decreto lei n.º 42/96, de 7 de maio de 1996 cria a lei orgânica do Ministério da Cultura.

USC DE COMPOSTELA

O decreto lei n.º 60/97 de 20 de março de 1997, o Ministério da Cultura, aprova a orgânica do Instituto dos Arquivos Nacionais, Torre do Tombo. O decreto lei n.º 117/97, o mesmo ministério aprova a orgânica do Instituto Português de Arqueologia (IPA), ainda na mesma linha, o decreto lei n.º 120/97 de 16 de maio, aprova a orgânica do Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR). O decreto lei n.º 160/97, aprova a orgânica do Centro Português de Fotografia, do Ministério da Cultura. O decreto lei n.º 161/97 de 26 de junho, aprova a orgânica do Instituto Português de Museus. O Ministério da Cultura, estabelece, ainda, as normas relativas ao património cultural subaquático pelo decreto lei n.º 164/97 de 27 de junho e o decreto regulamentar n.º 28/97 de 21 de julho regula o estatuto das carreiras específicas de arqueologia.

O decreto n.º 54/97 de 2 de outubro de 1997, o Ministério dos Negócios Estrangeiros aprova o protocolo adicional ao acordo cultural entre a República Portuguesa e a República de Cabo Verde na área do património arquitetónico e recuperação do património histórico. A portaria n.º 1221/97 de 3 de dezembro de 1997, o Ministério da Cultura aprova o regulamento do conselho consultivo do Instituto Português do Património Arquitetónico. A resolução da Assembleia da República n.º 71/97 de 16 de dezembro de 1997, aprova para ratificação, a Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico (revista), aberta à assinatura em La Valetta (Malta), em 16 de janeiro de 1992.

Os Ministérios das Finanças e da Cultura aprovam a tabela de recompensas por achados arqueológicos, através da portaria n.º 51/98 de 4 de fevereiro de 1998. A lei n.º 48/98 de 11 de agosto de 1998, estabelece as bases da política de ordenamento do território e urbanismo. O decreto lei n.º 372/98 de 23 de novembro 1998, o Ministério da Cultura aprova a lei orgânica do Conselho Superior de Arquivos, este ministério, cria a Estação Arqueológica do Freixo, como serviço dependente do Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), e adita a mesma à respetiva lista de serviços dependentes através do decreto lei n.º 13/99 de 11 de janeiro de 1999.

A resolução da Assembleia da República n.º 7/99 de 19 de fevereiro, aprova para ratificação, o Tratado de Amesterdão, que altera o Tratado da União Europeia (artigo 30.º). Os tratados que instituem as Comunidades Europeias e alguns atos relativos a esses tratados, incluindo o anexo e os protocolos, bem como a ata final com as declarações, assinado em Amesterdão em 2 de outubro de 1997. O decreto lei n.º 59/99 de 2 de março de 1999, publica

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

o regime jurídico das empreitadas e obras públicas e o decreto lei n.º 74/99 de 16 de março, aprova o estatuto do mecenato cultural.

O decreto lei n.º 270/99 de 15 de julho de 1999, o Ministério da Cultura regulamenta os trabalhos arqueológicos, alterado parcialmente pelo decreto lei n.º 287/2000 de 10 de novembro. A lei n.º 121/99 de 20 de agosto, a Assembleia da República transfere para o Governo, através de organismos a quem cabe a proteção do património cultural autorizar o uso de detetores de metais, assim como a fiscalização da sua utilização. Pelo decreto lei n.º 342/99 de 25 de agosto, o Ministério da Cultura cria o Instituto Português de Conservação e Restauro (IPCR) e extingue o Instituto de José de Figueiredo.

A lei n.º 159/99 de 14 de setembro, pela Assembleia da República, estabelece-se o quadro de transferência de atribuições e competências para as autarquias locais e o decreto lei n.º 380/99 de 22 de dezembro, aprova o regime jurídico dos instrumentos de gestão territorial. Neste ano, o decreto lei n.º 398/99 de 13 de outubro, do Ministério da Cultura, aprova a orgânica do Instituto Português de Museus (IPM), alterando o decreto lei n.º 161/97. Através do despacho normativo n.º 67-A/99 de 31 de dezembro de 1999, os Ministérios das Finanças, do Planeamento, da Cultura e da Reforma do Estado e da Administração Pública extinguem a estrutura de projeto denominada "inventário do património cultural", criada pelo despacho normativo n.º 17/97 de 4 de abril.

A entrada no novo milénio dá continuidade ao trabalho anterior; em termos legislativos inicia-se com o decreto n.º 13/2000, onde a Presidência da República ratifica a convenção para a proteção dos bens culturais em caso de conflito armado, adotada na Haia em 14 de maio de 1954 e ainda, o decreto n.º 22/2000 que ratifica a convenção internacional do UNIDROIT sobre bens culturais roubados ou ilicitamente exportados, assinada em Roma em 24 de julho de 1995. O decreto lei n.º 69/2000 de 3 de maio aprova o regime jurídico da avaliação de impacte ambiental, a resolução do Conselho de Ministros n.º 96/2000 de 26 de julho, considera a gastronomia portuguesa como um bem imaterial integrante do património cultural de Portugal, com posterior declaração de retificação n.º 7-AE/2000 de 31 de agosto.

A lei n.º 19/2000 de 10 de agosto surge como primeira alteração à lei n.º 13/85, de 6 de julho (património cultural português) e ao decreto lei n.º 164/97, de 27 de junho (património cultural subaquático); o decreto lei n.º 287/2000 de 10 de novembro, do Ministério da Cultura, altera o regulamento de trabalhos arqueológicos, aprovado pelo

decreto lei n.º 270/99, de 15 de julho; a portaria n.º 1101/2000 de 20 de novembro, do Ministério do Equipamento Social, aprova a relação das disposições legais a observar pelos técnicos responsáveis dos projetos de obras e sua execução. O aviso n.º 9/2001 de 16 de fevereiro, torna público que em 4 de agosto desse ano, Portugal depositou junto do diretor geral da UNESCO o instrumento de ratificação da convenção para a proteção dos bens culturais em caso de conflito armado, adotada na Haia em 14 de maio de 1954.

O decreto lei n.º 55/2001, de 15 de fevereiro é alterado pela lei nº 89/2001, de 10 de agosto, definindo o regime das carreiras de museologia, conservação e restauro do pessoal dos museus, palácios, monumentos e sítios e outros organismos sob tutela do Ministério da Cultura. O decreto legislativo regional n.º 23/2002/M adapta à Região Autónoma da Madeira o decreto lei n.º 55/2001 de 15 de fevereiro (regime das carreiras do pessoal das áreas de museologia e da conservação e restauro do património cultural).

A lei n.º 107/2001 de 8 de setembro, estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura. Integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial proteção e valorização.

Através da salvaguarda e valorização do património cultural, deve o estado assegurar a transmissão de uma herança nacional cuja continuidade e enriquecimento unirá as gerações num percurso civilizacional singular. O estado protege e valoriza o património cultural como instrumento primacial de realização da dignidade da pessoa humana, objeto de direitos fundamentais, meio ao serviço da democratização da cultura e esteio da independência e da identidade nacionais. Nos termos da lei, o estado, as regiões autónomas e as autarquias locais podem celebrar com detentores particulares de bens culturais, outras entidades interessadas na preservação e valorização de bens culturais ou empresas especializadas acordos para efeito da prossecução de interesses públicos na área do património cultural.

Todos têm o dever de valorizar o património cultural, sem prejuízo dos seus direitos, agindo, na medida das respetivas capacidades, com o propósito da divulgação, acesso à fruição e enriquecimento dos valores culturais que nele se manifestam. A administração do património cultural deverá promover a cooperação entre os seus serviços e instituições, a

qual poderá incluir a cedência e troca de bens culturais sempre que se trate de integrar ou completar coleções ou fundos de natureza histórica ou de especial interesse literário, artístico, científico ou técnico. Para efeitos da presente lei, integram o património cultural as realidades que, tendo ou não suporte em coisas móveis ou imóveis, representem testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memória coletivas. Especial proteção, devem merecer as expressões orais de transmissão cultural e os modos tradicionais de fazer, nomeadamente as técnicas tradicionais de construção e de fabrico e os modos de preparar os alimentos.

Através do decreto lei n.º 177/2001 de 4 de junho, o Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território aprova o regime jurídico da urbanização e da edificação, alterando o decreto lei n.º 555/99, de 16 de dezembro. O decreto lei n.º 198-A/2001 de 6 de julho define o regime jurídico de concessão do exercício da atividade e recuperação ambiental das áreas mineiras degradadas. O decreto lei n.º 270/2001 de 6 de outubro ratifica o regime jurídico da pesquisa e exploração de massas minerais (pedreiras).

No ano de 2002, a portaria n.º 312/2002 de 22 de março, cria uma base de dados designada "gastronomia, património cultural", coordenada e desenvolvida pela comissão nacional de gastronomia que dispõe sobre a disponibilização e financiamento da referida base. Decorridos dois anos, o despacho n.º 9104/ 2004 de 6 de maio informa os escalões de preços de ingresso nos museus dependentes e a lei n.º 47/2004 de 19 de agosto, ordena a lei quadro dos museus tutelados pelo Ministério da Cultura, ainda este organismo pelo decreto lei n.º 89/2004 de 20 de abril, define o regime das carreiras de museologia, conservação e restauro do pessoal dos museus, palácios, monumentos e sítios.

A resolução da Assembleia da República n.º 74/2004 de 16 de novembro, aprova para ratificação, a concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé assinada a 18 de maio de 2004 na cidade do Vaticano. Os imóveis que, nos termos do artigo VI da concordata de 7 de maio de 1940, estavam ou tenham sido classificados como monumentos nacionais ou como de interesse público, continuam com afetação permanente ao serviço da igreja. Ao estado cabe a sua conservação, reparação e restauro de harmonia com plano estabelecido de acordo com a autoridade eclesiástica, para evitar perturbações no serviço religioso. À igreja incumbe a sua guarda e regime interno, designadamente no que respeita ao horário de visitas, na direção das quais poderá intervir um funcionário nomeado pelo Estado. A República Portuguesa e a igreja católica declaram o seu empenho na salvaguarda, valorização e fruição

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

dos bens, móveis e imóveis, de propriedade da igreja católica ou de pessoas jurídicas canónicas reconhecidas, que integram o património cultural português.

O decreto lei n.º 228/2005, de 28 de dezembro cria o conselho de museus e regula a sua composição, competência e regime de funcionamento; o despacho normativo n.º 3/2006 de 25 de janeiro, estabelece a credenciação de museus e aprova o seu formulário de candidatura; o decreto lei n.º 138/2009 de 15 de junho, aprova a criação do fundo de salvaguarda do património.

O decreto lei n.º 140/2009 de 15 de junho do Ministério da Cultura, aprova o regime jurídico dos estudos, projetos, relatórios, obras ou intervenções sobre bens culturais móveis e imóveis classificados ou em vias de classificação de interesse nacional, de interesse público ou de interesse municipal e a resolução n.º 70/2009, de 21 de agosto da Presidência do Conselho de Ministros, cria do programa de recuperação do património classificado (PRPC), programa cheque-obra e, ainda, o decreto lei n.º 309/2009 de 23 de outubro do Ministério da Cultura, aprova o procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime jurídico das zonas de proteção e do plano de pormenor de salvaguarda.

No início da segunda década do século XXI, o despacho n.º 7931/2010, de 5 de maio do Ministério da Cultura, estipula o modelo de requerimento inicial para processos de classificação dos imóveis e o despacho n.º 14523/2010 de 17 de setembro, estipula o prazo de revisão dos atos de classificação a que correspondam as categorias de conjunto ou sítio, de conformidade com o n.º 1 do artigo 77.º do decreto lei n.º 309/2009, de 23 de outubro.

No ano seguinte, a resolução do Conselho de Ministros n.º 8/2011 de 25 de janeiro, aprova o acordo ortográfico da língua portuguesa; o decreto lei n.º115/2011, de 5 de dezembro, altera o decreto lei nº 309/2009. O decreto lei n.º 114/2012 de 25 de maio da Presidência do Conselho de Ministros, aprova a orgânica das Direções Regionais da Cultura. O decreto lei n.º 115/2012 de 25 de maio, aprova a orgânica da Direção Geral do Património Cultural; a sua estrutura nuclear é também aprovada pela portaria n.º 223/2012 de 24 de julho da Presidência do Conselho de Ministros e do Ministério das Finanças; as suas unidades flexíveis são também aprovadas pelo despacho n.º 11142/2012 de 16 de agosto.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O decreto lei 265/2012 de 28 de dezembro vem alterar o decreto lei n.º 309/2009, de 23 de outubro (que estabelece o procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime das zonas de proteção e do plano de pormenor de salvaguarda),

e o despacho n.º 7113/2013 de 3 de junho fixa os valores de ingresso nos imóveis classificados dependentes da Direção Geral do Património Cultural. O decreto lei n.º 151-B/2013 de 31 de outubro altera na sua redação atual dada pelo decreto lei n.º 152-B/2017 de 11 de dezembro, relativamente ao regime jurídico da avaliação de impacte ambiental. O despacho n.º 3706/2014 de 11 de março, aprova a tabela de prestação de serviços da Direção Geral do Património Cultural. O despacho n.º 10946/2014 de 27 de agosto, regulamenta a utilização de imagens de museus, monumentos e outros Imóveis afetos à Direção Geral do Património Cultural.

O decreto lei n.º 164/2014 de 4 de novembro da Presidência do Conselho de Ministros, regulamenta os trabalhos arqueológicos em vigor desde 11 de novembro de 2014, e o decreto lei n.º 122/2015 de 30 de junho do Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social, cria o Programa de promoção das artes e ofícios e define um conjunto de modalidades de apoio no âmbito das atividades artesanais. O decreto lei n.º 148/2015 de 4 de agosto, estabelece o regime da classificação dos bens culturais móveis e o despacho n.º 2952/2018, vem alterar o despacho n.º 11142/2012. O decreto lei n.º 51/2019, reconhece a importância histórica e cultural dos itinerários em território nacional do Caminho de Santiago (de Compostela) e a necessidade de salvaguarda, valorização e promoção dos mesmos.

O decreto lei n.º 78/2019, aprova o regime jurídico de autonomia de gestão dos museus, monumentos e palácios, e a portaria n.º 265/2019, aprova o conteúdo mínimo da minuta do plano plurianual de gestão das unidades orgânicas previstas no regime jurídico de autonomia de gestão dos museus, monumentos e palácios. A portaria n.º 263/2019, faz a primeira alteração da portaria n.º 223/2012 de 24 de julho, que aprovou a estrutura nuclear da Direção Geral do Património Cultural e, ainda, a portaria n.º 262/2019, primeira alteração à portaria n.º 227/2012 de 3 de agosto, que fixa a estrutura nuclear das Direções Regionais de Cultura.

O processo jurídico e legislativo sofreu um longo percurso, mas é graças a este caminho que hoje detemos uma completa perceção da temática patrimonial no Direito português. Nele percebemos as responsabilidades do estado e da administração local, onde os municípios, as juntas de freguesia e as associações de defesa do património assumem o papel de recolha, salvaguarda e divulgação do património dos seus territórios e das comunidades.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2.3. Desenvolvimento local: comunidade(s), território(s) e património(s)

O conceito de desenvolvimento local ou comunitário, teve origem aquando da assembleia geral das Nações Unidas em 1996 através da declaração sobre o direito ao desenvolvimento. Aqui defendeu-se o paradigma do desenvolvimento alicerçado num processo mundial, do ponto de vista económico, político e cultural, consolidado na melhoria do bem-estar global, onde todos os indivíduos deveriam ter uma participação ativa do seu progresso de distribuição e gestão de recursos. Nesta perspetiva a própria educação passa a ser encarada como um processo contínuo de aprendizagem ao longo da vida. O campo do social, reconstruiu as capacidades de subjetivação, onde cada um deve encontrar um projeto e agir sobre e a partir de si próprio não sendo excluído do laço social, independentemente dos recursos que tenha ao seu dispor (Ferreira, 2021).

Com estas transformações, emergem também novas figuras profissionais: o agente de desenvolvimento local, o agente de inserção social, os mediadores sociais ou interétnicos, entre outros. Assim institui-se uma nova ação social global, apostando numa lógica de desenvolvimento local, social ou comunitário, alguns dos adjetivos que procuram enfatizar o *empowerment*, que ganha cada vez mais força e visibilidade. As comunidades locais confrontam-se com a possibilidade de dar resposta aos seus problemas a partir da mobilização dos seus próprios recursos de ação. São consideradas protagonistas no processo de autodesenvolvimento social, também as figuras profissionais, que se inscrevem na atividade do trabalho sobre o outro, apercebem-se da necessidade de corrigir as suas representações, e os seus dispositivos de intervenção (Canastra, 2007).

A conotação de intervenção comunitária é uma designação frequente nos nossos dias. Carvalhosa, Domingos e Sequeira (2010) afirmam que se destina ao trabalho parceiro com as comunidades, abordando as preocupações locais, promovendo a mudança e a criação dos recursos comunitários. Atualmente parece-nos mais correto defendermos uma intervenção socioeducativa, pois cruza a intervenção social com as ciências da educação que se configuram numa ação e reflexão de caráter multidisciplinar a partir de referentes cognitivos construídos em áreas como a psicologia, a sociologia e o serviço social. Ainda, em espaços emergentes de formação, como a animação sociocultural, a mediação socioeducativa e a educação social (Soriano Díaz, 2006; Martínez, Escobar & Sánchez-Guzmán, 2019).

USC DE COMPOSTELA

Flecha e Oliver (2000) e Mello (2000) defendem que a educação deverá reforçar e promover as necessárias capacidades coletivas para pensar e atuar em termos de projeto, assim como as competências e atitudes individuais imprescindíveis para os agentes locais de mudança sendo um instrumento local de consenso entre a exploração e a preservação do natural, no contexto de um desenvolvimento sustentável centrado no Homem. Atrevemo-nos a acrescentar, a importância da educação no desenvolvimento da consciência pessoal como fomento da própria identidade. Prossegue uma verdadeira ação educadora ao favorecer o sentimento de solidariedade entre todos. O equilíbrio entre a realidade presente e o futuro pretendido, são ferramentas para o desenvolvimento da comunidade no seu todo.

Na atualidade continua como modelo vigente, o *empowerment,* associado à participação democrática na vida da comunidade através das estruturas mediadoras, como a escola, as instituições, a igreja; com ele converge o sentimento psicológico de controlo pessoal e o interesse pela influência social. Quanto ao poder político e à promoção de direitos e deveres dos cidadãos, das diversas noções e definições apresentadas por diversas escolas do conhecimento, esta é a que mais nos identificamos: "processo estruturado e progressivo centrado na comunidade local, fundamentado pelo respeito mútuo e participação nas estruturas sociais locais, permitindo a partilha igualitária dos recursos com acesso e controlo dos mesmos" (López, Gutiérrez & Ochoa, 2012, p. 63). Esta descrição (*empowerment*) associado ao poder, à perspetiva ecológica do desenvolvimento humano, leva-nos ao conceito do desenvolvimento local ou comunitário.

Nenhum ser humano consegue alcançar a sua plenitude se não for capaz de exercer um controlo efetivo sobre a sua própria vida, educação, cultura e realidade social que o rodeia. O desenvolvimento comunitário constitui um meio de ação socioeducativa e cultural que prossegue uma formação humana integral e que proporciona aos indivíduos e grupos ferramentas para serem protagonistas do seu próprio desenvolvimento vital. Encarrega-se de eliminar qualquer barreira que possa pôr em causa o exercício da liberdade, criatividade, produtividade, comunicação e participação, sejam elas individuais ou grupais. O desenvolvimento local ou comunitário promove no sujeito e nas populações a promoção do seu desenvolvimento biopsicossociocultural.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Assim sendo, as comunidades vão adquirindo novos comprometimentos na planificação, organização e gestão de infraestruturas e iniciativas vinculadas ao ócio e ao tempo livre. Aqui, surgem o turismo, o desporto e o recreio como atividades económicas

emergentes, integra-se também a cidadania com a qual as comunidades locais através dos movimentos associativos criam ambientes favoráveis ao seu desenvolvimento.

Estudar uma comunidade, torna-se desde logo um processo complexo, uma vez que as gerações atuais foram educadas de acordo com o paradigma de comunidade global, fruto do processo de globalização que já começámos a vivenciar no último quartel do século XX. Ao iniciar, é necessário tomarmos consciência que a comunidade é uma perceção mental, um processo, ou até mesmo um modelo em constante mutação que regularmente se (re)constrói.

Observamos a humanidade como um todo global, inconscientemente colocamos tudo no mesmo punhado. Uma civilização, um estado-nação, um povo e um indivíduo, esquecendo as complexas diversidades e heterogeneidades que se fazem sentir. Assim, Peruzzo e Volpato (2009) afirmam que não se negam as vantagens do mundo globalizado, o interesse pelas raízes insere-se nessa complexidade a ponto de nos fazer ver o mundo por meio das relações e articulações entre global e local e, não, apenas pela globalização. Trata-se da globalização, a dinâmica global que interage com o local, criando e recriando identidades globais e locais. À luz da sociologia, a comunidade foca-se com todas as formas de relação, onde predominam as relações familiares e emocionais. A união, o compromisso moral e a continuidade temporal, produto de ações grupais, normas e valores que permitem a elaboração e sedimentação de objetivos e compromissos comuns, favorecendo o sentimento e a união simbólica.

O sentido de comunidade é um conceito complexo, pois trata-se de um juízo que faz referência tanto a lugares, como a indivíduos e, ainda a sentimentos. Debruçamo-nos nas perspetivas de McMillan e Chavis (1986) que defendem o alicerce comunitário em quatro características: pertença, influência, integração e satisfação de necessidades e, vínculo emocional.

Existe uma estreita relação entre a influência e a consonância exercida na comunidade sobre os seus membros e o sentido de comunidade para os indivíduos. A uma comunidade associa-se um território e uma região, apesar da limitação ser momentânea. Uma região possui características identitárias próprias, influenciadas pela economia, política, cultura e, obviamente pela geografia do território. Estas especificidades geográfico-territoriais integram o simbolismo e o conflito de interesses.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A comunidade deve ser encarada como um conjunto ou aglomerado populacional que habita num determinado lugar, seja ele rural ou urbano. Organiza-se do ponto de vista sociocultural, ligados por caraterísticas, interesses e pretensões comuns.

Quando estudamos uma região interessa-nos, numa primeira análise, interpretar a sua dimensão, a centralidade e a periferia, a economia endógena, os fluxos populacionais, o tráfego e claro, as relações do poder. Este último, parece ser uma conotação atual e um paradigma do mundo posmoderno vivenciado no século XXI. Não nos esqueçamos das origens civilizacionais que na Grécia Antiga o poder já controlava o estado, justifica-o Platão no Livro V (República), nas questões da cidade. Defendia-se que esta não deveria ultrapassar um determinado número de habitantes, ou seja, a população não deveria aumentar demasiado, e que mantivesse caraterísticas sociais, estéticas e de glória (Cravidão, 2019).

A comunidade é um conceito comum no seio das ciências sociais e humanas, nomeadamente à sociologia e à antropologia, apesar de no mundo globalizado, aparecerem diversas construções concetuais que adulteram o seu significado, mantém uma relação de proximidade com agrupamentos sociais, cidades, municípios, bairros, ruas, instituições políticas, religiosas, desportivas.

Perante esta consistência é oportuno sermos mais fundamentalistas, encarando a comunidade como um instrumento eficaz para a análise de microssistemas, ferramenta base para o enquadramento dos estudos locais. Aqui encontramos agrupamentos constituídos por indivíduos que comungam um território definido, ligados por laços de intimidade e convívio pessoal, participação e, ainda, uma herança cultural comum (Dias, 1990). A comunidade é sem margem de dúvida uma construção mental (intemporal) que toma forma, dimensão e localização diversa. Não é uma construção fugaz, pois já foi encetado pelas gerações que antecederam. A comunidade deverá ser examinada para além da construção sociológica, percebendo a interação humana e social entre os membros que a integram, resultado da experiência vivida em harmonia com os demais.

Os fatores temporais, a homogeneidade comportamental, os sentimentos de pertença que vão simultaneamente criando laços sociais e afetivos entre os seus intervenientes, irão particularmente criar um projeto futuro em comum (aceite entre todos). Com base na sociabilidade, dando continuidade geracional a uma determinada comunidade, tal como já defendia Weber (1973, p. 42):

USC DE COMPOSTELA

> *Comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento [da situação comum], a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo.*

Uma comunidade não pode ser entendida como um núcleo, pois não coabita agrupadamente, deste modo Tonnies (1995) afirma que esta poderá estar relacionada com três tipologias: o parentesco, a vizinhança e a amizade.

O parentesco, associado à hereditariedade e à cohabitação, não se limita à proximidade familiar, à vizinhança, está relacionada com a interação, sentimentos de confiança, jorna quotidiana (trabalhos coletivos recíprocos e gratuitos). Nos territórios rurais, como é o caso do território em estudo, a partilha de valores espirituais na eucaristia dominical, a partilha de mercearias, lavadouros e outros espaços públicos e, ainda, as festividades profanas de verão, reforçam os laços de confiança. A amizade que sedimenta as relações anteriormente enumeradas, evidenciam as mesmas formas de pensar e de agir, a fé, o associativismo, o trabalho por uma causa nobre, reconhecendo-se entre si.

Acrescentamos à discussão as formas de organização social na sociedade contemporânea. Palácios (2001) e Peruzzo e Volpato (2009) defendem que alguns elementos fundamentais caracterizam uma comunidade na atualidade: a) sentimento de pertença; b) sentimento de comunidade; c) permanência (em contraposição à efemeridade); d) territorialidade (real ou simbólica); e) forma própria de comunicação entre seus membros por meio de veículos específicos. Para estes autores, a questão da territorialidade assume novo sentido: a comunidade desencaixa-se da localização: é possível pertencer à distância. Isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (*face to face*) por outro (à distância). Possibilita a coexistência de ambas as formas, com o sentimento de pertença, sendo comum às duas.

Encontramos esta veracidade no território em estudo, onde a terra incute ao indivíduo a mensagem que lhe serve de alicerce identitário no seu percurso vital. O lugar onde se nasce se pertence, ou pertenceu, a educação que lhe foi dada, a cultura transmitida. Os ensinamentos que teve e as experiências que partilhou (os jogos, as orações transmitidas), como menciona Dias (1990, p.113):

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *(...) há comunidades que nos impressionam pelas relações que o homem estabelece com a Natureza (...) é a terra que dá o sustento, mediante certos procedimentos de natureza técnica e certos ritos, cultos e práticas propiciatórias (...) as respostas possíveis são sempre várias, às vezes numerosíssimas, e ninguém pode prever, a maneira como o homem a elas se adaptou e elaborou todo um sistema de normas de conduta, de ideias de vida e valores éticos*.

Ainda assim, também o património edificado carrega este percurso. A igreja onde foi batizado (lugar cimeiro de uma comunidade), que quando se parte é também o último a frequentar, a escola onde aprendeu a conviver e a aprender e, ainda, o património natural, os primeiros mergulhos dados no rio, a romaria local, onde no verão, todos se juntam (residentes e ausentes) assumem a coluna identitária do cidadão local. Aqui é fundamental perceber as realidades identitárias na categorização dos bens culturais, ou seja, a patrimonialização vem reforçar a diversidade e a heterogeneidade de identidades culturais, promovendo as comunidades com as suas reproduções culturais, ou seja, o património surge como produto cultural. Carvalho (2008) afirma que o conceito de património cultural tem sofrido mutações vinculando-se aos territórios e às comunidades.

Não existindo sentido de comunidade também seria impossível a génese de programas, planos e projetos de intervenção a nível local, ao serem implementados urge (re)conhecer o território, incluir os atores e agentes locais, o seu *modus vivendi* e *modus operandi*, portanto, é "essencial compreender o meio em que habita a comunidade assim como a forma como preserva ou não o seu património. O património é a essência de um local, indissociável da sua identidade, remete-nos para a história do lugar, ocorrida num determinado tempo, é um recurso imprescindível no âmbito do desenvolvimento local" (Lopes, 2016, p. 16).

Carvalho (2007) enfatiza o desenvolvimento local associado à criação de riqueza e à melhoria das condições de vida da população de um território, tendo subjacente o contexto: social, humano, económico, cultural e natural – integrando os recursos endógenos, motivando a participação dos agentes e articulando com os recursos exógenos. Assim, o espaço é promovido através da interação entre o moderno e o tradicional, das sinergias locais e de redes sociais solidárias, originando novas práticas e soluções inovadoras para os problemas, provocando transformações sociais, políticas e económicas, e ainda, vinculado à diversidade. Permite potenciar aspetos singulares, salientar a sua natureza, fomentar o

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

desenvolvimento através das suas caraterísticas locais e alcançar uma melhor qualidade de vida, um desenvolvimento sustentável.

O património cultural apresenta-se na atualidade como um importante recurso para as comunidades onde está inserido, a sua preservação, salvaguarda e divulgação formam alicerces identitários nos territórios e nas comunidades, são espaços de "regeneração cultural e patrimonial que contribuem para o desenvolvimento sociocultural assim como para a preservar da identidade local. Recuperar o património cultural é animar culturalmente uma comunidade. O seu papel educativo é fundamental, não só como uma vivência educativa em geral, mas também como uma experiência de aprendizagem (Anastácio, 2016; Lopes, 2016).

O património cultural tem um papel fulcral no desenvolvimento estratégico, na construção de futuros coletivos que envolvam programas, planos, projetos, tarefas e ações, com o objetivo de repensar os territórios e as comunidades. Torna-se possível com a valorização dos seus recursos endógenos, esses princípios podem ser elencados por Anastácio (2016, p. 24):

a) Aproveitamento dos recursos endógenos e não depender excessivamente do exterior.
b) Participação das comunidades no planeamento e execução das ações.
c) Independência e autonomia através da educação.

Carbone (2011), considera que a gestão eficaz e a divulgação dos conhecimentos patrimoniais de um território e a sua salvaguarda através do usufruto das áreas de interesse cultural por parte da população, contribui para o crescimento da autoestima e identidade cultural, mas acima de tudo, numa perspetiva económica, fomenta a recuperação de tradições antigas e consequente revitalização de atividades económicas tradicionais, ou seja, o património ocupa assim um papel central nos modelos de desenvolvimento, porque, disseminado pelo território e vivido pelas comunidades, contém em si a genuinidade e a singularidade potenciais geradoras de inovação, de qualificação territorial e de coesão social (Bernardes, Oliveira, Moreira & Valente, 2014).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2.4. Identidade

"A história do património é a história da construção do sentido de identidade e mais particularmente, dos imaginários de autenticidade que inspiram as políticas patrimoniais" (Costa & Castro, 2008, p. 126). A sociedade afirma a sua identidade através da relação que mantém com o património, resguardando a sua história, originalidade e preservação. Nos nossos dias, as sociedades tendem a relembrar e construir ou até mesmo reconstruir a identidade através da celebração de memórias (Magalhães, 2005), assim sendo, "património e identidade só têm valor na medida em que os indivíduos se identificam com os bens patrimoniais, nesse âmbito, patrimonializam esses objetos em coletivo, surgindo deste modo o sentimento de pertença" (Lopes, 2016, p. 13).

Quando nos debruçamos nas temáticas da identidade nunca poderemos descartar a cultura e todo o processo construtivo a ela associado. O conceito de cultura à luz da sociologia, aparece-nos a demonstrar a forma de viver, de sentir, de atuar de interagir com um determinado grupo social e, ainda, os seus modelos de conduta: normas sociais, ideologias, valores, entre outras. Encaramos a cultura como sistema de comunicação, um código, que ao mesmo tempo armazena grandes quantidades de vivências relacionadas com hábitos, costumes, tradições, num processo mutante, dinâmico e inacabado.

A identidade implica uma certa continuidade e uma relativa conformidade, não exclui, porém, uma multiplicidade e uma dinâmica entre forças de assimilação e forças de diferenciação. Ou seja, processos de encerramento e processos de abertura, movimentos com tendências à continuidade, tradição, e movimentos com tendência à mudança. Cada indivíduo constrói a sua identidade social pela pertença a determinados grupos e com significados emocionais que ela reveste. Por sua vez, cada grupo tende a comportar-se como os outros que, na maioria das vezes, acabam por ser desvalorizadas, em relação ao próprio, através do etnocentrismo próprio de cada um de *nós*. Amin Maalouf, citado por Vieira (2009, p. 33) comunga desta ideia, pois afirma que "a identidade de uma pessoa não é um patchwork, é um desenho sobre uma pele esticada; se se tocar numa só das pertenças é toda a pessoa que vibra. A identidade não se reparte em metades, nem em terços, nem se limita a margens fechadas".

USC
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

A (re)construção da identidade é uma problemática de qualquer sociedade, pois cultura e sociedade nunca foram e jamais poderão ser conceções estáticas. Cultura e

identidade cultural são noções dinâmicas, definidas como um conjunto de respostas simbólicas e práticas possíveis de um grupo às solicitações de um meio. Uma cultura é suscetível de adaptação e evolução. Inscreve-se (sempre) num movimento diacrónico. Quando o sujeito interioriza a sua cultura responde à função pragmática ou instrumental da sua operação identitária por uma adaptação ao meio cuja explicação lhe é fornecida também pela sociedade. Atravessando no seu quotidiano uma porção de situações peculiares que o obrigam a uma tentativa de mediação para lhe reagir corretamente. A identidade constrói-se também pelas experiências da vida social, através dos adultos com quem se interage desde criança pelas opções que se tomaram ao longo do percurso biográfico. Ainda, pela educação num todo, pela participação num coletivo que tem hábitos e juízos elaborados. Trata-se de um sistema de referências comuns de um determinado grupo social. A identidade é, assim, um "processo complexo e dialético, uma (re)construção permanente, flexível e dinâmica, é uma constante reestruturação – constante metamorfose – para um novo todo" (Vieira, 1999, p. 40).

Na atual sociedade (complexa), o holismo deu lugar à diversidade, a cultura harmoniosa das comunidades fechadas sobre si próprias deu lugar à heterogeneidade. As experiências sociais são inúmeras e a educação recebida é diferenciada consoante o grupo de onde se provém. A sociedade ocidental, e até mesmo a portuguesa, independentemente do número de minorias étnicas presentes no sistema social ou, em particular, nos diferentes quotidianos, é constituída por diversos grupos com a suas culturas próprias e formas dispares de encarar a mesma realidade. A cultura tem, pelo menos, dois sentidos. Um é o que se refere ao tecido de significados e imagens que permitem a um grupo de pessoas a sua coabitação dentro de um espaço. O outro, é o sentido mais reflexivo e, digamos assim, mais consistente, que é a produção de objetos que se referem a este tipo de significados (Vieira 1995).

A identidade cultural resume-se a um processo que se constrói e que se estrutura do ponto de vista social, simbólico, económico e político, expedindo, também, uma historicidade. A territorialidade cultural de um determinado grupo socialmente organizado, não rejeita a globalidade dialética da cultura humana. Logo, a "localidade aparece como um *lugar de negociação* entre uma negociação básica e sistemas de representação e de afirmação da identidade" onde "o imaginário é mais rico que as objetivações histórico-culturais, concedendo um sentido social (mental) às variadas realidades" (Costa, 2002, p. 8).

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Erik Erikson citado por Café (2012), construiu e desenvolveu o conceito de identidade, devido à destruição das identidades tradicionais (tribais e rurais), construindo identidades no cerne do mundo comunitário, devido à destruição dos laços familiares e relações de proximidade.

José Manuel Castells citado por Bastos (2007) enfatiza a emergência de poderosas expressões das identidades coletivas que ameaçam a globalização e o cosmopolitismo em nome da singularidade cultural e do direito dos povos ao controlo das suas vidas e do meio ambiente. Na atualidade, a identidade, tornou-se um dos conceitos mais enfatizados do seio das ciências sociais e humanas e das ciências da educação. O conhecimento científico traz-nos a certeza de uma relação entre o trinómio: comunidade / memória / identidade, pois enfatiza o sentimento de pertença a um território, partilhando referências a um passado comum, transitando entre gerações pela memória. Estes sujeitos acreditam que o coletivo possui características únicas e singulares que criam uma identidade própria. Le Goff, citado por Café (2012) afirma que é a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia do lugar, a sua própria história de vida, as suas experiências sociais e lutas quotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha.

Sem o enunciado anteriormente, a comunidade, não tem condições de compreender a história da sua localidade, como foi construída pelos homens através dos tempos, nem sequer aquilo que a caracteriza. Sem memória, não se pode situar no lugar pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante/lugar, impossibilitando a pessoa de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história. Nesta linha, Bastos (2007) acrescenta que o conceito de identidade é orientado para o passado, para as raízes nacionais e familiares e para as memórias estruturantes. A identidade inclui não apenas o orgulho genealógico e a pertença a grupos e locais valorizados, mas, também, os afetos associados à perda inevitável desse mesmo passado, o que dá origem a um tipo clássico de museologia da nostalgia. Aquela que visa conservar os restos da história e das biografias para permitir a revitalização de uma "pertença" e a reconstrução imaginária vantajosa das histórias identitárias dos seus detentores. Assim sendo, com a disciplina novecentista do *Folk-Lore*, esta museologia da nostalgia luta contra a morte do passado, ensaiando presentificá-lo como um projeto de futuro momentaneamente subalternizado no presente. Como se sabe, alimenta todos os revivalismos e fornece a base de todas as essencializações que tentam bloquear a inevitável chegada da mudança.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Em suma, a identidade é um processo multidimensional que depende do tempo em que é conjugado e articulado entre si e o passado, o presente e o futuro, ao mesmo tempo que dissocia os espaços, as instituições e as categorias sociais. Um processo nunca acabado, em constante construção, repleto de tensões. Em ambiente grupal o indivíduo encontra-se perante dois polos na construção da sua identidade. Primeiro como espelho do social, reproduzindo as especificidades do seu grupo, segundo, alumia a chama da sua individualidade. Somos simultaneamente universais e singulares, integramo-nos no global e nos nossos grupos sociais (comunitários) restritos.

Desde modo, Nobre (2009) assegura que a identidade é influenciada pela memória social; ambos os conceitos encontram-se reciprocamente relacionados e confrontam o indivíduo com o meio social, seja esse próximo ou distante. A identidade social de um indivíduo, ou de um grupo, é caracterizada pelo conjunto das pertenças do seu sistema social. Logo, o indivíduo encontra a identidade na categoria sexual, na categoria etária, numa esfera social, numa nação. O grupo, também é dotado de uma identidade e de uma definição social negociada que permite situá-lo no conjunto social, no qual a memória representa um fator de coesão indispensável.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2.5. Memória

A memória é, indiscutivelmente, o instrumento cognitivo mais importante que o ser humano possui. Com este utensílio armazenamos o conhecimento adquirido ao longo do processo vital, seja ele individual ou coletivo. Sem ela não seriam possíveis as vivências contínuas, ligadas ao processo de desenvolvimento cognitivo-motor, educativo, social, comunitário. O estudo da memória tem sido deveras enfatizado ao longo das últimas décadas nos estudos do envelhecimento, onde a gerontologia e a geriatria lhe atribuem um lugar de destaque. Pois, a "memória é composta por estruturas e processos que são responsáveis pela passagem da informação pelo sistema, as estruturas da memória seriam comparáveis ao *hardware* do computador e os processos representariam o *software*" (Yassuda, 2006, p. 1245). Debruçamo-nos na comparação contemporânea às tecnologias da informação e comunicação, logo, percebermos a importância que a memória tem no funcionamento do corpo humano. O cérebro e a funcionalidade cognitiva comandam toda a ação humana. Interessa-nos a intervenção com pessoas idosas, de forma a ser enfatizada a memória de longa duração. A memória episódica, transmitindo a informação espacial e temporal e a reminiscência de acontecimentos vivenciados nas primeiras décadas de vida.

São diversas, as áreas de conhecimento que dedicam à memória partes dos seus estudos. Nas questões patrimoniais, a memória, a identidade e património, procuram sedimentar o cruzamento destes conceitos. A memória será um cativador constante do passado, pois, o património (material e imaterial), parece consolidar a agregação de uma comunidade. Na perceção de uma identidade local comum, "a memória não pode ser entendida como apenas um ato de averiguação de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado, esta deverá ser entendida como um processo dinâmico da própria rememorização, o que estará ligado à questão de identidade" (Costa, 2015, p. 43). A memória possui um caráter dinâmico, uma capacidade crítica e modeladora da imagem individual e social, pelo que pode ser evocada a qualquer momento. É sempre atual, alimenta-se de lembranças e cria sentimentos de pertença e de identidade.

O sociólogo e matemático francês Maurice Halbwach (1980) enceta a conceptualização da memória enquanto fenómeno eminentemente coletivo. Enfatiza, ainda, as recordações como processos coletivos, visto nunca vivermos nem interagirmos isoladamente. Assim sendo, a memória tem como principal função promover a relação entre membros de um grupo com base no seu passado coletivo, fornecendo uma ilusão de

USC UNIVERSIDADE SANTIAGO

continuidade que favorecerá a manutenção da identidade do grupo, no espaço e no tempo. Para Halbwachs (1980, p.130):

> *a identidade coletiva precede a memória, determinando àquela o conteúdo desta considerando, portanto, que a identidade é estável e coerente, negligenciando a natureza dialógica, negocial, conflitual quer da identidade quer da memória, considera ainda que a memória e a identidade sistemas estáticos que favorecem a coesão social, submetendo a memória ao determinismo social, negligenciando as tensões dialéticas existentes entre a memória individual e a construção social do passado.*

A recordação é feita pelo indivíduo que a relembra enquanto membro de um grupo da sociedade. É aqui que os sujeitos adquirem normalmente as suas memórias, na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas lembranças. Apesar da premissa de que todos os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu próprio passado coletivo e que essa memória é indissociável da manutenção de um sentimento de identidade que permite identificar o grupo e distingui-lo dos demais, é ainda o ponto de partida de todos os estudos sobre esta matéria.

No sentido de evitar o determinismo coletivo de Halbwachs, Frentress e Wickham citados por Hobsbawm & Ranger (2002), referem-se à "memória social", ao invés de "memória coletiva", produzida através do poder político, e da teoria da "invenção das tradições". Muitas vezes, estes costumes, parecem ou são considerados antigos são bastante recentes, quando não são inventados (Hobsbawm & Ranger, 2002). A designação "tradição inventada" é utilizada num sentido amplo, incluindo as tradições que são realmente inventadas, ou as que surgem de uma maneira difícil de localizar no tempo. Entende-se o conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitáveis. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (Hobsbawm & Ranger, 2002). Estes autores reconhecem, ainda, a diferença entre tradições inventadas e tradições adaptadas. Assim, quando existe uma invenção da tradição é sinal que a mesma já não se encontra viva na sociedade. Existem reservas em relação a esta abordagem que devem ser enfatizadas. Não é o fato de que as tradições são inventadas e construídas nem o pressuposto de que a invenção das tradições incorpora sempre relações de poder. Aqui, na verdade, é o grau em que a celebração de um passado coletivo concorre para a construção ou manutenção da legitimidade política, ao

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

considerar-se como uma variável em qualquer estudo da memória social. A construção da memória no caso concreto do indivíduo está relacionada com a influência dos diversos grupos pelos quais é influenciado. Desta forma, constata-se a forma como se guardam memórias diferenciadas, pois "a memória individual é constituída pela combinação aleatória da memória coletiva dos diversos grupos de que uma pessoa possa ter sofrido influência" (Casadei, 2019, p. 5)

O que se questiona é, se esta deve ser a única variável em estudo, não abordando a possibilidade da permanência de memórias de grupo ou de outras memórias espacialmente localizadas em paralelo com as memórias oficiais. Perante isto, surge a abordagem da memória popular (nome justificado pelo facto desta se concentrar na resistência popular à ideologia dominante), a qual, coloca em confronto as representações oficiais do passado, originadas pelos poderes políticos. As representações desse mesmo passado impulsionadas por parte de certos grupos e segmentos sociais que não aderem às representações oficiais. Assim sendo, o estudo da memória, é encarado mais recentemente como um processo dinâmico que deriva de diferentes discursos e narrativas.

Sepúlveda Santos (2002), dá ênfase ao estudo da memória ligada à amnésia coletiva onde descreve o mundo como absurdo, destruindo a tradição e os arquivos do passado. A sociedade moderna fortemente capitalista, burocrática e consumista, onde o ser humano se apresenta despido de sentimentos, laços comunitários, o velho paradigma é substituído por informações e lembranças do passado. Os princípios que serviram de matriz solidária entre gerações caíram em esquecimento, tornando-se rejeitáveis e transitórios. Entende-se por memória a compreensão a partir do processo seletivo que envolve a lembrança e o esquecimento. A memória que se tem do passado existe em associações e estruturas coletivas e ainda é vista como um ato de lembrar ou esquecer as práticas sociais. Assim sendo, é através do esquecimento que alguns aspetos perduram em detrimento de outros que desaparecem.

A memória engloba uma aprendizagem social, "não se reduz à reconstrução do passado no presente ou às determinações do passado sobre o presente, na sua diversidade, perceção, manutenção, reconstrução e aprendizagem relativa ao passado" (Santos, 2002, p. 143). A memória pode significar controlo e, ao mesmo tempo, emancipação, pois é "toda uma reconstrução parcial e seletiva do passado, cujos pontos de referência só podem ser fornecidos pela sociedade. Esta interessa-se cada vez menos pelo funcionamento da memória

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

do que pelas suas funções sociais em diferentes meios de enquadramento psíquico – família, classes, comunidades" (Nobre, 2009, p. 40).

O património cultural é, também, fruto da influência da memória, pois engloba elementos herdados do passado, incluindo-os nesta categoria. Na atualidade torna-se impossível preservar todos os elementos culturais, mas é possível preservar a memória e transmiti-la em diferentes perspetivas intergeracionais fortalecendo um conhecimento do mundo sobre o passado.

De forma a conseguirmos compreender o tempo presente deparamo-nos com a necessidade de perceber o passado. Com a aproximação entre a história e a memória, levamos a perceber que necessidades de memória são necessidades históricas, encaminhando-nos a um tempo passado, com uma consciência viva no presente. A história e a memória trazem aos nossos dias a descrição dos factos vividos nos lugares onde ainda persiste uma *panóplia* de acontecimentos. Surge aqui um lugar intermédio entre o tempo presente e o tempo passado. É neste local intermédio que se condensam as alusões ao passado com significados atribuídos a partir do presente. Assim designamos o conceito de **lugar de memória** (Martins, 2014).

O lugar de memória aparece-nos pela mão do famoso historiador francês Pierre Nora da década de 70 do século XX, ainda restrito à sociedade francesa. Duvidou-se da sua pertinência noutras realidades sociais, mas em curto espaço de tempo foi percetível a sua aplicação a diversas realidades de outros países, sentida pela problemática denominada desritualização do nosso mundo. A transformação significativa das estruturas sociais relacionadas acima de tudo com o desaparecimento do campesinato e a génese de uma cultura social cada vez mais industrializada, propiciou alterações cada vez mais céleres e contínuas. Assim, "neste contexto de mutações rápidas, assiste-se a constantes reconfigurações do papel exercido pela memória nessas sociedades" (Martins, 2014, p. 22).

Pierre Nora (1993) de acordo com Martins (2014), apresenta um quadro evolutivo da forma como as sociedades utilizam a memória evidenciando as sociedades/memória, o estado/nação, que o substitui estado/sociedade. Aqui a memória (integrada, ditatorial e inconsciente) de si mesma cumpre na plenitude o seu papel de conservação e transmissão dos valores típica nas *sociedades/memória*. Assim, a memória vai deixar de conseguir cumprir, em plenitude, o seu papel de transmissora de referências que permitem ao indivíduo

sentir-se integrado na dinâmica da sua sociedade. As *sociedades/memória,* na perspetiva deste autor, tiveram como finalidade os estigmas inerentes à família, escola, igreja e Estado. Estes eram suficientes para a manutenção das respetivas sociedades, no entanto, com a emergência dos *Estados/Nação, a* memória passou ainda a reter como paradigma os próprios ideais da Nação, ou seja, uma memória tutelada pelo Estado, recuperando-se do passado apenas as dimensões que estariam de acordo com os seus interesses próprios.

A construção e funcionamento de um *lugar de memória* são entendidos, na perspetiva de Ana Cristina Martins (2014), como uma seleção dos meios com que se materializará (dimensão material) a implementação de dinâmicas de funcionamento para cumprimento do seu propósito (dimensão funcional), principalmente o porquê de assegurar a manutenção desse lugar (dimensão simbólica). Torna-se evidente que os *lugares de memória* surgem para dar resposta ao sentimento de descontinuidade entre o tempo presente e o tempo passado que surge na sequência das rápidas transformações sociais. A génese destes lugares não ocorre de forma esporádica, pelo que, sendo espaços construídos no presente para consolidar uma ideia de continuidade do passado, obedecem a um misto de propósitos. Subsistem interesses quando se constroem *lugares de memória,* estes estão, regra geral, muito próximos de discursos identitários. Percebemos que os *lugares de memória* não são lugares estáticos fechados em si mesmos, mas sim lugares em constante mutação que lhe é assegurada pelo caráter vivo que a memória possui.

Em suma, serão lugares de transição porque estão predispostos a uma constante mutação. Enquanto jogo da memória e da história, nestes quadros de transição para além da cristalização de um passado, poderão compreender a preocupação de projetarem o futuro. Uma vez que os lugares de memória só vivem da sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (Martins, 2014).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2.6. Cidadania e educação patrimonial

Numa perspetiva mais abrangente ao longo da redação do presente capítulo já nos debruçamos nas cartas internacionais em questões de cidadania e de educação patrimonial. São cada vez mais os documentos a serem produzidos com o alerta e a importância destes conceitos. Já no início do século XX, a Carta de Atenas (1931), referenciava pelo seu artigo 4.º b) o papel da educação no respeito pelos monumentos, também a Carta Europeia do Património (Amesterdão, 1975), pelo seu artigo 9.º, a Recomendação para a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos (Quénia, 1976) nos pontos 47.º, 48.º e 49.º e, ainda a carta de Florença de 1981, pelo seu artigo 25.º mantém a mesma perspetiva de orientação educativa e cidadã.

A Carta de Estrasburgo de 1999, pelo seu princípio IV – 1, defende o estímulo à realização de programas educativos, a todos os níveis, em meio escolar ou extraescolar, com a justificação acrescida de uma maioria dos estabelecimentos de ensino funcionarem em espaços construídos no século XX. A Carta do México de 1999, sobre o património construído vernáculo, salienta a importância de programas de formação para apoiar as comunidades na manutenção de sistemas artesanais tradicionais de construção, que enalteçam a consciência pública sobre o vernáculo, especialmente as gerações mais novas.

Com a chegada do novo milénio, a Carta de Cracóvia (2000), no seu artigo 13.º preconiza a formação e a educação em património cultural, exigem a participação da sociedade e a integração dos territórios patrimoniais nos sistemas nacionais de educação a todos os níveis. A declaração de Faro (2005), no seu artigo 12.º alerta para se tomar em consideração o valor atribuído ao património cultural com o qual se identificam as diferentes comunidades patrimoniais.

Posto isto, passamos a esclarecer conceitos. Cidadania, numa linguagem simples, entende-se como o conjunto de direitos e deveres que o indivíduo tem num Estado de Direito. Marshall, citado por Ferreira (2021) foi dos primeiros autores a importá-la para o campo da sociologia nomeadamente para demonstrar quanto a evolução e o crescimento dos direitos, foram contribuindo para a aceitação e legitimação das desigualdades sociais inerentes à sociedade capitalista. Infelizmente, não chegou a contemplar no seu estudo a importância de outros direitos (como os direitos culturais e ambientais), que se viriam a revelar integrantes das democracias mais avançadas e, de um modo geral, do quadro das interdependências mundiais a que hoje denominamos por globalização. Os direitos de

cidadania, a "participação e os envolvimentos cívicos e políticos que acompanham o exercício desses direitos, não se restringem, pois, à defesa de interesses e valores associados às condições económicas e sociais, tão pouco à escolha eleitoral dos representantes políticos" (Reis, 2016, p. 86). Candau (2005, p. 19) afirma que "não se deve contrapor igualdade à diferença, de facto, a igualdade não está oposta à diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõe à igualdade, e sim à padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o mesmo, à mesmice". Assim, na perspetiva de uma educação cidadã, as ações pautadas na diversidade cultural devem ter como premissa aspetos tanto da identidade quanto da diferença, e tem como responsabilidade não só reconhecer e celebrar a diferença, mas também questioná-la, a fim de perceber como ela está constituída social e discursivamente (Pereira, Afonso & Magalhães, 2018). Nesse sentido, Kerbauy (2009, p. 65) corrobora a opinião de Hall (2006), ressaltando que:

> *Diante da diversidade cultural e das multiplicidades de culturas que necessitam ser compreendidas e conservadas em suas diferentes manifestações indaga-se: como promover políticas de igualdade de oportunidades de inclusão, modificar a visão padronizada da cultura de massas, reinventando e recriando novas formas de administração do conhecimento que leve em conta as singularidades e heterogeneidades.*

Nas duas primeiras décadas do século XXI muito se tem falado e discutido a temática da cidadania e educação para a cidadania. Assim sendo, não pode continuar a estar confinada à transmissão de regras cívicas, dos direitos e dos deveres enquanto membros de uma determinada comunidade (Ferraz, Condessa & Fonseca, 2018). Estas autoras, interpretam-na como um agente interventivo e responsável na sociedade global e desafiadora – "educar para a cidadania ativa". O conceito cidadania pressupõe, desde a sua génese na Grécia da antiguidade clássica, a atividade e a participação dos indivíduos na vida da comunidade. A sua exigência demonstra, no seu entender, que as sociedades não se têm aplicado no desenvolvimento do verdadeiro sentido da cidadania, que não têm cumprido a sua função de educadoras e de socializadoras, provavelmente, por ainda estarem presas à revelação de códigos de conduta e modos de ser.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Emerge a exigência de educar para a cidadania ativa, numa sociedade democrática, global, axiologicamente plural, que caracteriza o contexto contemporâneo à convivência com a diversidade e à responsabilidade por si e pelos outros, tanto os vulneráveis, como a

natureza e as gerações vindouras. É nesta linha de ideias que o relatório dos saberes básicos do cidadão do século XXI (Cachapuz, Sá-Chaves & Paixão, 2004, p. 29) define a cidadania ativa como um dos cinco saberes básicos, perspetivando-a como saber

> *Agir responsavelmente sob o ponto de vista pessoal e social no quadro das sociedades modernas que se querem abertas e democráticas no quadro de uma ética da responsabilidade, solidariedade e tolerância, lidando adequadamente com diferenças culturais e de género passa por aqui, bem como a sensibilização para a importante vertente do desenvolvimento sustentável.*

Educar para a cidadania ativa, nos termos em que esta é definida atualmente, pressupõe um projeto educativo integrado, intencionalmente planificado e contextualizado nos interesses e necessidades que seja capaz não de inculcar regras e formas de conduta, mas de promover a vivência cidadã e o desenvolvimento de uma consciência moral autónoma. Condessa (2012, p. 107) defende que, na educação, deverá existir "uma necessidade crescente de consciencializar cada cidadão da(s) sua(s) cultura(s) por forma a se manterem informados, a participarem ativamente na comunidade envolvente e a perpetuarem essa(s) mesma(s) cultura(s)". A sociedade contemporânea não tem sentido sem uma referência ao campo educativo, sendo que a educação não é apenas uma preocupação do sistema educativo, mas antes um instrumento social e cultural indispensável para a coesão comunitária e pessoal (Correia & Silva, 2018). Por uma diversidade de percursos educativos chegamos à educação patrimonial, entendida como um método de ensino, praticado em diferentes contextos segundo a sua finalidade. Este processo educativo procura dar a conhecer o bem ou bens patrimoniais evidenciando as suas potencialidades e interesses. Encara-se também, como processo cognitivo que procura divulgar a essência do bem que se quer destacar, a sua riqueza histórica, potencialidades e limitações, no contexto da sua proteção e salvaguarda, enquanto representante de um testemunho da memória coletiva ou individual (Lopes, 2017).

Por educação patrimonial entendemos, ainda, o ato de educar, de desenvolver capacidades cognitivas de forma livre através da interação dos vários elementos explorados procurando promover a participação e o desenvolvimento de uma atitude crítica, estimulada através do diálogo e identificação cultural, na tentativa de criar soluções para os diversos problemas detetados (Custódio, 2000, 2010). É ainda, "um processo permanente e

USC DE COMPOSTELA

sistemático de trabalho educacional centrado no património cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo" (Florêncio, 2014, p. 65).

A educação patrimonial pode funcionar como uma ferramenta de "alfabetização cultural". Horta, Grunberg & Monteiro (1999. p. 6) afirmam que:

> *Possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, lavando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo educativo, leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura, compreendida como múltipla e plural.*

Nesta lógica, a educação patrimonial considera que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras de referências culturais (Duarte, 1994). Com uma metodologia interdisciplinar, onde se reflete a solidariedade, o respeito, a tolerância, o desenvolvimento do espírito crítico e do gosto estético, a sensibilização para a preservação e proteção do bem patrimonial.

Falar em educação patrimonial é falar em três realidades distintas de atuação: educação formal, não formal e informal, pois procura-se promover o conhecimento e estabelecer pontes didáticas entre o bem patrimonial e as pessoas, promovendo consequentemente sentimentos de pertença e identidade, deste modo, fomenta-se a perceção e a integração da herança cultural que se pretende transmitir, logo, a identificação com o património envolvente contribui para uma cidadania ativa com responsabilidades diretas na salvaguarda e proteção patrimonial, sendo que esta identificação só acontece quando se compreende o património e se interpretam as suas vertentes (Lopes, 2017). A educação patrimonial por vezes torna-se complexa, porque pode afetar, e de facto afeta, qualquer pessoa, independentemente da sua idade, origem, formação cultural, estória de vida, percurso educativo. Nesse sentido, a educação patrimonial é universal, na medida em que pode atingir qualquer pessoa, e é também particular, pois cada indivíduo criará a sua própria aprendizagem e conexão com o património ao qual se identifica.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Encontramos diversas metodologias e estratégias na perspetiva educativa, de acordo com o âmbito ou o contexto. A prática socioeducativa, em contextos de educação

patrimonial, ocorre em contexto formal, não formal, e ainda, em espaços educativos mais informais.

O contexto formal, como é conhecido, está relacionado com todo o percurso desde o pré-escolar, básico, secundário e superior, devidamente regulados pelo sistema educativo. O não formal refere-se a ações educativas ocorridas em contextos educacionais não tutelados. Enquanto que o âmbito informal ocorre naturalmente nos espaços patrimoniais ou ambientes educacionais regulamentados, uma vez que são contextos paralelos dentro da sociedade, documentários, séries, festividades, etc.

Será possível, trabalhar a intervenção socioeducativa com o recurso à educação patrimonial? Trata-se de uma questão que deixamos em aberto. No entanto, tentamos dar-lhe resposta, e com base em García Molina (2015) que nos elucida que apesar de ser uma disciplina jovem, a educação patrimonial já tem um percurso interessante, apresentamos novas diretrizes com ferramentas educativas e patrimoniais:

1. Educar com o património é instruir com os vestígios do passado, de qualquer tipologia, isso implica, portanto, abordar esses vestígios e compreendê-los, dando sentido aos espaços que percorremos no nosso quotidiano (Santacana & Coma, 2014);

2. Através desta abordagem ao passado, desenvolvem-se habilidades mentais relacionadas com a observação, descrição, comparação, análise; a capacidade para fazer questões pertinentes, aprendendo a aplicar métodos de recolha de informação;

3. A educação patrimonial implica apresentar a diversidade de modos de vida, de respostas a problemas únicos ou recorrentes dos seres humanos, heterogeneidade de comportamentos, diversidade cultural, diversidade de interpretações, diversidade de manifestações artísticas, etc.;

4. Por ação da educação patrimonial, as emoções podem ser trabalhadas, conectando-se com o passado da nossa localidade, estórias individuais ou coletivas, criando empatia e participação dos elementos de uma comunidade;

5. Educar com o património permite conexões com a identidade e reconhecimento social;

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

6. Podem-se discutir temas que habitualmente podem ser desconfortáveis dentro de outra perspetiva: religião, guerras, conflitos, preconceitos raciais, sexo, maus-tratos infantis, etc.;

7. Educar por ação do património reforça a consciência humana, no sentido de que ajuda a refletir sobre as perdas e conquistas, a vivência dos nossos antepassados e a aproximação humana aos valores culturais de outras gerações;

8. A educação patrimonial permite trabalhar o respeito pelos bens coletivos (naturais e culturais), entendendo a conexão intergeracional e o conceito de legado;

9. A conexão com o património favorece o trabalho interdisciplinar, relacionando linguagem, criatividade, história, geografia, biologia, arte, etc., e, ainda, trabalhar em inteligências múltiplas e multissensoriais;

10. Por fim, educar com património abre um campo imenso para desenvolver as novas tecnologias (Santacana & López, 2015; Santacana & Coma, 2014; Llonch & Martín, 2014).

Estas recomendações lançam o repto ao atual panorama educativo. A educação patrimonial parece-nos ser uma opção coerente com a criação de uma cidadania crítica, desenvolvendo ações contínuas para uma faixa de cidadãos sensível à herança do passado, coesa com o seu presente e com o desejo de um futuro promissor. Em suma, a educação patrimonial, embora não seja o único método ou forma de desenvolver uma cidadania comprometida com o meio ambiente e com uma sociedade crítica, emerge (como já vimos) como uma alternativa a desenvolver na modernidade.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2.7. Associativismo local

As associações nascem em Portugal à luz da Constituição e do ponto de vista da sua criação trata-se de um processo simples. Os cidadãos têm o direito de se associarem livremente, sem que esta dependa de qualquer autorização, no entanto, estas instituições não poderão promover a violência nem fins contrários àqueles que se encontram consagrados na lei penal, sendo coletivo livre, nenhum indivíduo será associado por obrigação (Carvalho, 2013).

Na atualidade a forma mais rápida para a sua conceção é através das Conservatórias do Registo Comercial, onde existe já uma base de organismos criados, com atribuição do respetivo número de pessoa coletiva e de segurança social; os interessados na sua constituição apenas precisam de escolher o desígnio que mais lhe agrada e marcar com os serviços a escritura pública, tudo este processo é feito na hora. Se o desígnio for demasiado específico e os sócios fundadores tiverem interesse num desígnio próprio será necessário efetuar o pedido através do Registo Nacional de Pessoas Coletivas, mas o processo é mais moroso.

Para definir as atividades de uma associação será necessário identificar a forma como a coletividade se apresenta aos associados e à comunidade, a elaboração dos Estatutos ou Regulamento Interno (de acordo com os requisitos obrigatórios segundo a legislação) (Fernandes & Castro, 2005). A estrutura é formada por três órgãos sociais: Assembleia Geral, Direção e Conselho Fiscal O primeiro integra o presidente e dois secretários; o segundo, o presidente, o secretário e o tesoureiro; o terceiro, presidente, secretário e relator.

No nosso país, a ascensão do movimento associativo ligado à defesa do ambiente, à cultura e ao recreio, as instituições particulares de solidariedade social e as iniciativas de desenvolvimento local apresentam mudanças significativas no comportamento associativo (Monteiro, 2004). De acordo com este autor, comparativamente a outras realidades internacionais, o Estado português primou as suas intenções ao estabelecer condições legais de reconhecimento e apoio a iniciativas ligadas ao desenvolvimento associativo local (Jerónimo, 2015), tal como evidencia Coelho (2008, p.3):

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *Contudo, ao nível local, em meio rural, apenas foram surgindo algumas iniciativas de carácter humanitário, recreativo, cultural ou desportivo, muitas das vezes por fragmentação das organizações existentes: ou era o*

> *grupo desportivo, o rancho folclórico ou o grupo de cantares que, saído da Casa do Povo, se autonomizava e, nalgum dado momento, se legalizava. Noutras ocasiões tratava-se de grupos que surgiam como novas iniciativas, quase sempre na forma de associações culturais, desportivas e recreativas.*

As associações têm um papel fundamental na coesão social e na participação democrática dos cidadãos, nesta perspetiva, Viegas (2004), salienta que a própria sociedade é percebida em três horizontes de funcionamento: o estatal, no qual se emanam decisões que abrangem globalmente o território; o mercado, onde os cidadãos atuam com objetivos lucrativos; e ainda, a sociedade civil que se operacionaliza voluntariamente na agregação livre dos sujeitos, numa perspetiva não-lucrativa.

Entende-se então, de acordo com Lemos (2013) que as associações são o alicerce da sociedade civil, são elas que transportam para o domínio público as problemáticas sentidas pelos atores sociais ao nível privado, pelo seu desempenho, o seu movimento origina que as problemáticas comunitárias sejam discutidas na esfera pública, acima de tudo com a interferência dos meios de comunicação.

Quanto à tipologia de associações, Viegas (2004) e Carvalho (2015) evidenciam: a) associações políticas; b) associações que manifestam os novos movimentos sociais; c) associações de cariz social. A realidade portuguesa integra o modelo dos movimentos sociais, juntamente com o associativismo desencadeiam espaços onde é possível a realização reivindicações e lutas sociais emergentes, a juntar às novas modalidades de participação social, como salienta Carvalho (2015, p. 14):

> *Os novos movimentos sociais constituem uma participação social importante sendo potenciais agentes de transformação, preocupando-se a nível das identidades, autonomias e territorialidade. Enquanto os movimentos locais estão ligados ao território onde desencadeiam as suas lutas, pois o espaço é importante na construção da sua identidade, já que é a base territorial das práticas sociais e das representações e práticas simbólicas que nele se desenvolvem.*

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Lemos (2013) influenciada por Veigas (2004), explana o movimento democrático do movimento associativo em três níveis.

1. As associações têm força a nível individual, na forma em que dão sustentabilidade a uma cada vez maior informação das capacidades simbólicas, do auxílio assertivo e do sentimento participativo, ao aumento do sentido crítico assim como de uma melhoria generalizada dos atributos cívicos;
2. As associações têm uma ação ao nível do domínio público, pois representam as reivindicações das diversas classes, promovendo a comunicação a nível público gerando o diálogo político;
3. As associações têm a sua intervenção a nível institucional, pois representam interesses, identidades e o cumprimento de normas, dando apoio em demonstrações coletivas onde é indispensável a defesa de causas comuns, e ainda, assumem a coordenação e regulamentação de objetivos, pois têm influência sobre a implementação de políticas de caráter e direito públicos.

O associativismo, sem margem para dúvidas, está na base da ação local e comunitária, pois de acordo com Vilaça (2004) citado por Lemos (2013, p. 39):

> *(...) as associações têm um contributo para a gestão política local, pois é através delas que os cidadãos exercem o seu direito de cidadania, ou encontram na sua intervenção uma forma de a alcançar, nomeadamente nas situações de exclusão social. Os órgãos que estão mais próximos são também os que causam maior empatia, facilitando deste modo a mobilização da população, uma vez que os laços de vizinhança e a consequente partilha de identidades facilitam todo esse processo. A autora acrescenta ainda que este novo interesse pelo associativismo significa também uma "busca de identidades" dos novos grupos sociais que se organizaram na sociedade.*

De acordo com Martins (2004) o número de associações sem fins lucrativos, o chamado terceiro setor triplicou entre 1986 e o ano de 2000, têm reforçado o desenvolvimento das comunidades e o envolvimento participativo dos atores locais. Estes *modos operandi* são enfatizados por Vilaça (1994, p. 406) e Carvalho (2015, 10):

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *A cultura associativa é "o conjunto de valores comuns e de temas que servem de linha de orientação, isto é, o conjunto de representações que é partilhado pelas diferentes associações".*

> *As associações têm, então, como linha a qualidade de vida e as relações sociais, sendo porta-vozes da sociedade civil, criticando os partidos pela incapacidade e a falta de pragmatismo na resolução dos problemas do quotidiano – democracia local. Portanto, o associativismo contribui para uma nova dinâmica política nas coletividades locais, lutando por uma palavra a dizer sobre a gestão política local e do quotidiano em geral, procurando a participação e deste modo a sua identidade. Assim, as associações podem ser uma das formas para os grupos lutarem e afirmarem a sua identidade, estabelecendo dessa forma os limites do seu território. Os objetivos do grupo podem ser a luta por melhores condições de vida urbana, pela afirmação de autonomias locais e regionais, procurando novas formas de comunicação com o Estado, evitando deste modo os canais tradicionais.*

As associações nas comunidades rurais enfatizam o desenvolvimento comunitário, envolvem os seus habitantes numa iniciativa comum onde se destaca o voluntariado as relações familiares e de vizinhança, mantém a coesão local, e promovem a preservação de identidades culturais comuns às comunidades e aos territórios. Belide não é exceção, apresento esse quadro neste trabalho no capítulo VI.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CAPÍTULO III

ESTUDO EMPÍRICO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

3.1. Opções metodológicas

O cumprimento dos objetivos apresentados implicou uma análise e escolha metodológicas capazes de nortear toda a investigação, e ainda, a interpretação da informação obtida.

Sendo os Estudos Culturais a área científica que sustenta este doutoramento, convém referir que se trata de uma prática emergente de política cultural. Esta área serve-se da metodologia e modelos das Ciências Sociais e Humanas. Os Estudos Culturais de acordo com Baptista (2012, p. 20):

> *(...) passaram a apresentar-se como uma prática intelectual dispersa, cujo único centro talvez tenha passado a ser o de procurar articular e fazer dialogar com três nós problemáticos essenciais: cultura, teoria e ação cívica. Não obstante esta dimensão de fragmentação e pulverização, foi-se assistindo, paralelamente, ao nascimento dos Estudos Culturais como uma área mais circunscrita e institucionalizada e gozando de reconhecimento académico num número limitado, mas crescente, de países.*

De acordo com esta autora, integram esta área de conhecimento, diversos investigadores oriundos dos estudos literários, linguística, sociologia, história, antropologia, comunicação, geografia, estudos fílmicos, psicologia, educação e filosofia.

Dentro dos Estudos Culturais usamos a metodologia etnográfica tal como defendido por Baptista (2012, p. 25):

> *A metodologia etnográfica, designa essencialmente procedimentos de observação participante, entrevistas em profundidade e grupos focais. Tem como elemento fundamental a concentração no detalhe do quotidiano enquadrando no todo da vida social. Para isso, procura articular de forma profunda e fundamentada a abordagem empírica e teórica. Sublinhe-se o quanto, nesta perspetiva, a investigação em Estudos Culturais trabalha essencialmente com problemas de 'tradução' e justificação, não procurando propriamente a 'verdade objetiva', mas a compreensão do significado mais profundo dos discursos e das representações sociais e culturais. Compreende-se assim que esta metodologia se encontre*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *particularmente apta para abordar questões de cultura, estilos de vida e identidades.*

Servimo-nos da antropologia através da etnografia para construirmos o estudo empírico. Esta área do saber aparece no seio das Ciências Sociais e Humanas enquanto saber profissional e científico no século XIX, época em que é firmada a sociedade burguesa e a modernidade. Surgem novos problemas sociais que estão na origem das relações interatuantes entre os indivíduos e os grupos. A antropologia partilha objetos de estudo, métodos e apresentação de diferenças identitárias com outras ciências, (Fernández de Rota, 2012). Inicialmente era encarada como a "sociologia do outro" e dos povos denominados por "primitivos", ou seja, uma microssociologia e uma sociologia comparada. Esta rapidamente ganhou uma identidade própria, ainda que relacional com a Sociologia, com sentido e enfoque social e cultural. Pereiro Pérez & Fernandes (2018, p. 85) afirmam que:

> *A antropologia assumiu como próprio o trabalho de campo antropológico prolongado e intensivo, a etnografia, com base na observação participante, entrevistas em profundidade e a comparação: histórica, geográfica, social e cultural.*

A antropologia partilha com a geografia as representações espaciais e territoriais: a primeira foca-se na construção de mapas mentais sobre os espaços, áreas culturais; e a segunda enfatiza geografias regionais e fronteiras (Brown & Janelle, 2001). Também o Direito surge como uma especialidade da antropologia, ou seja, um subcampo desta área científica, a antropologia jurídica (Pereiro Pérez & Fernandes, 2018), pois nem sempre estas regras legislativas estão de acordo com as normas sociais e culturais. Exista ainda, uma ligação científica com a história. Esta última interessa-se pelo estudo da civilização europeia ocidental, a antropologia pelas sociedades sem escrita, com vivencias orais, metodologicamente estão próximas pelo trabalho de campo e pela história oral, tal como refere Pereiro Pérez (2012): a antropologia tenta compreender as relações entre passado, presente e futuro, que podem convergir metaforicamente no presente. A história tende a reconstruir, eventualmente, o passado. A antropologia interpreta as representações do passado, as amnésias e os esquecimentos.

A investigação antropológica possui um método de trabalho próprio, podendo ser comungado com outras áreas do conhecimento. A metodologia não deve ser encarada como um conjunto de técnicas de investigação, mas sim, como as linhas orientadoras para o desencadear da pesquisa. Desde a segunda década do século XX, que a antropologia usa

como metodologia principal, o método etnográfico. Trata-se de um método desenvolvido por Bronislau Malinowski, enquanto estudou a sociedade trobriandesa, cujos resultados publicou na obra "Os Argonautas do Pacífico Ocidental", em 1922. Baseia-se no trabalho de campo com observação participante, onde se defende a imersão total na vida da sociedade a estudar e a interpretar, de modo a melhor a compreender. Neste contexto, os conhecimentos gerados pela antropologia cumprem, ainda, interesses pessoais e sociais do investigador, não se reduzindo apenas a proveitos técnicos, científicos e académicos, Pereiro Pérez e Fernandes (2018), por outras palavras, evidenciam:

> *A etnografia é a forma de observar, perguntar e escrever que produz descrições e registos sobre os modos de vida do antropólogo e o dos estudados (Kenzin, 1997) numa abordagem comparativa"*
>
> *O trabalho de campo é uma forma de produzir conhecimento com base na experiência do investigador (Mead,1987; Lutkehaus, 2008), isto é, um contacto direto com a realidade, um conhecimento obtido por repetição de observações e/ou por prova de ideias ou hipóteses (Hessen, 1961).*

O trabalho no terreno é a matriz identitária da antropologia e dos seus investigadores, assim se faz etnografia. Deste modo é possível recolher informação, compreender os fenómenos, colhendo as relações entre factos e fenómenos. Pereiro Pérez & Fernandes (2018, p. 145) afirmam:

> *A etnografia é a descrição do comportamento, das ideias, das crenças, dos valores, dos elementos materiais, etc. quotidianos e espontâneos de um grupo humano. A etnografia tem em conta três aspetos, o que as pessoas dizem e falam, o que as pessoas fazem, fabricam e produzem e, o que as pessoas pensam que se deveria fazer.*

A antropologia encarada como ciência social da cultura passa por processos de mudança e transformação fruto da evolução das sociedades e comunidades. A cultura popular à luz da antropologia abarca, ainda, três grandes conceitos, o folclore, folclorismo e a folclorização.

O primeiro, no pensamento de Pierre Bourdieu, é encarado como "uma cultura expressiva e performativa, difundida intensamente desde o século XIX e com inspiração no mundo rural" (Castelo Branco & Freitas Branco, 2003, p. 146). O paradoxo deste pensamento, reside no facto de o seu conteúdo ruralista ser criado a partir de um quadro

urbano, levando associado, historicamente, políticas culturais e certificações científicas da sua pretendida autenticidade" (idem). O segundo (folclorismo) refere-se à junção das ideias, valores e atitudes que enfatizam a cultura popular e as suas expressões. A terceira (folclorização) diz respeito à edificação e aceitação das expressões artísticas da cultura popular. Os processos de folclorização trazem associados o método de "objetivação da cultura que recompõem a relação entre tradição e modernidade, criam novas modalidades de celebração do património cultural, elaboram novos catálogos emblemáticos identitários e põem em circulação mercantil algumas expressões culturais" (Raposo, 2004, p. 137). Deste modo, o "folclore também se converteu nesta época neoliberal num produto mercantil, o que implica novos problemas e desafios para a compreensão do seu significado e dos agentes nele envolvidos" (Pereiro Pérez & Fernandes, 2018, p. 90)

A antropologia enquanto ciência utiliza o folclore e as suas tradições no seu saber científico através da etnografia. Durante o século XX, o movimento folclórico importou-se em evidenciar apenas dois fragmentos: o canto e a dança, influenciado pelo espetáculo e cultura de massas, uma espectaculatização das identidades rurais, pois o "folclore, enquanto movimento cultural, não partiu do povo. Ele foi uma recriação, um descobrimento da cidade, da burguesia e da modernidade. O povo, a gente do rural acabou por descobrir que tinha folclore, sem saber ou ter muita consciência do assunto (Velasco, 1988, p. 21), pois a "maioria dos folcloristas era dos grupos dirigentes e descreviam o povo como natural, simples, iletrado, instintivo, irracional, tradicional, ancorado na terra, comunitário, sem sentido de individualidade" (Burke, 1996, p. 43), descrições que no presente não têm qualquer sustentação científica (Pereiro Pérez & Fernandes, 218, p. 92), isto porque de acordo com Velasco (1988, p. 25), afirmam:

> *O folclore apoiou-se na etnografia, mas a etnografia não é para os antropólogos uma ciência. A etnografia é um método e um conjunto de técnicas de investigação antropológica. Os folcloristas estudam o folclore como saber e não o folclore como viver, tal como o fazem os antropólogos. Estudam o pensamento e a imaginação como popular e não estritamente o ser humano, tal como a antropologia. Quando se fala de povo neste âmbito do folclore, fala-se de nação. Atualmente, as recuperações do popular encerram três aspetos:*
>
> *1. Um fundo que abastece determinado povo com traços de identidade.*
>
> *2. Reclama a diferença.*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

3. Marca a identidade, em oposição à uniformidade.

Na presente dissertação, o trabalho de campo (etnográfico), lê e interpreta o território na perspetiva dos atores locais e do poder público, numa perspetiva abrangente, na perspetiva de Cris Shore (2005, p. 7):

> *O trabalho de campo etnográfico é, portanto, uma abordagem ampla que incorpora uma variedade de métodos além da observação participante. Esses vão desde o uso de dados estatísticos, pesquisas de opinião, arquivos e o uso da análise textual, para biografias, histórias orais, entrevistas gravadas e conversas informais.*

O território de Belide é analisado e interpretado numa perspetiva evolutiva e dinâmica, evidenciando-se a intervenção dos sujeitos com a comunidade, tal como refere Ricardo Vieira (2005, p. 28):

> *O nosso olhar não é o do folclorista que tantas vezes coisifica a cultura de cada espaço em volta de denominadores comuns relativos à habitação, à indumentária, ao património, à gastronomia, etc., encerrando a cultura num passado fossilizado e fechando-se à ideia do projeto que cada comunidade idealiza para si, planifica, e tantas vezes concretiza. A identidade é, aqui, também e antes de mais, um sentimento de pertença, de identificação.*

Em suma, o método etnográfico não é o único a possuir as caraterísticas do método qualitativo. Refere-se à existência de obstáculos que impedem a observação direta e a mediação de certas variáveis. As razões para a adoção deste método ao invés do quantitativo, podem divergir dependendo da orientação metodológica da investigação. Os investigadores qualitativistas justificam a superioridade deste método pois fornece uma compreensão aprofundada de certos fenómenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspeto subjetivo da interação humana face às configurações das estruturas sociais, dando resposta a fenómenos únicos e complexos.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

3.2. Papel do investigador

A etnografia numa perspetiva analógica é interpretada como um par de óculos com graduação que colocamos no nosso rosto, pois consegui ver, interpretar o território e a comunidade de outra forma, ajudando a interrogar-nos como e porquê da existência de certos factos e fenómenos sociais, porque se vivencia assim e não se experiencia de outra forma, como se comportam de uma forma e não agem de outra.

Estas questões fazem repensar que toda a vida quotidiana era uma panóplia de interrogações, e a investigação era chamada a responder, a reencontrar o seu significado, a sua explicação/teorização. Contactar diretamente com o quotidiano dos locais, grupo e toda a comunidade, sendo parte-membro do coletivo em estudo, permitiu observar, estando por dentro e ao mesmo tempo estando por fora. Houve, ainda, a possibilidade de questionar, esclarecer, pois percebia-se que a realidade não era assim tão clara quanto se idealizava, pois cada um individualmente tem a sua forma de pensar, de existir, de comunicar e por detrás destas ações, existem múltiplas explicações e interpretações.

A metodologia de investigação utilizada na dissertação alicerça-se no trabalho de campo etnográfico, de acordo com Velasco (1994, p. 14):

> *As pessoas entre as quais os antropólogos estudam sempre deixam algumas pegadas. Uma delas, muito elementar e geralmente profunda, é a espírito de convivência, de compreensão.*

A linha de investigação antropológica envolve um questionamento constante tendo em conta as diversidades sociais e culturais e a necessidade de lhe dar resposta, com uma mediação ao terreno e as problemáticas a investigar. Aqui, entra a reflexão epistemológica, pois define "as questões dos paradigmas, modelos e práticas comuns à investigação científica em geral, ela enquadra teoricamente as concetualizações dos objetos de investigação" (Pereiro Pérez & Fernandes, 2018, p. 136).

Estes autores ainda argumentam que a metodologia de investigação antropológica possui particularidades diferenciadas da própria antropologia. Apesar de as partilhar com outras áreas do conhecimento, os métodos não poderão ser encarados como um conjunto de técnicas de investigação, mas sim como um "conjunto de princípios orientadores da investigação", pois "os conhecimentos produzidos pela antropologia obedecem a interesses

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

pessoais e sociais, não apenas a interesses académicos e científicos, pelo que é importante refletir sobre essas agendas (Pereiro Pérez & Fernandes, 2018, p. 137).

Na redação deste trabalho foi elaborado no capítulo I a revisão da literatura, pois a investigação apresenta um conhecimento pluridisciplinar do estado da arte, evidenciando o que outros autores escreveram sobre as temáticas, que teorias formularam, que modelos interpretaram, pois só assim conseguimos ir ao cerne da investigação, pois como evidencia Rabinow (1992, p. 16):

> *O etnógrafo é um tipo de carne e osso, com suas fraquezas, suas graves misérias, e ainda com toda sua grandeza humana que põe à prova sua própria pessoa ao tentar capturar a de outra.*

A antropologia constrói a sua matriz identitária no trabalho de campo, os antropólogos encontram aqui, a sua práxis profissional, esta perspetiva é reforçada por Pereiro Pérez e Fernandes (2018, p. 145):

> *A metodologia é um conjunto de procedimentos e regras para produzir conhecimento e está interligada com o enquadramento teórico global. Portanto, é algo mais que uma técnica ou um conjunto delas. As técnicas de investigação são os procedimentos operativos e os instrumentos para produzir dados (ex.: questionários, histórias de vida, inquéritos, entrevistas, etc.).*
>
> *Esses dados servem para compreender os fenómenos, para captar as relações entre os fenómenos e a intencionalidade das ações sem permanecer na parte exterior (só descrição de fenómenos).*
>
> *O método dos antropólogos é o trabalho de campo, através do qual se faz etnografia. De acordo com este método, o antropólogo converte-se no principal instrumento de recolha de dados é, portanto, uma intersubjetividade entre observador e observados.*
>
> *A etnografia é a descrição do comportamento, das ideias, das crenças, dos valores, dos elementos materiais, etc. quotidianos e espontâneos de um grupo humano. A etnografia tem em conta três aspetos: 1. O que as pessoas dizem e falam. 2. O que as pessoas fazem, fabricam e produzem. 3. O que as pessoas pensam que se deveria fazer.*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Os autores evidenciam o modo como a antropologia oferece o seu conhecimento à comunidade científica, orientando a investigação de acordo com os objetivos formulados, não se desviando destas linhas orientadoras e adequando o objeto de estudo de forma flexível no decorrer dos trabalhos.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

3.3. Procedimentos e técnicas de recolha de informação

Em antropologia, de acordo com Heider (1988) e Cardín (1988):

> *(...) durante o nosso trabalho de campo não selecionamos todas as vozes dos nativos, escolhemos algumas dentro da complexidade sobre a qual nos debruçamos. Refletir sobre as causas de porquê escutarmos mais umas do que outras obriga-nos a adotar uma posição de reflexão e autoconsciência.*
>
> *Para que uma etnografia seja de boa qualidade deve ser necessariamente comparativa. Quatro são os planos que podemos estabelecer na comparação: 1. Comparação entre culturas (nós – os outros); 2. Comparação temporal entre o passado e o presente, ou também entre dois tempos históricos; 3. Comparação entre duas ou mais teorias; 4. Comparação entre as ideias prévias e as ideias finais após o trabalho de campo.*

O trabalho de campo permitiu ouvir os atores locais e o poder público. Os métodos e técnicas que pautaram a elaboração deste trabalho foram condicionados pela necessidade de ouvir e de analisar os discursos que os dirigentes associativos e o poder político têm produzido sobre o território. Recorreu-se ao inquérito por entrevista, nomeadamente à entrevista em profundidade. Trata-se de um tipo de abordagem aberta, a partir da qual se concedeu o máximo de liberdade aos informantes relativamente às problemáticas em discussão. Esta técnica revelou-se adequada aos objetivos propostos na medida em que permitiu obter dados que não se encontravam na documentação disponível, bem como ouvir os líderes da população que pretendi conhecer (Carmo & Ferreira, 1998; Magalhães, 2009).

Na seleção dos entrevistados, foi tida em conta a influência da sua formação académica e profissional sobre os discursos e representações que possuem acerca do território de Belide, assim, demarcaram-se as entrevistas aos autores dos campos político, cultural, religioso e associativo.

Foram realizadas quinze entrevistas entre14 de novembro e 4 de janeiro o de 2021. O **guião de entrevista** foi construído com cinco questões orientadoras:

1. O que é para si Belide?
2. Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?
3. Qual a importância do património cultural na construção da identidade de Belide?

a) Qual o património material mais representativo da comunidade?
b) Qual o património imaterial mas representativo da comunidade?

4. O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?
5. No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?



Fig. 2 - Augusto Marta. Fonte: Entrevistado

A primeira entrevista ocorreu no dia 14 de novembro. Resultou de um encontro previamente marcado com Augusto Carvalho Marta (ACM), pelas 16:30h, na sua residência. Quando cheguei, fiz uma explicação detalhada acerca do que pretendia, pois já era hábito nosso, discutirmos algumas questões relacionadas com a localidade, desta vez seria diferente, iria como investigador e a nossa conversa iria ser gravada.

ACM (figura 2) tem 59 anos (n.1962), está habilitado com o 12.º ano através do programa de RVCC no Centro de Novas Oportunidades de Condeixa-a-Nova. Tem desempenhado diversas funções políticas e associativas em Belide. Foi membro do executivo (secretário) da Junta de Freguesia de Belide nos períodos compreendidos entre 2008 e 2013. Deputado na Assembleia de Freguesia de Sebal e Belide entre 2013 e 2017 e 2017 a 2021. Desde 2016 é secretário da Comissão Fabriqueira da igreja Paroquial de Belide.

Passados dois dias, a 16 de novembro, reuni com Ramiro da Conceição Mateus (RCM), que me recebeu na sua residência. RCM (figura 3) nasceu em 1937 (84 anos). Está habilitado com o ensino primário (antiga 4.ª classe), exerceu funções políticas enquanto presidente da junta de freguesia de Belide entre 1994 – 1997 e 1998 – 2002, eleito pelo PSD e secretário entre 2002 a 2005 pela coligação PS/PSD/CDU. Ao longo do seu percurso, também esteve envolvido na Comissão Fabriqueira.



Fig. 3 – Ramiro Mateus. Fonte: Autor



Fig. 4 – Jorge Germano. Fonte: Entrevistado.

Numa bela tarde de sol de outono (17.11.2021), rumei junto a Mira, coração da região gandaresa, onde fui recebido pelas 15:00h no Cartório Paroquial pelo reverendo pároco Jorge Germano Dias de Brito (JG), que outrora exerceu funções na Unidade Pastoral de Conímbriga (2016-2020).

JG (figura 4) em 34 anos (n. 1987), é licenciado e mestre em Teologia pela Universidade Católica do Porto e esteve envolvido com o território, enquanto padre, sendo um forte impulsionador da dinâmica associativa local. Regressei a Belide de coração cheio, pois enquanto religioso deu-me uma visão tão real desta comunidade, pois, nunca me tinha interessado pela perspetiva da fé.

Nesse mesmo dia, pelas 18:30h fui recebido na sua residência por Helena Almeida Diogo (n. 1961). HD (figura 5) é licenciada em Economia pela Universidade de Coimbra, exerce funções de Técnica Superior de Auditoria no IAPMEI – Agência para a Competitividade e Inovação. Foi presidente do executivo da União de Freguesias de Sebal e Belide entre 2017 e 2021. É atualmente deputada na Assembleia Municipal de Condeixa.



Fig. 5 – Helena Diogo. Fonte: Entrevistada.



Fig. 6 – José Carecho. Fonte: Entrevistado.

Para terminarmos o dia, no final de jantar, pelas 21.00h reuni na sua residência com José Reis de Brito Carecho (JC), nasceu em 1958, concluiu o atual 3.º ciclo do ensino básico e está aposentado da Polícia de Segurança Pública. JC (figura 6) é componente do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide, mas a nossa entrevista deveu-se ao facto de ser juíz presidente da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde em Belide.

Para o dia seguinte criei grandes espectativas. Pelas 14.30h do dia 18 de novembro de 2021, encontrei-me na Eira Velha com Álvaro Ferreira dos Santos Monteiro (ASM), nascido em 1960. Habilitado com 13.º curso de formação de Sargentos do Exército formado em Caldas da Rainha, está aposentado do Ministério da Defesa.



Fig. 7 – Álvaro Monteiro. Fonte: Entrevistado.

ASM (figura7) é sócio fundador do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica e atual tesoureiro da direção e juiz tesoureiro na Irmandade de Nossa Senhora da Saúde. Passou por diversas comissões na Comissão Fabriqueira da Igreja Paroquial de Belide e por órgãos do Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide.



Fig. 8 – M. J. Corte-Real. Fonte: Entrevistada.

Passei o resto do dia (18.11.2021) na Casa Matos, onde fui recebido por Maria José Corte Real Freire de Andrade (MJCR), administradora da propriedade.

MJCR (figura 8) nasceu em 1959, licenciada em Psicologia pela Universidade de Coimbra, exerce funções de Psicóloga Clínica na Unidade de Alcoologia de Coimbra. Em 2019 foi-lhe atribuída a categoria de sócia benemérita do PRAEF. Tem colaborado nas mais diversas iniciativas com a instituição, assim como num trabalho de parceria em torno da dinamização do território e de intercâmbio entre as comunidades da União de Freguesias.

No dia 19 de novembro de 2021 fui recebido na Direção Regional de Cultura do Centro em Coimbra pela Arquiteta Cátia Marques (CM), 42 anos (n. 1979).



Fig. 9 – Cátia Marques. Fonte: Entrevistada.

CM (figura 9) é licenciada e mestre em Arquitetura pela Universidade de Coimbra exerce neste organismo o cargo de Diretora de Serviços da Direção de Serviços dos Bens Culturais.



Fig. 10 – J. P. Morgado. Fonte: Entrevistado.

Ao final da manhã de 22 de novembro, marquei encontro na Junta de Freguesia de Belide com João Paulo Morgado (JPM). JPM (figura 10), nasceu em França em 1972, regressou a Portugal e passou a sua infância e juventude em Belide. Integrou a composição do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide, os órgãos socais do Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide. Atualmente é responsável pelas páginas virtuais: Amigos de Belide e Belide – Nossa Senhora da Saúde e membro dos Beliriders – Grupo Motard.

Nesse mesmo dia (22.11.2021) marquei um encontro com Raul Marques Lopes Pratas, na sede do PRAEF, edifício da Junta de Freguesia de Belide; o entrevistado é funcionário da E-REDES – Distribuição de Eletricidade.



Fig. 11 – Raul Pratas – Fonte. Entrevistado.

RP (figura 11) exerceu funções políticas enquanto vereador do Município de Condeixa durante dois mandatos, deputado municipal, presidente da Junta de Freguesia do Sebal e foi o primeiro presidente do executivo da nova união de freguesias de Sebal e Belide (2013-2017).



Fig. 12 – Beatriz Tarrafa. Fonte: Entrevistada.

No domingo (28.11.2021) pelas 15:00h reuni na Junta de Freguesia de Belide, com uma representante do associativismo local, Beatriz Tarrafa.

BT (figura 12), nasceu no ano 2000 é estudante do ensino superior, frequenta o 3.º ano da licenciatura em Enfermagem na

Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Desde maio de 2021 é presidente da direção do Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide.

Para começar bem a semana, na segunda feira, 29 de novembro, reuni com a D. Elvira Carvalho Fernandes (EF), via Zoom, pois encontrava-se em S. Paulo no Brasil, apenas habita o território de Belide durante os meses de verão. EF (figura 13) nasceu em 1933, emigrou para o Brasil em 1957 devido à ausência de recursos que o país possuía na época.



Fig. 13 – Elvira Fernandes. Fonte: Entrevistada.

Construiu riqueza juntamente com o seu marido José Pereira Fernandes (já falecido) no ramo da distribuição alimentar. O conjugue foi galardoado Comendador da Ordem de Cristo pelo Presidente da República, Jorge Sampaio. EF é sócia benemérita do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica, tem contribuído financeiramente nas mais diversas iniciativas na comunidade local.



Fig. 14 – Raul Oliveira. Fonte: Entrevistado.

Ao final do dia (29.11.2021), aproveitando o atendimento ao público na Junta de Freguesia de Belide, reuni com o atual presidente do executivo da União de Freguesias de Sebal e Belide, Raúl Oliveira (RO).

RO (figura 14) nasceu em 1970, está habilitado com o 2.º ciclo do ensino básico, carteiro de profissão. Exerceu já funções políticas enquanto tesoureiro do executivo (2013-2021), nos mandatos de Raul Pratas e Helena Diogo.

Na terça-feira (30.11.2021) pelas 11:00h, fui recebido pelo presidente da Câmara Municipal de Condeixa, Nuno Moita da Costa (NMC) nos Paços do Concelho. Era um espaço que já conhecia anteriormente e marquei a reunião pela mesma forma que sempre fiz, através do Gabinete de Apoio à Presidência.



Fig. 15 – Nuno Moita da Costa. Fonte: Autor.

NMC (figura 15) nasceu em 1972, é licenciado em Economia, mestre em Gestão pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Cumpre o terceiro mandato como presidente da autarquia, estando atualmente, o pelouro da cultura a seu cargo.



Fig. 16 – Mário Jorge Nunes. Fonte: Entrevistado.

No dia 4 de janeiro de 2022, pelas 12:00h, reuni com Mário Jorge Nunes (MJN) presidente da Associação de Desenvolvimento Terras de Sicó (ADSicó), no seu gabinete na Câmara Municipal de Soure, município que preside desde 2013. MJN (figura 16) nasceu em 1965, está habilitado com o bacharelato em Desenvolvimento Local, formação obtida no estrangeiro (França).

A ADSicó é uma associação de direito privado, criada em 1995 com o objetivo de dar resposta ao alargamento de parcerias pelo desenvolvimento do território, favorecendo o desenvolvimento local e das suas populações. Aposta no estudo e promoção de produtos turísticos, na organização de espaços e novas oportunidades de mercado, na generalização e diversificação de pequenos investimentos nos vários setores: economia, solidariedade e cultura.

Este organismo, engloba os concelhos de Alvaiázere, Ansião e Pombal (distrito de Leiria), e Condeixa-a-Nova, Penela e Soure (distrito de Coimbra). Nesta região, encontramos importantes vestígios da ocupação romana, a 12 quilómetros das ruínas da antiga cidade de Conímbriga, a *villa* romana do Rabaçal (concelho de Penela) permite compreender a presença romana na região. Este território tem uma área de 1.403,69 quilómetros quadrados e uma densidade populacional de 75 habitantes por quilómetro quadrado. Mário Jorge Nunes preside esta instituição desde 2020.

Foi ainda contactado o Presidente da Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra, Emílio Torrão, que nos encaminhou para o seu secretário executivo, Jorge Miguel Brito, no entanto, por questões de agenda não foi possível efetuar a entrevista ao representante deste organismo.

A proximidade ao campo de estudo proporcionou conversas informais com os atores locais, bem como o acesso a um vasto acervo documental. Ser natural da região foi um abrir de portas no acesso à informação e aos entrevistados. Dos quinze entrevistados, o único que não conhecia era a Arquiteta Cátia Marques, da Direção Regional de Cultura do Centro, no entanto, à semelhança dos restantes, foi notória a disponibilidade e generosidade dos informantes, recebendo-me nas suas casas e alguns deslocaram-se à Junta de Freguesia de Belide para serem entrevistados. Esta ferramenta, de acordo com Pereiro e Pérez (2018, p. 57):

> *(...) é uma técnica de investigação muito relevante em antropologia, é um procedimento operativo que visa obter uma informação através do diálogo intersubjetivo com uma pessoa. Sob a forma de uma conversa informal, o entrevistado é orientado face aos aspetos a conhecer, podendo noutras casos expressar-se abertamente. Esta técnica deve ser complementada por outras técnicas como a observação participante e o estudo de documentação histórica, pois os indivíduos dizem e fazem coisas, ocultam dados. A entrevista não é um inquérito de perguntas fechadas, mas de perguntas abertas, constituindo um diálogo no qual a iniciativa é do investigador. O mais importante numa situação de entrevista é ganhar-se a confiança do nosso interlocutor, para o qual é relevante fazer uma boa apresentação. Durante a mesma dever-se-á diminuir a reatividade por causa do método e promover a espontaneidade e sinceridade do entrevistado.*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

As entrevistas foram atempadamente marcadas com os informantes, decorreram em ambiente informal, com o objetivo de conhecer o ponto de vista dos atores, com recurso à gravação áudio. De salientar, ainda, as questões éticas da investigação: foi assinado pelos entrevistados um documento com o consentimento informado, dada a temática em estudo. Nenhum sugeriu a confidencialidade, e todos aceitaram participar de livre vontade, autorizando o uso imagem, do som da voz, nome e dados biográficos revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A autorização abrange ainda os usos acima tanto em suportes impressos como digitais.

As entrevistas, depois de gravadas, foram transcritas na totalidade, sem recurso a software qualitativo; iniciou-se a escrita etnográfica que enfatiza a relação que tive com os atores estudados. Apresento-as do ponto de vista formal com citações e fotografias, apresentadas ao longo do trabalho, numa perspetiva narrativa.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CAPÍTULO IV

BELIDE: O TERRITÓRIO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

4.1. Quadro Histórico e Geográfico

Uma região sofre constantes mutações do ponto de vista da sua organização territorial, neste estudo, enfatizo a realidade do Baixo Mondego, território marcado pelo trecho final do rio Mondego, quando o vale se alarga em planícies extensas que se deixam fertilizar pelas cheias. Enquadram-se aqui os concelhos de Coimbra, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Penacova e Soure, região especialmente reconhecida pelas potencialidades agrícolas ímpares das planícies alagadiças do Mondego.

> *Oh linda Vila de Condeixa: duas coisas te dão graça: o relógio que está na torre e o mercado na Praça* (popular).

Condeixa na atualidade integra a Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra e as Terras de Sicó:

> Condeixa, integrada nas Terras de Sicó, (…) o território é feito entre a atração empresarial e industrial do eixo com Leiria-Pombal (…), aquilo que são as suas comunidades rurais, em termos de conjunto de aldeias, em paróquia, em comunidades sociais com raízes familiares muito profundas (MJN).

Notável vila, vizinha de Conímbriga, deve-lhe parte da sua glória. Esta cidade luso-romana estabeleceu-se entre dois vales profundos, dum lado, o Rio Carálio (hoje, Rio dos Mouros) e, do outro, a vertente setentrional (do lado norte). Conjetura-se que depois da reconquista do território de Coimbra em 878 por Afonso II das Astúrias, o abandono da cidade foi absoluto. Como terra "maldita", a pouca população que permaneceu no território, dá génese a Condeixa, mais a norte, onde ainda existe o povoado antigo (Conceição, 1983).

A construção da nacionalidade, com a expulsão definitiva dos mouros (século XI) da região mondeguina fez com que o território de Condeixa, integrado em Coimbra, aumentasse as doações admitidas ao Monteiro de Santa Cruz de Coimbra. Da sua responsabilidade foi a colonização e o arroteamento. Este processo envolveu uma heterogeneidade de indivíduos, os cristãos oriundos do norte do Mondego, e moçárabes, provenientes de Espanha. Avançaram os frades crúzios na fundação de Condeixa (Almeida, 1929).

USC SANTIAGO DE COMPOSTELA

A Vila de Condeixa, na margem direita do Rio dos Mouros, afluente do Rio Mondego, surge, inicialmente, mencionada em 1219. A excelência da sua paisagem originou

a passagem por estas terras, em 1502, de D. Manuel I, que daí em diante teria um lugar importante na história da região. Encantado pelo clima, mandou o rei Venturoso, que nela se construísse igreja, di-lo o padre António Carvalho da Costa: "o lugar de Condeixa-a-Nova, não sendo mais do que um casal chamado Outeiro, o Senhor D. Manuel, passando para a Galiza e agradando-se pela amenidade do sítio, mandou que se fundasse igreja" (Costa, 1706, p. 36). E, ainda "que enquanto era aldeia se chamava Casal do Outeiro, em 1500 esteve aqui D. Manuel, quando ia para S. Tiago da Galiza, que lhe deu então o foro de vila" (Leal, 1875, p. 368).

Condeixa-a-Nova é o nome oficial da sede do concelho (figura 17), para a distinguir da velha freguesia com o mesmo nome, a dois quilómetros para sul. Em 1514 recebeu o seu foral e em 1517 era erigida em freguesia. A partir de então, Condeixa-a-Nova, alcançava a sua emancipação administrativa que tanto reclamou, já por intermédio da rainha D. Maria II, que em 1838, altera o decreto de 6 de novembro de 1836 e o mapa que dele faz parte. Assim, consta: "é criado no distrito administrativo de Coimbra um novo concelho e será composto das freguesias: de Condeixa-a-Nova (cabeça do concelho), Condeixa-a-Velha, Sebal Grande, Anobra, Bendafé, Vila Seca, Ega, Furadouro e Belide, ficando pertencente à Comarca de Coimbra". Elevada a cabeça de concelho (Conceição, 1983), esta terra é engrandecida pela nova carta de lei de D. Maria II de 9 de outubro de 1845, com o seguinte teor:

> *Dona Maria, por graça de Deus, Rainha de Portugal e dos Algarves e seus domínios, faço saber, aos que esta Minha carta virem, que atendendo a que a povoação de Condeixa-a-Nova, Cabeça do concelho desta denominação, possui os necessários elementos e recursos para sustentar com dignidade a categoria de Vila, derivados não só à sua agricultura e comércio mas também do número de habitantes de que é composta, entre os quais se encontram muitos indivíduos idóneos e ilustrados para cargos públicos*.



Fig. 17 – Condeixa: vista área da sede de concelho. Fonte: terceiradimensao.pt.



Fig. 18 – Condeixa e as suas freguesias no país e no distrito. Fonte: Município de Condeixa.

O concelho de Condeixa-a-Nova compreende uma área de aproximadamente 140 km^2, e até 2013, englobava dez freguesias: Anobra, Belide, Bendafé, Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha, Ega, Furadouro, Sebal, Vila Seca, Zambujal (figura 18). Com a reorganização das freguesias resultante da Lei n.º 11-A/2013 de 28 de janeiro o concelho passa a ter apenas 7 freguesias: Anobra, Furadouro, União das Freguesias de Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova, União das Freguesias de Sebal e Belide, União das Freguesias de Vila Seca e Bendafé, Zambujal.

Foram as estradas romanas que levaram Condeixa ao mundo, mas hoje são as estratégicas A1 e A13-1 que trazem o mundo a Condeixa, a marca maior da civiização romana é o ex-líbris do concelho, Conímbriga é o forte cartão de visita (Moita & Matos, 2016).

A beleza paisagística do concelho permite apontar vários locais de interesse a quem o queira visitar. Mercê dessa morfologia caprichosa e dos acidentes orográficos da região, o concelho exibe um património geológico de raro deslumbre. Provam-no, a Gruta da Lapinha, as Buracas do Casmilo (ex-líbris da escalada na região, figura 19),



Fig. 19 – Buracas de Casmilo. Fonte: Município de Condeixa.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ou o Canhão do Rio dos Mouros.

As serras de Janeanes ou do Círculo abrigam miradouros naturais que permitem desnudar o concelho, a um só olhar. Na Reserva Natural do Paul de Arzila, coabitam inúmeras espécies animais. Só aves são aproximadamente 140 recenseadas, com principal destaque para a garça-vermelha, pato-real e a cegonha branca. Este santuário natural reparte-se pelas freguesias de Arzila, Pereira e Anobra, inserido em três concelhos: Coimbra, Montemor-o-Velho e Condeixa-a-Nova.



Fig. 20 – Museu PO.RO.S. Fonte: Município de Condeixa.

O PO.RO.S – Portugal Romano em Sicó (figura 20) é, hoje, o grande trono turístico de Condeixa, centro de interpretação dedicado ao romano, com um equipamento museológico que enfatiza os meios multimédia como forma preferencial de comunicação e informação. Em articulação permanente com Conímbriga, apresenta a tridimensionalidade que não é percetível numa simples visita às ruínas. Ontem como hoje, a cidade abastecia-se de água da nascente de Alcabideque, prolongando-se o aqueduto por mais de três quilómetros. Para além do *fórum*, dos *balnea*, comércio e habitação, das muralhas, estradas e anfiteatro conhece-se o bairro abastado de casas com jardins e mosaicos que retratam temas mitológicos e motivos geométricos. No museu os achados vivificam as ruínas.

A partir do século XVI, Condeixa conhece franca prosperidade sendo construídos palácios e solares habitados por famílias nobres. Contudo, este processo foi repentinamente interrompido pela terceira invasão francesa (1811). Após a derrota no Buçaco, o General Massena e as suas tropas semeiam a destruição na vila e arredores, saqueando e ateando fogo aos principais edifícios de Condeixa.


Fig. 21 – Palácio dos Figueiredos. Fonte: Município de Condeixa.

A vila e os seus contornos ainda possuem um vasto património edificado da nobreza municipal por todo o concelho. Destacam-se, o palácio do Conde de Podentes, o palácio dos Figueiredos (figura 21), o Palácio dos Sás, o Palácio de Sotto Mayor, o Palácio dos Almadas, o Solar dos Mattos em Sebal. Exemplos nobres do poderio destas famílias na identidade local deste povo. Concelho rico pelo seu património histórico (religioso e edificado). A igreja matriz de Condeixa foi edificada primeiramente em 1521 e dependia do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Ainda, hoje, se mantém a capela-mor com a abóbada gótica de cruzaria, a sua construção está relacionada ao surto de desenvolvimento da vila, ligado à moagem e à riqueza agrícola da região. Tudo o resto desapareceu no incêndio de 1811, durante a invasão francesa. A sua fachada e a generalidade do interior são, pois, já oitocentistas.

Importante é também o povoado da Ega que a rainha D. Teresa doou aos cavaleiros Templários em 1128. A sua igreja manuelina e as suas pinturas do século XV lembram-nos a Ordem de Cristo e a nossa contribuição direta no desenvolvimento dos descobrimentos. Na mesma localidade, o Paço da Comenda da Ega, remete-nos à memória de um castelo, edificado no segundo quartel do século XII. Erguido pelos Templários para auxílio da reconquista contra os mouros, na época de Afonso Henriques.

No século XIV transitou para a Ordem de Cristo, sofreu obras e ainda hoje restam as portas e as janelas manuelinas. O Tombo da comenda-mor e o rápido apanhado que os viajantes Frey João Pena e Frey Diogo do Rego mandaram fazer ao escrivão e notário apostólico Frey Francisco, em 6 de março de 1508, dão-nos imediatamente a ideia dos bens, riqueza e importância desta Comenda. A Comenda-mor da Ega, das mais ricas do Reino, tal como, os bens dos Templários e da Ordem de Cristo, eram, certamente, recompensa real pelos feitos de armas e doações particulares, às vezes vultuosas. E, ainda, resultado de uma perfeita organização bancária, que envolvia e maximizava enormes riquezas, depositadas nas suas mãos, por uma questão de segurança e mesmo de rendimento, para um futuro sem preocupações (Neves, 2008).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Fig. 22 – Palácio dos Matos no Sebal. Fonte: UFSB.

Outra importante localidade é o Sebal, anteriormente Sebal Grande, historicamente documentado desde 1164, freguesia de circulação de águas, entre Sebal e Campizes "estava situado o paul de Salamanca, que ia confinar com o de Anobra, Sebal estendia-se pelas duas margens do rio *Sinapali* e a essas duas parcelas do seu termo" (Almeida, 2014).

A igreja de S. Pedro é datada do primeiro quartel do século XVII, no entanto as capelas laterais estão enquadradas no estilo arquitetónico quinhentista. Em 2014 este templo sagrado foi classificado como monumento de interesse público.

Na freguesia de Ega, estão classificados como imóveis de interesse público, a Igreja Matriz, o Pelourinho e o Paço dos Comendadores da Ega, na sede de concelho (Condeixa-a-Nova) encontramos Palácio dos Figueiredos, o Palácio dos Lemos, a Capela de Nossa Senhora da Lapa, classificados como imóveis de interesse público, e ainda, a Casa da Quinta de S. Tomé e a Casa das Colunas, de interesse municipal. A Ruínas de Conímbriga e o conjunto dos restos do aqueduto romano de Conímbriga e o *Castellum* de Alcabideque, classificados como Monumentos Nacionais.

Quem passa pelo Sebal não esquece a imponência do Palácio dos Mattos, (figura 22), edificado no século XVIII, composto por 10 janelas rasgadas na frontaria, pertença do Dr. Francisco Maria de Matos Mascarenhas de Mancelos, casado com D. Mariana Rosa Pina Freire de Aragão. Os Matos eram fidalgos de geração, ostentando este palácio o seu brasão de armas: 1.º quartel, as armas dos Mascarenhas; no 2.º, as dos Matos; no 3.º a dos Pereiras e Carvalhos e, no 4.º as dos Almeidas. O escudo é encimado com a coroa de conde. O Palácio, posteriormente, pertenceu à sua neta, D. Gracinda de Matos Mascarenhas Mancelos, descendente da Família Matos. Na atualidade, é propriedade de Maria José Moncada Mancelos Corte-Real Freire de Andrade, sua sobrinha neta (Corte-Real, 2018). Este edifício oitocentista é um cartão de visita para quem por lá passa. A família abre as suas portas com

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

regularidade às mais diversas iniciativas religiosas, culturais e humanitárias. Devolvendo a história e a identidade da casa às comunidades locais.



Fig. 23 – Casa Museu Fernando Namora. Fonte: CMCdx.

O difícil é amar os outros sem lhes recear os ódios ou lhes exigir recompensas Fernando Namora, 50 anos de vida literária, onde perpassam as melhores lutas e as maiores contradições do século XX. Foi um dos fundadores do Neorealismo português e deixou-nos os seus livros, pinturas, esculturas, prémios e o desejo de contribuir para o desenvolvimento literário e artístico do país. No centro da vila encontramos a sua Casa Museu (figura 23). Cerâmica artística, formas e desenhos são cultura viva, o mundo da concorrência a sua originalidade será apreciada noutros países e continentes.

Um percurso ecológico e cultural lembra-nos a natureza e as diferenças do desenvolvimento quer na zona alta e seca, da Serra de Sicó, que antecede as nascentes de Arrifana, Alcabideque e Cernache, quer na zona da plataforma de Condeixa, Ega e Sebal, ou, ainda, na zona baixa, alagadiça dos campos de Belide, Anobra e Reserva Natural do Paul de Arzila (figura 24) junto ao Rio Mondego.

Quanto ao património alimentar, azeite, vinho, cereais, pecuária, floresta e frutos secos são produtos que resultam da nossa paisagem humanizada. O cabrito à moda de



Fig. 24 – Reserva Natural do Paúl de Arzila. Fonte: CMCdx.

Condeixa é hoje uma matriz gastronómica regional, tem os sabores especiais dos pastos do monte, a escarpiada assume-se, também, como uma iguaria local.

Bendafé era, até há bem pouco tempo, a freguesia mais isolada do concelho. Mantém a tradição que se transformou em escola de tecelagem, arte viva da nossa cultura.

Noutras localidades, mosaicos de tradição romana, calcetaria artística, cestaria, esteiras, ferro forjado, latoaria, órgãos de tubos e restauro de móveis antigos são a amostra de uma realidade nova.

No concelho de Condeixa realizam-se diversas festividades populares de grande interesse: a festa do Senhor dos Passos, no terceiro domingo da Quaresma. A festa de Nossa Senhora das Dores, em agosto. A Festa de Nossa Senhora do Círculo nos domingos de Pascoela e da Assunção e a Romagem a Nossa Senhora da Saúde a 4 e 5 de agosto, em Belide. Cessamos o enquadramento geográfico de Condeixa, com a romaria à Senhora da Saúde em Belide. Esta antiga localidade leva-nos bem mais longe e, remete-nos, a uma localização ímpar e a uma identidade peculiar, que iremos enfatizar no ponto seguinte.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

4.2. Génese e evolução do povoado

A antiga freguesia de Belide, situada na bacia hidrográfica do rio Mondego, é banhada por um dos seus afluentes, o Rio dos Mouros. À semelhança das primeiras civilizações foi-se desenvolvendo junto a este curso de água, aproveitando a fertilidade do solo. Usufrui de uma excelente localização geográfica (figura 25), onde os campos de Coimbra avistam a Serra de Sicó.



Fig. 25 – Vista aérea de Belide (1993). Fonte: JFB.

Não se sabe ao certo a data da sua fundação. Existem diversas interpretações em torno da sua toponímia: *Belildus* de origem germânica e *Villa Bellite* (Borges, 1987), de origem clássica, anterior, portanto a 987 (Vasconcelos, 1985). Deste modo, sabemos que o povoamento é anterior à fundação da nacionalidade. Comprova-o a primeira referência histórica conhecida no ano de 1086 com o desígnio de *Domnus Belith*, que estaria na origem do local de povoamento que agora é ocupado (Almeida, 2014). A sua antiguidade é também justificável pela proximidade com a *civitas* de Conímbriga, bem como a descoberta de um Vaso Neolítico datado do IV milénio a. C na aldeia vizinha de Casével. Ainda, a existência de uma ponte romana é o pilar histórico da antiguidade deste território.

Em 1221 fora propriedade dos monges cistercientes do Convento de Santa Maria de Seiça e doada a D. Belida Soeiro Saia. A reforma cisterciense nasceu da necessidade de transformar completamente a situação de desregramento completo, em que os beneditinos viviam e de fazê-los regressar à inicial pureza de princípios. Iniciada na Europa do século XIII, a Ordem de Cister, contribuiu para uma nova forma de ver o mundo. Uma nova relação entre o Divino e o Humano, seguindo a filosofia de Cister. Toda a construção se destinava à

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

prática religiosa, primando pela humildade e pela meditação em detrimento da exuberância e da arrogância. A sul de Coimbra, as constantes invasões ocorridas durante o século XII, fizeram diversas devastações de povoamentos bélicos. Belide contrariou esse facto, sendo um dos lugares a manter-se povoado.

Fora reguengo de *Monte Mor o Vélho*, como consta no foral dado a esta vila, em 20 de agosto de 1517 pelo Rei D. Manuel I: *os moradores de Figueiró pagam cada um pela nova de trigo um alqueire, ou dois alqueires de milho. Os moradores do reguengo de Belide pagam sobre os mesmos ditos*. Entendemos por reguengo, terras da Coroa servidas por trabalhadores, colonos ou rendeiros, estes trabalhadores também eram designados por jugadeiros ou reguengueiros, vejamos:

> *Os terrenos Jugadeiros, ou Reguengueiros pagarão hum foro, ou censo de jugada annual nos fructos somente de trigo, milho grosso, ou miúdo, cevada, centeio, linho, vinho, e azeite, conforme estas espécies, que forem declaradas nos forais antigos da respetiva povoação, ou Reguengo (...), as terras jugadeiras, ou Reguengos são aquelas, que antigamente, sendo reservadas para o património da Corôa, forão dadas de censo, ou foro pelos Monarchas deste Reino, ou seus Donatários aos Moradores, e Povoadores daqueles terrenos para cultivar, e gozar como proprietários com pleno domínio, dentro dos Termos, Marcos, ou limites assignados* (Menezes, 1825, p. 137).

Este povoado, foi berço de eruditos e virtuosos religiosos, neste campo importa referir a figura de André Bernardo Aires. Lente catedrático da Universidade de Coimbra, pertencente ao Conselho de Sua Majestade, natural de Belide veio a falecer em Coimbra, a 11 de abril de 1705, com idade avançada. Inteligente e iluminado recebeu o grau de Doutor em Direito Pontifício, sendo admitido no Colégio de São Pedro em 1666. Foi proprietário das cadeiras de Clementinos, de Sexto, de Vésperas, e por fim de Prima, na qual se jubilou, em 1692. Para não se ausentar de Coimbra, não aceitou os cargos de desembargador do Paço e deputado do Conselho do Santo Ofício, tal como refere Marta (2013, p. 29):

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *No século XVIII, a justiça de Montemor exercia, assim a sua jurisdição: - o juiz-de-fora da vila tinha jurisdição cível e criminal (...) com juízes pedâneos nomeados pela Câmara, em 1 de janeiro de cada ano, com o seu regimento e vara que lhe era dado por aquela entidade. (...) Belide tinha jurisdição criminal, na qual havia juiz ordinário com jurisdição no cível;*

porém o almoxarife de Montemor era também ouvidor.

O Concelho do Reguengo de Belide no Antigo Regime, "fora constituído por foral/senhorio, concedido à Casa de Aveiro, a sua câmara municipal tinha como oficialato o juiz ordinário, vereador, procurador e almotacé. Nas articulações político-institucionais quanto ao crime estavam sujeitas a Montemor-o-Velho (Capela, 2011).

Esta informação é ainda enfatizada com mapa de 1758 referente às memórias paroquiais no território dos atuais distritos de Aveiro e Coimbra. Na sua relação com feiras e mercados encontramos no território do atual concelho de Condeixa-a-Nova apenas dois concelhos. O da Ega (concelho e vila de juiz ordinário – cível e crime) e o do Reguengo de Belide (concelho e couto de juiz ordinário – cível) (Capela, 2011). Convém aqui esclarecer que na época, um concelho era um pequeno povoado com importantes contribuições e doações particulares concedidas à Coroa que lhe permitiam algum conforto social e comunitário, como se evidencia:

> *Algumas destas terras foram também suportes do poder real, da monarquia absoluta, cabeças de comarca e correição régia, mas também de importantes senhorios juridicionais e donatariais, é o caso de Coimbra, cidade sede de diocese, cabeça de comarca e provedoria e de múltiplos serviços régios, Montemor-o-Velho, vila mais antiga dos Estados da Casa de Aveiro, em 1758, cabeça de comarca das terras do Infantado da cidade de Coimbra* (Capela, 2011, p. 45).

O terramoto de 1755, nesta terra, não provocou estragos, informação que nos é validada pelo inquérito realizado a mando do Marquês de Pombal:

> *Não caiu, edifício algum, nem faleceu alma, só a Igreja a e as casas de residência mostrarão algumas fendas não perigosas, nem aqui há edifícios notáveis. Não faleceu pessoa alguma, nem ouve mais perigo que de susto. Quanto a fontes e rios nada ouve de novidade maior, que turbarem-se as ágoas por algum espaso. Aqui não há mais perigo senão podia dele observar nada. Não se deo mais providência dos que foram a deus implorando sua divina providência com preces e angústias. Poderão ter repetido vinte terramotos pouco mais ou menos, huns mais sentidos, outros menos, e os últimos que aqui se perceberão, forão a 14 de abril de noute, mas nenhum tem feito damno, ninguém se lembra em tempo algum de ver terramotos; há 176 almas, a saber 56 homens de comunhão, 25 mininos, 75*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

mulheres, 23 mininas, não ouve incêndios e também não se tem experimentado falta alguma nos mantimentos, mas antes tudo com abundância graças a Deus, que aqui atesto em Bellide, 8 de maio de 1756. Súbdito Mais Humilde de Vª Ex.ª Cura José Dias.

D. José de Mascarenhas e Lencastre foi o último Duque da Casa. Por ter sido acusado de conspiração na morte do Rei, foram-lhe retirados todos os títulos. Ainda, confiscados os seus bens, depois de extinto o ducado, assim como a rubrica de Viscondes de Belide. D. Tereza Cezaltina de Azevedo Ferreira Amado da Costa e Vasconcelos foi a última Viscondessa de Belide. A profunda reforma administrativa e o mapa de concelhos de Mouzinho da Silveira de 6 de novembro de 1836 reduziram para menos de metade o número de concelhos. Criou um novo quadro político e administrativo. Esta reforma atingiu sobretudo os mais pequenos e inorgânicos concelhos, coutos e honras que foram extintos e agregados aos novos concelhos do Liberalismo. Gerou uma nova dimensão e estrutura, mais uniforme e desenvolvida. Desapareceu a velha tralha municipal, num percurso político deveras conturbado ao longo do século XIX. Emergiam os novos concelhos, que se pretendiam que fossem os concelhos do futuro, adaptados às novas realidades e tarefas do Estado e sociedade do novo século (Capela, 2011).



USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Fig. 26 – Vista do Casal (povoado primitivo). Fonte: Amigos de Belide.

A territorialização de Coimbra sofreu um radical processo de reforma do mapa concelhio. Das 84 jurisdições existentes em 1758-1834 reduziram para os dezassete

concelhos que integram na contemporaneidade o distrito. Daqui nasceram também os novos concelhos do Liberalismo, Vila Nova de Poiares, Condeixa-a-Nova em 1838, onde Belide é integrada como freguesia.

A freguesia administrativamente englobou Belide, o Casal da Quinta de Belide (figura 26), o Casal de Santo Amaro e a Quinta de Belide. Próximo do ribeiro terminava o concelho ao qual estava ligado e começa o de Soure pela fronteira da freguesia de Figueiró do Campo. Esta divisão geográfica não penaliza a sua identidade, considerando-se todos eles habitantes de Belide. Como já tive oportunidade de referir, Belide foi uma terra com grande importância local. Teve o seu espaço administrativo e jurídico, a sua cadeia e o seu brasão de armas, que obviamente acompanhou o desenvolvimento dos tempos.

A Belide ia os habitantes das freguesias vizinhas, tratar dos seus afazeres, deslocavam-se os negociantes das redondezas a fim de tratar das suas vidas. Ainda, numerosos grupos de peregrinos em Romagem à Senhora da Saúde, uns por folia, outros com o objetivo de cumprir promessas. Por esta terra passavam romeiros a caminho do Senhor da Serra (Semide), da Senhora do Círculo (Furadouro), da Rainha Santa (Coimbra), da Senhora da Estrela (Redinha) por cá pernoitavam, dando posteriormente continuidade à viagem.

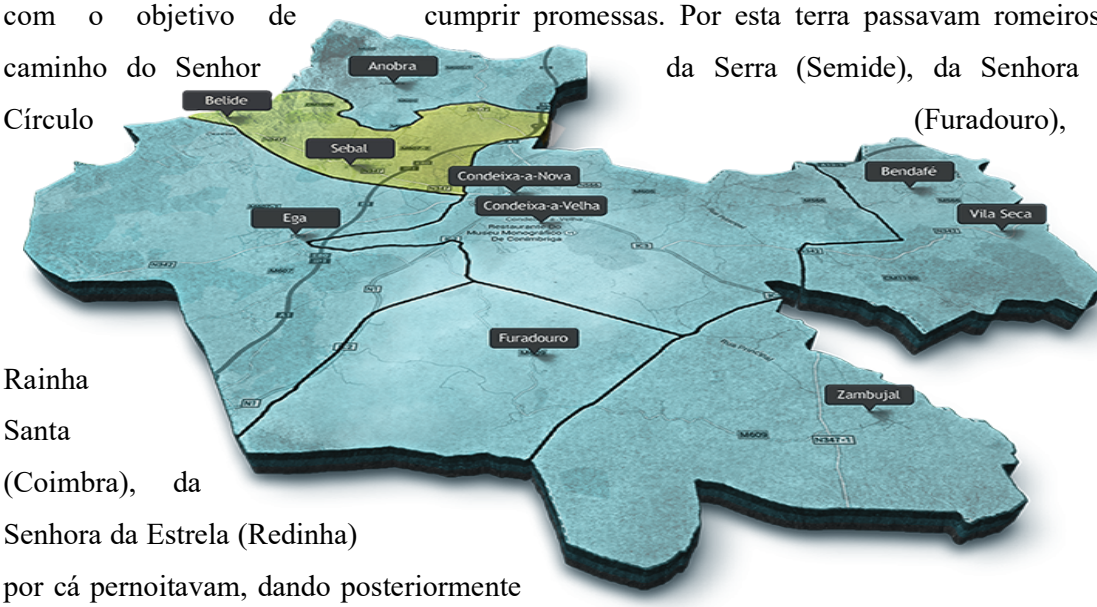


Fig. 27 – Sebal e Belide no território concelhio. Fonte: UFSB.

Belide (figura 27), local ameno e tranquilo, com solo fértil, dá um pouco de tudo: pão, vinho, azeite e deste pode considerar-se rica. Para o seu fabrico, já possuiu um lagar de azeite. As frutas em abundância, variada qualidade, principalmente citrinos, abasteciam diariamente o mercado de Coimbra, semanalmente o de Condeixa e quinzenalmente o de Montemor.

Em 2011 de acordo com o INE, a freguesia contava com 329 habitantes (158 homens e 173 mulheres), distribuídos da seguinte forma: Belide (245), Casal de Santo Amaro (54) e

ainda 30 que habitam uma parcela do território já integrada na freguesia vizinha de Figueiró do Campo e no concelho de Soure. Esta barreira é apenas administrativa e geográfica, todos se consideram um todo: sem divisões por partes.

> *Na realidade estou no lugar de Belide, mas no concelho de Soure, com o novo ordenamento do território, ficaram 3 casas, que são as do lado de cá, do lado poente, tivemos que alterar o código postal e pertencemos à freguesia de Figueiró do Campo, as outras casas do lado de baixo de Belide até ao antigo lagar, pertencem a Belide, freguesia de Belide, e código postal de Condeixa-a-Nova. Eu do lado de cá, infelizmente, tenho o código postal de Figueiró do Campo, mas sou e serei sempre de Belide, Rua da Eira Velha, Belide, só o código postal é que não é (...) Eu serei sempre de Belide, toda a vida, apesar de .... vou votar a Figueiró, ás vezes digo que sou de Figueiró na brincadeira, mas na verdade sou, as minhas filhas não aceitam isso, mas a verdade é essa. Uma mudança administrativa que não muda nada, pronto, é como se fosse a mesma coisa* (ASM).

O lugar apesar de ocupar uma área relativamente pequena, não chegando a ter um quilómetro quadrado de área, tem um forte dinamismo associativo. Possuí três coletividades em atividade incessante: a Comissão Fabriqueira da Igreja de Belide, o Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide, que integra também o grupo motard *Beliriders* e o Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica que tutela a atividade do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide.

> *Em primeiro lugar é uma comunidade pequenina, mas é uma comunidade que tem alguns traços, que tem algumas marcas e por isso mesmo também nos ajuda a fazer uma memória enquadrada dessa mesma comunidade* (JG).

> *Em Belide, o investimento da população no seu território, na sua antiga freguesia, faz com que a própria terra se vá apresentando de uma forma diferente aos olhos de quem vai passando, Belide tem uma série de coisas que o Sebal não tem, por uma dinâmica associativa muito mais forte* (MJCR).

> *Belide é um lugar de Condeixa (...) é uma comunidade muito unida, apesar de ser um lugar muito pequeno, mas devido a isso também se*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *contribui para essa união. Pessoas unidas que se dedicam à comunidade, têm várias atividades culturais e que prestigiam, ao fundo ao cabo, aquilo que deverão fazer as comunidades, manterem-se unidas, viverem em harmonia* (NMC).

Realizam-se na localidade anualmente grandes festejos que fortalecem a identidade local e a dinâmica associativa deste povo. A grande romaria a Nossa Senhora da Saúde (4 e 5 de agosto), o FESTIBELIDE – Festival Internacional de Folclore da Freguesia de Belide – a Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares (segundo fim de semana de setembro), a Festa de Nossa Senhora da Conceição (7 e 8 de dezembro), o Encontro de Cantares do Ciclo Natalício (segundo domingo de dezembro) e o Passeio das Motas.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

4.3. A democracia local: um percurso construtivo

Compreender através da análise territorial a atuação governamental foi processo moroso de afirmação do estado, no controlo do território, edificado entre cedências, mediações e maturação da centralização do poder.

Durante grande parte da Idade Média houve uma delegação da autoridade régia levando a uma dispersão de poder e proliferação de territórios senhoriais. No final do século XVII a realidade da administração do Reino era um entrave para a ascensão do Estado Moderno. Justificado pelo funcionalismo principiante e porque poucos concelhos tinham à sua frente juízes nomeados pela coroa, continuando a vigorar a jurisdição senhorial (Hespanha, 1994; Silva, 1998). A par das instituições que derivavam da monarquia temos ainda a Igreja, as famílias e as Casas. Este cenário referente às dinâmicas sociais e institucionais são para a sociedade atual distantes e por vezes inconcebíveis.

O quadro paroquial encontrava-se muito mais próximo das pequenas comunidades locais do que qualquer outra estrutura e tinha como seu intermediário o pároco. Após o Concílio de Trento (1545-1563), os párocos consolidam a sua relevância e poder no seio das comunidades. Ganharam instrumentos que permitiram o controlo das mesmas, (vulgarização dos diversos registos paroquias, confissão, prédicas dominicais). A Administração Central, que não detinha nenhuma estrutura abaixo dos concelhos, utilizou por diversas vezes a estrutura paroquial para a difusão de diretivas, lançamento de impostos e realização de inquéritos. Desde modo, até ao Liberalismo foi utilizada pelo poder central como um intermediário local por excelência, de certa forma, acabou por ser integrada no sistema político em 1836 (Araújo, 2018).

A reorganização administrativa do Liberalismo, nascido com os ideais da Revolução Francesa, iniciou-se em Portugal com o processo de construção de uma nova sociedade, uma nova política, um novo sistema administrativo. Do triunfo liberal à implantação da República (1910) a turbulência mantém-se com a enxurrada de projetos e códigos administrativos, provocada pela instabilidade política. A reforma administrativa só irá encontrar um quadro estável com a instituição do Estado Novo em 1936. Apesar das dificuldades, o liberalismo agiu de forma inovadora em relação à administração pública e local. Por um lado, o liberalismo português instaurou uma administração local com o controlo de todo o território centralizado no Terreiro do Paço. Por outro, o caos administrativo do Antigo Regime é

substituído por um sistema burocratizado e centralizado, assente na nomeação de representantes do poder central. Representantes qualificados e, ainda ao mesmo tempo, criou-se uma nova realidade autárquica, o distrito, que apesar de não ter qualquer tradição, serviu para o reforço da hierarquia sob controlo dos ministros do reino. Não esquecendo que, apesar das sucessivas reformas administrativas ao longo deste período, a matriz fundamental é a reforma de Mouzinho da Silveira (1832-1834) visível desde 1820.

Apesar da nova estrutura administrativa local, continuar-se-á a recorrer ao pároco, como figura mais próxima da população. A mais letrada e líder de uma estrutura pré-existente que aglutina toda a comunidade. A paróquia religiosa, as Paróquias e/ou Freguesias, são um acúmulo de história e de sociabilidade, nas suas aceções eclesiásticas e administrativas (Araújo, 2018). Efetiva e edifica ao longo da vida local portuguesa um papel proeminente em vários planos, e sobremodo nos de cariz confessional, comunitário, instrutivo, assistencial, censitário e de registo civil. O decreto de 26 de novembro de 1830 é o primeiro a estabelecer uma Junta em cada paróquia, para o bom regimento e polícia dos Povos que haja em todas paróquias alguma autoridade local. Possuía a inteira confiança dos vizinhos (moradores) e era especialmente encarregada de prover e administrar os negócios e interesses particulares dos mesmos.

Na sequência da Revolução Setembrista (setembro de 1836), permanece a Junta de Paróquia, acompanhada agora por um Regedor de Paróquia. O código de 31 de dezembro de 1836 atribui já uma certa estruturação a este organismo. Assim, o presidente lideraria, auxiliado por um secretário e um tesoureiro, o regedor assumia as funções atribuídas anteriormente ao comissário de paróquia, sendo auxiliado por um secretário. A concretização deste projeto dá-se com a Lei de 29 de outubro de 1840, as juntas de paróquia deixam de formar parte da organização administrativa. Passaram os regedores paroquiais a serem delegados dos administradores concelhios. Perderam no plano formal, o verdadeiro conteúdo das suas competências, na qualidade jurídica de magistrado administrativo.

Em 1842 com a publicação do novo código administrativo, confirma-se o processo de centralização e a Freguesia deixa de ter papel na estrutura administrativa, constituindo agora apenas uma comunidade familiar e religiosa sem caráter formal (Caetano, 1994). Ainda assim, as Juntas de Paróquia, aparecem como estrutura e não como parte da Administração Civil. Permanecem, embora com outras funções, formadas por um pároco presidente e vogal, vogais (um secretário e um tesoureiro) e o regedor, tinha como funções: administração da

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Fábrica da Igreja (bens rendimentos, culto, gestão dos espaços de culto), administração dos bens da Paróquia, atos de beneficência que lhe forem incumbidos. E ainda, regular a fruição dos pastos e terrenos baldios e logradouros comuns.

Tornou-se necessário reformular o código em vigor (1842), pois como se escrevia na altura, a primeira condição de um bom sistema administrativo é a acertada divisão territorial. Assim, propunha a divisão do território em concelhos e distritos, mantidos como respeito pelas tradições históricas e seculares do país. Acrescentava as paróquias como a circunscrição base. O governo destas estaria sob as Juntas de Paróquia, compostas por cinco elementos eleitos, entre eles o presidente, um escrivão, um tesoureiro e os demais funcionários que precisasse. A Junta (composta por um presidente e três ou cinco vogais – de entre os quais o tesoureiro e o secretário) teria a seu cargo a gestão dos bens e interesses peculiares da Paróquia.

O ano de 1910 fica marcado pela rutura com a Monarquia Constitucional e o início do regime republicano português. Na sequência da revolução de 5 de outubro, o ministro do Interior do Governo Provisório da República, António José de Almeida, por decreto de 13 de outubro, repunha o código administrativo de 1878, com algumas alterações. Considerou ser conveniente dar satisfação, no tocante às aspirações liberais e democráticas. O Decreto de 6 de agosto de 1892 transferiu para as câmaras a maior parte das receitas e despesas paroquiais, restando apenas às juntas de paróquia as receitas ordinárias para os encargos da fábrica da igreja paroquial e seus dependentes, enquanto não se produzisse nova legislação neste domínio (Alves, 2010). Em 21 de agosto de 1911, foi aprovada a Constituição da República Portuguesa, que consagrava, no seu Título IV – Das Instituições Locais Administrativas, alguns princípios sobre a administração local. Assim, o artigo 66.º da Constituição de 1911 previa um conjunto de bases orientadoras de pendor não centralista. Três anos mais tarde, a 7 de agosto de 1913, é aprovada a Lei n.º 8881. O país ficaria dividido em Distritos, Concelhos, Paróquias Civis, tendo como órgãos administrativos a Junta Geral, Câmara Municipal e Junta de Paróquia, respetivamente.

Uma das manifestações mais vivas do espírito revolucionário do 25 de Abril foi certamente o "assalto" às câmaras municipais e às juntas de freguesia. As novas autoridades políticas anularam toda a máquina da administração local, ou melhor, todo o pessoal, que a mantinha, e, naturalmente, os governadores civis que a tutelavam. Sem mexer nas estruturas importava dominá-las sistematicamente à sombra de um código administrativo concebido

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

para outra política (Ruas, 1994). O golpe militar de 25 de abril de 1974 procurou desde logo eliminar todos os representantes do antigo regime, mantendo-se as estruturas, as práticas e as ideologias administrativas tradicionais (Santos, 1984).

No imediato, as Juntas de Freguesia são substituídas por comissões administrativas nomeadas pelo poder central, mantendo-se até às primeiras eleições democráticas em 1976. Nesse mesmo ano, publicava-se a Constituição da República, na qual as Freguesias mantêm o seu estatuto autárquico, compostas por duas estruturas orgânicas, a Junta (executivo) e a Assembleia (Deliberativo) ambas eleitas pelos cidadãos. As autarquias ganham novo fôlego e dignidade, com uma maior concentração de competências, delegadas pelo poder central, para que tal fosse possível, foram sendo criados instrumentos legais, entre os quais importa destacar: a Lei das Autarquias Locais (79/1977) e Lei das Finanças Locais (1/1979).

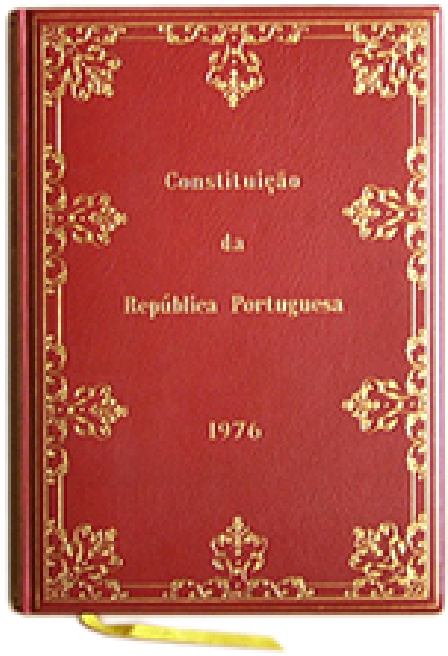


Fig. 28 – Constituição de 1976. Fonte: Wikipédia.

Com a entrada em vigor da Constituição da República Portuguesa (figura 28) em 1976, a democracia local em Portugal, passou a ter a sua visão interventiva e de coesão comunitária e territorial, esta deverá ser interpretada como o direito dos cidadãos eleitores das comunidades locais, organizados em autarquias locais, de deliberar, diretamente ou através dos órgãos por eles eleitos e por eles responsáveis, sobre os assuntos da administração pública relativos às respetivas comunidades, sempre dentro do âmbito do Estado de Direito e assim respeitando os direitos fundamentais dos cidadãos, as minorias e a separação de poder (Oliveira, 2021).

No ano de 2013, na vigência do XIX governo constitucional, o mapa das freguesias portuguesas foi redesenhado, por determinação do legislador. Foram extintas mais de 1000 freguesias (extintas ou agregadas com outras, formando as Uniões de Freguesias), conforme já mencionado. Numa alteração que prometia mais competências para as juntas de Freguesia, mais financiamento e melhorias no funcionamento.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

A Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro, e os seus 19 despachos interpretativos, não trazem grandes novidades em relação às competências deste órgão, porque a principal alteração é mesmo a redução do seu número, de 4259 a 3092. No caso do concelho de Condeixa-a-Nova foram transformadas dez em sete freguesias, e nasce a União de Freguesias de Sebal e Belide, neste caso concreto não houve alterações significativas à dinâmica governamental nem às identidades dos povoados, apesar da população mais velha, menos instruída ainda hoje não se rever nesta união, que é apenas administrativa e não identitária.

> *(...) o processo de união foi alheio às nossas vontades, foi um processo pacífico, as pessoas de Belide e do Sebal respeitam-se umas às outras. Juntaram-se sem grandes tumultos, já se conheciam e já se respeitavam mutuamente. O processo não foi do agrado de toda a gente, mas perceberam que foi uma lei imposta e tivemos que a aceitar* (RP).

> *A União de Freguesias de Sebal e Belide, são duas culturas e duas identidades, porque cada lugar tem características próprias embora sendo uma união de freguesias num território de duas antigas freguesias extintas* (HD).

> *Sebal e Belide são duas identidades, a reorganização territorial é uma necessidade, não vamos dizer que não, é uma mais valia? Ás vezes sim, ás vezes não. Aqui em concreto se não houver um cuidado, um olhar assertivo para as duas comunidades, com as suas diferenças, com as suas maneiras de estar e de caminhar, então corre-se o risco de uma ficar anulada, aqui, será Belide porque é mais pequena e ficará esquecida. Sebal e Belide são duas identidades muito distintas, logo para começar, na maneira de nos relacionarmos uns com os outros* (JG).

A Junta de Freguesia, que nem sempre foi assim designada, só obteve a sua atual designação depois de várias reformas administrativas e da implantação de algumas leis. Durante séculos, até à génese do liberalismo, freguesia e paróquia eram vocábulos que tinham significado similar, o mesmo se passa com os desígnios concelho, ou município, termos que ainda na atualidade são utilizados para designar um espaço territorial e demográfico, administrado pelo poder local, nomeadamente pela autarquia.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Mesmo nos meios predominantemente rurais e nas freguesias pequenas, a proximidade e o contacto direto com os habitantes permite dar uma resposta mais atempada às suas necessidades e anseios. Prestando também os necessários serviços de secretaria ou fornecendo algumas informações pertinentes, podendo estas ser veiculadas pela forma verbal ou através da afixação de editais e outros documentos nos locais públicos, mantendo assim informados os residentes (Marta, 2013).

Durante séculos o governo local não possuiu um espaço físico para reuniões e assembleias. Juntavam-se na sacristia da igreja, em casa dos cidadãos ligados ao órgão. Esta realidade em Belide perdurou durante séculos, até que em 1980, o executivo da Junta de Freguesia de Belide, presidido por José Bernardo dos Santos Monteiro, decidiu alterar o paradigma.



Fig. 29 – Antigas instalações da JFB. Fonte: UFSB.

Adquiriu uma parcela de terreno à Família Soares onde juntou outra de doação pela Família Barata Tovar da Quinta de Belide. No novo edifício, funcionou as instalações da Junta de Freguesia de Belide, partilhadas com o Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide (figura 29), um espaço físico ao serviço da administração local e do associativismo, operou ainda numa das suas salas, o posto médico, fornecendo os cuidados de saúde primários à população. Geograficamente bem situado, chegou-se à conclusão que este imóvel não reunia as condições dignas para a realização de assembleias de freguesia e



Fig. 30 – Atuais instalações da JFB. Fonte: UFSB.

para atendimento aos cidadãos.

Depois de observados e analisados, os prós e os contras, o executivo liderado pelo presidente anteriormente referenciado, contactou a Câmara Municipal e enviou todos os esforços para que a construção da nova sede da junta se tornasse uma realidade. As obras da dita sede começaram em 2006, num terreno, entretanto já adquirido pelo anterior executivo, localizado no atual n.º 8 da Rua do Casal, junto ao povoado primitivo da localidade (figura 30).

O poder local em Belide usufrui, hoje, de umas instalações de excelência ao serviço da população local. Para além de secretaria e gabinete do executivo, a sala de assembleias serve também como espaço multiusos para a comunidade. Neste espaço, realiza-se, anualmente, em setembro a cerimónia de abertura e entrega das lembranças do FESTIBELIDE – Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares.

O imóvel possui ainda outro espaço que serve de sede administrativa e arquivo técnico ao Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica, fruto de um protocolo de cedência de instalações, celebrado a 7 de fevereiro de 2014, entre este organismo e o executivo da União de Freguesias de Sebal e Belide. O PRAEF é também proprietário de todo o espólio etnográfico que se apresenta na entrada do edifício. Este reflete as memórias da humanização do território e serve como postal ilustrado a quem visita a localidade.

> *Belide é um condensado patrimonial, não só pelo património religioso que o tem, a igreja é um marco, um ponto de passagem obrigatório, mas também a sede da junta de freguesia, onde vocês têm o vosso espaço, os vossos trajos, que também vai marcando esse evoluir da cultura* (JG).

Parte da informação administrativa e dos acontecimentos mais relevantes do quotidiano e da história civil e religiosa de Belide estão disponíveis nos Livros de Atas da Junta da Paróquia / Junta de Freguesia, à guarda da instituição. O acervo local tem a catalogação desde 1892 até aos nossos dias.



Do ponto de vista identitário é importante fazermos também referência aos símbolos heráldicos da Freguesia. O processo iniciou-se com a aprovação da maqueta em sessão ordinária de Assembleia de Freguesia

de Belide em 30 de abril de 2001, com parecer favorável da Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses. A 7 de junho do mesmo ano, no Diário da República n.º 132 – III Série é publicado o Edital de ordenação heráldica do brasão, bandeira e selo branco da Junta de Freguesia de Belide, pelo presidente da Junta – Ramiro Conceição Mateus. **Descrição de simbologia: Escudo:** campo de ouro**. Coroa mural:** de prata de três torres**. Listel:** branco com a legenda a negro: BELIDE**. Bandeira:** verde, cordão e borlas de ouro e verde, haste e lança de ouro. **Motivos:** banda ondada (representa o rio dos Mouros e a qualidade das águas da freguesia). Flor-de-Lis – representa o atual orago da Freguesia, Nossa Senhora da Saúde, e a importância histórica da ordem de Cister na administração do povoado. Gavela de trigo (representa a agricultura e a economia em geral, o punhado do trigo é atado com uma fita vermelha, cor abundante nas papoilas do campo). **Selo:** nos termos da Lei, com a legenda: Junta de Freguesia de Belide. Com a união das freguesias o brasão mantém-se com o do Sebal agregado.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CAPÍTULO V

BELIDE: OS PATRIMÓNIOS

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

5.1. Patrimónios edificados

Património histórico e edificado é o desígnio que se atribui aos bens imóveis com importância para a comunidade local, justifica a passagem de diversas gerações pelo território, o seu reconhecimento é por essência a preservação do legado para os vindouros.



Fig. 31 – Igreja Matriz de Belide. Fonte: Amigos de Belide.

A **igreja matriz de Belide** (figura 31) é de invocação a Nossa Senhora das Neves, como consta nos diversos documentos históricos do século XVIII e XIX (Capela, 2011). O templo sagrado é constituído em três altares de talha dourada. O principal em estilo barroco, compõem-se de dois arcos concêntricos sobre colunas torcidas, contém diversas esculturas de pedra, que se destaca no altar-mor, a de Nossa Senhora das Neves (século XVI). Obras secundárias em paralelo, de S. Pedro, S. Sebastião e Santa Luzia, também das referidas épocas.

De construção do XV, tem planta retangular (formato comum aos monumentos religiosos de estilo barroco/maneirista). De interesse público (não classificado) onde sobressai a sua fachada de estilo barroco discreto. Com porta e janela de verga reta, colunas laterais em cantaria encimadas por capitéis e pináculos. Ladeiam a sua elevação, com aplicação de cruz de pedra. Quem entra pela porta principal depara-se com um corta-vento em cubo de madeira, com quatro portadas que se abrem para dentro. Construído no intervalo dos dois pilares que suportam o coro da Igreja. O batistério está situado do lado esquerdo, dentro de uma pequena capela forrada a azulejos. A Pia da Água Benta entalhada na parede,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

encontra-se à direita de quem entra. O púlpito, misto de madeira e cantaria, situa-se na lateral e apresenta uma decoração semelhante à dos altares laterais.

O coro, encostado à face interna da fachada, apresenta-se com uma guarda em balaustrada de metal e madeira e é suportado por um piso de cimento (o original seria em madeira). A nave apresenta um teto de três planos, forrado a madeira de pinho e as paredes estão revestidas, até à altura de um metro e meio, por azulejo. O acesso à capela mor é feito através de um opulento arco de estilo românico, com pilares encimados por capitéis e trave curva em arco perfeito. Todo ele contornado por frisos em baixo relevo.



Fig. 32 – Imagem de N. S. das Neves – altar mor. Fonte: UFSB.

Dentro da capela principal (altar-mor) destaca-se, o altar barroco em talha de madeira dourada, com arco perfeito rendilhado e colunas laterais torcidas, compostas por folhas, cachos de uvas, pássaros e pequenos anjos. Ao centro tem a imagem de pedra votiva a Nossa Senhora das Neves, do seu lado esquerdo tem a imagem de S. Francisco de Assis e do lado direito, a imagem de S. Domingos. O teto de três planos é idêntico ao da nave principal, daí existe o acesso à sacristia. Neste espaço, encontra-se um tanque de pedra embutido na parede, com um rosto humano esculpido em alto-relevo. Este reservatório de água era cheio

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

para beber ou para lavar as mãos. Possui também uma pequena guarita de pedra, de formato retangular e as paredes estão revestidas por azulejos de tons azuis e amarelos, iguais aos da capela mor. Na nave principal, se elevarmos o olhar, reparamos na talha de madeira que contorna o arco românico, cuja forma, lembra um pássaro com as asas abertas, parecendo oferecer proteção aos que ali passam. Por cima destas, um retábulo de madeira com oito raios de luz. Nas laterais da nave principal, dois altares de estilo barroco/maneirista, com arcos românicos e capitéis coríntios, encimados por sol fulgurante com figuras de anjo e decorados em tons castanhos marmóreos e folha de ouro. O altar da esquerda alberga a imagem de S. Pedro e o da direita, a imagem de Santa Luzia, duas esculturas de pedra, originais que se julga da autoria de João de Ruão.

Com o decorrer dos tempos, foram feitas diversas obras de restauro, melhoria e embelezamento. Na década de noventa do século XX, no adro construiu-se um coreto com arrumação subterrânea e uma Capela Mortuária. O acesso à Igreja é em calçada portuguesa, além de outras pequenas obras de beneficiação, necessárias para a manutenção do imóvel e do espaço envolvente.

> *Na minha opinião o património mais representativo será sempre a igreja, por uma razão muito simples, a forte tradição da Senhora da Saúde, em Belide, isso é inquestionável. Em termos arquitetónicos não tem o peso que têm outras igrejas do concelho, mas a dimensão que atingiu a romaria coloca-a num lugar cimeiro* (HD).

> *Uma igreja em todas as localidades é sempre um símbolo, uma localidade que não tenha uma igreja, não tem identidade, até poderá ter, mas não é a mesma coisa, a igreja é um símbolo muito forte. A igreja é o que se vê e neste momento está muito bem arranjada, por fora, por dentro, está excelente, embora haja algumas alterações que se possa não ter gostado, um pouco mais modernas, contrasta um pouco com aquilo que era mas é a adaptação aos tempos, está muito bonita, não vês ervas em lado nenhum, está toda bem arranjada.* (JPM).

> *Vêm cá para seguir a nossa santa e vêm à igreja que é muito bonita e para uma terra como a nossa, pequena, é um cartão de visita* (BT).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A torre sineira, de secção quadrada, ergue-se imponente do lado direito da Igreja. Apresenta-se com uma porta frontal de trave curva, e tem no cimo, quatro janelas sineiras,

todas contornadas por modesta cantaria com arco perfeito. Do local, aprecia-se a paisagem envolvente que se prolonga por uma imensidão de terrenos ribeirinhos. Destacam os milheirais, que se expandem pela campina verdejante do Rio dos Mouros. O casario da aldeia, que o nosso olhar sobrevoa antes de se perder nas cristas dos pinheiros, que dançam ao vento, nas encostas sombrias dos montes e outeiros.

A **Capela de Nossa Senhora da Conceição** ***(figura 33)*** foi construída no primeiro quartel do século XX, em propriedade doada por José da Cruz Coelho que a tinha adquirindo:

> *(...) em hasta pública na inspeção distrital das Finanças de Coimbra a 27 de fevereiro de mil novecentos e treze, como consta na escritura, uma parcela de terreno com a superfície de cento e quarenta e quatro metros quadrados ao quilómetro dez e vinte e dois metros da estrada distrital n.º cento e onze na freguesia de Belide, confronta com o caminho para a Fonte dos Bugalhos.*



Fig. 33 – Capela de N. S. da Conceição. Fonte: UFSB.

José da Cruz Coelho, de acordo com a informação cedida pela sua neta Elvira Carvalho Fernandes que é proprietária da escritura referenciada, fez a doação do terreno e a Família Barata Tovar construiu o imóvel. Apesar de não termos tido acesso a qualquer documento que evidencie esta construção, a memória das gentes, assim a validam.

O culto a Nossa Senhora da Conceição tem séculos de história, apesar de se iniciar no nosso país já no reinado de D. Afonso Henriques é com a restauração da independência (1640) que ganha ênfase. D. João IV após vitória contra os castelhanos, o monarca coloca a seus pés a coroa portuguesa, proclamando-a Padroeira de Portugal. O culto a Nossa Senhora da Conceição em Belide acompanha esta evolução histórica, sendo evidente em diversas peças do ourar popular.

A capela na localidade, veio substituir outra já existente na Quinta de Belide, propriedade da Família Barata Tovar. Devido à sua localização, intramuros da propriedade nobre, o acesso não era permitido a todos, daí esta nova construção. A família em questão sempre foi acarinhada pela população local, pois apesar de não residirem em Belide a tempo integral, davam trabalho e garantiam o sustento de diversas famílias.

O imóvel de obra vernácula modesta é de planta retangular, com porta única na frontaria e duas janelas rasgadas nas laterais, e no altar realça-se a imagem de Nossa Senhora da Conceição. A imagem que já existia na propriedade da família Barata Tovar, apenas foi transferida. O imóvel é propriedade da Comissão Fabriqueira da Igreja de Belide que tem a responsabilidade de zelar pela manutenção e conservação da mesma, compromisso que a população assumiu aquando da sua construção.

A população local realiza-lhe a festa de homenagem a 8 de dezembro. A entrega da bandeira é um dos pontos altos desta pequena festa. Os mordomos levam a bandeira de Nossa Senhora da Conceição da igreja para a capela. À noite, no final dos festejos, entregam-na aos novos mordomos que se ofereceram para realizar a festa no ano seguinte. São estes que a levam de volta para a Igreja para anunciar aos populares quem será responsável pela veneração no ano seguinte (Marta, 2013).

Até há poucos anos, no dia 9 de dezembro era celebrada uma missa em honra da Família Barata, últimos proprietários da Quinta de Belide, como gratificação da edificação do local sagrado e a sua cedência à comunidade local. No espaço circundante existe um jardim com parque de merendas, terreno cedido pela família Pereira Fernandes.

> *O buraco ao pé da Senhora da Conceição era a cova, o parque de merendas que tem lá era uma cova com água e dava erva lameira, hoje ninguém semeia erva lameira, porque também não tem vacas para a comer. Dava erva lameira no inverno, na água e as rãs cantavam, elas cantavam a noite inteira. A capela foi construída no terreno que o meu avô deu, deu e os Baratas construíram, o terreno poderia dar que não lhe fazia falta, agora construir ele não tinha dinheiro para isso. O buraco encheram-no com a terra que foi tirada da Fonte do Bugalho. A cova deixou de ser a cova (...) nós fizemos doação para a Junta de Freguesia e foi assim que surgiu o parque e está lá um lugar bonito, que dá gosto a gente ver* (ECF).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *O espaço deveria ser mais aproveitado, tem todas as condições, também lá tem um parque de merendas que deveria ser utilizado pelos populares, rentabilizar mais aquele espaço, tem todas as condições* (JPM).

O Pelourinho de Belide, mais vulgarmente conhecido, pelo povo, como Cruzeiro (figura 34), que dá nome à mesma rua, é um monumento do séc. XVI é de construção manuelina, símbolo de autoridade e liberdade, está localizado ao centro da freguesia fazendo parte do seu património imóvel. O soco é constituído por dois degraus quadrados com uma placa retangular onde assenta uma coluna de fuste redonda. O capitel tem as Armas de Portugal, a Esfera Armilar e a Cruz de Cristo (Rosa, 2014).

> *O cruzeiro é sem dúvida, outro monumento importante, pois leva-nos à época medieval de Belide, enquanto concelho e pequena vila que já foi. Embora tenha sido restaurado várias vezes ao longo dos anos, tem as armas da Casa de Aveiro, à qual pertencemos, a esfera armilar que representa os descobrimentos e a cruz de Cristo que está sempre junta* (ACM).

Tem vindo a ser restaurado ao longo dos anos. Destaca-se a restauração feita pelo povo da freguesia a 6 de abril de 1952. Uma réplica construída durante o ano de 2007 foi colocada exatamente no mesmo local, devido à sua destruição.



Fig. 34 – Pelourinho. Fonte: Autor.

Em frente ao monumento, localizava-se a antiga cadeia e a adega da Quinta de Belide. Um cruzeiro mais antigo, teria existido a meio da Rua do Cruzeiro, a este, deve-se a toponímia da rua, seria composto por duas bases quadradas que suportavam uma cruz de pedra de formato tosco.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Fig. 35 – Palácio dos Barata Tovar (antes do incêndio). Fonte: Amigos de Belide.

A **Quinta de Belide**, possui um solar (figura 35) que outrora pertenceu a Elísio de Vasconcelos de Sousa Amado. Passou esta Quinta para Melchior Barata Tovar Pereira Coutinho, ostentando, a fachada do palacete, o brasão de armas desta família, esquartejado e tem no 1.º e 4.º quartéis, as armas dos Coutinhos, no 2.º as dos Baratas e no 3.º as dos Câmaras. (Conceição, 1983).

Este monumento encontra-se em ruínas, vítima de um incêndio ocorrido a 5 de janeiro de 1993, encontrando-se ainda hoje em ruínas.

> *(...) está na origem de muitas tradições do próprio lugar é o Palácio dos Barata Tovar que infelizmente está em ruínas fruto do incendio que lá aconteceu há muitos anos, é uma construção que deve ser referida e nunca pode será esquecida, faz parte da cultura das gentes de Belide* (HD).

> *O palácio oitocentista dos Barata Tovar, é uma referência em termos locais, uma pena estar em ruína* (NMC).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *Foi um património que se perdeu e que dá vontade de chorar, todo o historial que tinha e que se perdeu, desde livros, de brinquedos, de fotografias. Todos os registos que de um momento para o outro se perderam, nós ainda dizemos, a quinta de Belide, mas na verdade são as*

ruínas da quinta de Belide. O incêndio que destruiu aquele palácio foi um grande atentado para o nosso património (JPM).

Além do antigo solar (figura 36) ainda se encontram de pé, o celeiro e outro imóvel do mesmo estilo, que fora utilizado para arrumações. Conservam ainda o traço original, mas já se denota alguma degradação provocada pelo passar dos tempos.



Fig. 36 – Convívio no Solar. Fonte: Amigos de Belide.

A grande adega da quinta também já não existe, ruiu há alguns anos, a nascente, existia um alpendre com um poço e um engenho de tirar água, que era movido por uma junta de bois.

Os terrenos da quinta ocupavam uma área considerável na área total da freguesia e as culturas mais praticadas eram: a vinha, os cereais (trigo, milho, cevada e centeio), o olival e as leguminosas, entre outras culturas: não menos importantes. As árvores de fruto eram muitas e de diversas espécies, a propriedade tinha um caseiro e diversos trabalhadores. Ainda assim, quando o trabalho era muito, contratavam outras pessoas da freguesia, para trabalhos sazonais, à jorna.

O **Solar dos Azevedos** de Belide tem esta designação devido à sua antiga localização. Na atualidade insere-se na vizinha de Figueiró do Campo. Apesar de se constar que o palacete terá sido destruído pelo terramoto de 1 de novembro de 1755, contrariamos esta afirmação. Os inquéritos do Marquês de Pombal das freguesias de Belide e de Figueiró do Campo, não fizerem ocorrência a qualquer estrago em casas de habitação ou similares, apenas a pequenas fendas.

Junto ao solar existiu um lagar de azeite, conhecido por *Lagar da Comenda*. Um dos seus senhores foi António Ferreira de Azevedo, casado com D. Tomásia Vitória Amado da Cunha Vasconcelos, nascida no solar da Quinta da Arrocha, no Sebal. Nos nossos dias, já nada resta do solar a nível de paredes ou muros. Até há pouco tempo existiram três registos naturais, as palmeiras. Estas árvores, que ainda hoje se veem em frente aos palácios ou casas senhoriais, eram sinal de poder e de riqueza dos seus proprietários. Apesar da memória, não resta qualquer dúvida de que são vestígios da existência do solar dos Azevedos de Belide no local referenciado.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO



Fig. 37 – Cemitério de Belide. Fonte: UFSB

O **cemitério de Belide** (figura 37) integra a listagem local do património histórico ou edificado, de atual construção retangular, trata-se de mais um dos locais de culto da freguesia. Para os cristãos, a última morada (o cemitério) é, também, uma relação presente de continuidade entre a comunidade dos vivos e a dos seus mortos. Indispensável à identidade cultural dos povos desde o indivíduo, a família até às nações. O cemitério, elemento de paisagem, é um dos elos mais significativos de ligação à cultura identitária de comunidade rural (Ribeiro Telles, 2008).

A sua construção data dos finais do século XIX, oficialmente inaugurado em 1900, na fase inicial era administrado da Igreja local e os registos dos inumados era da responsabilidade dos sacerdotes locais. Local sagrado de culto à morte e oração, teve em tempos, quatro grandes ciprestes, dois na entrada principal, do lado da Igreja, e outros dois no seu interior. Juntos transmitiam a imagem de mãos juntas em oração a Deus. A partir de 1970 já sob administração da Junta de Freguesia, foi ampliado duas vezes. Possui um corredor central em calçada portuguesa e o dobro da sua área inicial. As antigas campas de

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

pedra foram substituídas pelas campas de mármore e granito, umas mais vistosas que outras, dependendo das posses de cada um.

A cultura e a arte fúnebre partilham assim o mesmo local, não sendo possível distinguir, onde começa uma e acaba outra. Hoje, a autorização para inumação e venda de terrenos, a atribuição de alvarás de concessão e a autorização para efetuar obras ou eventos dentro do cemitério são da competência da Junta de Freguesia. Este organismo, faz a sua limpeza e manutenção, para que se apresente limpo e arrumado (Marta, 2013).

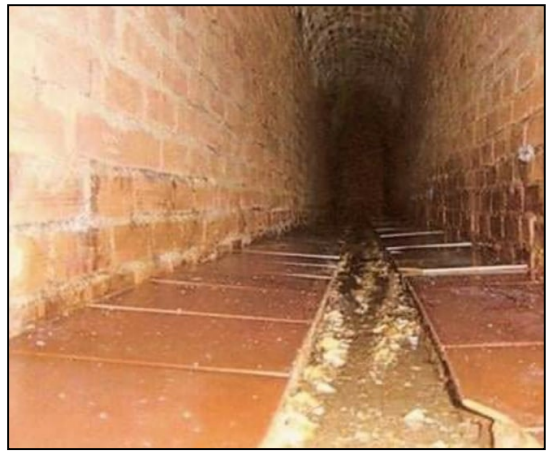


Fig. 38 – Mina da Fonte. Fonte: UFSB.

A **Mina da Fonte** localiza-se junto à nascente, situada no pinhal a oeste do povoado, dista cerca de trezentos metros de distância do fontanário. Quando foi descoberta, seria apenas um pequeno fio de água que brotava à superfície, correndo para uma pequena bacia escavada na terra.

A água era daí retirada utilizando púcaros de barro ou outros objetos da altura, e o acesso à nascente era feito através de carreiros existentes no pinhal. Posteriormente, foi aplicada uma telha de meia cana. Aparava-se a água para cântaras de barro vermelho, que eram transportadas à cabeça pelas mulheres da aldeia.

Em 1949, a Junta de Freguesia mandou abrir uma vala na nascente e construiu uma mina e dois tanques subterrâneos. Erigido em tijolo maciço de barro vermelho, com paredes direitas e teto abobadado. Quanto à utilidade, o primeiro tanque serve para filtragem da água e o segundo para armazenamento. Posteriormente, entra nas tubagens, direcionando a água ao Fontanário e Lavadouro.

> *A nascente, (...) também é histórico, lá no pinhal aquilo é engraçado, a mina da fonte fui lá muitas vezes limpar aquilo, tudo limpinho, desinfetado, era impecável* (ASM).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A qualidade da água e a limpeza da mina (uma ou duas vezes por ano) são da responsabilidade da Junta de Freguesia, sujeita a análises regulares e os resultados são afixados junto ao imóvel.



Fig. 39 – Lavadouro de Belide. Fonte: Amigos de Belide.

O **Lavadouro/Fontanário de Belide** (figura 39), trata-se de uma construção de 1966, inaugurada a 3 de julho desse mesmo ano. O imóvel era utilizado pelas mulheres da aldeia, que ali iam abastecer as cantaras de barro e lavar as suas roupas.

Depois da procura e escolha do local, a Junta de Freguesia iniciou as obras necessárias para efetuar a recolha e armazenamento da água. Através de tubagens adequadas para chegar a um fontanário mais antigo (1949/1966), que existiu no local onde se encontra o atual lavadouro. Toda esta intervenção veio, de certa forma, melhorar a qualidade de vida dos habitantes da aldeia. Especialmente, das mulheres, que assim, deixaram de ir buscar a água à nascente junto ao pinhal e passaram a ir ao fontanário público.

> *O lavadouro brinquei lá muita vez, às escondidas, lembro-me bem de ver as mulheres a lavarem a roupa, eram as redes sociais da altura, sabiam das*

novidades ali e fazia bem às pessoas, não tinham muito com que se entreter. Agora está fechado e acho que deveria ser um espaço dinamizado ou aberto (JPM).

O lavadouro de Belide é, sem dúvida, um imóvel com um estilo muito peculiar. À data da sua construção, já apresentava um visual de inspiração vernácula e alguns pormenores que o distinguiam dos outros imóveis da época (figura 40). Por um lado, os seis pilares e a cercadura em pedra maciça davam-lhe um toque conservador. Por outro, as janelas de linhas direitas rasgadas na fachada e o telhado de quatro águas fazem dele um imóvel bem integrado na paisagem urbanizada e sempre atual. Dentro do seu estilo e género é o único exemplar existente no concelho de Condeixa.



Fig. 40 – Crianças locais. Fonte: ACM.

A qualidade da água do fontanário é uma mais valia para a freguesia e para as aldeias limítrofes, uma vez que centenas de pessoas, algumas de longe, lá vão encher os seus garrafões. Muito embora a freguesia tenha acesso à rede de abastecimento público, sendo calcária apresenta qualidade, é utilizada na maioria dos casos, para higiene, lavagem de roupas, rega ou confeção de refeições. A maioria dos habitantes, prefere beber água do fontanário, por saber que é filtrada, límpida, inodora, natural e de boa qualidade, confirmada por análises regulares (Marta, 2013).

O atual lavadouro deixou de estar em funcionamento no início do século XXI, pois a comunidade local acompanhou as evoluções tecnológicas. O espaço foi cedido no início do ano de 2020 pela União de Freguesias de Sebal e Belide ao Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica, por protocolo de cedência de instalações a título gracioso.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O novo protocolo relativo ao lavadouro, tem como objetivo que o PRAEF possa recriar lá as antigas tradições da lavagem da roupa. Das mulheres que se juntava no espaço, o espaço tem ótimas condições para isso, é bom que possa ser reaproveitado, recriando o espaço de trabalho e de convívio

e de julgamento, tantos namoros se arranjaram e tantos outros se estragaram. Os antigos tribunais do povo, o convívio dá para os dois sentidos, para o bem e para o mal (HD).

Este organismo associativo comprometeu-se a dinamizar o espaço, construindo um núcleo museológico ligado ao ciclo da água. Este projeto encontra-se em fase inicial de implementação.



Fig. 41 – Pelourinho e antiga escola primária. Fonte: Amigos de Belide.

Quanto à **escola primária**, a instrução na comunidade conta com mais de um século de história.

Desde o primeiro quartel do século XX, que se conhece a instituição nesta comunidade. Já no ano de 1914, em sessão ordinária da Junta da Paróquia de 30 de agosto, lutava-se pelo direito à educação, como consta na referida ata:

Aos trinta dias do mês de agosto do ano de mil nove centos e catorze, pelas dez horas, na sala das sessões da Junta de Paróquia Civil da Freguesia de Belide, se reuniu a mesma junta e foi aberta a sessão, nessa ocasião pelo presidente foi apresentado o seguinte:

1º. Que se apresentasse à Exma. Câmara Municipal deste Concelho (Condeixa-a-Nova), a necessidade urgente de que o senhorio da casa que há de servir de escola, deveria ultimar as obras de que o mesmo edifício carece, a fim de o tornar habitável.

2º. Manifestar o seu descontentamento perante a mesma Exma. Vereação Camarária, por esta não ter dado as providências que era de esperar, obrigando o aludido senhorio ao fiel cumprimento do contrato de arrendamento que fez.

3º. Que tentando o aludido senhorio confirmar o contrato de arrendamento, como se depreende pela divisão que fez no pátio pertencente à referida casa,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *apossando-se de uma parte deste, pois que, arrendou na verdade um pequeno pátio; mas, é claro, ajuíza-se que é o pátio pertencente à aludida habitação, que já assim não é grande, se peça á mesma Exma. Câmara que obrigue o dito cidadão a reconsiderar, tirando a divisão que fez depois do contrato efetuado.*
> *4º. Que este povo, (...) apesar de lutar com falta de recursos, reconhece, que a instrução é a base do progresso: desejando portanto ter na sua terra, uma escola a funcionar; e para isso é urgente que, a Exma. Professora se instale, em casa, embora modesta, mas confortável.*

É notória a preocupação do poder local na época com a instrução. Aludindo que é a base do progresso e por conseguinte do desenvolvimento, nota-se já nesta data a consciencialização das gentes da comunidade para a importância do processo educativo dos seus habitantes. A génese da instrução primária em Belide iniciou-se num imóvel arrendado para o efeito, localizado geograficamente em frente às instalações do atual Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide, do lado direito da Rua do Cruzeiro, início da Rua da Nascente (figura 41).

> *Não só a atual escola, mas outra que existiu em tempos que foi uma casa de habitação transformada, onde andaram os nossos pais ou até os nossos avós. Esta é dos anos 60 mais ou menos, lembro-me de os pais irem levar os meninos à escola com os saquinhos às costas por aí acima, para mim isso é marcante, embora as condições hoje sejam muito melhores do que na altura, mas para nós era bom, sentimo-nos bem lá e era assim a comunidade. Albergava os alunos de Belide e de Casével porque eram duas comunidades aqui juntas, a terra era pequena, acolhia as duas partes dos alunos, os de cá e os de lá* (ACM).

O cuidado e a sensibilidade para a instrução primária deram continuidade com o decurso do século XX. A política salazarista do Estado Novo, com a grande reforma do ensino enfatizou as construções escolares por todo o território nacional e ultramarino. Grande foi o número de aldeias e lugares que usufruíram deste melhoramento, felizmente Belide não foi exceção. A Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, adquire em 26 de julho de 1956, o terreno para a sua construção, como consta na escritura de compra e venda:

USC DE COMPOSTELA

A Câmara Municipal, adquire uma parcela 1034 metros quadrados a Manuel da Costa Branco e sua esposa Maria do Rosário Branco, inscrita na freguesia de Belide sob o artigo 228, dois terços, confrontando a norte e a poente com o terreno do próprio, sul com a Estrada Nacional 347 e a nascente com Manuel Grilo, pelo valor de 4136 escudos, que nesta data lhe vão ser entregues e de que dão inteira quitação. Que transferem toda a ação, direito, domínio e posse, que até hoje têm direito no aludido terreno, à Câmara Municipal deste concelho.



Fig. 42 – Escola EB 1 de Belide. Fonte: UFSB.

Com esta aquisição inicia-se a construção do edifício que entra em funcionamento em 1960. Passado um ano é premiada pelo concurso de escolas arborizadas. Inicialmente foi edificada a sala de baixo e posteriormente a de cima (tendo em conta a orientação do rio). Já na modernidade (2008), o edifício sofre obras profundas de reestruturação em ampliação (figura 42), sendo inauguradas as novas instalações da Escola do 1.º Ciclo de Belide em 24 de janeiro, pelo então presidente do Município, Eng. Jorge Teixeira Bento.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A escola, ainda temos a escola, se a escola for encerrada perde-se um grande marco na terra, então, não perde? Andei na escola primária de Belide até à 4ª classe, ainda estava dividida, masculino, feminino, a parte

> *do lado de Belide era só meninas. A parte do lado de Casével era só rapazes e não havia misturas, um professor para os rapazes e uma professora para as meninas. Agora cada vez as crianças são menos, mas olha, ainda vai funcionando* (ASM).

Em suma, a escola do 1.º ciclo de Belide, apesar da redução do número de alunos se fazer sentir com o decorrer das últimas décadas, ainda se mantém em funcionamento com condições de excelência, em regime de monodocência (os quatro anos de escolaridade do 1.º ciclo em simultâneo).

Pertença da Casa de Aveiro, o concelho do Reguengo de Belide, como outras terras reais, estavam bem delimitadas. O povoado está cercado (figura 43) de **marcos inventariados da *Croa Real***, pois era a forma dos seus habitantes gerirem as propriedades.



Fig. 43 – Marcos da Croa Real. Fonte: ACM.

Estas limitações geográficas serviam de base ao ordenamento do território e os seus habitantes (homens bons). Faziam toda a organização administrativa da região, sabendo todos os direitos e deveres inerentes. No concelho do Reguengo de Belide, assim como nos restantes, o concelho tratava todos os assuntos que provinham das autoridades

administrativas, judiciais, militares e/ou fiscais. Outros do interesse da comunidade ou povoação (águas, pontes, bebedouros para gado, grangeio de terrenos baldios), vistorias dos marcos do termo, reparação de caminhos, casas de escola, acordo nos trâmites a seguir para demandar judicialmente um vizinho ou povo vizinho. As reuniões ou assembleias do concelho realizavam-se por norma ao domingo, depois de missa, ao ar livre. Deliberava-se por acordo da comunidade, competia a este organismo defender os interesses da povoação e promover e efetuar melhoramentos nesta.

Os intervenientes no concelho, tinham a função social de serem homens sérios e éticos, bons exemplos para a comunidade, o ditado popular assim o evidenciava: "quando fores ao concelho, cuida primeiro do teu e depois do alhueu". Esta prática ainda foi mantida durante o primeiro quartel do século XX: "pela organização administrativa vigente, à frente de cada freguesia estão a Junta da Paróquia e o regedor, este manda reunir o povo, no sítio do costume, quando tem ordens a comunicar e decisões a tomar" (Vasconcelos, 1988, p. 528).

Os marcos da *Croa Real* inscrevem-se hoje no património identitário do povoado local. Para além destes, existem ainda os marcos de *Cellas*, fronteira com a freguesia vizinha de Figueiró do Campo. Os últimos, provindos da carta de aforamento entre o Mosteiro de Santa Maria de Celas e os homens bons do lugar de Figueiró do Campo, terra do dito mosteiro, datado de 1489, como evidencia Marta (2013, p. 204):

> *Corenta casaes de herdade, todos no campo de Figueiró e no monte. Os quais quarenta casaes demarcaõ, e partem des contra o vendaual com o Reguégo de Belida, e do Soaõ partem com o Reguengo de Pereira, e do Aguiaõ partem com terras de Fermoselhe, e da travesia partem, e demarcaõ com o Reguengo de Villa Nova d'Anços.*

As fronteiras entre as freguesias de Belide e da Ega, também estão devidamente assinaladas, como o comprova o Livro do Tombo (1508, p. 29):

> *(...) este he o termo da villa da Ega começando primeiramente no ribeiro de Bellide e desi aa pedra cruzada contra croa real, desde casal de sam Amaro, e de hi se vay ao casal de Joam de Soure.*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Os marcos territoriais em Belide são ainda hoje um património rico a explorar, para além de serem a história viva e localizada das fronteiras do território, são por sua vez a fronteira identitária do povo. Na atualidade as gentes de Belide ainda se encontram em luta

relativamente ao ordenamento do território com os limites da freguesia. Isto porque, a organização administrativa efetuada com os censos de 2011 integrou o lugar do Casal de Santo Amaro na freguesia de Ega.

O descontentamento foi total pois a localidade não tem qualquer ligação afetiva ao novo território. Os executivos locais das juntas de freguesia reuniram e retificaram essa situação, posteriormente esta correção foi aprovada em assembleias de freguesia e assembleia municipal. Ainda, se aguarda a aprovação na Assembleia da República e posteriormente publicação em Diário da República. A União de Freguesias de Sebal e Belide assegura toda a admistração territorial do lugar do Casal de Santo Amaro, apesar de não estar legalmente concluída esta situação de correção.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

5.2. Patrimónios naturais

Entende-se por património natural, de acordo com a UNESCO, os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico. As formações geológicas e fisiológicas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação, e ainda, os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural.

Conhecer os recursos naturais do território e as suas potencialidades essencialmente rurais, é, (re)descobrir a diversidade e heterogeneidade e o seu simbolismo histórico. As comunidades influenciaram o meio e o meio influenciou as sociedades, desenvolvendo-se uma territorialização e patrimonialização, una e singular. No território que estamos a estudar, o panorama agrícola e florestal possui marcas identitárias que não são alheias à humanização territorial.



Fig. 44 – Rio dos Mouros em Belide. Fonte: Amigos de Belide.

O **Rio dos Mouros** é um afluente do Rio Mondego (figura 44), nasce no concelho de Ansião e a sua embocadura no Mondego ocorre (na atualidade) no limite dos concelhos de Soure e Montemor-o-Velho. Atravessa parte do território dos concelhos de Penela, Condeixa-a-Nova e Soure. O troço superior do rio, a montante de Conímbriga, tem a sua nascente na Ribeira de Alcalamouque, entre a povoação do mesmo nome e o Alvorge, no Concelho de Ansião. Bem próximo do local onde, teria existido a célebre Torre da Ladeia, cujos restos ainda hoje fariam parte do antigo Palácio dos Figueiredos da Guerra, ali lhe chamavam Rio Pau.

Na sua trajetória para noroeste, passa pelo Rabaçal, inicialmente terra de homiziados, a quem o Rei Afonso Henriques concedia perdão desde que fixassem naqueles sítios. O Rei sentiu necessidade de mandar construir o Castelo de Germanelo, para sua defesa. Por aqui terá acontecido o chamado fossado da Ladeia, incursão militar que trouxe um pouco de paz às gentes que aí se recolhiam e a toda a área circundante. Ainda na Ladeia, bem próximo e quase paralelo à estrada romana que de Lisboa (Olisipo), por Tomar (Sellium), se dirigia para Conímbriga, o Rio Pau passa pelo Zambujal. Onde o cabo do martelo dos ferreiros gigantes dos Germanelos, terá botado raízes, segundo a lenda. Depois pela Fonte Coberta e Poço, cujos campos ora inunda, na sua fúria invernosa, ora põe a seco, quando o calor de agosto não lhe deixa nem ponta de água. Nesta zona, na Idade Média, era conhecido por Rio Carálio, como lhe chama o Foral de Germanelo (1142).


USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Fig. 45 – Rio dos Mouros em Belide no Verão. Fonte: Amigos de Belide.

Deixa depois o território serrano, através das gargantas rochosas e apertadas dos montes de Pega e Alcôncere, despenhando-se em ruidosas cascatas a espumar a brancura riscada das cores do arco-íris, quando o sol da tarde, rompendo o arvoredo, lhe bate de frente. Ao passar junto à velha Cidade de Conímbriga, que algum dia, lá no cimo da rabina, parecia cumprimentá-lo, muda de nome para Rio dos Mouros, talvez para evitar possíveis equívocos de pronúncias deturpadas pelo seu nome anterior. No seu percurso final, que o levará ao Rio Mondego (anteriormente junto a Verride, na atualidade na Granja do Ulmeiro, graças ao plano de intervenção hidráulica do Baixo Mondego, ocorrido na década de setenta do século passado). Depois de percorrido algumas dezenas de quilómetros de campos férteis e alagados, recebe no seu leito, logo de início, os enormes caudais das nascentes de Arrifana e do Olho. Ao passar a Ega, saúda, medroso, o Paço antigo, que nada querendo com os mouros, como condição para o deixar passar, daqui em diante chamar-se-á, Rio Ega. Com um caudal de certa envergadura na maior parte do ano, teve noutros tempos, algumas condições de navegabilidade, até ao ancoradouro da Arrifana. A montante da ponte da Ega, na margem esquerda deste rio, existe uma espécie de ancoradouro, a que o povo chama porto das negras, olhando para o topónimo *porto* como um local de passagem.

Toda esta vasta área desde a Arrifana, Ega, Sebal, Campizes, Casével, Belide, Figueiró do Campo até ao Mondego e a fazer parte do seu sistema hídrico, seria um enorme paul, ou uma sucessão deles. Cobertos das águas residuais das serras da sua orla, onde em tempos mais distantes de milénios, chegaria o refluxo marinho.

A prova encontra-se escavando em qualquer lugar desta baixa, até à profundidade média de quatro a cinco metros. A este nível, encontra-se uma camada considerável de calhau rolado com características de fundo marinho e concheiros dispersos que não serão só resíduos do passadio humano dessas dilatadas eras (Neves, 2008). O porto das negras no Rio da Ega chegou a acolher pequenas embarcações, que se cruzam nos sítios mais largos e fundos. Impulsionados pela vara do barqueiro, na compra e troca de produtos da terra e no seu transporte para outras povoações ribeirinhas, de acordo ou em concorrência com os almocreves, únicos abastecedores dos bens essenciais às populações mais isoladas. Salienta-se, aqui as vias aquáticas com larga importância, no desenvolvimento rural das povoações ribeirinhas. Há uns anos, nele pescavam bons exemplares de barbos, enguias e outras espécies piscícolas, até a apreciada lampreia chegou a ser por aqui encontrada. Por altura das cheias, nas águas turvas, os apaixonados por esta faina, de sertelas preparadas (atado de minhocas), guarda-chuva e balde, sacavam dos pégos (locais mais fundos) a saborosa enguia

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

para a caldeirada. A partilhar com os amigos, em encontros que eram sempre de festa em comunidade (Neves, 2008).

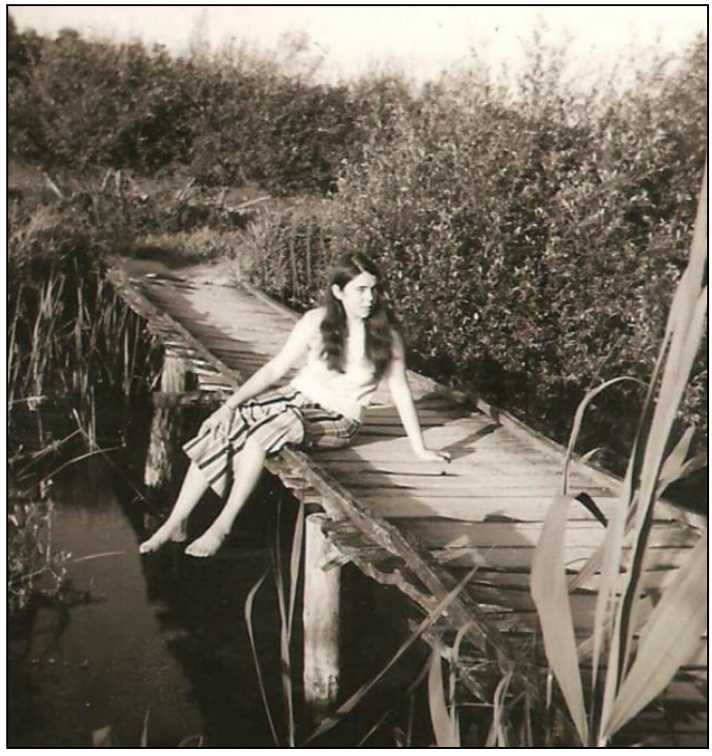


Fig. 46 – Ponte de madeira. Fonte: JPM.

Belide usufrui de uma excelente localização na margem esquerda do Rio dos Mouros, se por um lado os invernos rigorosos inundavam os campos de água deixando o povoado isolado, por outro, a fartura da água fora uma mais-valia para a prática agrícola. Nos meses de inverno, as populações locais estavam impossibilitadas de aceder aos terrenos do outro lado do rio. Durante séculos, para atravessarem faziam-no em cima de carros de bois, deslocavam-se pela ponte da Vala do Moinho e, a partir dali, tinham dois caminhos para atravessar. Um dava ligação à Espinheira, e o outro passava junto ao poço dos cães e dava ligação ao caminho da Rapoila, onde, o inverno era um autêntico lamaçal.

Não existia outra ponte por onde pudessem atravessar (figura 46), a mais próxima era a Ponte das Eiras em Figueiró do Campo, localizada a mil e duzentos metros a jusante. Foi na primeira metade do século XX que a Junta de Freguesia de Belide construiu uma pequena ponte sobre o Rio dos Mouros. Construção tosca suportada por dois carris de aço e, por cima destes, um passadiço em madeira com cerca de um metro e vinte de largura. Passados alguns anos, permitindo o acesso dos carros de bois e tratores à outra margem, o mesmo organismo, ergueu uma nova ponte em betão, no mesmo local que a anterior. Já com largura suficiente para a passagem de transportes ligeiros e pesados. Desde então, tornou-se mais fácil o acesso aos terrenos situados na outra margem.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Nesta lezíria, onde Belide se insere, cultivava-se um pouco de tudo: milho, trigo, centeio, cevada, aveia, tremoço. Também se plantavam beterrabas, couves e alfaces. Semeavam-se batatas, nabos, feijões, favas e ervilhas e, ainda existiam algumas vinhas e corrimões, dispersos um pouco por todo o lado.

O findar do século XVIII e a entrada no século XIX, aparece o cultivo do arroz, um cereal oriundo de zonas mais húmidas, cultivado neste território, devido à abundância de água, ingrediente principal, necessário para a sua maturação e desenvolvimento. Na atualidade, já não se veem arrozais na campina de Belide, os trigais são poucos, a cultura do milho predomina e ocupa cerca de 70% dos espaços ribeirinhos. Pequenas áreas de terreno foram emparceladas e os seus detentores praticam uma cultura vocacionada para o comércio industrial (Marta, 2013).

O ser humano ao longo dos milénios sempre soube adaptar-se às potencialidades que a natureza lhe oferecia, em Belide não foi exceção, Álvaro Monteiro e João Paulo Morgado recordam esses tempos:

> *O Rio dos Mouros, lembro-me no verão, havia lá um poço que era o poço dos cães, toda a gente ia para lá nadar, os miúdos todos e eu como não sabia nadar, eu gostava de ir, mas não mergulhava tinha medo. Uma vez arrisquei ir para lá com o meu primo Ilídio, eu agarrei-me a ele ia lá morrendo afogado, nunca me esquece dessa. É pá, o poço dos cães, aquilo era água limpinha, não havia o que há hoje, era clarinha, peixe (...). Era um fundão que havia logo a seguir à ponte, a água caia ali, havia água todo o ano, a água batia, fazia aquele fundão e trazia areia, todos os anos lá se ia buscar, tratores e tratores e carradas de areia para as obras, o pessoal aproveitava, era muito limpinho, impecável* (ASM).

> *(...) o campo e o rio, deixam-me saudades, na minha infância e hoje recordo isso com alguma mágoa, por causa da poluição. O rio não está de todo em condições para haver banhos no verão por parte dos jovens e crianças. Já tive vontade de voltar a mandar um mergulho cá de cima da ponte como se fazia antigamente, mas aquilo está de todo impossível. Passei lá bons momentos, com os meus amigos de infância que não vou esquecer e falta um bocado isso ao pessoal de hoje em dia, o saírem à rua* (JPM).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A atividade piscatória na região é complementar, tal imagem deve-se ao facto de os pescadores viverem integradas numa comunidade rural (figura 47) e, por conseguinte,



saberem não só de redes, mas também de arados, a pesca é importante como atividade económica logo a seguir à agricultura.

Fig. 47 – Pesca deportiva em Belide. Fonte: Amigos de Belide.

A localização privilegiada junto ao Rio dos Mouros, bem próximo da sua foz e a existência de várias valas e canais na enorme bacia hidrográfica, rica em espécies piscatórias. Dada a proximidade do mar, não são estranhos os movimentos migratórios das enguias e das lampreias. Pescava-se quase todo o ano, mas é no período de inverno a época mais rica. Nesta altura, quando as águas das enchentes baixam de nível, formando várias correntes através dos canais e dos boquetes naturais ou feitos pelos pescadores. No período de muita pescaria, as redes enchem-se de peixe, espécies como a enguia, o barbo, a ruivaca ou o pimpão. Por incrível que pareça, havia mexilhões de água doce, a camarita (pequeno camarão do rio) frita era um petisco muito apreciado, servia de pretexto para existir folia em comunidade.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Os métodos mais utilizados para pescar eram: o calcão, as armadilhas de verga, as redes de pesca e a pesca à toca. A pesca de cana e anzol era pouco praticada.

O *calcão* era um método tradicional de pesca e era efetuado em valas ou ribeiros. Eram necessárias pelo menos duas pessoas para praticar este tipo de pesca. Uma segurava o poceiro dentro da vala, a outra afugentava o peixe em direção ao primeiro batendo com os pés na água. Quando estivesse perto, levantava-se o poceiro para não deixar fugir o peixe. Este método também podia ser praticado sem entrar na água, bastava ter duas varas compridas, uma para segurar o posseiro e outra para calcar.

As armadilhas de verga eram construídas com ramos de vimeiro secos e depois demolhados, o que permitia ao artesão vergá-los sem os partir. Tinham o formato de um casulo e um diâmetro aproximado de setenta centímetros. Uma entrada afunilada e, ao centro, uma pequena abertura por onde passava o peixe.

Eram colocadas nas bordas do rio ou nas valas, amarradas a duas estacas espetadas no fundo e com uma pedra para não virem ao cimo de água. Os peixes ao passarem naquele local, entravam pela pequena abertura e depois já não conseguiam sair. Armavam-se de manhã cedo e retiravam-se ao anoitecer, ou ainda, à noite e retiravam-se pela manhã.

A pesca à rede, é um método mais recente e utiliza redes de pesca conhecidas (na gíria popular) por *estrumalhos*. Armadas no rio de margem a margem, o peixe ao passar ficava preso nas malhas da rede. Depois levantada e o peixe era retirado pelo pescador. A pesca à toca era uma prática utilizada pelos rapazes e pelos homens da aldeia. Mergulhavam debaixo das raízes das árvores ribeirinhas e apanhavam os barbos que aí se escondiam.

A pesca à cana e anzol, não era praticada como aquela em que se usam as armadilhas de verga ou as redes. Atualmente, a cana e o anzol também são utilizados para a pesca desportiva. A pesca de cana e anzol ainda se pratica regularmente no Rio dos Mouros. Em Belide as margens são muito acessíveis e o caminho de acesso aos terrenos passa mesmo ao lado do rio, apresentamos seguidamente as espécies:

O ruivaco pode-se encontrar em quase todos os rios de Portugal e é a espécie mais abundante no Rio dos Mouros. É relativamente pequeno e tem um corpo levemente comprimido. O perfil da sua cabeça é ligeiramente convexo, a boca é ínfera, subterminal, arqueada e sem barbilhos. Apresenta escamas e tem uma linha lateral muito marcada com cerca de 40 escamas. A barbatana dorsal é, na maioria dos casos, maior que a barbatana anal.

O barbo é uma espécie autóctone da Península Ibérica. Tem preferência pelas águas mais fundas e rápidas correntes de rio com fundos de pedra ou gravilha. Alimenta-se

maioritariamente de invertebrados, como pequenos crustáceos, larvas de insetos e moluscos. A desova ocorre de maio a julho depois de migrado pelo rio acima. Os seus ovos são venenosos. Os barbos oriundos do Mondego sobem a corrente e instalam-se no Rio dos Mouros.

A carpa é originária da Europa Oriental e Ásia Ocidental e foi introduzida na Europa Ocidental no século XII. Em Portugal existem atualmente numerosas populações em praticamente todas as bacias hidrográficas. Já foi uma espécie com número significativo de exemplares no Rio dos Mouros (figura 48), onde chegava através do Rio Mondego, atualmente, o seu número será bastante reduzido ou quase nulo.

A enguia pertence à ordem dos *anguiliformes* e passa a maior parte do tempo em águas profundas. Nasce no Oceano Atlântico, no Mar dos Sargaços, entre as Bahamas e as Bermudas. Como larvas (leptocéfalas) são arrastadas ao longo de um período de dois a três anos pelas correntes oceânicas até às costas europeias onde iniciam uma outra etapa.


Fig. 48 – Pesca de Rio. Fonte: ACM.

Já como pequenas enguias (transparentes) vão subindo ao longo dos rios e ribeiras onde adquirem o estado adulto. Mais tarde, regressam de novo à sua origem onde se voltam a reproduzir. Este anguiliforme é muito procurado e apreciado nesta zona do país, onde os pescadores sazonais as capturam, utilizando sertelas feitas com minhocas enfiadas numa linha.

A camarita é camarão de água doce; este pequeno crustáceo com cerca de 4 a 5 cm de comprimento era muito abundante no Rio dos Mouros. Apanhava-se com um crivo ou com uma rede muito fina, que se passava pelas ervas e raízes nas margens do rio. As camaritas, depois de limpas, eram fritas em azeite proporcionando um petisco muito apreciado.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A pesca serviu muitas vezes para a comunidade se juntar na sua captura, nos convívios gastronómicos e ainda, para levar o peixe do rio à mesa das famílias locais. Hoje quase tudo desapareceu, os campos ficam incultos por falta de braços para o trabalho, a fraca

rentabilidade dos campos e a dificuldade do seu trato foram destruindo, sistematicamente os encantos de uma ruralidade cheia de valores naturais e humanos. Constituíram um património inestimável. Parece-nos que esta realidade está a mudar, o latifúndio do cultivo do arroz está a começar a ganhar ênfase na margem esquerda do Rio Mondego, o Vale do Rio dos Mouros está a ganhar cor com o emparcelamento que vem a ser feito desde a sua foz até à ponte do Marachão, na freguesia vizinha de Figueiró do Campo, em breve sentiremos esta realidade na lezíria de Belide.

Belide possui uma **mancha florestal** significativa (figura 49), que inicia junto ao povoado, expande-se por encostas e outeiros e cessa o limite da sua área geográfica no alto da Cerejeira. Local onde se encontram os marcos que dividem os concelhos de Condeixa e de Soure e por sua vez as freguesias de Belide, Figueiró do Campo e Vila Nova de Anços. Os vários contornos de caminhos e trilhos dispersos pelo pinhal proporcionam a realização de passeios pedonais. Permitem por um lado a atividade física, por outro, exalar o ar puro da floresta. Recheado de aromas silvícolas, de onde se destacam os aromas do eucalipto e do pinho, alfazema, alecrim, rosmaninho. São espécies abundantes e representativas deste património natural.



USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Fig. 49 – Paisagem local. Fonte: Amigos de Belide.

Esta realidade paisagística que outrora teve o pinheiro como rei e senhor (figura 50), era atravessada por muitos caminhos e carreiros. Vias normalmente utilizadas pelos lavradores, que por ali passavam com os carros de bois carregados de madeira e de mato. Parte desses caminhos, alguns muito íngremes, foram construídos sobre maciços de pedra vermelha que, outrora, serviram para as edificações das casas dos habitantes locais, património vernáculo tão peculiar.

A pastorícia foi outra das atividades com relevância na freguesia que por sua vez também tirava partido dos recursos florestais. Os caminhos permitiam o acesso dos rebanhos a zonas de melhores pastos. Locais onde a vegetação era abundante e verdejante, devido aos muitos nascentes que brotavam à superfície, um pouco por todo o lado.

Numa das partes mais altas, encontramos algumas nascentes em atividade, a mais importante é a Nascente da Caldeirinha, também conhecida por Caldeirinha Grande, ou **Fonte da Caldeirinha**. Situada na encosta do monte dos Outeiros, dista oitocentos metros a oeste da povoação.



Fig. 50 – Belide: panorâmica da torre da igreja. Fonte: Amigos de Belide

Ladeada de pinheiros e eucaliptos e é um local que tem sido preservado ao longo dos tempos. É composta por uma rocha de tipo argiloso (figura 51), coberta por musgo algas e fetos. No seu interior, pequenos poros permitem a passagem da água que, em gotas suaves, vão caindo para dentro de um pequeno reservatório com formato de caldeira, ou caldeirinha, como agora é conhecida. Nos nossos dias, serve apenas os animais selvagens, que ali vão beber água e aproveitam a sombra para descansar. O acesso é feito através de um carreiro íngreme, ladeado pela mais diversa vegetação: salgueiros pretos, carvalhos cerquinho e fetos.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O pinhal íamos para lá passear, brincar, chegámos a fazer cabanas com pernadas de árvores e folhas, passávamos alguns momentos agradáveis na infância (JPM).

As comunidades rurais sempre estiveram ligadas a mitos e a lendas, os mais idosos da aldeia transmitiram-nos a história que por detrás da pedra da nascente, existia um braço de mar e, se a rocha fosse rebentada, a localidade seria arrasada pela água. Conta-se que, num domingo, à saída da missa, a água vinda do rebentamento de uma nascente no pinhal, inundou ruas e caminhos e que esse buraco foi tapado com pedras e rolos de pinheiro, esta superstição é tão antiga que se perde no tempo.

> *No pinhal, a Fonte da Caldeirinha, eu sei que antigamente os pinhais era um gosto ir lá, porquê? Eu lembro-me, andava a estudar, saíamos e íamos para as pessoas roçar mato, sempre, os pinhais estavam sempre limpinhos, era raro ver um pinhal com matos, havia nascentes em todo o lado, nós não precisávamos de levar água para os pinhais porque aquilo lá nas nascentes com o pucarozito, não havia eucaliptos, era água em todo o lado. A Fonte da Caldeirinha, bebia lá água muitas vezes, constava-se e toda a gente que aquela pedra enorme rebentasse inundava Belide toda e mais alguns lugares, era o que se dizia e as pessoas acreditavam, agora é impossível lá ir é só matagais* (ASM).



Fig. 51 – Fonte da Caldeirinha. Fonte: Autor.

A floresta não fornecia apenas a madeira ou mato para a cama dos animais, era também um local privilegiado para o crescimento natural de vários tipos de cogumelos. Estes fungos, na sua maioria comestíveis, desenvolviam-se nas zonas de turfa ou no restolho do mato cortado. O conhecimento das espécies era essencial para os camponeses diferenciarem os cogumelos comestíveis dos cogumelos venenosos. Os mais antigos eram altamente conhecedores das práticas relacionadas com os cogumelos. Apanhava-se o míscaro amarelo e as sanchas cor de laranja. Outro dos cogumelos mais apreciados era o capão, este de pé alto com um anel, cor branca acinzentada, encontrava-se, normalmente, junto aos olivais.

A apicultura e a manutenção dos cortiços eram uma atividade secundária e pouco significativa, ainda assim, os apicultores de Belide instalavam as colmeias nos terrenos mais próximos das suas habitações, ou então junto aos pinhais, invés no pinhal cerrado, mas, junto a cursos de água ou em encostas com vegetação menos densa. A produção de mel, mesmo em pequenas quantidades era benéfica para todos, servia para a doçaria e culinária e utilizado para tratamento da tosse ou rouquidão. As flores de giesta e urze (entre outras) forneciam o alimento e a matéria-prima para as pequenas operárias prepararem o mel, a cera e a geleia real, com a qual se alimentavam, no inverno, quando a natureza não lhe dava condições para a produzir. Os mesmos arbustos que forneciam o pólen às abelhas, serviam, depois de secos, para fazer vassouras para as eiras. Estes objetos de fabrico manual abonavam uma grande ajuda na altura em que se descascavam e secavam os cereais. Tanto para os juntar, como para varrer os resíduos do descasque (Marta, 2013).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

5.3. Patrimónios imateriais

O património imaterial abrange as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões tradicionalmente reconhecidos pelas comunidades como fazendo parte do respectivo património cultural. E ainda, os instrumentos, objectos, artefatos e espaços culturais a eles associados, conceito adoptado pela UNESCO, que considera o património imaterial da humanidade uma parte importante da diversidade cultural.

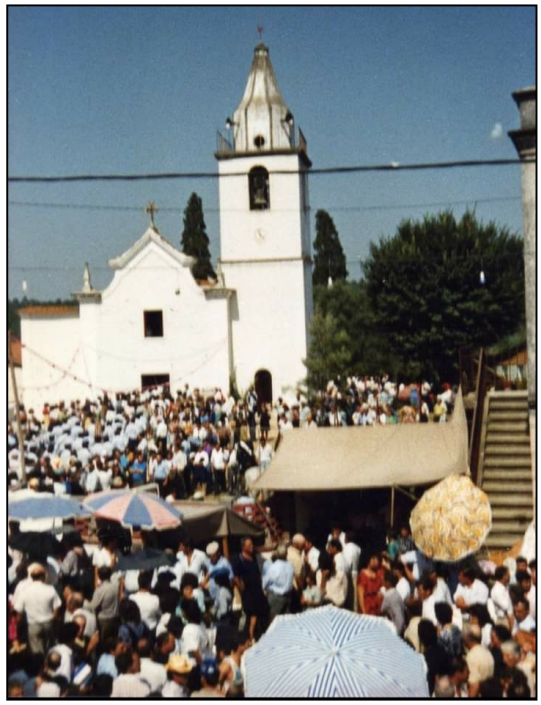


Fig. 52 – Festa N. S. Saúde (anos 80). Fonte: Amigos de Belide

As **romarias portuguesas** são, a maior parte das vezes rurais quer tenham por sede uma ermida, quer, constituam a festa do patrono. Em todo o caso, a sua característica essencial é a de serem organizadas em torno da memória de um santo representado por uma relíquia ou por uma imagem.

A romaria é uma peregrinação popular a um lugar tornado sagrado pela presença especial de um santo. Certo é, que à volta deste núcleo religioso e popular se agregaram outras manifestações. A cargo da administração local e regional, certas romarias importantes tornaram-se assim as festas da freguesia e as festas do concelho (Sanchis, 1983).

A promessa é uma relação estabelecida entre a condição humana concreta e um envólucro da santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão do mundo a qual constitui um modo de comunicação essencial. Por isso mesmo, aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo que se insere no quadro de uma economia de troca.

Promete-se a um santo quando está em perigo a segurança essencial da existência, individual, familiar ou social. O exame dos ex-votos de que estão cheias as dependências dos santuários célebres ou modestos e que, por vezes, mostram o milagre que se agradece (Pereira, 2021), assim como os contactos com os peregrinos que vêm dar graças, permitem calcular a imensa variedade de situações em que surgem as promessas. Acidentes, viagens,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

problemas de amor e de casamento, exames, perda ou roubo de objetos, incêndios, calamidades naturais, negócios ou colheitas (Sanchis, 1983).

Há duas categorias manifestamente mais frequentes: as promessas relativas à saúde – a sua e a dos seus familiares, ou a dos animais domésticos, e até aos meados dos anos 70 (século XX), os que tinham ligação com os jovens que combateram no ultramar. O hábito das promessas ultrapassa largamente o quadro destas situações críticas, constituem para muitos um investimento de rotina. Entram na ordem social das coisas e inserem-se naturalmente no desenrolar da existência e no movimento do universo.



Fig. 53 – Belide: dia de festa. Fonte: Amigos de Belide.

Graças a estas trocas recorrentes, estabelece-se e mantém-se uma solidariedade entre as duas sociedades, a humana encarnada, e a espiritual ou divina. A da vulnerabilidade perante as forças destrutivas do cosmos e das paixões (Pereira, 2021), e a que emerge na santidade. Homenagens dolorosas, longas caminhadas a pé até ao santuário ou de joelhos em sangue, em volta da igreja ou da estátua. Ainda, ofertas semirrituais e sacrifício dos bens mais preciosos, da qual se salienta os mais diversificados objetos em ouro, substituídos nos nossos dias, pelo valor em dinheiro.



Fig. 54 – Andor de N. S. Saúde. Fonte: Amigos de Belide.

Em troca, ganhava-se um maior sentimento de segurança, uma certeza de proteção, uma presença do sagrado que acompanhará o desenrolar quotidiano da existência. Trata-se com efeito de uma verdadeira economia, graças à qual o mundo vive em paz e a vida continua.

Em Belide realiza-se uma das maiores romarias da região do Baixo Mondego (figuras 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57). Trata-se da festa em honra da

Padroeira **Nossa Senhora da Saúde** que se soleniza nos dias 4 e 5 de agosto. Na data das celebrações os romeiros acorrem ali aos milhares, vindos principalmente das regiões do vale do Mondego, Gândaras e Serra de Sicó. Na aldeia, nos dias da festa, pela estrada principal, espalham-se os feirantes com as suas tendas de quinquilharias e petiscos.



Fig. 55 – Procissão de Nossa Senhora da Saúde (anos 70). Fonte: Amigos de Belide.

> *Olha vinha a pé do Sebal, não era muito longe, mas era criança. Vinha com os meus pais, com os meus vizinhos, trazíamos o lanche, por aqui comíamos e depois fazíamos o mesmo trajeto a pé outra vez para o Sebal, a tradição era sempre comprar um brinquedozito, havia cá muitas tendas, muitas tendas…* (RO)

> *Havia as ruas cheias de tudo o que se podia imaginar, não se conseguia não ver outra igual no concelho, nem mesmo a Senhora do Circo. Aqui podia-se comprar de tudo, muitos vendedores e até água se vendia, pinhões barricas, arcas do milho. Tudo o que se podia imaginar em termos de lavoura, na altura tudo existia à venda, mas não era só isso que era a romaria. À romaria as pessoas também vinham para pagar as suas promessas, se calhar a maior parte delas, e era um convívio, era quando as pessoas se encontravam depois da labuta dos campos. Aproveitavam*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

estas festas e romarias para vir agradecer algumas benesses e para se encontrarem e gozar um bocadinho (ACM).

Antigamente, ia-se à romaria a cavalo ou de burro, de carro de bois ou a pé, percorrendo os romeiros grandes distâncias, com a consciência de quem faz a caminhada por devoção e encontra no convívio com os outros o ponto de encontro que testemunha a fé em Nossa Senhora da Saúde.

(...) eu via aqueles ranchos chegando, passavam a noite ali em Belide debaixo de uma oliveira, aqueles ranchos com os harmónios, com os cestos à cabeça… e muitos tendeiros, os tendeiros também faziam parte da história, quando eu via a começar a montar as tendas eu ficava toda ouriçada. A Senhora da Saúde, sempre foi uma referência, as pessoas vinham fazer novenas, pagar promessas, vinham aqueles grandes grupos de moças, o homem da concertina, mulheres com as cestas das broinhas à cabeça. Eu como era filha do sacristão ia abrir a porta da igreja e ganhava uma broinha e uma moeda (ECF).



Fig. 56 – Procissão Nossa Senhora da Saúde (anos 80). Fonte: Amigos de Belide.

A quem o povo pede auxílio nas horas de aflição, para render-lhes homenagem. Depois, em agradecimento pelas graças concedidas, manifestada nas preces e nas promessas que se cumprem.

Belide antes de todo o resto é a romaria da Senhora da Saúde. É próprio da condição humana estamos a falar da saúde, como bem maior de cada um de nós. O facto de se chamar Nossa Senhora da Saúde, deu certamente, origem a muitas promessas, preces, orações. As pessoas podem ter dinheiro, mas sem saúde ninguém consegue fazer nada, podem ter acesso a mais meios, mas ninguém compra saúde (HD).

Trata-se de uma festividade de características religiosas, feita de homilias votivas durante as missas celebradas nesses dias, esta romaria também não passa despercebida a intelectuais portugueses, Eça de Queirós na sua obra Cartas de Inglaterra (1888, p. 204), descreve-a da seguinte forma:

> *Em Belide há pipas de capitoso vinho, cestos de tremoços e carradas das primeiras melancias e melões, consomem-se e refrescam largamente as gargantas das audácias do calor. Sob o sol fulgurante não morre nem diminui o contentamento. Há alegria por toda a parte, as raparigas de vestuário garrido, seios ressaltados da bela blusa, ostentam sobre o peito grossos cordões de ouro, cruzes e medalhas. Sonhava-se meio ano com a Senhora da Saúde. Poupava-se e até se pedia aos familiares 25 reis para tremoços e pão de festa.*

Por todo o lado veem grupos dançando, à volta deles bastante povo admira e anima os bailadores dizendo graças às raparigas que, de olhares brilhantes, dançam de roda. Castanholando com os dedos, requebrando-se umas de braços arqueados para o ar e outras com as mãos na cintura.



Fig. 57 – Belide: procissão de velas. Fonte: Amigos de Belide.

> *O nome da Senhora da Saúde mistura-se a tudo: aos negócios, ao amor, às desordens, aos mendigos. Anda no ar como a poeira e como os foguetes, sai de todas as botas como madrigais e cantigas. É o sol destes dias. "Amanhã renascerá sob outra invocação que sirva de pretexto para socorro, festa e diversão. Voltam com o mesmo entusiasmo e Nossa Senhora, aconchegada no seu manto, parece sorrir… e perdoar-lhes* (Conceição, 1983, p. 163).

O auge desta romaria era a tarde do dia 5 de agosto, com a saída da imponente procissão com a imagem de Nossa Senhora da Saúde, mas o que temos vindo a assistir nos últimos 10 anos é a alteração deste paradigma para o dia 4 de agosto à noite da procissão das velas, tal como refere José Carecho e Álvaro Monteiro:

> *Nos nossos dias o ponto alto é procissão das velas, é uma elevação da fé, a energia e a envolvência de milhares de velas acesas, torna-se diferente pela sua imponência. O dia da Senhora da Sáude mesmo, vai lá muito povo, mas o dia da procissão das velas é o melhor dia, um dia que mexe mais* (JC).

> *(..) de ano para ano é uma coisa impossível, são centenas, milhares de pessoas ali sempre, sempre, sempre, cada vez há mais (...) para mim até é mais bonito, ver aquelas velas todas, aquelas ruas, é uma rua cheia do princípio ao fim, cheia de gente ali. A tradição já não é o que era? Não, não é assim! A tradição está cá, os tempos é que são outros* (ASM).

A festividade da Senhora da Saúde, num território com aproximadamente 300 habitantes, envolve uma organização comunitária, que é devidamente programada e onde praticamente toda a população colabora, existe uma estrutura montada para receber o visitante nos dias festivos.

> *(...) é a grande e principal romaria que nós temos na região, sendo que, como é no verão tem a vantagem de tudo se propiciar, a junção do sagrado e do profano e daí também esta dimensão. A SS tem as duas vertentes e as duas são muito fortes, uma complementa a outra, e as duas são importantes para aqueles dias e para a vivencia da população, estas festividades são o ex-libris de Belide* (HD).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Eu cresci na festa… cresci a deitar-me às seis da manhã, a acordar às duas da tarde para dinamizar tudo o que é a festa. A festa não são só os dias que estão no cartaz, a festa tem muito mais que isso, a festa tem um ano de planeamento, de angariação de fundos, toda uma preparação dos meses anteriores, porque envolve muitas coisas que as pessoas não vêm. Desde a preparação do espaço, o envolvimento com os vários membros de Belide, tal como a igreja, nós também procuramos a junta, apoios a nível das pessoas, uma angariação de fundos monetários, mas também uma angariação de mão de obra, porque há muita coisa para fazer … e é isso, viver a festa, crescer na festa (BT).

O desgaste físico da festa da Senhora da Sáude é de facto elevado, mas quando se trabalha por amor à camisola tudo se faz, nós tiramos aqueles dias para trabalhar e damos tudo (JPM).



USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Fig. 58 – Altar mor em dia de Festa. Fonte: ACM.

Na última edição desta festividade (figura 58), pré-pandemia, as associações locais com o apoio da UFSB decidiram contratar uma empresa de fotografia aérea de forma a

enfatizar a dinâmica territorial e o peso que estas festividades têm na localidade, nas comunidades limítrofes e em toda a região, em suma a Senhora da Saúde foi e continuará a ser a grande festividade de verão no Baixo Mondego.

> *Com as filmagens dos drones, percebeu-se os milhares de pessoas que estiveram em Belide naqueles dias (…), temos noção da quantidade de pessoas, não tinha noção da quantidade de pessoas por metro quadrado, não tinha… os drones deram uma imagem completamente diferente da dimensão, do tamanho, do comprimento da procissão, que até eu, não sabia ao certo a quantidade de pessoas que se deslocam à nossa terra para virem à festa* (BT).

As artes e ofícios de uma comunidade rural revelam o conhecimento acumulado por diversas gerações, são as práticas, representações, conhecimentos e técnicas, junto com instrumentos, objetos, artefactos e lugares culturais que lhe estão associados. As comunidades (re)constroem o seu património cultutal (UNESCO, 2003), também no território de Belide, são diversas as imaterialidades, vejamos:



Fig. 59 – Forja da Família Marta. Fonte: Amigos de Belide.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *As artes e os ofícios mais representativos desta terra é a ferraria, há uma rua com essa marca, a rua dos ferreiros e na minha família tinha pelo menos dois, descendo dessas famílias e teve uma grande importância na*

> *vivência da comunidade. Arte da ferraria é antiga, já vem há longos anos, embora eu só conheça estes mais recentes, porque são os da minha geração, havia um ferreiro na minha rua, não sei quem era, não cheguei a conhecer, por isso se chama rua dos ferreiros, mas ultimamente conhecia o meu tio António, o meu pai Joaquim Luís Marta, e a família Galvão que era a mais representativa que fabricavam até para vender, vários utensílios. As pessoas da zona vinham aqui aos ferreiros a Belide, do Casal da Légua, Pereira, Figueiró, tudo aqui em volta, Casével, estas terras próximas, vinham arranjar as alfaias, as enxadas, os dentes das grades, picaretas, ponteiros, tudo o que fosse ferraria vinham aqui aos ferreiros a Belide para a reparação* (ACM).

O **ferreiro**, tão antigo como o próprio ferro, representante do trabalho na proto-história, aparece entre nós mais cedo que o serralheiro. Para a economia rural a sua atividade foi uma necessidade. Belide foi em tempos, terra de ferreiros (figura 59), presente na toponímia local.

A técnica de trabalhar o ferro mantém-se segundo genuínos processos tradicionais recolhidos ao longo dos séculos, com a mesma alma e o mesmo sopro sagrado do Ferreiro Divino, denominado arquiteto e artesão dos Deuses. Posto ao rubro na forja é, depois, malhado na bigorna com os martelos e torcido com as tenazes. Assim, moldavam-se autênticas obras-primas como gradeamentos para varandas, portais, cata-ventos, entre outros (Cruz, 2011).

O ferreiro não se limitava, apenas à consertagem, ao mero aguço dos picos, ao amolar das peças de corte. Produzia ferramentas não só para a lavoura, mas, também, para montantes, pedreiros e mineiros. São estes os motivos para que o ferreiro trabalhasse para feiras e mercados há séculos. A profissão de ferreiro foi uma das profissões que se manteve na freguesia de Belide ao longo de muitas gerações. Os três últimos ferreiros cessaram a sua atividade no final da segunda metade do séc. XX, António Luís Marta (António Ferreiro) tinha uma forja e foi o primeiro dos três a cessar essa atividade. Provavelmente pela sua idade avançada, que já não lhe dava forças para continuar a trabalhar, a sua forja fechou no final dos anos de 1970 /princípio de 1980. Joaquim Luís Marta (Joaquim Ferreiro), irmão mais novo do António, também exerceu essa profissão durante muitos anos e, embora não fosse essa a sua única atividade, calçou enxadas, fez e reparou dentes para grades, ponteiros

de aço, picou foicinhos, reparou gadanhos e forquilhas, entre muitos outros e variados objetos do quotidiano rural.

A última oficina de ferreiro (e mais antiga) existente nesta freguesia pertencia ao Sr. Juvenal Galvão. Este ferreiro, além da reparação das alfaias, também fabricava tenazes, podoas, podões, foices, enxadas, gadanhos, trempes e grelhas para a lareira. Aprendeu a moldar o ferro com o seu pai, Virgílio Galvão pois, era prática corrente dar continuidade aos negócios familiares. Foi esta a última oficina de ferreiro em atividade regular nesta localidade.

Os ferreiros usavam aventais de carneira, que lhe tapavam o corpo dos joelhos até ao pescoço e que os protegiam do calor da forja e de possíveis queimaduras, abaixo apresentamos os seus utensílios de trabalho.

O fole era uma das ferramentas mais importantes da oficina, é feito com madeira, cabedal ou carneira. Tem uma ponteira de ferro que entra no queimador (forja), para incendiar as brasas e aumentar a temperatura. O fole da forja era acionado manualmente pelo ferreiro, ou pelo ajudante. No primeiro tempo aspirava o ar exterior pela válvula de admissão (no fundo do fole) e a válvula fechava-se depois do ciclo de enchimento. No segundo tempo era comprimido e enviado para o compartimento superior. Com menos capacidade, recebia o ar do primeiro, através de outra válvula de admissão. Quando cheio, servia de acumulador ou compensador e, em simultâneo, deixava passar o excesso de ar para o queimador. Seguidamente, carregava-se novamente o compartimento inferior, a válvula de admissão do compartimento superior fechava-se, obrigando o ar acumulado a sair pela ponteira. Na posição de repouso, o fole estava sempre cheio. Por isso, quando se iniciava um novo ciclo, o fluxo de ar, ainda que tivesse pequenas oscilações de pressão, era contínuo. Assim, evitava, a entrada de faúlhas para o interior do fole, que o podiam incendiar e destruir. O corpo do fole era suportado por dois barrotes de madeira, nos quais se apoiava através duma cruzeta de metal. Com dois espigões salientes, que ali estavam encaixados. Tinha uma trave em cima desses barrotes, que servia de apoio e de eixo à vara que estava ligada ao fundo do fole por uma corrente. A outra ponta da vara servia para o ferreiro ou o ajudante acionarem o fole.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A bigorna é um utensílio de ferro, ou aço, com uma base de malhar e duas pontas salientes. Uma de formato cónico, para o fabrico de ferramentas curvas, e outra de formato piramidal com faces lisas. A bigorna da forja encontrava-se em cima de um cepo de madeira maciça.

O torno, normalmente está fixo a uma bancada de madeira. Trata-se de um instrumento destinado a fixar o ferro ou outros objetos, para serem limados ou trabalhados, nomeadamente, os foicinhos de cortar erva, que ali eram amarrados e picados com um martelo e um cinzel.

O arco de pua é instrumento manual, destinado a furar ferro ou madeira, onde eram encaixadas as brocas de aço de diversas espessuras.

O tanque é um depósito de água onde o ferreiro fazia a têmpera e arrefecia as tenazes. Havia outro tanque com óleo para temperar os objetos de aço macio. Só um ferreiro experiente conseguia distinguir os diferentes tipos de aço.

As tenazes são ferramentas de vários formatos que serviam para segurar as enxadas, ou outros objetos, para serem trabalhados a frio ou em brasa.

Mas, para além de trabalhar o ferro, este artesão tinha também a missão de **curandeiro**. Quando alguma pessoa apanhava bolhas, na zona do tronco e se espalhavam pela barriga ou pelas costas, os mais velhos diziam que era um *cobrão*. Logo, tinham de ir ao ferreiro para o queimar. Punha-se uma mão cheia de trigo em cima da bigorna da oficina de ferreiro, aquecia uma enxada nas brasas até ficar ao rubro. Posteriormente, a enxada em cima dos grãos de trigo e pressionava-a com força. Devido ao calor e à pressão exercida, os cereais libertavam um óleo negro e com mau cheiro. Esse óleo, ainda quente, era aplicado sobre as bolhas com um pincel feito de penas de galinha. O tratamento repetia-se durante vários dias, até ao desaparecimento completo das bolhas (Marta, 2013).

A **latoaria** é uma arte popular e tradicional que acompanhou gerações durante séculos. Retratou uma forma de vida, um ambiente familiar e uma expressão criadora. Pode-se afirmar que a latoaria apareceu graças à folha de Flandres e inicialmente estava inserida na arte da ferraria. No passado, esta nobre arte abarcava muitos artesãos, os quais executavam uma gama diversificada de objetos, desde os regadores aos famosos canudos onde se encerrava o diploma da formatura provindo da Universidade.

Diversas são as referências que podemos encontrar sobre esta atividade na própria literatura portuguesa, como serve de exemplo *A Relíquia* de Eça de Queirós: "*Um dia enfim cheguei a Lisboa com as minhas cartas de doutor metidas num canudo de lata".*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Diversos são os habitantes, que, ainda se lembram, certamente, das candeias que iluminavam as casas de seus pais e de seus avós e iam nas mãos dos adultos ou dos jovens, para alumiar nas adegas o espicho da pipa. Para alumiar quando era chegada a hora de dar palha à vaca, ao burro ou ao boi. Ligado à candeia, havia a lanterna, de vidro nas quatro faces, fechado com chapa de flandres, com uma argola para enfiar o dedo ou pendurar no prego. Também as famosas almotolias, para regar a mesa de azeite. Os regadores que saciavam as suas flores ou a marmita que transportava a merenda para o trabalho. Para tarefas relacionadas com a vinha, fabricava-se enxofradeiras, que eram das peças mais difíceis de fazer, dado o seu feitio, tal como os cântaros que as mulheres transportavam à cabeça.

Candeias, crivos e escudelas para levar o pão ao forno. A lata para a conservação de chouriço, o funil para os enchidos, o guizo para entreter o bebé, o assador para as castanhas. A bilha para o azeite ou para o leite, o funil para o vinho, as unhas para as vindimas, as *enchideiras*, que serviam no fabrico do chouriço, compõem a memória desta arte na comunidade.

Existiam ainda, outros utensílios em chapa zincada que saíam das mãos dos latoeiros, tais como: cabaços, púcaros, corredores pequenos ou grandes (utensílios que os lojistas manipulavam a farinha ou o milho dos sacos, tal como faziam ao café e aos sulfatos ou adubos. Relacionadas com as tarefas de rega e cultivo das terras, havia todo um manancial de peças: os alcatruzes em chapa zincada que em correnteza e engrenados na roda dos engenhos de ferro, escaziavam os poços e abeberavam os milhos; os tabuleiros em tê, onde os alcatruzes despejavam a água (Cruz, 2008).

Junto dos poços que abasteciam as casas, havia sempre um balde, perto dos lavatórios sempre as jarras de folha de Flandres. Na cozinha ou no canto do borralho a escudela, equipada com um cabo de madeira que ia ao forno com a broa.

José Ferreira, nascido a 25 de maio de 1891 e falecido a 16 de janeiro de 1966, foi o grande mestre da latoaria na freguesia de Belide. Fabricava almotolias, regadores, cabaços, canecas para o sulfato, baldes, candeeiros, púcaros, etc. Servia-se dos seguintes instrumentos de trabalho: bigorna, alicate de pontas, maço de madeira, ferro de soldar, tesoura, compasso de aço, entre outros. A sua praxis profissional iniciava-se com a riscagem da peça, corte a partir de moldes, procedendo a vincos e dobras. Com a ajuda de uma bigorna estreita, batia a chapa com o maço de madeira, concluindo a peça com a solda de todos os componentes.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Muitos dos utensílios que saíram das suas mãos, ainda hoje permanecem em Belide. Muitos deles já sem utilização, mas preservados em honra às suas mãos. Outros ainda em utilização, porque afinal, grandes obras da latoaria, parece que ainda hoje não foram substituídas por outros materiais.

A **resina** era fonte de riqueza na freguesia de Belide. Os lavradores, foram em tempos, avaliados pelo número de bicas que possuíam e pelo número de alqueires de milho e de azeite que recolhiam. Iniciavam os trabalhos de *desencascar* em fevereiro, cuja operação consistia na limpeza da casca do pinheiro onde viria a ser feita a incisão ou sangria. Em março seguinte colocavam ali os respetivos púcaros. A machada, o grampo, a desencarrascadeira, as espátulas, o maço, os púcaros, a bilha, eram as ferramentas utilizadas na recolha da resina.

A **fabricação da cal** e a sua aplicação na construção civil e na agricultura iniciou-se há séculos. O Forno da Cal de Belide, cuja construção terá acontecido na primeira metade do séc. XX, pertencia a Joaquim Maria Soares, homem abastado desta freguesia, e ficava situado na atual Rua da Bica ou Bicas, numa barreira anexa a um caminho que dava acesso a terras de cultivo e pinhal. Foi construído com tijolo maciço de barro vermelho (tijolo de burro), pedra, cal e areia. Tinha um formato cilíndrico, saída de fumos ou chaminé que, em simultâneo, era a boca de carga do forno, por onde se carregava a pedra, a lenha e as urzes secas para a cozer. Na base, existia, uma pequena porta, ou abertura, por onde entrava o oxigénio para a combustão e por onde era retirada a cal depois de cozida, estava ladeada por dois pequenos muros de pedra, cuja função era segurar as terras da barreira.

Belide não se localiza numa zona rochosa. A pedra era originária nas partes mais altas do concelho, nomeadamente, de Condeixa-a-Velha, Alcabideque e Furadouro. Era partida em pedaços, transportada em carros de bois e descarregada junto à boca de carga ou chaminé, onde era partida em pedaços mais pequenos. A carga do forno era feita por um trabalhador que descia ao forno através de uma escada de madeira. Lá dentro, ia fazendo camadas de lenha e de pedra, ou seja, fazia a primeira camada de material combustível, com urzes e caruma, para um melhor início de combustão.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Posteriormente, camadas de pedra e de lenha até a carga ficar completa. A última era de lenha para tapar e ajudar na cozedura. No final ateava-se o fogo à primeira camada através da boca de descarga e tapava-se para a combustão ser mais lenta e eficaz. No decorrer da cozedura as camadas iam abatendo e colocavam-se novas camadas de pedra e de

lenha até a altura ficar estabilizada. O forno levava entre de quinze a dezassete camadas de pedra e de lenha, demorava cerca de três dias e três noites para concluir uma cozedura e aproximadamente o mesmo tempo para arrefecer. Nessa altura destapava-se a boca de descarga e retiravam-se as pedras de cal viva que, embora cozidas se mantinham ainda em estado sólido. Armazenavam-se em locais secos, só eram abertas em água quando a cal era precisa para construir ou caiar paredes, ou, para a cura das árvores de fruto.

Atualmente, já não se faz a cozedura do calcário pelos métodos tradicionais. Os fornos foram abandonados e muitos deles são autênticas ruínas a céu aberto. Alguns transformados em lixeiras e outros entulhados com terra e cobertos de silvas. O mesmo se passa com o forno da cal de Belide, que foi transformado em lixeira e encontra-se, parcialmente tapado por silvas. Apenas quem o conheceu em funcionamento, sabe da sua existência e localização (Marta, 2013).

O **sapateiro** trabalhava quase sempre num pequeno compartimento. Normalmente num anexo da habitação, ou mesmo numa adega, rodeado de solas, couros e cabedais. Sentava-se num banco de pernas curtas, à sua frente, existia, uma bancada pequena com várias ferramentas, como lâminas de aço (facas de sapateiro) sem cabo de madeira, martelos de bater sola, sovelas, alicates de puxar, aplicar botões e ilhós, grosas, tábuas de afiar. Estas eram as ferramentas que o sapateiro usava para trabalhar os cabedais, que depois palmilhava e ponteava, dando assim forma ao calçado domingueiro ou ao que era usado no quotidiano. Era possível fazer qualquer tipo de calçado por medida, depois de desenhar o pé do cliente numa folha de papel e de tirar as outras medidas. Para as botas de cano alto, dava início à fabricação do calçado que, dependendo do trabalho a executar, podia demorar um ou dois dias.

As formas de madeira de vários tamanhos eram arrumadas em prateleiras, que não eram mais do que umas tábuas seguras por dois ou três ferros cravados numa parede. Existia ainda, uma fita métrica, latas de graxa, cola, pregos pequenos, cardas e protetores, uma das ferramentas mais importantes da oficina era a máquina de cozer, mas, como nem todos a tinham, grande parte do calçado era cozido à mão.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O sapateiro não tinha um horário certo, podia trabalhar oito horas, mas também podia trabalhar doze ou dezasseis. Dependendo da pressa do cliente, já o preço que cobrava por cada serviço era ele que o fixava, dependendo o montante do tempo gasto e do material utilizado. A sua ocupação principal eram os concertos no calçado usado, nomeadamente, a

colocação de solas, meias solas, tacões, rastos de borracha, biqueiras e a reparação dos tradicionais tamancos com sola de madeira. O cabedal era pregado com tachas de metal amarelo. As linhas que se usavam, eram tratadas com pez e depois esticadas com a ajuda de umas luvas. Com elas se faziam-se cozeduras simples, só com uma linha, ou duplas, em que as duas linhas que se cruzavam entre si. Garantindo uma maior resistência e durabilidade do calçado.

A industrialização do calçado veio acabar com os poucos sapateiros tradicionais que ainda se mantinham ativos, embora com pouco trabalho. Atualmente, a maioria do calçado é descartável, compra-se, usa-se, gasta-se e deita-se fora.

O Sr. António Canais, mais conhecido por *António Sapateiro*, foi o último sapateiro desta freguesia. Quando começou já seria homem adulto e pai de filhos. Esta não terá sido a sua única profissão. Trabalhou como cantoneiro da antiga Junta Autónoma de Estradas (Marta, 2013).

A **tecelagem** é uma atividade de alguma tradição em Belide, ocupada exclusivamente por mulheres. Essas artesãs (tecedeiras) entregavam-se a este trabalho de paciência e à confeção de produtos de grande variedade de cores e padrões, nomeadamente, as peças de trapos (mantas, tapetes, passadeiras), que eram confecionadas nos teares de madeira.

As mantas e os tapetes de trapo eram feitos com restos de tecido ou roupas usadas que, depois de rasgados em tiras finas, se uniam por nós ou alinhavos. As peças eram tecidas em teares manuais tradicionais. Podiam ser lisas ou com padrões de várias cores. A arte da sua combinação contribuía para a valorização das peças. O último tear da freguesia, porque deveriam ter existido outros, pertencia à Sra. Ascensão Teixeira de Carvalho, talvez a última tecedeira de Belide, e esteve em atividade até finais de 1960.



Fig. 60 – Parteira. Fonte: Amigos de Belide.

A **procriação** desde sempre foi a necessidade vital do Homem. Assegurar a continuidade da vida e da espécie humana, gozando do privilégio de dar vida a uma nova vida é um desejo que nasce com a maior

parte das pessoas. Falar deste tema e mais concretamente da "arte" de trazer novos seres ao mundo implica necessariamente falar dos diferentes processos de parto em períodos distintos, antigamente e na atualidade. Até há algumas décadas, a maior parte dos partos eram feitos em casa, com a ajuda de parteiras. Senhoras habituadas a lidar com estas situações e que se iam especializando na arte de ajudar as mulheres a trazer os seus filhos ao mundo

A Parteira de Belide era a Sra. Emília Sapateira (figura 60) que fazia os partos na freguesia, assim como nas localidades limítrofes.

A mulher grávida sentia chegar a sua hora, quando lhe davam os *primeiros puxos* (contrações). Nesse momento, as pessoas que se encontravam perto da grávida apressavam-se a chamar a parteira, que vinha logo prestar-lhe o apoio necessário. A grávida punha-se de gatas e deste modo, puxava para que criança nascesse. Quando tudo corria bem, a parteira apanhava a criança, segurava-a e dava-lhe um banho com água tépida.

O cordão umbilical, mais conhecido por umbigueira era cortado com uma tesoura e segurava-se com as pontas dos dedos, para que não entrasse para dentro da barriga do bebé. Com a ajuda de um cordel, dava-se um nó ao cordão umbilical e prendia-se ao dedo dos pés até que secasse. Durante o seu percurso de vida, esta antiga parteira fez com que viessem ao mundo dezenas de crianças nesta comunidade.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

5.4. Patrimónios alimentares

A paisagem rural que envolve o território, constituída essencialmente por terrenos de regadio, forneceu aos locais uma excelente aptidão para a cultura de cereais e hortas. Santos Conceição (1983, p. 164), descreve a localidade:

> *Freguesia de milheirais e hortas, de pomares e arvoredos que procuram a água do Rio dos Mouros, nas partes mais baixas. Essa linha de água continua por Figueiró até aos aluviões fundos do Mondego, acha-se Belide numa campina a sudoeste de Coimbra.*



Fig. 61 – Cultivo do milho. Fonte: Amigos de Belide.

O cereal mais cultivado era o milho (figura 61), juntamente com a vinha e o olival, constituíam as principais fontes económicas do nosso povo. Este cereal oriundo dos Estados Unidos da América, foi conduzido para Espanha no início de 1500, chega aos campos do Mondego entre 1515 e 1525 (Redinha, 2015).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A cultura do milho exige uma grande quantidade de água, encontra-se na orla ocidental, onde o Baixo Mondego não é exceção. Esta região, possui circunstâncias adequadas ao seu desenvolvimento, transformando-se no Celeiro de Portugal. Alterou a vida

campesina, uma revolução sem paralelo na história da agricultura até àquela época, tendo dado à economia da região e do país um grande impulso. Esta freguesia evidenciava-se como uma região dedicada à cultura do milho, este surto de progresso traduziu-se num aumento populacional nos meados de Oitocentos (Redinha, 2015).

Por sua vez, a batata chega a Portugal por volta de 1760, mas demorou tempo a vulgarizar-se na região, esta realidade só começou a sentir-se no primeiro quartel do século XIX (Redinha, 2015). Na mancha agrícola também encontramos o olival, a vinha e as árvores de fruto. As mais abundantes são a figueira, a pereira e a ameixoeira, juntando-se também a macieira, laranjeira e pessegueiro. A nogueira também se adaptou bem ao clima da região com uma humidade significativa. Pela primavera encontramos a fava, a ervilha, a batata e as hortaliças para consumo doméstico.

O azeite, as ervas aromáticas (estragão, lavanda, orégãos, salva, tomilho) e o mel, são produtos endógenos que têm também grande evidência na gastronomia e doçaria da região mondeguina e de Sicó. As atividades ligadas aos patrimónios alimentares, constituem um trabalho comunitário com grande ênfase na identidade local.

A **recolha do mato** para além de contribuir para a limpeza dos pinhais, servia de matéria-prima à *estrumação* consistia em fornecer à terra, através das sementeiras, o esterco (dejetos) que provinham da mistura do mato com os excrementos dos animais.

Qualquer casa agrícola necessitava de recolher durante o ano diversas carradas de mato. Este viria a ser curtido, quer no pátio da habitação, quer no curral dos animais, servindo-lhe de cama. Este aconchego era feito com esmero, utilizando-se sempre o mato enxuto, ao mesmo tempo que se ia tirando debaixo dele o esterco. Evitando-se que dormissem encharcados, o que denotava a afeição dedicada aos animais.

Deslocavam-se ao pinhal com os respetivos carros de bois, munidos de licença para a roça, e, na ânsia de virem a disputar o melhor lote, saíam a altas horas da madrugada. À luz da velha lanterna de petróleo, com o indispensável farnel composto de broa de milho, sardinha frita, azeitonas, cebola crua, e, está claro, a inseparável cabaça da *pinga* (vinto tinto da região).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O **milho** foi o cereal mais cultivado pelos camponeses de Belide. As propriedades eram estrumadas com o estrume extraído dos currais dos animais domésticos, oriundo de vacas, porcos, cabras, galinhas, entre outros. Lavrava-se a terra com a ajuda da charrua ou do

arado. Estas alfaias eram puxadas por juntas de vacas. O passo seguinte era gradar a terra, ou seja, desfaziam-se as leivas, viradas pela charrua. Essa tarefa era efetuada com a ajuda das grades de dentes, ligadas à canga através de um tirante de madeira, denominadas de *solas*.

> *O milho era a base da alimentação (...) a sementeira era feita com as charruas e com as grades, com a ajuda das vacas, semeado à mão, o homem com o saco à tiracolo, a atirar o milho. Depois vinha o labrador com as vacas para enterrar o grão. A apanha do milho era feita manualmente com os foicinhos, carregado nos carros de vacas, era levado para um olival, era posto em monte, encostado às oliveiras e depois vinham as escamisadas, feitas ao entardecer e iam noite dentro, recordo-me muito bem disso e do milho a secar nas eiras* (ACM).



Fig. 62 – Escamizada à moda antiga. Fonte: Amigos de Belide.

De saco a tiracolo, o dono do terreno ia espalhando o cereal à frente do lavrador. Vara em punho, comandava os animais, na última passagem da grade de dentes era-lhe acoplada outra grade sem dentes. Conhecida por grade de costas que, com uma pedra em cima, desterroava (desfazia os torrões) e alisava a terra. Depois do milho germinar e atingir cerca de dois palmos de altura, era o momento ideal para ser sachado. Terminado todo o processo seguia-me as desfolhadas, também conhecidas em Belide por escamisadas (figura 62), feitas ao serão.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Com a secagem de vários dias, as espigas eram *desgrabunhadas* (separação do grão do carolo) e o milho ficava alguns dias a secar e, posteriormente, armazenado em arcas de madeira, que se guardavam nas casas de eira ou nos celeiros. A palha, depois de espalhada e seca, era guardada em palheiros ou em choupanas. O palheiro era o método mais utilizado para guardar a palha, amontoava-se e calcava-se em torno de um pau de pinho espetado no chão. Eram necessárias duas pessoas para realizar esta tarefa, a que chegava a palha e a que fazia o palheiro. As últimas camadas eram amarradas no cimo, para servirem de cobertura e impedir a chuva de estragar a restante palha. Os agricultores, quando precisavam, iam puxando as camadas de baixo, assim, o palheiro ia descendo, mantendo-se a palha protegida pela cobertura improvisada.

Por mais pequena que seja, não há localidade que não tenha vinhas, corrimões ou latadas, **a cultura da vinha**, sempre esteve ligada à cultura e às tradições do povo português, na freguesia de Belide não é exceção. A videira é uma planta trepadeira originária da Ásia, tem um tronco retorcido, ramos flexíveis com folhas grandes e repartidas. As diferentes variedades ou castas possuem características próprias que lhe conferem sabores únicos e



Fig. 63 – Vindima na comunidade. Fonte: Amigos de Belide.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

distintos, dependendo também da zona e dos solos em que estão plantadas. Por norma, são podadas no inverno, na primavera inicia-se o abrolhamento, a que se segue a formação dos frutos que, que depois de compostos, vão amadurecendo ao longo do verão.

Na fase de maturação, as uvas tintas mudam a sua cor de verde para uma cor arroxeada e as brancas passam da cor verde para uma cor mais ou menos amarelada. Chama-se a essa transformação ou mudança de cor o pintar da uva, depois dos cachos amadurecerem, dá-se início à colheita dos mesmos (a vindima).

A vindima tradicional era feita no final do verão, início do outono (figura 63) através da mão humana, homens, mulheres e adolescentes, de tesoura ou navalha na mão. Vindimavam as uvas ou cachos para os cestos de verga que eram depois transportados às costas e despejados nas dornas ou tinas (tanques de madeira com aros ou arcos de metal que serviam para transportar e pisar as uvas). Estas eram transportadas em carros de bois até à adega do lavrador ou proprietário. As uvas podiam ser pisadas dentro da própria tina ou em tanques de pedra existentes nas adegas de maiores dimensões. Os homens descalçavam-se e em ceroulas entravam nesses tanques iniciando o processo de esmagamento dos cachos.

O mosto ficava no tanque durante alguns dias, para se processar a fermentação e transformação em álcool. Sendo depois extraído para pipas de madeira, essas pipas só eram tapadas com uma rolha quando o vinho deixava de ferver. O vinho ficava em repouso ou estágio até à altura da trasfega, quando era retirado da mãe (da borra ou laço das uvas) e mudado para outras pipas. Depois de lavadas, escorridas e desinfetadas com enxofre a arder (mecha).

A vinificação não é mais do que o acompanhamento e tratamento das uvas até à obtenção de vinho através de várias técnicas de fabrico. O produto obtido, exclusivamente, pela fermentação alcoólica, total ou parcial, de uvas frescas e sãs, esmagadas ou não, por processos mecânicos ou manuais. Para a obtenção de vinhos tintos, além da seleção das uvas escuras o mosto deve ficar mais tempo nos tanques de fermentação junto com os engaços. Para os vinhos palhetos (tintos mais claros), o vinho é retirado para os pipos logo após o esmagamento, acabando ali o processo de fermentação. O vinho branco é obtido exclusivamente de uvas brancas selecionadas e deve ser separado do engaço e passado para as pipas logo após o esmagamento ou pisar das uvas (Marta, 2013).

usc UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Por muitas e variadas razões, a **cultura dos olivais** estava enraizada de Norte a Sul do país. Os seus frutos, as azeitonas, eram muito apreciadas quando retalhadas e temperadas com sal. Comiam-se com pão ou broa e, se fosse numa adega, eram regadas com (pelo menos) um ou dois copos de vinho. Também se podiam conservar por vários meses quando eram temperadas em potes de barro ou em tanques de pedra, com água, sal, alhos, orégãos, folhas de louro seco. Se não considerarmos a água e o sal que eram ingredientes obrigatórios, os restantes temperos eram ao gosto de cada um.

Assim, as azeitonas de conserva aguentavam-se até à próxima colheita, cerca de um ano. Servindo de acompanhamento em quase todas as refeições, da azeitona madura era extraído o azeite, um líquido gorduroso de origem vegetal, de sabor agradável, muito apreciado pelos povos mediterrânicos. Utilizavam-no para temperar alimentos e até para servir de lubrificante nos engenhos e ferramentas de outros tempos, nomeadamente, nas dobradiças das portas e janelas, nas rodas das carroças e carros de vacas, na engrenagem do relógio da torre e nas chumaceiras dos sinos, entre outros. Era também utilizado como combustível para candeeiros, lamparinas ou candeias de iluminação, há cerca de quarenta anos, ainda se utilizavam candeias de azeite na freguesia.


USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Fig. 64 – Varejar a azeitona. Fonte: Amigos de Belide.

Em dia de apanha de azeitona (figura 65), depois do pequeno-almoço avantajado, tirava-se a burra do curral, colocava-se o cabresto e os arreios e atrelava-se à carroça. Carregavam-se os panos de sisal, os cestos de verga, os sacos para ensacar a azeitona, as varas de varejar, os serrotes para a limpeza das oliveiras. Uma escada pequena, a cesta do almoço, uma cabaça de barro com água e um garrafão de vinho. A comida para a burra não era problema, porque havia muita erva por todo o lado e a água passava num pequeno riacho perto dos olivais. De vara em punho, com movimentos firmes e compassados, batia-se nos ramos cobertos de azeitona que, devido ao impacto da vara ia caindo para os panos. Depois ensacava-se em sacos de sisal, alguns ramos mais altos eram cortados na hora e a azeitona era ripada à mão para cima dos panos ou para um poceiro de verga.

Limpava-se a azeitona com uma pá de madeira e com uns panos estendidos no chão. No topo do pano deixava-se uma aba mais alta, onde a azeitona batia e ficava depositada, despejavam-se os sacos num poceiro. Posteriormente, com ajuda da pá, retiravam-se



Fig. 65 – Mulheres a rapar azeitona do chão. Fonte: Amigos de Belide.

pequenas quantidades que se mandavam pelo ar em direção aos panos. Deste modo, só as azeitonas lá chegavam, as folhas e os ramos como eram mais leves ficavam pelo caminho.

Como naquela altura havia muita azeitona e os lagares não tinham capacidade para atender a todos os pedidos, as pessoas tiveram que procurar soluções para guardar a azeitona

sem esta se deteriorar. O conservante mais utilizado e mais fiável era o sal marinho, dentro de barricas de madeira ou noutros recipientes com pouca entrada de ar, com camadas de sal pelo meio, era guardada a azeitona, seguia depois para o lagar onde ficava a aguardar vez, em tulhas de pedra ou de cimento.

O rendimento do Lagar da Comenda em Belide era de cerca de 100 kg de azeitona, para 15 a 20 litros de azeite. A azeitona entrava num tanque onde era lavada e seguia para o moinho de galgas. Nessa altura já eram movidas por um motor a gasóleo (anteriormente seriam movidas pela água da vala do moinho). Quando moída era transformada em pasta. Era espalhada nas ceiras redondas e amontoadas numa prensa manual. Dessa prensagem lenta saía a água russa que depois era enviada para os tanques de decantação. Através do dito processo efetuava-se a separação da água e do azeite. Posteriormente, o precioso líquido era guardado em tanques de pedra ou em grandes potes de barro vermelho. O pagamento da maquia ao dono do lagar era efetuado em dinheiro ou em azeite. (Marta, 2013).

Entre outubro e fevereiro os trabalhos agrícolas ficavam mais reduzidos e raramente exigiam trocas de tempo. Passavam-se os dias na recolha dos rapões, rachava-se lenha, cuidava-se das alfaias agrícolas. Nesta época do ano o acontecimento social mais importante, realizado em quase todas as famílias de Belide, era a **matança do porco**. Esta tinha um caráter cerimonial, como consagração da espécie alimentar indispensável à sobrevivência da família (figura 66).



Fig. 66 – Dia de Matança do Porco – Família Morgado. Fonte: Amigos de Belide.

As gentes de Belide foram criando, adaptando e aperfeiçoando técnicas e instrumentos apropriados ao ritual. Os modos de agir traduzem elementos relacionados com a economia rural, hábitos e gostos alimentares de raiz tradicional. Os particularismos das matanças na nossa região representam uma elaboração cultural de formas originariamente impostas pelas necessidades sentidas. A função nutritiva fundamental do porco era incutida desde a mais tenra idade, por transmissão de pais para filhos.

O dia tomava ares de festa. Manhã cedo, a dona de casa preparava todos os artefatos necessários à matança. Um pano limpo, uma corda forte, uma corda de feixe, um cordel, um alguidar para o sangue, uma bacia para as tripas, uma panela de água quente, uma telha de canudo, uma garrafa de aguardente, café, louro, vinagre, alho. A pequenada acompanhava o processo de olhos bem arregalados, mas a morte violenta do porco por vezes perturbava a sua sensibilidade. Pessoas de grande amizade e familiares próximos eram os convidados para a matança. Esta, propriamente dita era trabalho dos homens. Estes, mal iam chegando era-lhes oferecida uma caneca de café e um bocado de broa de milho, a fim de quebrar o jejum.

A primeira etapa seria colocar o carro de bois no local mais apropriado para a matança tirando-lhe os taipais ou os fueiros. Feito isto, um homem introduz-se no curral. O animal, deixado sem ceia para as tripas ficarem menos cheias, é preso por uma perna ainda dentro do curral, fazendo-se o chamado nó de porco. Não era fácil esta operação. O porco, por estranhar a companhia do homem ou por temer a rivalidade na pia, dava umas voltas sacudindo as pernas. Quando se sentia preso dá os primeiros gritos de socorro e, não raro, refugiava-se a um canto quando via a porta do curral aberta.

Os restantes homens escondiam-se nas proximidades até o porco sair. Para não morder, a boca do saíno era laçada com uma corda fina e conduziam-no depois para junto do carro. Este era o momento mais complicado, levantar o porco e colocá-lo em cima do mesmo, sem magoar ninguém. Aquele que segura a corda presa à perna faz quanta força tem até o porco se encontrar na posição ideal. Toda a parte traseira até às mãos assente no carro e a outra parte escondida ao longo do toiço ou varão, conforme se trate de carro de bois ou de vaca.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Obtida esta posição, o homem ata a corda da perna a um fueiro posto ao fundo, no lado contrário àquele em que se vai matar o porco. A boca é presa ao toiço ou varão, utilizando-se a cordita com que tinha sido lançada. A outra perna é igualmente presa com a corda grossa e dois homens seguram as mãos. O animal, com estas manipulações todas, vai

protestando ensurdecedoramente. Existia um momento de alguma acalmia, durante a lavagem do porco com água morna, alguma chalaça acompanha esta ação. O porco presta homenagem a esta delicadeza acabando com a gritaria. Tendo à mão o alguidar para aparar o sangue, o matador ajeita o porco para a sua posição mais conveniente, e procura espetar a faca. Logo à primeira, pelo fecho do peito, o animal, dorido, estrebucha e, é necessária alguma perícia, para aparar as primeiras golfadas. Pela quantidade de sangue que o animal larga nesta ocasião, que se aprecia se a facada, foi ou não bem dada. O sangue recolhido no alguidar fica coalhado em pouco tempo, o matador dá-lhe um corte em cruz e levava-se a cozer com bastante louro. As últimas golfadas de sangue são aproveitadas num recipiente distinto, em que se deitou bastante vinagre, enquanto se apara agita-se muito bem o sangue para ele não coalhar, uma vez que se destina, a fazer morcelas.

Morto o animal, tira-se do carro e faz-se um pequeno intervalo para o mata-bicho. Ou seja, bebia-se um copo de jeropiga ou aguardente. Colocado o porco no lugar mais propício, de acordo com as orientações do vento e afastado das árvores, punha-se caruma por cima do animal e chamuscava-se lentamente. Procurando queimar todo o pelo e deixar o couro bem tostado, mas sem queimar a carne. O couro bem tostado conserva melhor o toucinho e dá-lhe bom gosto. O lume é acompanhado por cima com uma forquilha e uma turquês formada por dois paus. Para facilitar a queimada, ia-se raspando com uma pá o morrão formado pelas cinzas, os pelos queimados e os dejetos do porco.

A zona da barriga exigia muito cuidado na chamuscadela. A pele é muito delicada e pode estalar com a raspagem da pá. Por outro lado, as tripas podem cozer se apanharem muito lume. Acabada a chamuscadela de um e outro lado, estende-se uma camada de sal por cima do porco e esfrega-se muito bem com as costas de uma telha de cano. Numa segunda volta, enquanto se vão lançando uns salpicos de água morna, raspa-se tudo novamente com a telha. Usava-se as costas nas zonas lisas e os bordos nas zonas enrugadas (focinho, pernas e mãos). Nos pezunhos, a telha é substituída por bocados de grilhão, mais fáceis de manusear.

Feito o trabalho da telha, raspa-se ainda com facas, até o couro ficar bem lavado e limpo. As orelhas merecem um trato especial. Eram abertas primeiramente a meio, punha-se água e dava-se uns murros para tirar o sebo. Com os dedos limpam-se todas as cavidades. A boca era rasgada também com a faca de matar e abanam-se fortemente os queixais para limpar a língua. Completo este trabalho de um lado, faz-se uma boa cama com caruma limpa, vira-se o porco o lado inverso e repetia-se a operação da lavagem. Seguidamente, o

UBC UNIVERSIDADE DE BRAGANÇA

transporte do animal para o local onde vai ser amanhado e ficar pendurado a escorrer, geralmente a casa de arrumação ou a casa do forno.

Era feito um corte de cada lado, de alto a baixo, ou seja, desde as pernas até à garganta, rompendo apenas o couro externo. Seguiam-se uma série de procedimentos de desmanche do porco, geralmente no dia seguinte, a lavagem das tripas era feita do Rio dos Mouros.

A dona de casa ou outra pessoa responsável acompanha o processo, não só para se certificar dos cuidados postos na lavagem, mas também para indicar o tamanho e a quantidade de bocados de tripa, pois cada um tinha finalidades de utilização: chouriços, farinheiras, negritos ou morcelas de sangue. Todas as tripas são viradas de dentro para fora, com auxílio de um pau fino e comprido. A lavagem das tripas é feita com sal e citrinos: limões e/ou laranjas verdes. O porco fica pendurado até à manhã do dia seguinte para escorrer bem o sangue. Desmanchar o porco é uma atividade para o casal, juntando num lado o toucinho, noutro, os ossos e ainda noutro, as febras. Toda a carne era conservada em sal, na salgadeira (caixão de madeira construído para o efeito); os ossos eram cortados em tamanho de ir à panela. As febras, por não darem tanto rendimento na alimentação, eram menos consideradas do que o toucinho. Preferia-se um porco de toucinho alto e gordo, a um porco de muita febra e magro.

Grande parte das febras era utilizada para fazer os enchidos, cortam-se em pequenos cubos e deixam-se de marinada durante aproximadamente três dias. Este processo era feito com alho, louro, sal, colorau e vinho tinto. Terminado o tempo da marinada, enchiam-se as tripas destinadas a essa finalidade e punham-se no fumeiro. Com os coiratos, restos das tripas e bucho, faz-se ainda uma sopa da pedra, ou sopa à lavrador. As banhas da barriga do porco, o unto tirado das tripas, assim como alguma outra carne mais gordurosa e sem consistência são derretidos para fazer manteiga. Os torresmos, as partes sólidas que ficam após a fritadela, são depois



Fig. 67 – Paisagem Campestre. Fonte: Amigos de Belide.

consumidos quer como produto para acompanhar um bocado de broa, quer por cima das papas. Tudo era miudamente aproveitado, dosear bem o porco para durar todo o ano tornava-se arte difícil quando havia muitas bocas a alimentar e o animal era pequeno.

Gente amiga do mesmo nível social recebia bocados de febra, pedaços de sangue cozido, coração, ossos. Só os indivíduos da alta e com *agradecimento especial* eram contemplados com um lombo ou uma peça similar. O médico, o padre e o professor, pois havia sempre algum filho na escola, que necessitava de um *jeitito* para transitar de classe.

De menor significado que a agricultura não se pode, contudo, ignorar a existência do **pastoreio**. Para além dos suínos, existia, também ovelhas e cabras (figura 67). Em maior abundância nesta região, dando origem ao pastoreio praticado pelos criados ou pelos próprios donos. Esta atividade principalmente praticada para aproveitamento da lã. Servindo de matéria-prima para o vestuário, para produção de carne, leite e queijo. Este último tem uma importância significativa no fabrico da doçaria regional, as tão famosas *Queijadas da Região de Coimbra*. Este gado servia para fazer a debulha dos cereais e desfazia os torrões quando a terra das sementeiras, se apresentava demasiado dura.

Em suma, com um património alimentar riquíssimo, o cabrito assado em forno de lenha, assume-se como o prato tradicional de Condeixa. Noutras freguesias como é o caso de Belide, o cabrito tenro era vendido na vila, reservando-se para a família a carne de cabra. Na localidade a chanfana de cabra e de galo assumem a sua identidade alimentar, onde o arroz doce do Baixo Mondego é rei da doçaria em dias festivos.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CAPÍTULO VI

ASSOCIATIVISMO E SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO DE BELIDE

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

6.1. O associativismo cultural na comunidade

A liberdade de associação é um direito consagrado na Constituição da República Portuguesa (artigo 46.º), de tal forma que os cidadãos livremente e sem dependência de qualquer autorização, podem constituir associações. Este princípio é uma realidade democrática, pós 25 de abril, no entanto, nesta comunidade, o associativismo entre os seus locais é uma realidade que sempre se fez sentir ao longo dos tempos.

A 2 de junho de 1895 foi criada a Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, este é o novo desígnio, pois já existia uma formação anterior, de acordo com os registos paroquiais de 1758, "o seu orago é Nossa Senhora das Neves (…) tem só a Irmandade do Santíssimo". A irmandade que ainda hoje se mantém em funcionamento, é composta por indivíduos do sexo masculino, todos de maior idade, possui estatutos próprios, embora esteja ligada à igreja é autónoma nas suas decisões.

> *A irmandade existe há muitos anos, tem um papel importante na comunidade, quando há procissões são sempre representadas pela irmandade, funerais também, quer sejam irmãos quer não sejam, até mesmo para fora de Belide já têm ido representar o concelho* (JC).

Respeitando os regulamentos, manda celebrar duas missas por alma de cada Irmão após a sua morte e ainda uma missa por ano aplicada pelas almas de todos os Irmãos e benfeitores da irmandade já falecidos. Segundo os mesmos estatutos, cada elemento que entra paga uma joia no ato da inscrição, e reúnem, esporadicamente, para discussão de assuntos relacionados com a sua atividade. Embora qualquer jovem ou homem adulto se possa propor para irmão, e não estando entrada condicionada, é por herança da opa e do lugar dos pais ou parentes próprios que entram os novos elementos.

> *Fui parar à irmandade porque herdei uma opa, o meu padrinho faleceu e eu fiquei-lhe com a opa e entrei, o meu cunhado herdou a do meu sogro, e entrámos os dois mais ou menos na mesma altura. Agora fui eleito como juiz, também acho que não é mau, não me prejudica em nada* (JC).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Fig. 68 – Rancho (década de 50). Fonte: Amigos de Belide.

O primeiro agrupamento recreativo que apareceu na localidade com a designação de Rancho Típico de Belide, data de 5 de agosto de 1911. Convém referir que estes ranchos não tinham qualquer fim etnográfico, mantinham a juventude coesa, vestiam a jeito de uniforme e dançavam ao gosto de alguém mais erudito que fazia a letra e a composição de quem os ensaiava (figuras 68, 69 e 70).

Em Belide estes grupos foram existindo ao longo de todo o século XX, no cartaz das festas de Nossa Senhora da Saúde, aparece com o desígnio de Rancho Regional de Belide, claro está que eram formados para animação e entretenimento das comunidades locais, existindo por vezes agrupamentos juvenis e infantis.



Fig. 69 – Rancho infantil. Fonte: Amigos de Belide.



Fig. 70 – Rancho juvenil. Fonte: Amigos de Belide.

O último agrupamento apresentava-se como Rancho Folclórico de Belide, extinto nos primeiros anos da década de 80 do século passado, aproximava-se já da realidade etnográfica da comunidade e região, mas ainda com diversas carências representativas, mas foi um bom começo.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Fig. 71 – Comunidade na Quinta. Fonte: Amigos de Belide.

A Quinta de Belide, sempre foi um espaço de trabalho, convívio (figura 71) e união da população, era o grande empregador agrícola, todas as famílias tinham ligação à casa, um apego geracional.

> *A realidade da Casa dos Barata Tovar em Belide é exatamente a mesma realidade da Casa dos Matos no Sebal. A aldeia vivia muito próxima a todos os níveis destas casas, eram uma grande comunidade e por causa disto, as pessoas mais antigas têm muitas memórias da casa. Sei que em tempos muito maus no nosso país, em que havia muita pobreza, muita miséria, muita fome, aqui não haveria tanto porque existiam grandes casas como estas* (MJCR).

No palacete dos Barata Tovar existiam iniciativas de alfabetização, cursos de bordados, brinquedos que toda a comunidade conhecia, uma grande biblioteca. Na comunidade foi durante décadas o grande espaço cultural e recreativo.



Fig. 72 – Equipa de Futebol. Fonte: Amigos de Belide.

O futebol clube "Os Belidenses" também fez sucesso nas décadas de 70 e

80 do século passado (figura 72). O seu campo de futebol localizava-se em frente à capela de N. S. da Conceição.



Fig. 73 – *Construção do CSCRDB.* Fonte: Amigos de Belide.

O ano de 1980 foi uma data decisiva para o associativismo local, pois aos trinta dias de março foi lavrada uma escritura pública de doação e aquisição de uma parcela de terreno para construção de um edifício associativo e instalações para a junta de freguesia. Outorgaram a escritura o presidente de junta, José Bernardo dos Santos Monteiro, os proprietários da Quinta, Luísa Maria Joana de Bourbeu Furtado de Barata Tovar e seu marido, Melchior Barata Tovar Pereira Coutinho Furtado de Melo, e herdeiros do casal (doadores). Joaquim Maria Soares e sua esposa, Mabília de Jesus Monteiro de Azevedo, que venderam à Junta de Freguesia de Belide pelo valor de vinte e cinco mil escudos, uma parcela de quarenta e cinco metros quadrados destinados à construção urbana.

O Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide (figuras 73 e 74), adquiriu personalidade jurídica a 2 de setembro, com escritura lavrada no Cartório Notarial de Soure, constituída por tempo indeterminado, cujo fim é a promoção cultural, recreativa e desportiva dos seus associados e a assunção de iniciativas de interesse coletivo local, designadamente nos setores da instrução e de apoio à



Fig. 74 – Caminhada comunitária. Fonte: Amigos de Belide.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

primeira infância e à velhice, conforme informação publicada em Diário da República, série II, número 249 de 27 de outubro de 1980.

Para iniciar os trabalhos associativos, foi formada uma comissão instaladora que, com a ajuda de outras pessoas da terra, começou, por intervenção direta, a construção das instalações. Mais tarde, com uma direção, entretanto eleita, a associação dedicou-se a diversas áreas, de onde se destacam: o teatro, o futebol de cinco, a organização de festividades, bailes e intercâmbios com as outras associações do concelho.



Fig. 75 – Tuna de Belide. Fonte: Amigos de Belide.

Com o decorrer dos anos, o espaço foi aumentado e as suas instalações melhoradas, utilizadas regularmente para a realização de festas, casamentos, batizados, e outros eventos culturais ou desportivos. Os troféus expostos na coletividade, são representativos das várias modalidades praticadas nesta freguesia, os mais antigos foram conquistados há muitos anos, pela equipa de futebol do Belidense. Muitos outros, talvez a



LINGUAGEM MUSICAL NÃO PRECISA DE TRADUÇÃO

Jovens de Belide tocaram e (en)cantaram o País de Gales

E. M.

A Tuna de Belide é composta por 30 alunos. Nasceu há cerca de ano e meio por vontade da Associação Recreativa e Cultural de Belide e transformou-se numa das paixões de um jovem músico de Condeixa. Em Pontypool – e porque se portou lindamente conseguindo pôr uma sala de galeses, franceses e alemães, a bater palmas e a cantar – passou a ser "a menina dos olhos" do concelho.

O grupo, formado por rapazes e raparigas (sem problemas de quotas), ensaia às quartas e sextas feiras nas instalações da própria Associação Recreativa. Com idades compreendidas entre os sete e os 18 anos, o grupo "enviou" 16 elementos para o País de Gales onde, como puderam ver e ouvir, a paixão pela música, em particular pelo canto, é comum a quase toda a população.

"A proposta de criação de uma escola de música foi apresentada pela Associação Recreativa, Cultural e Desportiva de Belide no âmbito de um projecto da Secretaria de Estado", recordou João Paulo Devesa, o jovem maestro e fundador da tuna.

Tudo arrancou há cerca de ano e meio com a organização de uma festa para os pais e encarregados de educação. "Nessa altura os jovens entusiasmaram-se e ao fim de três meses estava formada a tuna", conta João Paulo Devesa admitindo que, no entanto, houve algumas dificuldades, em particular, na aquisição dos instrumentos.

Mas como a vontade era muita e já não dava para voltar atrás, os próprios alunos suportaram a compra dos instrumentos com uma "ajuda irrisória" da Secretaria de Estado da Cultura.

Reconhecendo que uns têm mais "queda" do que outros para o música, João Paulo Devesa confessa que valeu a pena todo este trabalho com os jovens e que o seu comportamento em Pontypool foi a prova de que quando se quer muito uma coisa ela acontece.

Acordeões, guitarras, cavaquinhos, bandolim e percussão são os instrumentos usados ainda que estejam a ponderar a aprendizagem dos violinos e dos trompetes. "Para já arrancámos com aqueles primeiros instrumentos por serem os de mais fácil aprendizagem, mas gostaríamos de não ficar por aqui, uma vez que a música está a servir de elo de união dos jovens e até de toda a comunidade".

As palavras de João Paulo não escondem a sua paixão pela música. Aluno do Conservatório de Música de Coimbra – onde também anda a estudar violino – o jovem maestro e executante abraçou um novo desafio para Condeixa e que é a fundação de um Orfeon "baptizado" com o nome de dr. João Antunes. Um Orfeon que acabou de se filiar na INATEL.

"É importante apostar cada vez mais na música e no seu ensino aos mais jovens. É que, sem querer ser moralista, o certo é que enquanto os jovens andam entretidos em aprender deixam de ter tempo para outro tipo de coisas, em geral negativas", admite, confessando que "a música é uma nova profissão que está a aparecer e que tem sido 'suportada' por entidades privadas".

Criticando a falta de preparação e de condições das escolas públicas para o ensino da música, João Paulo lamenta que o Conservatório seja, por exemplo na região Centro, a única saída para quem quer aprender música. "É não é fácil entrar dado que a falta de respostas obriga a selecção bastante apertada e limitativa", afirmou, admitindo que "o privado existe mas é muito bem pago não permitindo a entrada a qualquer pessoa que tenha vocação para a música".

Fig. 76 – Recorte de Imprensa. Fonte: Amigos de Belide.

grande maioria, são referentes a primeiros e segundos lugares, nos torneios de malha concelhios. O futebol de cinco também está aqui representado com algumas taças, assim como o Rancho Folclórico de Belide, o Grupo de Teatro, a Tuna da Escola de Música (figuras 75 e 76), este coletivo musical chegou a representar o Município de Condeixa na assinatura do protocolo de geminação no Pontypool no País de Gales, em 1999.



Fig. 77 – Passeio Motard. Fonte: Amigos de Belide.

Os BELIRIDERS são uma organização local recreativa que surgiu em 2018, aquando de um passeio / convívio de motorizadas organizada pelo CSCRD de Belide. Este grupo pretende divulgar a marca local, o território e a Estrada Nacional 347, que serve a localidade (figura 77).



Fig. 78 – Beliriders. Fonte: Amigos de Belide.

> *Tudo começou com um passeio de motorizadas também com pessoas mais velhas, e depois ele começou com motas de mais cilindrada. O pessoal de Belide é pacato, não gosta de confusões, gosta de se divertir. Gosto dos Beliriders e da parte solidária que também tem feito ao longo destes anos* (JPM).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *(...) se não fossem as associações, Belide era um zero à esquerda, sem jeito (...), até mesmo com os motards eu fico encantada, o que fizeram agora no casamento da Ritinha, adorei, achei o máximo* (ECF).

Assenta a sua intervenção no gosto pelo motociclismo, desenvolvimento de novas amizades ao invés do espírito competitivo. Desde a sua fundação tem desenvolvido diversas atividades de cariz social e de beneficência. Na localidade organiza e dinamiza diversos eventos e no contexto nacional também tem marcado presença, contribuindo para a dinâmica associativa local.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

6.2. O Pódio de Recordações e a intervenção patrimonial

O Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica (PRAEF) é um organismo de direito privado sem fins lucrativos constituído legalmente por Escritura Pública, lavrada na Conservatória do Registo Comercial da Figueira da Foz, no dia 21 de agosto de 2013 (cf. Anexo XVI). Instituição constituída por tempo indeterminado, não preconiza qualquer ideologia política, religiosa e sindical, alvitra-se na cooperação local, nacional e internacional com os seus congéneres ou entidades afins. Este organismo associativo tem como finalidade a divulgação da cultura tradicional e popular do Vale do Rio dos Mouros integrada na região etnográfica do Baixo Mondego Litoral, onde as Gentes da Freguesia de Belide e a Romaria à Senhora da Saúde, assumem o papel matricial.

O PRAEF através dos seus pressupostos estatuários dá o seu contributo no desenvolvimento de diversas iniciativas culturais, educativas, desportivas e sociais que promovam enriquecimento e formação pessoal dos seus associados, bem como a ocupação do tempo livre, a qualidade de vida, os direitos individuais e sociais dos residentes, qualquer que seja a sua condição, etnia, cultura ou nacionalidade. Desenvolve ainda, a sua ação em estreita relação com outras instituições e organismos de caráter cultural, educativo, desportivo e social que intervenham de forma direta ou indireta, junto da comunidade. O PRAEF tem por objetivo principal a salvaguarda do património e cultura tradicional e popular da região geográfica onde está inserido, no âmbito de uma política de proximidade, assim como: a atividade ininterrupta do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide, o qual é por si tutelado, nos parâmetros: técnico, artístico, administrativo e financeiro. Ao mesmo tempo, tem a missão de inventariar, salvaguardar e divulgar o património cultural tradicional e popular da sua região.

> *O trabalho que tem feito o Pódio de Recordações, poderá chamar-se uma educação patrimonial em contexto comunitário, as pessoas no mundo se não tiverem memórias, mas memórias concretas, se perderem a noção deste caminho que é a vida, que implica o de onde viemos, o onde estamos e o para onde vamos não é possível serem seres completos. Esta educação que é feita com muito pouco esforço (...) tudo entra pelos olhos e ouvidos dentro, é, portanto, uma competência gratuita que se dá às pessoas* (MJCR).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Este agrupamento fomenta atividades culturais, de aprendizagem, desenvolvimento lúdico, direcionadas aos seus associados, numa perspetiva intergeracional (crianças, jovens,

adultos e seniores), protegendo os cidadãos vulneráveis nas situações de falta ou diminuição de meios de subsistência, de capacidade para o trabalho ou de autonomia. Educar e formar socialmente, ética e culturalmente os seus associados e familiares diretos. Cooperara com outros organismos e/ou entidades oficiais em que tudo for de interesse para o PRAEF, e para os demais fins que a associação prossegue. Unidades ou projetos de referência que contribuam para a promoção geral da qualidade de vida. Educação, cultura, desporto e solidariedade social, tendo em consideração o seu bem-estar material e espiritual. Outras ações de divulgação a informações de referência, nomeadamente, a implementação de estudos de caráter cultural, bem como a edição de publicações relevantes.

A instituição tem a sua sede no edifício da Junta de Freguesia de Belide, fruto de um protocolo de cedência de instalações firmado em 2013, sendo o Sr, Raúl Pratas presidente do executivo da recém-criada União de Freguesias de Sebal e Belide, o qual tem sido renovado pelos executivos.

> *Enquanto presidente de junta não me preocupei só com o financiamento, mas também com a cedência de instalações. Quando entrei no edifício logo percebi que ele estava subaproveitado e era uma pena (...) não estar aberto à população. Cedi esta sala à associação e se fosse hoje voltaria a fazê-lo. É com muito orgulho que aqui venho e vejo as excelentes condições que aqui estão hoje e é uma mais valia para a população de Belide* (RP).

Organiza anualmente na comunidade local, o FESTIBELIDE – Festival Internacional de Folclore da Freguesia de Belide (setembro) – Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares.

> *(...) na organização é metade de Belide que está envolvido neste processo. Mas só funciona, porque é numa comunidade rural e há um espírito de entre ajuda, em contexto urbano era impensável, falamos da boa vontade de todos. São pessoas que vestem a camisola, as pessoas fazem gosto em que aquele evento se mantenha, seja organizado, se realize e depois preparar tudo, organizar as coisas o melhor possível só faz sentido ser assim, porque senão tudo era pago e seria impossível, não existia orçamento para aquilo* (HD).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O Encontro de Cantares do Ciclo Natalício – do Advento aos Reis (dezembro). Os seus associados colaboram e participam em todas as ações levadas a cabo pelo PRAEF e usufruem das respetivas respostas sociais, educativas e culturais.

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

6.3. Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide: um património vivo



Fig. 79 – Logotipo GFEB. Fonte: PRAEF.

O Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide é uma resposta cultural integrada no Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica, com regulamento próprio (cf. Anexo XVII).

A primeira referência na freguesia, no que concerne aos grupos de folclore, remonta a 5 de agosto de 1911. Existiram ao longo do século XX diversos agrupamentos ao serviço da ocupação do tempo livre da população jovem local. Salientamos o Rancho Folclórico de Nossa Senhora da Saúde (1950-56) e o Rancho Folclórico de Belide (1976-83). Estes dois últimos agrupamentos folclóricos serviram a política cultural do Estado Novo que apoiava a sua formação. Trajavam sem rigor etnográfico e apresentavam modas ao gosto de quem os ensaiava.

Belide, com um passado que justifcava ser salvaguardado, levou alguns habitantes locais a contatarem as pessoas idosas da região para que lhes facultassem informações da antiguidade. Estas retiraram das suas arcas e baús os trajes antigos que possuíam, recordaram melodias que as suas gargantas cansadas ainda conseguiram transmitir, bem como diversas descrições da forma de dançar e trajar e vivências do quotidiano de outros tempos. O rancho alterou a sua imagem, ainda sem critério etnográfico rigoroso, mas, já se aproximava da forma de vida das gentes do Mondego do último quartel do séc. XIX.

Tendo em conta que a freguesia é pequena, aliada a fatores financeiros, e principalmente a ausência de uma tocata, este rancho terminou a sua atividade em meados de 1983. A população local sempre demonstrou interesse em fazer ressurgir o Grupo, havendo já consciência do verdadeiro folclore e de uma forte vontade de preservar o património local. Já em pleno século XXI, numa sociedade pós-modernista, surge o Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide a 5 de outubro de 2011. Herda parte do trabalho já efetuado pelo agrupamento anterior, procedeu ainda a um trabalho intenso de estudo, seriação de fontes e recolhas etnográficas, contraprovas técnicas e alguma bibliografia.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Com o parecer positivo da direção e dos corpos sociais do Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide foi elaborado um Regulamento Interno. Constituída uma

equipa diretiva para o GFEB e os ensaios iniciaram a 11 de novembro de 2011. Foi feita a primeira apresentação pública à população local, o *Arraial na Casa da Brincadeira* a 28 de julho de 2012. O Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide esteve integrado no Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide, desde a referida data até meados do mês de agosto de 2013. O verão do referido ano foi um ano de reflexão e de perspetivação face a um futuro próximo, os corpos sociais e os restantes elementos do GFEB tomaram consciência da sua responsabilidade ao serviço da cultura tradicional da região e foi necessário enveredar por outro caminho. A direção atual do CSCRD de Belide estava a dificultar a continuidade e evolução do GFEB aos mais variados níveis. Reunidos os elementos do GFEB com o parecer favorável dos intervenientes, criou-se um novo organismo na localidade, denominado por Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica.

Esta associação absorve o Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide (GFEB), como sua secção integrante. Este agrupamento arroga-se como um fiel divulgador da cultura popular das gentes da Região do Baixo Mondego Litoral, com especial ênfase para o Vale do Rio dos Mouros, onde a freguesia de Belide se insere, desde meados do século XIX até 1920. Do seu espólio de recolhas contam-se cerca de uma centena de cantares e dançares, sendo estes, de influência mondeguina por um lado e já coimbrã por outro, e ainda, influxos serranos provindos do maciço de Sicó.

Apresenta quadros típicos característicos da vivência de outros tempos, nomeadamente os trabalhos agrícolas realizados tanto no campo como no monte. Ida à Fonte do Bugalho, Deitar das Pulhas, Cânticos às Almas Santas, Serrar da Velha, Queima de Judas, Maias, Romagem ao Senhor da Serra e à Senhora da Saúde, Escamizada, Adiafa da Azeitona, Natal e Reis, entre outras.

A vida simples e alegre das gentes do Baixo Mondego está presente na forma de trajar, cantar e bailar do grupo, envergando este, trajos de festa, de noivar, de domingar, romeiros, camponeses e lavradores abastados, e um espólio variado de trabalhadores rurais, assim como, o artesanato local: ferraria e latoaria.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> *Pelo que tenho visto, pelos festivais que têm sido feitos e os temas abordados, esta grupo está a fazer um levantamento do que era a vivencia dos pobres aqui da zona, usos e costumes, trajos, utensílios, até a maneira de se comportar é um património vivo na comunidade, fiel representante* (ACM).

O Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide possui, ainda, um variado espólio de material ligado à religiosidade local, agricultura e gastronomia, fazendo o levantamento de rezas, crenças e benzilhices, cantares em desuso, medicina popular e sua aplicação, assim como fotografias do património edificado e das gentes a ele ligadas, assim como, peças de uso pessoal, utilizadas noutros tempos.

> *Em Belide, o Grupo Folclórico destaca-se, é um dos mais importantes, senão o mais importante do concelho, representações internacionais, uma dinâmica muito própria, tem atividades únicas, lembro-me daquela pós-graduação que organizaram e que se desenvolveu ali em torno do património, algo muito inovador e diferenciador e que teve muito bons resultados* (NMC).

Dar continuidade ao trabalho já catalogado e aumentar o seu espólio folclórico e etnográfico são objetivos a serem mantidos. Este agrupamento tem participado em festivais nacionais e internacionais de folclore (em Portugal e no estrangeiro), festas e romarias, programas de rádio e televisão destinados à cultura popular.

> *Belide em termos regionais tem um destaque grande, aí está, pelo seu grupo de folclore que lhe dá nome e que lhe dá destaque a si. O grupo quando sai, e vai aqui para o distrito, região, ou para fora, leva o nome de Belide, levando também o nome de Condeixa-a-Nova. Isso é bom, pois estamos a falar de uma comunidade com pouco mais de 200 pessoas é algo importantíssimo, algo distintivo, por isso é que eu digo que tem uma marca identitária forte, o grupo folclórico sai, um terço da população vai também… tem essa excelente caraterística* (NMC).

> (…) *apesar de ser um território pequeno, mas sentimos orgulho de chegar ao Porto, ao estrangeiro e saber-se onde é Belide* (RP).

> *O Pódio de Recordações, através do Grupo Folclórico recolocou Belide no mapa, fruto de um passado de glória que já existia, 5 minutos em televisão, Belide deu a volta ao mundo. O nome do território e o seu património é divulgado por este organismo* (ACM).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

É fácil perceber que o agrupamento folclórico local dá nome ao território, também Jorge Freitas Branco, afirma que é "graças às atuações do rancho que a aldeia de Peroguarda é projetada no Alentejo e no país" (Branco, 2003, p. 409).

O Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide, possui dois trabalhos discográficos publicados: *A moda da Monda* (cancioneiro profano) e *Ó meu Jesus Pequenino* (cancioneiro religioso), está filiado na Secção de Folclore e Etnografia de Coimbra da Fundação INATEL e na Federação do Folclore Português.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

6.4. Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares

O FESTIBELIDE – Festival Internacional de Folclore da Freguesia de Belide, Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares é o maior evento cultural ligado ao património imaterial realizado no Vale do Rio dos Mouros. Acontece no segundo fim de semana de setembro no recinto das festas. Tem a particularidade de ano após ano ser desenvolvido em torno de uma temática de cariz etnográfico.

> *O FESTIBELIDE no segundo fim de semana de setembro, toda a região gira em Belide naqueles dias, até eu tinha de organizar a minha agenda para também poder estar presente, é uma marca (...). Há pequenas marcas na comunidade que são assumidas, quase que não precisam de ser recordadas ou marcadas anualmente, são assumidas por todos, e aquele fim de semana é assumido pelos locais, portanto, pela comunidade, pelas pessoas que vivem lá, mas também sempre fez parte das pessoas que não viviam lá, faziam parte do restante concelho e que também a nível regional se congregavam naquele momento* (JG).



Fig. 80 – Cartaz * Festival 2012. Fonte: PRAEF.

Desde a sua primeira edição (em 2012) tem existido a preocupação por parte de quem o coordena do ponto de vista técnico e cultural, que não seja apenas um mero encontro de grupos folclóricos com o brilho dos trajos, da música e da dança. Mas sim, um espetáculo educativo onde as gerações mais jovens sentissem na primeira pessoa a realidade das vivências das gentes locais, de meados de novecentos.

A realização deste certame envolve a comunidade local. Durante uma semana é escalada uma equipa que o coordena o trabalho de preparação e de retaguarda. Constrói-se um espaço acolhedor com o intuito do visitante de sentir integrado na temática e na época representada. Com a ajuda de um guião geral, os agrupamentos folclóricos presentes fazem uma apresentação

etnográfica de acordo com a sua realidade geográfica. Para além do grupo anfitrião (GFEB) participam mais dois ou três convidados nacionais e um espanhol.

Dada a importância que o evento tem na comunidade local, como marco educativo e de salvaguarda do património imaterial iremos apresentar seguidamente uma retrospetiva das oito edições realizadas entre 2012 e 2019.

> *É muito importante para a construção desta identidade comunitária, mas também pessoal, porque, volto a repetir se não soubermos as três fases deste caminho: o que nos foi legado por aqueles que nos antecederam e que estes também se foram construindo com os legados dos que estão para trás, onde é que eu me encontro neste momento? Ou onde nos encontramos enquanto comunidade? E para onde é que vamos ....* (MJCR).

As desfolhadas na aldeia são cheias de vida e cor, até à luz da candeia se inspiram versos de amor, este mote popular deu enquadramento à **1.ª Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares** que se realizou no dia 15 de setembro de 2012 (figura 80). Participaram para além do agrupamento local, o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Pinhal Novo em representação da Estremadura Sul (Península de Setúbal), Rancho Folclórico de São Martinho de Moure – Vila Verde (Baixo Minho – Braga), Rancho Folclórico dos Campinos da Azinhaga (Ribatejo – Golegã). Em representação espanhola o Grupo Folclórico Xente Xoven de Cangas (Galiza).

A **2.ª Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares** efetivou-se a 14 de setembro de 2013, em torno da temática "O Rio e os Campos" (figura 81).

Participaram para além do agrupamento local, o Grupo Folclórico e Etnográfico de Santa Marinha de Crestuma em representação do Douro Litoral Sul (Gaia), o Grupo Típico de



Fig. 81 – Cartaz * Festival de 2013. Fonte: PRAEF.

Castelo Branco (Beira Baixa Sul), o Rancho Folclórico dos Camponeses da Beira Ria (Região Vareira – Murtosa) e o Grupo de Danzas e Coros Fermento de Valdepeñas (Espanha – Cidade Real).

> *Para mim todos os festivais foram excelentes, mas há um que para mim foi tudo, foi as lavadeiras do rio (figuras 82 e 83). O rio de Belide lá representado, os peixes, as lavadeiras, a cegonha a tirar água, a marinha do arroz, pá… Tudo isso representado ali, e depois a emoção das pessoas a assistirem aquilo, a recordarem o que era Belide há não sei quantos anos atrás (…) aquilo foi qualquer coisa do outro mundo, trouxemos do rio 1500 litros de água e os peixinhos lá e aquilo tudo, é pá, fantástico. O cenário criado ali naquele recinto da festa, aliás, ainda hoje, toda a gente fala em Belide, e uma das razões é por isso* (ASM).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Fig. 82 – Representação etnográfica das vivências do Campo e do Rio. Fonte: PRAEF.



Fig. 83 – Atuação do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide. Fonte: PRAEF.

A **3.ª Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares**, realizou-se a 13 de setembro de 2014, sob a temática "A Festa das Vindimas". Participaram para além do agrupamento local, o Rancho Folclórico de Gouveia em representação da Beira Alta Serrana, o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Ponte do Sor (Alto Alentejo), Rancho Típico de São Mamede de Infesta (Douro Litoral - Matosinhos) e o Grup Folklóric d' Onil – Alicante (Espanha).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Fig. 84 – Representação etnográfica da vindima. Fonte: PRAEF.

A **4.ª Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares** aconteceu a 12 de setembro de 2015 (figura 85). Participou o GFEB, o Grupo de Danças e Cantares Pioneiros de Vendas Novas em representação do Alto Alentejo, o Rancho Etnográfico de Santa Maria de Touguinha (Douro Litoral Norte – Vila do Conde), o Rancho Folclórico da Casa do Povo do Pego (Alto Ribatejo – Abrantes). O Grupo de Danzas Folclóricas Amor Ruival, oriundo de Pontevedra (Espanha – Galiza), sob a temática "O Mercado e as Feiras".



Fig. 85 – Cartaz * Festival 2015. Fonte: PRAEF.

A origem destes lugares públicos onde acorriam as gentes de outro tempo para mercar produtos essenciais à atividade e subsistência humana. Existem desde os primórdios, anteriores à moeda. O fenómeno mercantil nas nossas terras remonta aos tempos da reconquista cristã à formação da nacionalidade. Posteriormente a avaliar pelos contratos de trocas entre mosteiros, igrejas e

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

cidadãos, e nos séculos XIV e XV era frequente junto às ermidas de romaria, funcionarem feiras em dia de festa.



Fig. 86 – Cenário do Festival em 2015. Fonte: PRAEF.

A Feira de Ano em Montemor está referenciada desde o julho de 1453. A revolução do milho e da batata aumentou substancialmente a produção e criou excedentes para escoar. Tornou-se necessário comprar alimento e indumentária inexistentes na localidade.



Fig. 87 – Festival de 2015 * espetáculo etnográfico. Fonte: PRAEF.

A feira e o mercado tornaram-se o local ideal para as transações comerciais, além dos cereais, legumes, gados, artefatos agrícolas, vestuário, calçado, quinquilharias e tanoarias. Entra também, o milho, a batata e mais tarde, o arroz, produzidos em grande quantidade na região. Adquiriam-se instrumentos de lavoura, ceifa, secagem, armazenagem e fertilização, destinados à produção agropecuária. A mais frequentada e duradoura, mercê da sua localização geográfica, temporal e tecido social é a de Montemor. Com feira quinzenal à quarta feira, e que o povo apelida de quarta feira casada ou quarta feira de Montemor.

A feira nos finais do século XIX, até meados do século XX, era ponto de encontro das gentes da região. Para além de Montemor, existia também às terças e sextas-feiras em Condeixa o Mercado. A estes pontos comerciais, fluíam gentes de todas as localidades, sempre com o objetivo de transacionar os seus produtos agrícolas. Aproveitando também a viagem para colocar a conversa em dia, ou tratar de alguma escritura relacionada com a aquisição de um bocado de terra recentemente adquirida. Em Condeixa, o mercado era feito no Terreiro (atual largo Artur Barreto), onde funcionava o mercado da louça e das galinhas. A sardinha e os sardinheiros de Condeixa e de Vila Seca eram conhecidos quer na Figueira da Foz, quer no interior do distrito, assim como, a couve de qualidade oriunda da Eira Pedrinha. Na feira dos 19 no Sebal, vendia-se o gado foi criada a 19 de março de 1899, em dia de S. José. Já na presente data existia a feira dos 4 na Barreira criada por resolução camarária de 13 de junho de 1840.

Os produtos agrícolas vendidos em dia de feira eram geralmente retirados à barriga dos elementos da família. Passava-se um pouco mais de fome, para se conseguir adquirir uma blusa nova, uma camisa, ou o tecido para as mandar fazer, umas botas, tamancas, fossem elas novas ou já usadas. Não se comia uma sopa mais farta, o feijão servia para vender. As galinhas tinham também o mesmo destino, assim como a produção de ovos (vendidos ou trocados por algumas sardinhas).

Chegados à feira expunham os produtos a que iam regateando o preço até chegarem a um acordo (figuras 86 e 87). Depois de tudo vendido eram adquiridos os bens necessários e logo se retomava o caminho em sentido contrário. Estes dias eram dias de festa para a pequenada, que em casa esperavam com ansiedade o regresso de seus pais, ou irmãos mais velhos. Com eles vinha uma *lambarice* que geralmente era dividida por quatro ou cinco irmãos. Comer um pãozito de bico, uma *brindeira* (broa doce) ou uma *escarpiada*, mesmo que repartida por vários elementos, era uma festança.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Em suma, a feira e o mercado transformavam-se em momentos de convívio, onde se travavam novas amizades, reencontravam-se familiares e amigos. Estes encontros eram festejados nas tabernas onde geralmente se vendia o vinho tinto da região, acompanhado por tremoços curtidos no Rio dos Mouros. Alicerçou-se esta representação etnográfica na convenção da UNESCO de 2003, através do seu artigo 1.º no que diz respeito à salvaguarda do património cultural imaterial das comunidades. A sua sensibilização pedagógica a nível local, nacional e internacional e da sua apreciação recíproca. E, ainda, na Declaração de Québec de 2008, através da transmissão intergeracional e transcultural da preservação do espírito do lugar.

A **5.ª Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares** concretizou-se no dia 10 de setembro de 2016 (figura 88). Bailou para a além do grupo da localidade, o Grupo Folclórico e Etnográfico de São José da Lamarosa – Coruche em representação do Ribatejo, o Grupo Regional de Moreira (Douro Litoral Norte – Maia), o Rancho Folclórico dos Moleanos (Alta Estremadura – Alcobaça) e o Grupo de Danzas Costalago (Espanha – Burgos), sob a temática: "A Festa e a Romaria".



Fig. 88 – Cartaz * Festival 2016. Fonte: PRAEF.

Belide encontra-se localizada numa região fértil, onde a romaria tem uma forte relevância no *modus vivendi*, do nosso povo. O S. Jorge em Brunhós, o S. Tomé na Ferreira, o S. Bento por terras de Figueiró e Santo Varão. O S. Mateus em Soure, o Sr. dos Aflitos em Alfarelos, o Sr. da Serra em Semide, a Sra. dos Remédios em Vila Nova de Anços, a Sra. do Amparo em Santo Varão, a Sra. da Estrela na Redinha, a Sra. do Círculo no Furadouro, a Sra. dos Milagres em Cernache, a Senhora da Nazaré na Ribeira de S. Martinho, a Rainha Santa em Coimbra, constituiam calendário de romarias do povo desta terra.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Com grande ênfase na tradição das nossas gentes, a Senhora da Saúde em Belide, pelo sentimento preconizado era de facto, a de maior afluência das gentes da região. Acorriam aqui aos milhares, vindos das regiões do vale do Mondego, Gândaras e Serra de Sicó. Tratava-se de uma festividade de características religiosas, feita de homilias votivas durante as missas celebradas entre 4 a 6 de agosto, conforme referido anteriormente.

Se olharmos esta romaria numa análise antropossociológica, logo percebemos que a vivência da romaria à Senhora da Saúde difere entre os romeiros que se deslocam a Belide e as pessoas desta terra.



Fig. 89 – Cartaz 2017 Fonte: PRAEF.

A **6.ª Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares** realizou-se no dia 9 de setembro de 2017 (figura 89). Participaram para além do agrupamento local, o Grupo Folclórico de S. Salvador de Macieira da Maia – Vila do Conde em representação do Douro Litoral Norte, o Rancho Folclórico Regional do Sorraia (Ribatejo – Coruche), o Rancho Típico de Esposade (Douro Litoral Centro – Matosinhos) e o Grupo de Danzas Falcatrueiros de Monterroso (Espanha – Lugo), sob a temática: "As Brincadeiras e os Jogos Tradicionais".

Os jogos tradicionais são peça fundamental da identidade do povo (figura 90), pois de forma simples transmitem capítulos da história da cultura portuguesa. Existem em grande variedade, desde infantis, de adultos, variando ainda de região para região, dada a riqueza da nossa etnografia. Caracterizam-se por serem atividades que acompanham várias gerações e que, sendo baseados em regras simples, de fácil compreensão, permitem que se desenvolvam atividades que aliam a perícia física à agilidade mental.


Fig. 90 – Espetáculo Etnográfico: Jogo do Cântaro. Fonte: PRAEF.

Apresentam uma lógica interna que favorece o desenvolvimento do

próprio jogo enquanto fim em si mesmo. Consiste na vivência de uma experiência com a consciência de que a sua realização é por si mesma, uma recompensa.

A **7.ª Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares** realizou-se a 8 de setembro de 2018 sob a temática "Adiafa da Azeitona". Participaram para além do grupo local, o Rancho Folclórico da Golegã em representação do Ribatejo, o Grupo Etnográfico de Danças e Cantares do Minho e o Agrupamento Folclórico A Ponte Vella (Espanha – Galiza).

A **8.ª Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares** aconteceu no dia 14 de setembro de 2019 (figura 91), participaram para além do agrupamento local, o Rancho Folclórico Camponeses de Malpique – Constância, em representação do Ribatejo, o Rancho Folclórico de Paranhos (Douro Litoral Centro – Porto) e o Grupo de Coros y Danzas Los Jarentinos (Espanha – Cáceres) sob a temática: "Amar a Deus e ao Diabo".



Fig. 91 – Cartaz * Festival 2019. Fonte: PRAEF.

Em Belide, faz-se o culto mariano à Senhora da Saúde, uma romaria popular com dois séculos de história. O povo local, devoto por natureza cumpre o ciclo anual religioso. Mas, esteve ligado também a histórias, lendas, mitos, coisas do além, que falavam de lobisomens, almas do outro mundo e punham a comunidade em sentido e com respeito. Muitas histórias contadas, eram macabras e assustadoras.

A identidade local, supersticiosa, alicerça-se também em situações e histórias de gentes que recorriam frequentemente ao bruxedo, independentemente da sua prática religiosa ou estrato social a que pertenciam. Naturalmente, supunha-se que tudo vinha de Deus e tudo era obra de Deus. Recorria-se a quem sabia algumas rezas para curar doenças e males, para as quais a medicina ainda não tinha resposta, ou possuindo, consideravam não ser de confiança. Existia uma cultura da morte enraizada, quer antes, quer depois. A riqueza histórico-cultural que nos foi passada de geração em geração continua a ser preservada e vivida com muita força e fé. A sua preservação resistiu até aos nossos dias.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

6.5. Encontro de Cantares do Ciclo Natalício

O mês de dezembro é conhecido na localidade como o mês morto do coração do inverno. Esta conotação, está relacionada aos dias pequenos, chuvosos em que pouco ou nada dava para fazer na lavoura. Os homens passavam os dias a rachar lenha debaixo de telha. As mulheres entretinham-se nas lides de casa. O dia da Restauração iniciava o novo calendário, poucos sabiam o que simbolizava. Em nada importava no quotidiano das gentes, passados dias era data sagrada, 4 do mês dia de Santa Bárbara.

O calendário religioso continua com o louvor a S. Nicolau a 6 desse mês, santo devoto da classe estudantil de Coimbra. A Senhora da Conceição ao dia 8, padroeira de Portugal, com grande tradição festiva em Belide pois nos dias de hoje, ainda se comemora na aldeia. Santa Luzia a 13 com imagem venerada na igreja local e ainda a 21 do corrente mês, S. Tomé, que assinala também o início do inverno.

Todo o mês é marcado até à véspera de Natal pelo Advento, que se comemora desde o ano de 380 na Península Ibérica, altura em que o Sínodo de Saragoça ordenou uma preparação de três semanas para a epifania do Senhor. Representa a revelação de Jesus ao mundo, foi um tempo em que o povo em constante recolhimento fazia a preparação cristã para o nascimento do Menino Jesus.



Fig. 92 – Cartazes dos Encontros de Cantares do Ciclo Natalício (2012 a 2019). Fonte: PRAEF.

O Advento é também marcado em Belide com os Louvores a Nossa Senhora. Um cancioneiro mariano de onde surgem por todo o lado cânticos com alusão à Mãe Maria. De tal forma brotam da fonte perene, manancial cheio de luz escondida na alma humana, que os louvores à Virgem surgem sempre e em toda a parte. Ouro eterno do mesmo filão de amor. Melodias simples e singelas que se erguem em nuvens do parco incenso poético do culto íntimo e humilde. Trovas puras, rosas de todo o ano que nascem no canteiro místico da alma. Amor, piedade, esperança, arrependimento, promessa, gratidão, alegria, formam o arco-íris no altar português erguido a Nossa Senhora, que em Belide veste a roupagem das Neves ou da Saúde.

O Ciclo Natalício (do Advento aos Reis) é uma quadra riquíssima em manifestações populares. A sugestão do mistério religioso combinada com o particular condicionalismo das festas do período cíclico, desenvolveu a inspiração poética. A riqueza sentimental da comemoração deu asas aos poetas do povo para cantares reveladores dos objetivos e do caráter deles. A sua origem talvez seja cultural, de feição mais ou menos eclesiástica, nem por isso deixa de existir originalidade e espírito de adaptação na expressividade poética do povo, dentro dos moldes encontrados. Na variedade dos cantares populares de Natal há uma grande unidade, a fantasia envolve-os, modifica-os, amplia-os com acréscimos ingénuos provindos de origem variada.



Fig. 93 – GFEB em Castro Marim – Algarve (2019). Fonte: PRAEF.

A figura dos pastores está presente em praticamente todos os cânticos de Natal. O episódio evangélico do Natal inclui a revelação do nascimento do Menino aos pastores pelo aparecimento de um Anjo no meio deles. Instruídos pelo Anjo e guiados por uma estrela que vai deter-se por cima do estábulo de Belém, vão adorar o Deus nascido, oferecer-lhe os seus presentes. Nos autos pastoris, nos presépios, nos louvores cantados à Virgem e o Menino, lá estão os pastores como personagens de primeiro plano. Diante da Sagrada Família, na lapinha ou presépio, eles em adoração humilde e recolhidamente admirativa (Chaves, 1945).

Com o ano novo, renascia no povo todo o folguedo profano, e saía-se para a rua cantar as Boas Festas e os Reis. Todo este ciclo se renovava ano após ano, como se fosse a primeira vez. Com base neste enquadramento etno-religioso, o Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide depois de um intenso trabalho de recolha, recria desde 2012 este ciclo.

> *O Encontro de Cantares do Ciclo Natalício tem a particularidade de reavivar memórias da importância que a religiosidade teve noutros tempos, duas dimensões que nós encontramos neste evento, a primeira a dimensão cultural, pela época em que estamos, ou que é feita, ali entre o advento e os reis, a nível cultural é mais um momento que as comunidades tinham esta mais valia de percorrer várias localidades também para se darem a conhecer neste evento, para estarem com as comunidades, culturalmente é uma mais valia poder viver e fazer parte dessa parceria e por isso mesmo, a disponibilidade por parte da igreja enquanto estive lá como páraco, para vos acolher.* (JG).

O Encontro de Cantares do Ciclo Natalício (figuras 92 e 93) está protocolado com a Câmara Municipal de Condeixa através do seu Pelouro da Cultura. Tem a particularidade de anualmente ser realizado numa das igrejas existentes nas freguesias do município.

> *Em segundo lugar, a dimensão da fé, que é, nós hoje descobrirmos através do canto, e através do canto popular, tradicional, formas de viver a fé, isto mostra o quê? Mostra da minha parte que a igreja não é uma comunidade fechada, marcada pelas suas regras intransponíveis, mas que pode ser uma comunidade aberta que sem perder essas regras também vive esses momentos, a cultura e a fé ligadas numa harmonização perfeita. Foi uma mais valia podermos ter percorrido algumas comunidades e sobretudo nesta dimensão de fé, no nosso caso, estar em 10 comunidades a trabalhar em conjunto, criou-se consciência de pertença a um grupo mais alargado* (JG).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

6.6. Patrimonialização do cancioneiro local

A música popular e tradicional sempre foi deveras maltratada e até mesmo discriminada face à música culta ou erudita, esta escrita em partitura sempre teve uma melhor aceitação. A primeira sempre suscitou algumas dúvidas, pois questiona-se a capacidade do povo para criar, copiar ou adaptar.

Teófilo Braga citado por Carvalinho (2010) afirma que a origem da poesia popular é espontânea e emotiva e que depois é recolhida e sistematizada por personalidades cultas ou conscientes. Acrescenta ainda que ideia de que as canções foram criadas por um grupo de populares que se juntaram para o efeito. Não será muito crível, considerar que o melhor da poesia popular tem origem literária será também excessivo, assim conclui:

> *Que os primeiros tipos de canções se criaram individual, embora anonimamente, quer fossem seus autores pessoas do povo, quer pessoas cultas ou semicultas: no primeiro caso nasceram do povo, no segundo e terceiro foram por ele modificadas, de modo que, passados tempos, certas canções de começo por acaso singelas ou pobres tornaram-se obras primas* (Carvalhinho, 2010, p. 36).

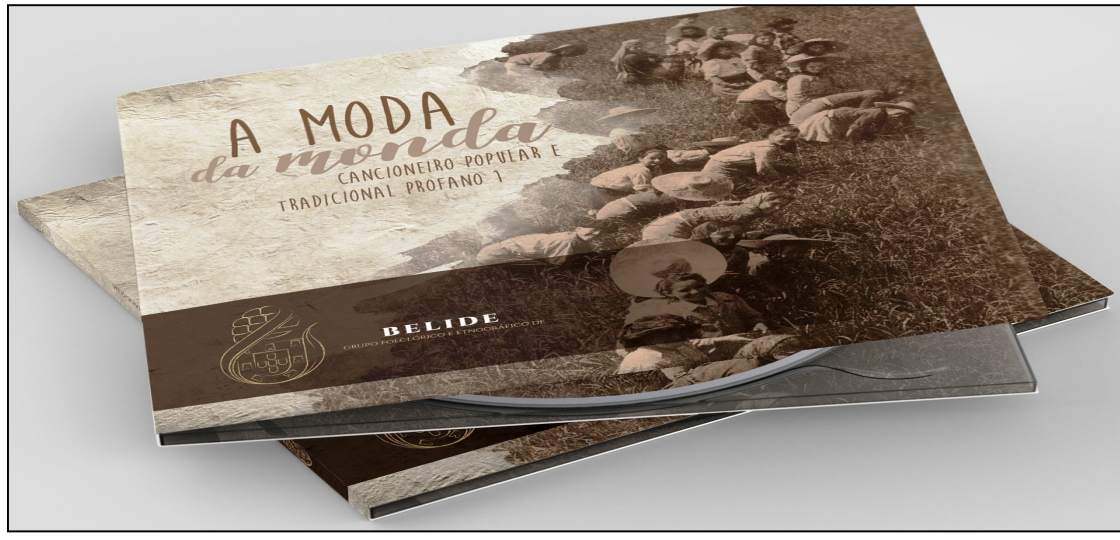


Fig. 94 – Capa do CD * A Moda da Monda. Fonte: PRAEF.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Este autor defende que apesar dos estudos realizados, esta manifestação musical em Portugal foi considerada uma arte menor e deixada ao abandono pelos músicos de formação erudita. Estes, poderiam interpretá-la, recolhê-la, registá-la ou porque não parafraseá-la em obras de inspiração popular.

Em Coimbra e na Região do Mondego foram realizados alguns estudos de diversos etnógrafos e etnomusicólogos, na recolha do rico cancioneiro popular, evidenciando-se César das Neves e Pedro Fernandes Tomás. Já na modernidade Avelino Correia dedica-se à investigação da Canção de Coimbra.



Fig. 95 – Perspetivas do CD * A Moda da Monda. Fonte: PRAEF.

Em Belide até meados da década de 70 do século passado não existiu a preocupação de recolher, estudar e escrever em pauta o riquíssimo cancioneiro local. O GFEB encarregou-se desse trabalho e lançou em 2016 a obra discográfica.

> *São marcas da patrimonialização do cancioneiro local, quando vocês me ofereceram ouvi os dois e comecei pelo profano, porque estava curioso, nós no religioso acabamos por estar um bocadinho à espera daquilo que posso lá estar e que possa aparecer, chamou-me a atenção de facto o profano, porque…, foi um trabalho muito positivo, nós corremos o risco de só salvaguardar o património religioso, mas também temos um património profano, um conjunto de cantares profanos que também devem ser salvaguardados, que tiveram os seu tempo, o seu contexto, a sua época, e que provocaram naqueles momentos também muitas experiências às comunidades locais* (JG).

> *Os CD´s patrimonializam o cancioneiro, se daqui por uns anos não hajam pessoas para dar continuidade ao GF, pode acontecer, porque Belide tem*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

uma população pequena e que não se está a renovar. No mínimo fica isto, é um registo que podem ouvir a música a letra e olhar para os fatos que possam estar guardados (HD).

Os CD's foram uma mais valia, bastante importante. Uma tónica da Câmara Municipal é deixar registo do que é feito, do que são as tradições, uma transição para as novas gerações, é importante que assim seja, há muita coisa que infelizmente se perdeu no tempo. Aqui é o preservar de algo que é a tradição (NMC).

A Moda da Monda – cancioneiro profano que junta parte do precioso repertório recolhido (figuras 94 e 95). Deixando às gerações vindouras a memória identitária do povo. O CD imortalizou os cantares e dançares profanos da comunidade. Serve agora de ferramenta a investigadores e coreógrafos, a título de exemplo, ferramenta de trabalho no ANDANÇAS[1] (Festival Internacional de Música e Dança Tradicional), evento de danças e músicas de inspiração tradicionais, que se tem realizado anualmente em agosto.



Fig. 96 – Ó meu Jesus pequenino * capa do CD. Fonte: PRAEF.

O património cultural imaterial da Humanidade à medida que os anos passam, tem vindo a sofrer desinteresse das gerações mais novas e tende a desaparecer. A direção e corpos sociais do PRAEF juntamente com os componentes do GFEB, lutaram para que todo este património religioso não ficasse esquecido. Reuniram todas as ferramentas para a sua imortalidade. *Ó meu Jesus pequenino* dá nome ao CD dos cantares do ciclo natalício editado pela associação em 2016 (figuras 96 e 97).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O canto religioso foi também uma aposta… e uma boa aposta, para nós voltarmos a ter esta consciência da tradição popular, marcada pela

[1] https://www.youtube.com/watch?v=IKMlV--DBdk, consultado em 11 de fevereiro de 2021.

> *simplicidade do seu canto como maneira e forma de louvar a Deus e nós não nos podemos esquecer que esta herança que nós recebemos do canto tradicional e popular foi de certeza como agora o mais trabalhado possível pelas nossas gentes, porquê? Porque era para o canto litúrgico, era para venerar e louvar a Deus. Esta dimensão hoje, que já não se tem tanto, da vivencia da fé e do divino naquele tempo era uma dimensão muito marcada, muito presente, é como as primícias do campo, eram sempre oferecidas a Deus, aquilo são como se fossem as primícias do coração de cada homem e de cada mulher que fez e que preparou aquele canto e que agora nesta fase, também o reviveram e nos ajudar a reviver esse tempo marcado* (JG).

Este trabalho discográfico é composto por doze faixas sonoras que explanam o Ciclo Natalício em Belide (do Avento aos Reis). Organizado de acordo com a sua calendarização, vejamos:

1. Nossa Senhora é mãe – cântico mariano de louvor a Nossa Senhora da Saúde, orago da terra desde meados do século XIX. Entoado no Advento aquando de um cortejo de oferendas à padroeira. Os bens recolhidos eram posteriormente leiloados na tarde do dia de Natal. O dinheiro angariado revertia sempre para a paróquia, pagavam alguma obra que necessitasse ser feita.

2. Ó Infante Suavíssimo – é talvez um dos hinos mais conhecidos do Advento. Afirma-se que é de origem monástica, chegou a esta comunidade por influência



Fig. 97 – Perspetivas do CD * Ó meu Jesus pequenino. Fonte: PRAEF.

do povoado vizinho de Figueiró do Campo que era administrado pelas religiosas do Convento de Santa Maria de Celas em Coimbra.

3. Nasceu Jesus, nasceu – cântico ligado ao ritual da Missa do Galo. Hoje a noite da consoada é caracterizada pelos banquetes em família, outrora fora tempo de jejum. Desde o pôr do sol até à meia-noite aguardava-se em oração pelo toque das doze badaladas a anunciar o nascimento do Menino Jesus.

4. Formoso Menino – este cantar estava também ligado à missa da Noite de Natal, tal como o anterior.

5. Ó meu Jesus pequenino – é talvez o louvor mais característico de todo o Vale do Rio dos Mouros. Cantado no ritual de beijar o Menino Deus.

6. Numa casinha tão pobre – entoado no ritual de beijar o Menino Jesus.

7. Noite tão serena – cântico da visita aos presépios. Este percurso iniciava-se na capela de Santo Amaro (extinta), Nossa Senhora da Conceição (outrora situado no interior da Quinta dos Barata Tovar), continuava até à igreja e terminava na capela de Santa Ana, atualmente pertença da freguesia de Figueiró do Campo, mas outrora estava integrada no termo de Belide.

8. No alto do monte – cantado após o Natal até ao dia de Reis por toda a comunidade local.

9. Vamos pastorinhos – à semelhança do anterior, cantarolado após o Natal até ao dia de Reis.

10. Escutai olh'ó crescente – cântico de Reis de cariz popular apresenta-se quase como um auto de Natal. Explana toda a história do nascimento do Deus Menino.

11. Boas Festas – um cântico de rua, apresentado nos primeiros dias do novo ano junto das duas grandes casas agrícolas da terra, o Palacete dos Barata Tovar e o Solar dos Azevedos. O objetivo era comer algo melhorado que muitas vezes o povo não tinha em suas casas. Mas, também, como forma de serem vistos e relembrados aquando da recruta para o trabalho agrícola. Grande parte da população servia esta média burguesia.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Este trabalho discográfico, dada a despesa monetária inerente foi financiado pelos associados beneméritos do PRAEF: a EFAPEL, a Família Pereira Fernandes, a União de Freguesias de Sebal e Belide, o Município de Condeixa e a população local.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CAPÍTULO VII

CONCLUSÃO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

7.1. Síntese da investigação

Uma comunidade patrimonial inclui os seus atores locais que valorizam o seu património cultural e parte de si a vontade em tramsmiti-lo às gerações vindouras. O património é assim encarado, como um compromisso democrático em prol da dignidade humana, do desenvolvimento comunitário local, da diversidade cultural e do diálogo entre os povos e os territórios.

Belide enquanto lugar de memória, abre portas ao diálogo, à cooperação, à fixação de população e fortalece a consciência de que a memória que antecedeu a comunidade deverá ser preservada.

O principal objetivo traçado para o tema em estudo: "Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade", foi entender o envolvimento dos atores locais (residentes) nos processos de patrimonialização e territorialização de Belide. De forma a perceber este processo realizei trabalho de campo e recorri a entrevistas para construir as narrativas que sustentaram esta investigação.

Os líderes da população e os representantes do poder público legitimaram o território, de acordo com os objetivos traçados para o estudo, concluindo-se o seguinte:

a) 1.º objetivo – **Caracterizar e relacionar o património cultural (edificado e imaterial), na construção da memória e da identidade**. A construção da memória e da identidade são feitas integeracionalmente de pais para filhos e de filhos para netos, emergindo o património cultural, entendido nas suas mais variadas formas como a pedra angular desta relação, como sublinharam os nossos entrevistados. Beatriz Tarrafa, descreveu as festas da Senhora da Saúde, tendo em conta as realidades das décadas de 70 e 80 do século XX, sem as ter vivido. Dar continuidade às festividades locais, na sua opinião, é uma responsabilidade social, que deve ter sempre prossecução, enquanto fizerem sentido para os locais e para quem visita o território.
   Raúl Oliveira, por seu lado, destacou a importância da festividade na região, pois era um ponto de encontro e de comércio, adquiriam-se bens nestes dias, que não existiam em outro lugar em qualquer altura do ano.
   Também Álvaro Santos Monteiro, recordou a grandiosidade da festa anual, onde era difícil, no grande aglomerado, as pessoas circularem. Reforçou a necessidade da

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

continuidade destes festejos, pois a tradição deverá ser mantida e nada poderá falhar nesses dias.

Jorge Germano, foi ainda mais longe, proclamando que Belide tem uma identidade própria, uma marca alicerçada fora do concelho e do distrito, pois falou de uma comunidade com um nome que se impõe, quer pelas suas tradições, quer pela sua presença e também pela sua devoção, e defendendo que a Senhora da Saúde é um congregar de muitas gerações e situações.

Maria José Corte-Real salientou a importância da identidade comunitária alicerçada na memória, pois esta identidade é construída com um aglomerar de identidades pessoais. Esta construção é feita com o legado que foi transmitido por gerações anteriores, ensinando a ser e a estar enquanto comunidade local.

Para concluir, Cátia Marques entendeu que o património cultural associado à construção da memória e da identidade é uma questão de identificação, o património permite enquadrar coletivamente e socialmente uma herança comum, que faz a união e a ligação a um determinado território, trata-se da identidade comum da comunidade, que o património de alguma forma sustenta.

b) 2.º objetivo – **Compreender a diversidade de bens, estatuto de classificação, sistemas de gestão, valores e funções associadas ao património cultural.** O património cultural e edificado no território é proporcional à sua área, ou seja, reduzido. Na localidade em estudo não existe nenhum bem patrimonial classificado, ao contrário das freguesias vizinhas (Ega e União de Freguesias de Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova).

O património local que é propriedade da Junta de Freguesia, Comissão Fabriqueira da Igreja de Belide, Câmara Municipal de Condeixa, Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo de Belide e Pódio de Recordações – Associação Etno-folclórica encontra-se em excelente estado de conservação. Há cuidado e zelo dos diversos organismos governamentais e associativos na gestão e valorização do património local, sendo importante referir o interesse e envolvimento da população na sua manutenção.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Elvira Carvalho Fernandes ressaltou o investimento pessoal que fez na década de sessenta, do século passado, em torno do restauro do altar da igreja. Em sua opinião, era necessária uma intervenção urgente, pois o estado de degradação era avançado e não se deveria perder aquela riqueza artística em talha dourada.

João Paulo Morgado reforçou a imagem de marca da comunidade, a igreja de Nossa Senhora da Saúde, que se encontra sempre arranjada, pintada e cuidada, sendo o cartão de visita para quem passa no lugar. Referiu o respeito pelo património local, a igreja, o lavadouro, o cruzeiro, que foram espaços onde se desenvolviam as brincadeiras entre a criançada, sendo importantes locais de memórias.

O lavadouro, propriedade da Junta de Freguesia, cedido ao PRAEF está a ser transformado em espaço museológico. Cátia Marques, por exemplo, enfatizou que estes imóveis detêm nas comunidades um valor de afetividade, apesar de terem perdido a sua função primordial, daí o seu valor museal.

Jorge Germano referiu-se a Belide como um condensado patrimonial, não só pelo património religioso, a igreja é um marco e um ponto de passagem obrigatório, mas também a sede da Junta de Freguesia, onde estão expostos os trajos originais, recolhidos pelo Grupo Folclórico, que de igual modo vai marcando o evoluir da cultura.

Há uma preocupação dos agentes locais e do poder público em torno das ruínas do palacete dos Barata Tovar, na Quinta de Belide, manifestando um sentimento de impotência pelo facto de não se conseguir reabilitar o imóvel, visto ser privado, e a proprietária não ter ligação ao território.

João Paulo Morgado lamentou o património que se perdeu, desde livros, brinquedos, a fotografias, tudo desapareceu na Quinta de Belide, recorda o incêndio como um grande atentado ao património local.

Nuno Moita da Costa explanou que o Palácio oitocentista dos Barata Tovar é uma referência em termos locais, pranteia estar em ruína. Acrescenta que está a tentar em conjunto com a Junta de Freguesia, perceber o que se poderá ali fazer. Na sua opinião, também a igreja e o cruzeiro, são símbolos e marcas da identidade do lugar, não existe um representativo, mas sim um conjunto, todas as construções edificadas distinguem o território.

c) 3.º objetivo – **Explicitar a relevância atual do património cultural para o desenvolvimento do território e das populações**. O património cultural e o envolvimento das populações em torno das dinâmicas locais pode ser visto como uma ferramenta para fixar as populações ao território.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Nuno Moita da Costa evidenciou que Belide, apesar de ser uma comunidade pequena, a população é unida e habita em harmonia, serve de exemplo concelhio, por ter uma dinâmica bastante forte.

João Paulo Morgado indicou que Belide sobressai no contexto concelhio, pelos seus valores, tradição, assim como pela festa de Nossa Senhora da Saúde. O território de Belide é conhecido a nível concelhio e até mesmo a nível nacional e internacional devidos às suas festividades e romarias. Explanou, que mesmo antes das redes sociais e da divulgação informática, a localidade era conhecida, pois vinham autocarros e pessoas de outros sítios pela fama que tinha. Esta história tem continuidade, a religiosidade e a devoção a Nossa Senhora da Saúde, assim como as festas sagrado-pagãs mantêm-se. Como reconheceu Helena Diogo, a romaria à Senhora da Saúde é o que mais distingue e identifica o território de Belide.

Mário Jorge Nunes concluiu, por seu lado, que o património cultural pode ser encarado como um instrumento de envolvência territorial. As pessoas que o habitam estão perfeitamente enquadradas naquilo que é a história e o património cultural, (material ou imaterial), das comunidades onde estão inseridos.

d) 4.º objetivo – **Refletir sobre o papel das comunidades locais nos processos de patrimonialização**. A identidade local do território de Belide está fortemente alicerçada nos seus habitantes, havendo um orgulho forte em ser belidense, sendo esta marca exteriorizada pelas mais variadas formas.

Maria José Corte-Real alegou que em Belide, o investimento da população no seu território faz com que a própria terra se vá apresentando de uma forma diferente, aos olhos de quem vai passando, por ter uma dinâmica bastante forte.

Importa referir que as dinâmicas locais também foram sofrendo alterações. Augusto Carvalho Marta recordou que, na atualidade, a organização das festividades locais já não carece da árdua mão de obra que existia há trinta anos.

Álvaro Santos Monteiro enfatizou a construção do edifício do Centro Social de Belide, onde toda a comunidade se juntava aos sábados e domingos para trabalhar, num espírito de união associativa em torno da edificação de um espaço comunitário.

João Paulo Morgado reforçou, por seu turno, que os habitantes de Belide sempre tiveram necessidade de se reunirem, em festas, convívios, de estarem uns com os outros, afirmando que a dinâmica local em torno das festividades de Nossa Senhora da Saúde, nunca irá cessar, apenas será reajustada de acordo com os tempos.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Nuno Moita da Costa concluiu que o trabalho em torno das temáticas patrimoniais deve continuar a ser feito com as pessoas mais jovens, motivando-os. Acrescentou que, atualmente, as pessoas que estão em Belide, organizam, participam e têm o sentimento da identidade do lugar, têm orgulho em ser de Belide. Na sua perspetiva, é importante que este sentido seja transmitido para a geração seguinte, e que se mantenha esse percurso, porque isso será bom, não só para Belide, mas também para o concelho.

e) 5.º objetivo – **Averiguar até que ponto a intervenção cultural e associativa do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica e do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide contribuem para a divulgação do património cultural e do território em consonância com os atores locais**. Este organismo associativo tem um papel relevante na salvaguarda patrimonial, no entanto, outras organizações locais fizeram este trabalho anteriormente e atribuem atualmente essa responsabilidade para esta coletividade.

Jorge Germano defendeu que todos os organismos locais têm claramente um papel importante na salvaguarda do património. Quem não achar ou quem reduzir qualquer uma destas dimensões só a uma questão funcional, está a começar a não guardar e a não fazer memória de todos os homens e de todas as mulheres que no passado deram corpo ao manifesto, quer na igreja, quer no Centro Social, quer no Pódio de Recordações. Cada homem e cada mulher que vive em Belide tem a obrigação, mais que não seja, pelos seus antepassados em manter viva, essa linha de continuidade.

Augusto Carvalho Marta ressalvou que este agrupamento faz um levantamento do que era a vivência dos pobres, usos e costumes, trajos, utensílios e a maneira de se comportar em palco é um património vivo na comunidade, seu fiel representante. Afirma que o Pódio de Recordações (através do Grupo Folclórico) recolocou Belide no mapa, fruto de um passado de glória que já existia. Em cinco minutos em televisão, Belide deu a volta ao mundo.

A representação televisiva foi ainda enfatizada por Álvaro Santos Monteiro, ao afirmar que Belide correu o mundo, foi uma experiência daquelas que marcam o lugar, é um orgulho para Belide e para os seus habitantes, mostrar o que de melhor se faz na região, o grupo folclórico local representou concelho de Condeixa.

Raúl Pratas realçou que, apesar do território ser pequeno, é um orgulho chegar ao Porto, ou até mesmo ao estrangeiro, e saber-se onde é Belide.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A associação organiza, atualmente, na localidade dois grandes eventos, o FESTIBELIDE – Festival Internacional de Folclore da Freguesia de Belide (Troca Ibérica de Costumes e Tradições Populares) e o Encontro de Cantares do Ciclo Natalício, iniciativas em envolvem praticamente toda a população.

Raúl Pratas salientou que o FESTIBELIDE é um fim de semana importante na cultura local. A vinda de grupos internacionais a Belide é um acontecimento que deve ser sempre louvado.

Helena Diogo referiu que naquele fim de semana Belide é a capital do folclore. Para o povoado, são dias de grande dinamismo, atividades que dão muito trabalho. A população de Belide é reduzida, a organização envolve muita gente para além daqueles, que de uma forma geral intervêm diretamente no grupo folclórico. Os familiares auxiliam, na organização, e metade dos habitantes de Belide estão envolvidos no processo. Mas só funciona, porque é numa comunidade rural e há um espírito de entreajuda, em contexto urbano era impensável, falamos da boa vontade de todos. São pessoas que vestem a camisola, as pessoas fazem gosto em que aquele evento se mantenha.

Jorge Germano salientou que o FESTIBELIDE, realizado no segundo fim de semana de setembro, movimenta toda a região em torno de Belide, tratando-se de uma marca já assumida. Não precisa de ser recordada ou marcada anualmente, está enraizada nos locais.

Álvaro Santos Monteiro sempre esteve envolvido na organização do FESTIBELIDE, não só em termos de direção, mas também em mão de obra. Para ele todas as edições foram excelentes, mas a que mais marcou foram as lavadeiras do rio, recordando a emoção das pessoas a assistirem, a reviverem o que era Belide noutros tempos.

Por sua vez Nuno Moita da Costa salientou que Belide em termos regionais tem um grande destaque, pelo seu grupo de folclore, este agrupamento quando sai, leva o nome de Belide e de Condeixa-a-Nova. Falamos de uma comunidade com pouco mais de 200 pessoas, algo importantíssimo e distintivo, uma marca identitária forte. O grupo folclórico sai para o estrangeiro, leva um terço da população consigo. Há lugares maiores que não têm essa dinâmica tão forte. Belide tem essa forte dinâmica cultural ligada à tradição.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Jorge Germano concluiu que o Encontro de Cantares do Ciclo Natalício tem a particularidade de reavivar memórias da importância que a religiosidade teve noutros tempos. Encontram-se no evento duas dimensões, a primeira é a dimensão cultural,

pela época em que estamos, ou que é feita, ali entre o Advento e os Reis. Culturalmente é uma mais valia poder viver e fazer parte dessa parceria e por isso mesmo, a disponibilidade por parte da igreja para esse acolhimento. A segunda é a dimensão da fé, hoje descobre-se através do canto popular, tradicional, formas de viver e experienciar a fé.

f) 6.º objetivo – **Avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade**.

O poder político ao longo das últimas décadas tem colaborado com a comunidade local. Apesar de nem sempre o financiamento atribuído corresponder às necessidades imediatas da população, as linhas de apoio têm sido uma mais valia para encontramos no território os patrimónios devidamente protegidos e salvaguardados.

Cátia Marques, em representação da Direção Regional de Cultura do Centro alertou que as comunidades locais terão de ser as primeiras a gostar de si próprias, a reconhecer o seu património, para o protegerem e o salvaguardarem.

Ramiro Mateus, Augusto Marta, Raúl Pratas e Raúl Oliveira, enquanto membros de quatro órgãos executivos da Junta de Freguesia declararam que contribuíram com financiamento para as questões territoriais, patrimoniais e associativas durante os seus mandatos autárquicos.

Helena Diogo alegou que para além do pagamento de uma verba anual paga por tranches, deu continuidade à cedência de instalações e celebrou o contrato de cedência de instalações do Lavadouro de Belide com o PRAEF. Na sua opinião é importante recriar as antigas tradições da lavagem da roupa, das mulheres que se juntavam, o espaço tem ótimas condições para isso.

Nuno Moita da Costa aclarou que a autarquia de Condeixa não tem uma rúbrica específica para o património cultural, mas há apoios, e tem contribuído no que tem sido solicitado, refere o exemplo do apoio à gravação dos CD's, afirma serem uma mais-valia. No seu entender, uma tónica da Câmara Municipal é deixar registo do que é feito, do que são as tradições, criando ferramentas dos legados patrimoniais, para as novas gerações.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Mário Jorge Nunes referiu que para salvaguardar o Património Cultural nesta área geográfica, terá de existir uma gestão da paisagem. Por isso, a Associação Terras de Sicó está a trabalhar num projeto de fundo, não para todo o território, mas para a parte do maciço calcário, com o objetivo de criar a área de paisagem que se designa:

Serra de Sicó. Há um direito maior que é manter uma certa identidade e de salvaguardar aquilo que são os aspetos naturais através do turismo, da ecologia, e da sustentabilidade do património natural, ligando-o ao património cultural.

7.2 Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações

Não houve limitações ao estudo visto enexistir qualquer entrevistado que se opusesse a responder a qualquer questão evidenciada no guião de entrevista. A única limitação que eventualmente poderia ter ocorrido, deriva do facto de ter estudado a minha própria comunidade, assim sendo, efectuei uma vigilância permanente das minhas ações. Através de uma profunda reflexão epistemológica concretizei os objetivos delimeados para a investigação com a maior objetividade.

De futuro poder-se-ão vir a desenvolver trabalhos de investigação sobre as interações entre o património cultural e a afirmação de outros tipos de comunidades, nomeadamente a concelhia, regional e/ou nacional.

7.3. Reflexão final

Em **jeito de reflexão final**, posso afirmar que as questões fulcrais que se colocaram no início da investigação encontram-se devidamente validadas e fundamentadas. Este trabalho de investigação abriu-me horizontes científicos, técnicos e metodológicos e forneceu-me ferramentas académicas, ainda difíceis de medir.

A dimensão social e cultural da natureza deste trabalho é muito importante, a intervenção patrimonial do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica e do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide neste território é um ato nobre, incorporam a roupagem de guardião da memória coletiva do seu povo. Os interesses que desenvolvi pela temática não cessam, com a realização deste trabalho. Estou consciencializado do muito trabalho de continuidade que ainda há a desenvolver. O património de uma comunidade reúne o cerne da individualidade de uma cultura que faz a ligação entre o presente e o passado com a perspetiva futura.

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Allegrini, G. (2003). Desarrollo local, educación y identidad cultural. *Educación Intercultural*, 4, 67-83.

Almeida, F. A. (2014). *Condeixa, lugar de grande estrada: contributos para a sua História*. Condeixa: Câmara Municipal.

Almeida, F. (1929). *História de Portugal*. Coimbra: Edição do autor.

Alves, J. F. (2010). Primeira República, poder local e a saga parlamentar para um novo código administrativo. *Revista da Faculdade de Letras - HISTÓRIA, 11*, 33 - 61.

Anastácio, R. (2016). *Da Gestão do Património Cultural à Gestão do Território com recurso a tecnologias de informação geográfica: contributos metodológicos – caso de estudo – Região do Médio Tejo*. Dissertação de Doutoramento em Quaternário Materiais e Culturas. Vila Real: UTAD.

Araújo, C. (2018). *O arquivo da Junta de Freguesia: do sistema de informação à memória social.* Dissertação de Mestrado em História e Património. Porto: FLUP.

Ballart, J. (1997). *El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso*. Barcelona: Ariel.

Baptista, F. & Jacinto, R, & Mendes, T. (2009). *Os territórios de baixa densidade em tempos de mudança*. Proença-a-Nova: CMPN.

Baptista, M. M. (2012). *Cultura: Metodologias e Investigação (Coord).* Coimbra: Grácio Editor.

Barbosa, P. G. (1982). *Património Cultural*. Lisboa: Edições FAOJ.

Barker, C. (2008). *Cultural Studies - Theory and Practice*. Los Angeles/London: Sage, 3rd.

Bastos, J. (2007). A mudança na cultura – identidade, interculturalidade e hibrtdação cultural. *Cadernos de Museologia*, 28, 46-89.

Bernardes, J., Oliveira, L., Moreira, R. Valente, T. (2014). Património Cultural edificado. Reflexões em torno da Gestão do Património Classificado. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 2, 34-52.

Branco, J. F. (2003). Peroguarda: folclorização e memória. In J. Freitas Branco & S. Castelo Branco (Eds.) Vozes do Povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta Editora, 409-417.

Burke, P. (1996). *La cultura popular en la Europa moderna*. Madrid: Alianza Univer.

Cachapuz, A., Sá-Chaves, I., & Paixão, F. (2004). *Saberes básicos de todos os cidadãos no século XXI*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação – Ministério da Educação.

Caetano, M. (1994). *Estudos de História da Administração Pública Portuguesa.* Coimbra: Coimbra Editora.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Café, D. (2012). *Redes em teias museológicas: sociomuseologia, redes museológicas locais e Museu do Território de Alcanena*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Canastra, F. (2010). O perfil formativo-profissional do(a) Educador(a) Social – Uma experiência de investigação a partir do enfoque Biográfico-Narrativo. *Revista Iberoamericana de Educación*, n.º 49/08. Disponível on-line em: http://www.rieoei.org/2614.htm. Consultado em 8 de janeiro de 2011.

Canastra, F. (2007). *O perfil formativo-profissional do educador social. Um estudo a partir das narrativas experienciais de autoformação*. *Tese de Doutoramento não publicada*. Lisboa: Universidade Aberta.

Candau, V. M. (2005). Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In M. Candau (Org). *Cultura(s) e educação: entre o crítico e pós-crítico*. Rio de Janeiro: DP&A.

Capela, J. V. (2011). *As freguesias dos distritos de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: CITCEM.

Carbone, F. (2011). Turismo, Arqueologia e Desenvolvimento. Gestão de Áreas Arqueológicas com fins Turísticos. O caso de Conimbriga. *Revista Turismo & Desenvolvimento, 15*, 103-115.

Cardín, A. (1988). *Tiempos Etnológicos*. Madrid: Júcar.

Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Medodologia da Investigação: guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalinho, M. (2010). *Música de tradição oral em Alcongosta e Souto da Casa*. Dissertação de Doutoramento em Didática de Expressão Musical: Cáceres: Universidad de Cáceres.

Carvalho, A. (2015). *Associativismo e Participação – o caso da Associação Cultural Desportiva e Social da Ereira*. Dissertação de Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local. Coimbra: ESEC.

Carvalho, A. (2014). *Reafirmar a identidade cultural local: o património cultural imaterial como recurso*. Dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Lisboa: ESSE-IPL.

Carvalho, P. (2006). Património Cultural, Ordenamento e Desenvolvimento: uma visão e valorização do território. *Cadernos de Geografia*, 24/25, 209-226.

Carvalhosa, S., Domingos, A. & Sequeira, C. (2010). Modelo lógico de um programa de intervenção comunitária – GerAcções, *Análise Psicológica*, 3, 479-490.

Casadei, E. (2019). *Os novos lugares de memória na internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente On-Line*. São Paulo: Universidade de S. Paulo.

Castelo-Branco, S. & Freitas Branco, J. (2003). *Vozes do Povo: a Folcorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

USC DE COMPOSTELA

Chaves, L. (1945). *Folclore Religioso*. Porto: Portucalense Editora.

Choay, F. (2015). *As questões do Património*. Lisboa: Edições 70.

Choay, F. (2006). *Património e Mundialização*. Évora: Casa do Sul.

Choay, F. (1999). *A alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70.

Coelho, L. (2008). *Associativismo e Desenvolvimento Local: o caso de Ribeira de Pena*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local: Territórios, Sociedade e Cidadania. Vila Real: UTAD.

Coelho, S. (2012). *Nação e Património Cultural: dois conceitos, uma defesa*. Trabalho de Investigação Final do Curso de Auditores da Defesa Nacional. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional.

Conceição, A. S. (1983). *Condeixa – a – Nova*. Porto: Escola Tipográfica da Oficina de S. João.

Condessa, I. (2012). Marcas da Cultura Regional Açoriana no Currículo da EF no Ensino Básico. In B. Pereira; A. N. Silva; & G. S. Carvalho (Orgs.) *Atividade Física, Saúde e lazer: O Valor Formativo do Jogo e da Brincadeira*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 105-115.

Correia, M. & Silva, S. (2018). Cidade: um espaço de educação e participação cidadão. In *Atas do Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. Coimbra: SPCE, 112-131.

Correia. M. I. (2013). *A Gastronomia e o desenvolvimento local – dos lugares às redes. A Chanfana em Góis, Lousã, Miranda do Corvo e Vila Nova de Poiares.* Dissertação de Mestrado em Laser, Património e Desenvolvimento. Coimbra: FLUC.

Corte-Real, M. J. (2018). *Casa dos Mattos: História da recuperação recente e o Arquivo da Família*. Sebal: Casa Matos.

Costa, E. (2015). *O futuro no passado de Ermesinde: o património na construção da identidade.* Dissertação de Mestrado em História e Património. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Costa, J. C. (2002). *Ser de Cartão: o espaço de pertença e as representações da identidade como fundamentos da consciência cultural*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Costa, M. & Castro R. (2008). Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias? *Estudos de Psicologia*, 13 (2), 125-131.

Cravidão, F. (2019). *População, território e poder*. Coimbra: FLUC.

Cruz, M. (2011). *Cernache: os moinhos, sua história, sua gente*. Cernache: Junta de Freguesia de Cernache.

Cruz, M. (2008). *Pingos de Solda, Pingos de Saudade!* Cernache: Junta de Freguesia.

Cunha, D. (2012). *As instituições culturais e o seu papel na gestão patrimonial.* Dissertação de Mestrado em História e Património. Porto: FLUP.

Custódio, J. (2010). Globalização e património cultural. In J. Custódio (Coord.) *100 Anos de Património: Memória e Identidade, Portugal 1910-2010.* Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, 346-348.

Custódio, J. (2000). Educação Patrimonial. *Revista da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico*, nº1, 10-11.

Dias, J. (1990). *Estudos de Antropologia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Duarte, A. (1994), *Educação Patrimonial. Guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*. Lisboa: Texto Editora.

Ferraz, C., Condessa, I. & Fonseca, J. (2018). Delinear ações educativas sustentáveis e integradoras em cidadania e expressões: uma proposta em contexto de estágio. *Atas do Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. Coimbra: SPCE, 246-254.

Ferreira, B. (2021). *Contributos da Educação Social na humanização do território e na (re)construção da identidade – Belide: lugar de memória.* Relatório de Título de Especialista. Almada: Instituto Piaget.

Ferreira, T. (2014). *A valorização turística do património cultural imaterial: o caso das Festas Nicolinas.* Dissertação de Mestrado em Economia Social. Braga: Universidade do Minho.

Fernandes, C. & Castro, P. (2005). *Guia Prático para Associações sem Fins Lucrativos*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal.

Fernandéz de Rota, (2012). *Una etnografía de los antropólogos en Estados Unidos. Consecuencias de los debates posmodernos*. Madrid: Akal.

Flecha, R. & Oliver, E. (2000). Las habilidades de la sociedad de la información: propuestas para una educación y formación en el médio rural. *Revista de Educación*, 322, 45-58.

Florêncio, S. (2014). *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: IPHAN.

França, J. A. (1996). *Património Cultural: sentido e evolução*. Oeiras: INA.

García Molina, N. (2015). La educación patrimonial como herramienta de "rebeldia ciudadana". In G. Solé (Org.). *Educação Patrimonial: contributos para a construção de uma consciência patrimonial.* Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho, 204-222.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

Halbwachs, M. (1980). *The collective memory.* New York: Harper and Row.

Halbwachs, E. & Ranger, T. (2002). *A invenção das tradições*. São Paulo: Terra e Paz.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Heider, K. G. (1988). "The Rashomon Effect: When Etnographers Disagree". In. *American Anthropologist*, vol. 90, 2, 73-81.

Hernández, F. (2002). *El patrimonio cultural: la memoria recuperada*. Gijón: Ediciones Trea.

Hespanha, A. M. (1994). *As vésperas do Leviathan: instituições e poder político: Portugal - séc. XVII.* Coimbra: Almedina.

Hessen, J. (1961). *Teoría del conocimiento.* Madrid: Espasa-Calpe.

Horta, M.; Grunberg, E. & Monteiro, A. (1999). *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial.

Kenzin, N. K. (1997). *Interpretative Ethnography. Ethnographic Practices for the 21st Century*. London: Sage.

Kerbauy, M. T. M. (2009). Diversidade cultural e política de informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 5, 60-69.

Jerónimo, A. (2015). *O contributo da Associação Terras de Sicó para o Desenvolvimento Local Sustentável: Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local. Coimbra: ESEC.

Lemos, A. (2013). *Cultura e Desenvolvimento Local – Estudo de Caso da d'Orfeu – Associação Cultural*. Dissertação de Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local. Coimbra: ESEC.

Llonch, N.; Martín, C. (2014). Los códigos QR y su potencial como herramienta de educació n patrimonial interdisciplinar en las aulas. *Preactas del I Congreso Intenacional de Patrimonio y Educación*. Granada. UGr.

Lopes, M. (2017). *Perspetivas sobre o património e educação patrimonial no início do período democrático (1974-1985).* Dissertação de mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura. Lisboa: ISCTE-IUL.

Lopes, P. (2016). *Património, Comunidade e Identidade: análise das dinâmicas ocorridas no Espinhal a nível do Património Cultural.* Dissertação de Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local. Coimbra: ESEC.

López, E., Gutierres, T. & Ochoa, G. (2012) Empowerment y Desarrollo Comunitario. In I. Fernández; J. Francisco Molares & F. Molero (Coord.). *Psicología de la Intervención Comunitária*. Madrid: UNED, 57-96.

Lutkehaus, N. C. (2008). *Margaret Mead. The Making of an American Icon*. Princeton: University Press.

Magalhães, F. (2009). *Territórios, Patrimónios e Regionalização: discursos sobre Leiria*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia, especialidade em Museologia e Património. Lisboa: ISCTE.

Magalhães, F. (2005). *Museus, Património e Identidade. Ritual, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição*. Porto: Profedições.

Malinowski, B. (2018) *1922 - Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ubu Editora.

Marta, A. C. (2013). *Belide: origens e tradições*. Belide: Edição de Autor.

Martínez, M., Escobar, E. & Sánchez-Gusmán, E. (2019). *Interacciones artísticas en espacios educativos y comunitários*. Valéncia: Naullibres.

Martins, A. C. (2014). *A construção de um lugar de memória: conjunto etnográfico de Moldes de Danças e Cantares arouquenses (1944-2013)*. Dissertação de Mestrado em História e Património. Porto: FLUP.

Martins, J. (2012). *Mértola, cultura e património: atores, ações e perspetivas para uma estratégia de desenvolvimento local*. Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural. Faro: UAlg.

McMillan, D. & Chavis, D. (1986). Sentido de Comunidade: definição e teoria. *Journal of Community Psychology*, 14, 6.23.

Mead, M. (1987). *Experiencias personales y científicas de una antropóloga*. Barcelona: Paidós.

Mello, A. (2000). Educación y formación para el desarrollo rural. *Revista de Educación*, 322, 91-108.

Menezes, A. C. (1825). *Plano de Reforma de Foraes e Direitos Banaes*. Lisboa: INCM.

Moita, N. & Matos, N. (2016). *Condeixa: Conímbriga, os Romanos e a invenção do Lazer – Guia Turístico*. Condeixa: Câmara Municipal.

Monteiro, A. (2004). Renunciar à autonomia ou o movimento associativo numa encruzilhada. Revista Crítica de Ciências Sociais (69), 139-157

Nabais, J. (2010). Introdução ao *Direito do Património Cultural – 2.ª Edição*. Coimbra: Almedina.

Nabais, J. & Silva, S. (2006). *Direito do Património Cultural – Legislação*. Coimbra: Almedina.

Neves, A. S. (2008). *Memórias do Património: a Ega e o seu antigo termo.* Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Nobre, A. (2009). Memória e identidade: correlações e interferências. *Cadernos de Sociomuseologia*, 33, 26-59.

Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História,* São Paulo, n. 10, 7-28.

Noras, J. M. (2011). *Contributos dos Municípios para a salvaguarda do Património.* Dissertação de Doutoramento em História, especialidade em História Local e Regional. Lisboa: FLUL.

Oliveira, A. C. (2021). *A Democracia Local em Portugal.* Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Oosterbeek, L. (2011). *Direito ao património para uma Gestão Integrada do Território*. Tomar: CEIPHAR.

Palácios, M. (2001). *O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos*. Salvador: UFBA.

Pereira, F., Afonso, M. & Magalhães, C. (2018) Educação para a Cidadania: uma experiência de integração entre tradição cultural e o uso das TIC. *Atas do Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. Coimbra: SPCE, 36-54.

Pereira, P. (2021). *Em busca da Saúde: o culto da Senhora da Saúde numa perspetiva antropológica*. Famalicão: Edições Húmus.

Pereiro Pérez & Fernandes, F. (2018). *Antropologia e turismo: teorias, métodos e praxis*. La Laguna: PASOS, Edita nº 20.

Pereiro Pérez, X. (2012). "Antropología, memoria social e historia". Revista ETNICEX nº 3, pp. 65-79.

Pereiro Pérez, X. (2006). Património Cultural: o casamento entre património e cultura. *ADRA – Revista de Socias e Socios do Museu do Pobo Galego*, 1, 23-41.

Pereiro Pérez, X. (2006). Património Cultural: para uma leitura antropológica do matrimónio entre património e cultura. *Atas do 1.º Congresso Internacional de Etnografia. Homenagem a Rocha Peixoto*. Póvoa de Varzim: AGIR.

Peruzzo, S. & Volpato, M. (2009). Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. *Revista Líbero*, 24, 139-152.

Policarpo, I. P. L. (2004). *Instrução de propostas de classificação e condução dos processos nas autarquias locais*. Coimbra: IPPAR.

Queirós, E. (1905). *Cartas de Inglaterra*. Porto: Lello & Irmãos – Editores.

Rabinow, P. (1992). Reflexiones sobre un trabajo de campo en Marruecos. Madrid: Júcar.

Ramos, J. & Claro, J. (Coord.). (2019). *Novos Estudos de Direito do Património Cultural – Tomo II*. Lousã: Petrony Editora.

Ramos, J. & Claro, J. (Coord.). (2018). *Novos Estudos de Direito do Património Cultural – Tomo I*. Lousã: Petrony Editora.

Raposo, P. (2004): "Do ritual ao espectáculo - Caretos", intelectuais, turistas e media". In. Cardeira da Silva M. (coord.): *Outros trópicos. Novos destinos turísticos. Novos terrenos da antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 137-153.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Redinha, J. S. (2015). *Campizes e o decorrer da História*. Condeixa: Câmara Municipal.

Reis, M. (2016). *Cidadania e Património: os novos direitos de cidadania, o espaço público e os processos de patrimonialização na sociedade portuguesa.* Dissertação de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: ISCTE- IUL.

Ribeiro-Telles, R. (2008). A realidade urbana e o cemitério. *Pedra & Cal*, n.º 40, pp. 142.159.

Rosa, A. (2014). *Os Pelourinhos da Lusitânia (1820-1974): do vandalismo Oitocentista à reabilitação do Estado Novo*. Lisboa: UAb.

Rorty, R. (1991). *Objectivity, Relativism and Truth: Philosophical Papers*. Cambridge: University Press.

Rorty, R. (1989). *Contingency, Irony and Solidarity*. Cambridge: University Press.

Sanchis, P. (1983). *Arraial, festa de um Povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: D. Quixote.

Santacana, J. & López, V. (2015). *Educación, tecnología digital y patrimonio cultural. Para una educación inclusiva*. Gijón: Trea.

Santacana, J. (2015). El patrimonio, la educación y el factor emocional. In Glória Solé (Coord.). *Educação Patrimonial: contributos para a construção de uma educação patrimonial*. Braga: CIEd, Universidade do Minho (Ebook), 17-34.

Santacana, J. & Coma, L. (2014). *El m-learning y la educación patrimonial*. Gijón: Trea.

Santos, J. A. (1984). *As freguesias: História e actualidade.* Oeiras: Celta editora.

Santos, M. S. (2002). *Memória coletiva e teoria social*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Silva, A. C. (1998). *O modelo espacial do Estado Moderno: reorganização territorial em Portugal nos finais do Antigo Regime.* Lisboa: Editorial Estampa.

Silva E. P. (2000). Património e Identidade: os desafios do Turismo Cultural. *ANTROPOlógicas*, 4, 217-224.

Shore, C. (2005). *Building Europe: The Cultural Politics of European Integration*. London and New York: Routledge.

Soriano Dias, A. (2006). Uma aproximação à pedagogia-educação social. *Revista Lusófona de Educação*, 7, 91-104.

Sousa, F. (2015). *Património Cultural Imaterial: métodos, técnicas e práticas*. Alenquer: Memória Imaterial CRL.

Tonnies, F. (1995). *Comunidade e sociedade como entidades típico ideais*. São Paulo: Editora Nacional.

Vasconcelos, J. L. (1988). *Etnografia Portuguesa – IV*. Lisboa: INCM.

Vasconcelos, J. L. (1985). *Etnografia Portuguesa – II*. Lisboa: INCM.

Velasco, H. (1994). *Un pueblo de la sierra: Grazalema*. Madrid: Alianza.

Velasco, H. (1988). El evolucionismo y la evolución del folklore. Reflexiones a propósito de la historia del folklore extremeño. *El Folklore Andaluz, 2*, 13-32.

Viegas, J. (2004). Implicações Democráticas das Associações Voluntárias – O caso Português numa perspectiva comparativa europeia. In *Sociologia, Problemas e Práticas* (46), 33- 50.

Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural: notas de Antropologia da Educação.* Leiria: CIID-IPL & Edições Afrontamento.

Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais: interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*. Leiria: CIID-IPL.

Vieira, R. (2005). *Pensar a Região de Leiria*. Porto: Edições Afrontamento e CIID IPLeiria.

Vieira, R. (1999). *Ser igual, ser diferente: encruzilhadas da identidade*. Porto: Profedições.

Vieira, R. (1995). Mentalidades, escola e pedagogia intercultural. In *Educação, Sociedade e Culturas*, 4, 127-147.

Vilaça, H. (1994). Território e Identidades na Problemática dos Movimentos Sociais: algumas propostas de pesquisa. In *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Social* (18) 58-78.

Yassuda, M. (2006) Memória e Envelhecimento. In E. Freitas; L. Pi; F. Cançado; J. Doll & M. Garzoni (Eds.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1046-1052.

Weber, M. (1973). Comunidade e Sociedade como estruturas da Civilização. In F. Fernandes (Org.). *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional, 140-143.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONVENÇÕES, DECLARAÇÕES E RECOMENDAÇÕES INTERNACIONAIS REFERENCIADAS:

1931 – Carta de Atenas. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1954 – Convenção para a proteção dos bens culturais em caso de conflito armado. Disponível on-line em: https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/conv_prot_bens_culturais_conflito_armado.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1954 – Convenção Cultural Europeia Disponível on-line em: https://www.ministeriopublico.pt/instrumento/convencao-cultural-europeia-0. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1964 – Carta de Veneza. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1970 – Convenção relativa às medidas a adotar para proibir e impedir a importação, a exportação e a transferência ilícitas da propriedade de bens culturais. Disponível on-line em: https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/convencao_relativa_medidas_impedir_importacao.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1972 – Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. Disponível on-line em: https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1975 – Carta europeia do património arquitetónico. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CARTAEUROPEIADOPATRIMONIOARQUITECTONICO.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1976 – Recomendação para a salvaguarda dos conjuntos históricos e da sua função na vida contemporânea. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/salvaguardaconjuntoshistoricos1976.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1981 – Carta de Florença. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadeflorenca.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1982 – Convenção das Nações Unidas sobre o direito do mar. Disponível on-line em: https://eur-lex.europa.eu/legal content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:21998A0623(01)&from=EL. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1985 – Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa. Disponível on-line em:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/rar5-1991.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1987 – Carta de Washington. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartasobresalvaguardacidadeshistoricas1987.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1990 – Carta do ICOMOS sobre a Proteção e a Gestão do Património Arqueológico. Disponível on-line em: https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/31%20Carta%20patrim%C3%B3nio%20arqueol%C3%B3gico%20-%20ICOMOS%201990.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1991 – Recomendação sobre a Proteção do Património Arquitetónico do século XX. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/recomendacaosbrepatrimarqsecXX1991.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1992 - Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico revista em La Valetta. Disponível on-line em: https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/rar71-1997.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1994 – Acordo sobre a conservação do património cultural como dever do Estado e da Igreja. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadevillavigoni.pdf. Consultado em 2 de outubro de 2021.

1999 – Carta sobre o Património Construído Vernáculo (México). Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartasobrepatrimoniovernaculo1999.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

1999 – Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (México). Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartaintsobreturismocultural1999.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2000 – Convenção Europeia da Paisagem. Disponível on-line em: https://rm.coe.int/16802f3fb7. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2000 – Carta de Cracóvia. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2001 – Convenção sobre a proteção do Património Cultural Subaquático. Disponível on-line em: https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-subaquatico-em-portugal. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2002 – Declaração de Budapeste sobre o Património Mundial. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/declaracaoBudapestesobrepatrimoniomundial2002.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2003 – Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial. Disponível on-line em: https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2005 – Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do Património Cultural para a sociedade. Disponível on-line em: https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2008/09/17700/0664006652.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2008 – Declaração de Québec. Disponível on-line em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2009 – Declaração de Viena. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/DECLARACAODEVIENA.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2009 – Carta de Bruxelas. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeBruxelas.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2010 – Manual com as orientações técnicas para aplicação da Convenção do Património Mundial. Disponível on-line em: https://whc.unesco.org/archive/opguide11-pt.pdf. Consultado em 2 de outubro de 2021.

2011 – Princípios de La Valletta para a Salvaguarda e Gestão de Cidades e Conjuntos Urbanos Históricos. Disponível on-line em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/Valletta_Principles_Portuguese.pdf. Consultados em 2 de outubro de 2021.

2015 – Declaração de Namur. Disponível on-line em: https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016802f8127. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2015 – Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade. Disponível on-line em: http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/museums/recommendation-on-the-protection-and-promotion-of-museums-and-collections/. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2017 – Declaração de Tunes. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/declaracaodetunes.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2016 – Recomendação de Cracóvia. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/traducaodadeclaracaodecracovia.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2018 – Declaração de Davos. Disponível on-line em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/davos_declaration_2018-23.01.2018.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2018 – Declaração de Lisboa. Disponível on-line em: https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/comunicado?i=dialogo-55-mediterraneo-ocidental-dialogos-e-pontes-patrimonio-cultural-e-as-novas-geracoes-como-promotoras-do-dialogo-entre-povos-e-culturas. Consultada em 2 de outubro de 2021.

2021 – Carta de Porto Santo. Disponível on-line em: https://www.culturacentro.gov.pt/media/11842/pt-carta-do-porto-santo.pdf. Consultada em 2 de outubro de 2021.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

LEGISLAÇÃO NACIONAL REFERENCIADA:

ACÓRDÃOS:

Acórdão n.º 403/89 de 27 de julho de 1989, publicado em Diário da República n.º 171, série I.

AVISOS:

Aviso n.º 24/80 de 14 de novembro de 1980, publicado em Diário da República n.º 256, série I.

Aviso n.º 9/2001 de 16 de fevereiro, publicado em Diário da República n.º 40, série I.

CONSTITUIÇÃO

Constituição da República Portuguesa – reimpressão da edição de 2009. Coimbra: Almedina.

DECLARAÇÕES DE RETIFICAÇÃO:

Declaração de retificação n.º 28-I/91 de 28 de fevereiro de 1991, publicado em Diário da República n.º 49, série I-A.

Declaração de retificação n.º 7-AE/2000 de 31 de agosto de 2000, publicado em Diário da República n.º 201, série I-B.

DECRETOS:

Decreto n.º 5/91 de 23 de janeiro de 1991, publicado em Diário da República n.º 41, série I-B.

Decreto n.º 26-A/92 de 1 de junho de 1992, publicado em Diário da República n.º 126, série I-B.

Decreto n.º 28/97 de 21 de julho de 1997, publicado em Diário da República n.º 166, série I-B.

Decreto n.º 54/97 de 2 de outubro de 1997, publicado em Diário da República n.º 233, série I-A.

Decreto n.º 13/2000 de 10 de julho de 2000, publicado em Diário da República n.º 187, série I-B.

Decreto n.º 22/2000 de 17 de agosto de 2000, publicado em Diário da República n.º 189, série I-B.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

DECRETOS LEI:

Decreto lei n.º 20985 de 7 de março de 1932, publicado em Diário do Governo n.º 56, série I.

Decreto lei n.º 181/70 de 28 de abril de 1970, publicado em Diário do Governo n.º 99, série I.

Decreto lei n.º 49/79 de 6 de junho de 1979, publicado em Diário da República n.º 130, série I.

Decreto lei n.º 95/81 de 23 julho de 1981, publicado em Diário da República n.º 167, série I.

Decreto lei n.º 39/82 de 2 de abril de 1982, publicado em Diário da República n.º 31, série I.

Decreto lei n.º 26/85 de 26 de julho de 1985, publicado em Diário da República n.º 170, série I.

Decreto lei n.º 63/85 de 14 de março de 1985, publicado em Diário da República n.º 61, série I.

Decreto lei n.º 205/88 de 16 de junho de 1988, publicado em Diário da República n.º 137, série I.

Decreto lei n.º 90/90 de 16 de março de 1990, publicado em Diário da República n.º 63, série I.

Decreto lei n.º 16/93 de 23 de janeiro de 1993, publicado em Diário da República n.º 19, série I-A.

Decreto n.º 2/96 de 6 de março de 1996, publicado em Diário da República n.º 56, série I-B.

Decreto lei n.º 42/96, de 7 de maio de 1996, publicado em Diário da República n.º 106, série I-A.

Decreto lei n.º 120/97 de 16 de maio de 1997, publicado em Diário da República n.º 133, série I-A.

Decreto lei n.º 160/97 de 25 de junho de 1997, publicado em Diário da República n.º 144, série I-A.

Decreto lei n.º 161/97 de 26 de junho de 1997, publicado em Diário da República n.º 145, série I-A.

Decreto lei n.º 164/97, de 27 de junho de 1997, publicado em Diário da República n.º 146, série I-A.

Decreto lei n.º 372/98 de 23 de novembro 1998, publicado em Diário da República n.º 271, série I-A.

Decreto lei n.º 13/99 de 11 de janeiro de 1999, publicado em Diário da República n.º 36, série I.

Decreto lei n.º 59/99 de 2 de março de 1999, publicado em Diário da República n.º 51, série I.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Decreto lei n.º 74/99 de 16 de março de 1999, publicado em Diário da República n.º 63, série I-A-

Decreto lei n.º 270/99 de 15 de julho de 1999, publicado em Diário da República n.º 163, série I-A.

Decreto lei n.º 342/99 de 25 de agosto de 1999, publicado em Diário da República n.º 198, série I-A.

Decreto lei n.º 380/99 de 22 de dezembro de 1999, publicado em Diário da República n.º 222, série I-A.

Decreto lei n.º 398/99 de 13 de outubro de 1999, publicado em Diário da República n.º 239, série I-A.

Decreto lei n.º 69/2000 de 3 de maio de 2000, publicado em Diário da República n.º 102, série I-A.

Decreto lei n.º 55/2001 de 15 de fevereiro de 2001, publicado em Diário da República n.º 39, série I-A.

Decreto lei n.º 177/2001 de 4 de junho de 2001, publicado em Diário da República n.º 129, série I-A.

Decreto lei n.º 198-A/2001 de 6 de julho de 2001, publicado em Diário da República n.º 155, série I-A.

Decreto lei n.º 270/2001 de 6 de outubro de 2001, publicado em Diário da República n.º 232, série I-A.

Decreto lei n.º 89/2004 de 20 de abril de 2004, publicado em Diário da República n.º 93, série I-A.

Decreto lei n.º 228/2005 de 28 de dezembro de 2005, publicado em Diário da República n.º 248, série I-A.

Decreto lei n.º 138/2009 de 15 de junho de 2009, publicado em Diário da República n.º 113, série I.

Decreto lei n.º 140/2009 de 15 de junho de 2009, publicado em Diário da República n.º 113, série I.

Decreto lei n.º 309/2009 de 23 de outubro de 2009, publicado em Diário da República n.º X, série Y

Decreto lei n.º 115/2011 de 5 de dezembro de 2011, publicado em Diário da República n.º 206, série I.

Decreto lei n.º 114/2012 de 25 de maio de 2012, publicado em Diário da República n.º 102, série I.

Decreto lei 265/2012 de 28 de dezembro de 2012, publicado em Diário da República n.º 251, série I.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Decreto lei n.º 151-B/2013 de 31 de outubro de 2013, publicado em Diário da República n.º 211, série I.

Decreto lei n.º 164/2014 de 4 de novembro de 2014, publicado em Diário da República n.º 213, série I.

Decreto lei n.º 122/2015 de 30 de junho de 2015, publicado em Diário da República n.º 125, série I.

Decreto lei n.º 148/2015 de 4 de agosto de 2015, publicado em Diário da República n.º 150, série I.

Decreto lei n.º 152-B/2017 de 11 de dezembro de 2017, publicado em Diário da República n.º 236, série I.

Decreto lei n.º 51/2019 de 17 de abril de 2019, publicado em Diário da República n.º 76, série I.

Decreto lei n.º 78/2019 de 5 de junho de 2019, publicado em Diário da República n.º 108, série I.

DECRETOS REGIONAIS:

Decreto regional n.º 13/79/A de 16 de agosto de 1979, publicado em Diário da República n.º 106, série II.

Decreto legislativo regional n.º 23/91/M de 16 de agosto de 1991, publicado em Diário da República n.º 187, série II.

DESPACHOS:

Despacho n.º 9104/ 2004 de 6 de maio de 2004, publicado em Diário da República n.º 106, série II.

Despacho n.º 7931/2010 de 5 de maio de 2010, publicado em Diário da República n.87, série II.

Despacho n.º 14523/2010 de 17 de setembro de 2010, publicado em Diário da República n.º 182, série II.

Despacho n.º 11142/2012 de 16 de agosto de 2012, publicado em Diário da República n.º 158, série II.

Despacho n.º 7113/2013 de 3 de junho de 2013, publicado em Diário da República n.º 106, série II.

Despacho n.º 3706/2014 de 11 de março de 2014, publicado em Diário da República n.º 49, série II.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Despacho n.º 10946/2014 de 27 de agosto de 2014, publicado em Diário da República n.º 164, série II.

Despacho n.º 2952/2018 de 22 de março de 2018, publicado em Diário da República n.º 58, série II.

DESPACHOS NORMATIVOS:

Despacho normativo n.º 23/91 de 24 de abril de 1991, publicado em Diário da República n.º 95, série I-B.

Despacho normativo n.º 17/97 de 4 de abril de 1997, publicado em Diário da República n.º 79, série I-B.

Despacho normativo n.º 67-A/99 de 31 de dezembro de 1999, publicado em Diário da República n.º 303, série I-B.

Despacho normativo n.º 3/2006 de 25 de janeiro de 2006, publicado em Diário da República n.º 18, série I-B.

LEIS:

Lei n.º 2032 de 11 de junho de 1949, publicada em Diário do Governo n.º 125, série I.

Lei n.º 13/85 de 6 de julho de 1985, publicada em Diário da República n.º 153, série I.

Lei n.º 45/85, de 17 de setembro de 1985, publicada em Diário da República n.º 214, série I.

Lei n.º 11/87 de 4 de abril de 1987, publicada em Diário da República n.º 81, série I.

Lei 114/91 de 3 de setembro de 1991, publicada em Diário da República n.º 202, série I-A.

Lei n.º 14/94 de 11 de maio de 1994, publicada em Diário da República n.º 109, série I-A.

Lei n.º 90-C/95 de 1 de setembro de 1995, publicada em Diário da República n.º 202, série I-A.

Lei n.º 164/97 de 27 de junho de 1997, publicada em Diário da República n.º 146, série I-A.

Lei n.º 48/98 de 11 de agosto de 1998, publicada em Diário da República n.º 184, série I-A.

Lei n.º 159/99 de 14 de setembro de 1999, publicada em Diário da República n.º 215, série I-A.

Lei n.º 19/2000 de 10 de agosto de 2000, publicada em Diário da República n.º 184, série I-A.

Lei nº 89/2001, de 10 de agosto de 2001, publicada em Diário da República n.º 185, série I-A.

Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro de 2001, publicada em Diário da República n.º 209, série I-A.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

PORTARIAS:

Portaria n.º 226/86 de 19 de maio de 1986, publicada em Diário da República n.º 114, série I.

Portaria n.º 36/89 de 20 de janeiro de 1989, publicada em Diário da República n.º 23, série I.

Portaria n.º 1221/97 de 3 de dezembro de 1997, publicada em Diário da República n.º 279, série I-B.

Portaria n.º 51/98 de 4 de fevereiro de 1998, publicada em Diário da República n.º 29, série I-B.

Portaria n.º 1101/2000 de 20 de novembro de 2000, publicada em Diário da República n.º 268, série I-B.

Portaria n.º 312/2002 de 22 de março de 2002, publicada em Diário da República n.º 69, série I-B.

Portaria n.º 223/2012 de 24 de julho de 2012, publicada em Diário da República n.º 142, série I.

Portaria n.º 227/2012 de 3 de agosto de 2012, publicada em Diário da República n.º 150, série I.

Portaria n.º 262/2019 de 26 de agosto de 2019 , publicada em Diário da República n.º 162, série I.

Portaria n.º 263/2019 de 26 de agosto, publicada em Diário da República n.º 162, série I.

Portaria n.º 265/2019 de 28 de agosto de 2019, publicada em Diário da República n.º 162, série I.

RESOLUÇÕES:

Resolução n.º 7/84 de 29 de fevereiro de 1984, publicada em Diário da República n.º 15, série i.

Resolução da Assembleia da República n.º 71/97 de 16 de dezembro de 1997, publicada em Diário da República n.º 289, série I-A.

A Resolução da Assembleia da República n.º 7/99 de 19 de fevereiro de 1999, publicada em Diário da República n.º 42, série I-A.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 96/2000 de 26 de julho de 2000, publicada em Diário da República n.º 171, série I-B.

Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004 de 16 de novembro de 2004, publicada em Diário da República n.º 279, série I-A.

Resolução n.º 70/2009, de 21 de agosto de 2009, publicada em Diário da República n.º 162, série I.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 8/2011 de 25 de janeiro de 2011, publicada em Diário da República n.º 17, série I.

ANEXO I

ENTREVISTA – ACM

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide é o local do nascimento é uma a terra com que eu me identifico, a minha identidade, onde eu tenho a maior parte dos meus familiares, amigos e conhecidos, sempre me conheci a viver aqui, é a terra que eu gosto, terra de coração.

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Belide enquadra-se muito bem no concelho de Condeixa, agora, mas Belide tem as suas raízes muito mais viradas para Baixo Mondego e para a zona de baixo. De qualquer das maneiras estamos bem enquadrados neste concelho. Têm-se trabalhado com os diversos executivos da junta de freguesia e da câmara municipal, tanto na parte cultural, desportiva e no apoio ao associativismo. É um território que marca o concelho e a região de Coimbra, pelas fortes vivências e pela identidade destas gentes… pelas vivências, pela ligação ao baixo mondego, é uma terra de fortes tradições agrícolas, terra de camponeses, aqui sempre se praticou a agricultura.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

É sem margem de dúvida a igreja. Tanto quanto sei foi mandada construir por volta dos anos de 1200, mais ou menos, salienta-se a importância das suas imagens, algumas delas do século XV. É procurada já há centenas de anos e são largas dezenas ou centenas de pequenos grupos de romeiros que aqui vêm fazer as suas preces. A imagem principal é a Senhora da Saúde, mas que na verdade é a Senhora das Neves.

As pessoas que vêm até cá são sempre bem-recebidas por nós, temos um bocadinho de tudo ali, já compram a cera na igreja para pagar as promessas. Se estiver fechada, nós vamos abrir a porta. Portanto é um local de culto para as pessoas da região e de fora, aqui, a própria comunidade local também está preparada neste momento para receber quem cá vem.

A capela da Senhora da Conceição foi construída antes do meu nascimento pertencia à Quinta dos Baratas, mas atualmente pertence à Igreja, assim está registada, é outro local de culto onde se venera a senhora da Conceição a 8 de dezembro. São marcas da presença do homem em Belide. O cruzeiro é sem dúvida, outro monumento importante, pois leva-nos à época medieval de Belide, enquanto concelho e pequena vila que já foi. Embora tenha sido restaurado várias vezes ao longo dos anos, tem as armas da Casa de Aveiro, à qual pertencemos, a esfera armilar que representa os descobrimentos e a cruz de Cristo que está sempre junta.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A Escola Primária é também um património edificado que faz sempre Parte da identidade das pessoas desta terra, onde se aprenderam as primeiras letras e se fizeram as primeiras contas, a nossa está cada vez com menos alunos e se fechar perde-se uma parte da nossa identidade. Não só a atual escola, mas outra que existiu em tempos que foi uma casa de habitação transformada,

onde andaram os nossos pais ou até os nossos avós. Esta é dos anos 60 mais ou menos, lembro-me dos pais irem levar os meninos à escola com os saquinhos às costas por aí acima, para mim isso é marcante, embora as condições hoje sejam muito melhores do que na altura, mas para nós era bom, sentimo-nos bem lá e era assim a comunidade. Albergava os alunos de Belide e de Casével porque eram duas comunidades aqui juntas, a terra era pequena, acolhia as duas partes dos alunos, os de cá e os de lá.

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

A romaria à Senhora da Saúde é sem dúvida o património imaterial mais representativo desta comunidade, pois eu sempre ouvi falar às pessoas que já vem de há centenas de anos atrás e o próprio me lembro disso em criança. Havia as ruas cheias de tudo o que se podia imaginar, não se consegue não ver outra igual no concelho, nem mesmo a Senhora do Circo. Aqui podia-se comprar de tudo, muitos vendedores e até água se vendia, pinhões barricas, arcas do milho. Tudo o que se podia imaginar em termos de lavoura, na altura tudo existia à venda, mas não era só isso que era a romaria. À romaria as pessoas também vinham para pagar as suas promessas, se calhar a maior parte delas, e era um convívio, era quando as pessoas se encontravam depois da labuta dos campos. Aproveitavam estas festas e romarias para vir agradecer algumas benesses e para se encontrarem e gozar um bocadinho.

A romaria à senhora da Saúde carece de um processo de patrimonialização, era benéfico para a terra inscrever a romaria na listagem de património imaterial da UNESCO, não sei se terá dimensão da isso, mas é muito importante não deixar acabar a romaria, que é muito importante, tanto para a terra como para a região. Penso que a população estaria recetiva, pelo menos as pessoas mais informadas e com mais estudos, claro, as outras não saberão o interesse que tem na parte patrimonial, as pessoas dos 40 e 50 anos que apanharam esta vivência como eu, acho que estão de acordo que se fizesse isso.

A organização da festa da Senhora da Saúde é muito trabalhosa, não tanto agora como já foi noutros tempos, quando tínhamos que fazer palcos cá fora da igreja, quando o adro tinha de ser todo roçado e limpo, agora graças a Deus já não temos isso, temos calçada está tudo limpinho e organizado. Apenas fica moda a parte burocrática e a parte documental, dá muito trabalho, nas licenças, nos contratos que têm de ser feitos atempadamente, nos pagamentos que têm de ser feitos como deve ser, na organização das procissões, tentando que elas estejam equilibradas para não haver grandes abertas no meio. Na preparação dos andores, quais é que vão, quais é que não vão, como é que hão de ir, toda a parte organizativa, acordar situações com padres e pregadores… e por aí fora… dá trabalho mesmo assim.

USC DE COMPOSTELA

A romaria à senhora da saúde é vivida de duas diferentes formas, de uma forma para as pessoas da terra, de outra para as pessoas de fora, que visitam o território. Há habitantes locais que não têm noção da dimensão deste evento, a pessoa que nunca esteve na igreja, no arraial, na organização da festa, nunca esteve numa direção não entende bem como isto funciona e acaba por aceitar a

festa e a romaria como uma coisa natural, porque sempre a viu, sempre aqui esteve. Não se põe a pensar porque é que está assim, porque é que está assado, é assim, é natural, … sucede-se ano após ano. Agora as pessoas que estiveram na igreja, na organização, quem vêm, vivem e falam com outras pessoas, mandam fazer reparações na igreja, manter o imóvel e as imagens e por aí fora... essas têm uma visão e uma perspetiva diferente do que é a romaria e do que é a festa.

A festa da Senhora da Saúde é a festa das pessoas de fora, a festa da Senhora da Conceição é festa das pessoas da terra, esta é uma festa muito mais pequena, a dimensão é outra, estão mais disponíveis porque não têm tanta gente em casa para dar de comer… o tempo é outro, dezembro é o coração do inverno. Basicamente é só falar a um pequeno grupo de gaiteiros ou coisa que o valha, uns foguetes, um leilão que é habitual, ultimamente já se faz pouco, mas ainda se faz, com as oferendas que as pessoas levam, às vezes com uma fogueirita lá ao pé, e por fim, no final da festa é a entrega da bandeira aos novos mordomos que às vezes se oferecem, outras vezes são quase forçados a ir. A terra é pequena e tem de dar a volta a todos e há muitos que nunca vão e é complicado, é uma festa mais da terra, sem dúvida…

As **artes e os ofícios** mais representativos desta terra é a ferraria, há uma rua com essa marca, a rua dos ferreiros e na minha família tinha pelo menos dois, descendo dessas famílias e teve uma grande importância na vivência da comunidade. Arte da ferraria é antiga, já vem há longos anos, embora eu só conheça estes mais recentes, porque são os da minha geração, havia um ferreiro na minha rua, não sei quem era, não cheguei a conhecer, por isso se chama rua dos ferreiros, mas ultimamente conhecia o meu tio António, o meu pai Joaquim Luís Marta, e a família Galvão que era a mais representativa que fabricavam até para vender, vários utensílios. As pessoas da zona vinham aqui aos ferreiros a Belide, do Casal da Légua, Pereira, Figueiró, tudo aqui em volta, Casével, estas terras próximas, vinham arranjar as alfaias, as enxadas, os dentes das grades, picaretas, ponteiros, tudo o que fosse ferraria vinham aqui aos ferreiros a Belide para a reparação.

O cultivo dos campos, o milho e o trigo, mas mais o **milho**… era a base da alimentação, tenho boas memórias da cultura do milho. A sementeira era feita com as charruas e com as grades, com a ajuda das vacas, semeado à mão, o homem com o saco à tiracolo, a atirar o milho. Depois vinha o labrador com as vacas para enterrar o grão. A apanha do milho era feita manualmente com os foicinhos, carregado nos carros de vacas, era levado para um olival, era posto em monte, encostado às oliveiras e depois vinham as escamisadas, feitas ao entardecer e iam noite dentro, recordo-me muito bem disso e do milho a secar nas eiras.

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

USC DE COMPOSTELA

Todos os organismos locais se interessam e têm como objetivos estatuários a preservação e a divulgação do património cultural local da comunidade, a irmandade do ponto de vista religioso, o centro social de Belide que têm do seu regulamento interno a organização profana da festa de Nossa Senhora da Saúde e mais recentemente o Pódio de Recordações, ligado ao património

imaterial , nomeadamente à folclorização. Pelo que tenho visto, pelos festivais que têm sido feitos e os temas abordados , esta associação está a fazer um levantamento do que era a vivencia dos pobres aqui da zona, usos e costumes, trajos, utensílios, até a maneira de se comportar é um património vivo na comunidade, fiel representante.

Os dois CDS patrimonializaram o cancioneiro local, para as gerações futuras, estas canções seriam esquecidas, daqui a mais uns anos, ninguém se lembrava delas, há um registo, não basta só falar. Os CDS são excelentes meios de preservação do património cultural da freguesia. O Pódio de Recordações, através do Grupo Folclórico recolocou Belide no mapa, fruto de um passado de glória que já existia, 5 minutos em televisão, Belide deu a volta ao mundo. O nome do território e o seu património é divulgado por este organismo.

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

As medidas políticas não foram muitas, estivemos lá pouco tempo, tivemos o cuidado de fazer uma exposição da água no lavadouro que foi reparado por nós e tivemos a identificação do local onde nasce a água. A nascente que algumas pessoas não conheciam, o que se fazia ali antigamente, lavava-se ali a roupa, iam com as cantaras á cabeça buscar a água à fonte. Houve outra exposição também na junta relacionada com a parte de trajes. Houve obras de manutenção do património edificado que a junta financiou.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: _____

Data: 14/11/2023

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

_____

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO II

ENTREVISTA – RCM

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide, agora de momento não é nada porque não fazem nada, não tem nada a fazer, portanto ficou agora para a junta do Sebal e o Sebal não faz nada aqui. É a terra onde eu nasci e sou sincero, não é mais nada. Estou desiludido com aquilo que estão a fazer, Belide continuava a ser junta e deveria continuar a ser junta, devia ter ficado tudo na mesma. A união de freguesias não dá resultado, não vêm aqui fazer nada, está aí tudo sujo, vê-se à frente de toda a gente, isto não tem conserto, como união de freguesias não há nada a fazer, não tem conserto.

Não concordei na altura e continuo a não concordar com a união de freguesias, não concordo porque eu já sabia que isso ia acontecer, se a câmara de Condeixa só faz em Condeixa, não mandava fazer aqui, como é que os do Sebal podem vir fazer para Belide? Pode fazer lá, aqui não, não querem saber está aí tudo abandonado. Não era abandonado quando nós andávamos aí nas valetas a limpar aquilo tudo, eu o Fernando e o pessoal que nós metíamos ao sábado.

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Agora para mim não tem visibilidade nenhuma, porque se isto fosse uma junta havia outra possibilidade, agora não sendo junta não tem visibilidade nenhuma (...) ainda há dias abriu-se uma tampa do saneamento e não houve ninguém que lá pusesse um triângulo, tive que ser eu por lá o meu. Por parte do poder político não tem havido grande preocupação em virem aqui.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

É a igreja, presentemente é a igreja mas os padres não vêm cá, só cá vêm os diáconos, a igreja tem história antiga, o centro de Belide também é um sítio bom mas tudo foge, ninguém quer pertencer às comissões, os mais velhos, coitados já não podem, os mais novos ninguém lhe apetece. Na igreja, a gente vamos ao domingo ver, juventude não é nenhuma, o pessoal mais novo não é religioso e gosta de estar na cama, não há quem os pique para ir.

A mina da fonte quando nós lá estávamos era limpa de 15 em 15 dias, púnhamos um papel a avisar ao povo que ela era limpa, agora ninguém lá põe nada, nem sei se é limpa nem senão , desde que eu saí que não bebo de lá porque não como aquilo é limpo, bebo água da torneira.

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

Já não há tradição, isto é assim, Belide não tem juventude para ir buscar o atrasado, só é o que eles vêm na televisão e o que eles pensam, por exemplo eu ando acolá a plantar umas couves, mas ninguém as vai plantar e quando eu morrer ninguém as planta, compram-nas.

A Senhora da Saúde, a festa era uma coisa boa, mas está a ir de água abaixo, já ninguém puxa, já não é o que era. Noutros tempos vinha muita gente de burrito e juntavam-se todos, iam para a

procissão e era dali que saiam todas as coisas, agora já não fazem nada disso, vem tudo de carro e muitos não vêm, não ligam, só vem quem tem negócio e quem vem de promessa, mas essas agora já são caras, agora já não se fazem promessas, a quem? os padres agora… oh…

O rio dos mouros agora dizem que é rio da Ega, portanto isto está a virar tudo de pernas ao ar. Antigamente era limpo porque nós regávamos com a canastra e puxávamos a água para os poços, agora ninguém faz nada disso, tá tudo porco, tudo que é uma vergonha, por aí. Alguma vez acolá teve um canavial como está agora? Nunca esteve. No meu tempo de junta pusemos lá árvores para fazer um convívio, para fazer ali umas merendas, ninguém fez nada, ainda para lá pusemos pedra e ninguém fez mais nada, quem veio por trás da gente, não ligam e lá está o espaço.

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

A fabriqueira antigamente em particular, (…) Eu fui sempre sócio do Centro e continuo a ser sócio ainda, o centro agora é as mulheres, porque os homens agora não há lá nenhum, as mulheres coitadas muito fazem elas. O rancho gosto do rancho, o rancho tem feitos umas coisitas mas agora está parado por via do COVID

As associações têm feito um bom trabalho, mas a igreja não tem feito muito bom agora é o órgão e a pandeireta do Júlio e pronto vai toda a gente para ali, o melhorzito ainda é o rancho.. é verdade, vai buscar as tradições antigas, e assim é que deve ser, a igreja já não manda nada, a procissão vinha até aqui abaixo, há 2 anos deixou de vir, a Maria entendeu que não deveria vir e virou ao pé do Augustito. Quer dizer, as tradições devem-se manter, não se tem feito cá em Belide é preservar a antiguidade, a juventude e as pessoas agora querem é evoluir, mas sou sincero, não evoluiu nada, não querem que matem um bicho, ….

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

Demos sempre apoio, para a escola, para a festa, para obras de igreja e capela dava a Câmara, havia um protocolo entre nós e a câmara, quando lá fui davam 300 euros para a igreja e ficou em ata e não sei porquê desistiram disso e câmara dava 300 euros todos os anos. Não há ninguém que me acuse, nunca nos negámos a nada, sempre colaborámos.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: Ramiro Matias

Data: 16/11/2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO III

ENTREVISTA – JG

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Em primeiro lugar é uma comunidade pequenina mas é uma comunidade que tem alguns traços, que tem algumas marcas e por isso mesmo também nos ajuda a fazer uma memória enquadrada dessa mesma comunidade. Apesar de ser pequena geograficamente tem essa característica, pelo menos foi e é, a impressão com que com que fiquei enquanto lá estive e que tenho agora quando a olho e quando passo por lá.

Sebal e Belide são duas identidades, a reorganização territorial é uma necessidade, não vamos dizer que não, é uma mais valia? Ás vezes sim, ás vezes não. Aqui em concreto se não houver um cuidado, um olhar assertivo para as duas comunidades, com as suas diferenças, com as suas maneiras de estar e de caminhar, então corre-se o risco de uma ficar anulada, aqui, será Belide porque é mais pequena e ficará esquecida. Sebal e Belide são duas identidades muito distintas, logo para começar, na maneira de nos relacionarmos uns com os outros, sem consequência, mas, sim, é mais fácil haver uma proximidade no diálogo, na forma de estar, na forma de conversar, há um à vontade maior de relacionamento das pessoas em Belide do que nós encontramos no Sebal, existia um bocadinho mais essa reticencia, demorávamos mais a passar aquele patamar de estar um bocadinho mais à vontade e haver um bocadinho mais de confiança e abertura que não se verificava em Belide. Logo pela maneira de estar e de ser são muito diferentes e isso reflete-se no associativismo sim.

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Contexto distrital e regional não tenho muito essa perceção, se bem que das poucas vezes que estive convosco deu para perceber que de facto, tem uma marca ou se quisermos uma identidade já afirmada fora do concelho e fora do distrito. É uma comunidade com um nome que se impõe quer pelas suas tradições, quer pela sua pela sua presença e também pela sua própria devoção. A Senhora da Saúde é um congregar de muitas gerações e de muitas situações. O facto de estar ao canto do concelho não, parece-me que ficou um bocado esquecida é um parente pobre e se calhar é uma é uma realidade destas comunidades que são mais pequenas. Mas, impõe-se e vai dando provas da sua presença nos mais variados eventos que foram promovidos e muito bem.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

Belide fica ali e é um condensado patrimonial, não só pelo património religioso que o tem, a igreja é um marco, um ponto de passagem obrigatório, mas também a sede da junta de freguesia, onde vocês têm o vosso espaço, os vossos trajos, que também vai marcando esse evoluir da cultura. A própria associação local já noutra dimensão, já numa visão moderna e atualizada, mas que também é marca das várias atividades que já foram sendo feitas e pelas quais também levaram à construção, não nos podemos esquecer… e depois todo o traço, todo este conjunto patrimonial, artístico, cultural, devocional, ajuda a manter a comunidade e as pessoas da comunidade naquele

sentido de pertença, e acho que isto ainda acaba por ser a marca, a última marca a desparecer, há o sentido de pertença, pode haver um afastamento da parte da fé e da igreja, pode haver até alguma dificuldade na parte associativa, na composição dos seus órgãos, pode haver alguma dificuldade na manutenção desta dinâmica toda, mas eu estou convencido que o sentido de pertença vai continuar, sempre tive esse impressão, sempre.

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

O imaterial nós ficamos sempre nesta situação, o não se ver, o não se tocar, mas o tornar-se experiência e achei muito curioso e positivo haver um cruzamento tão bom, lá está, por ser uma comunidade pequena, o facto das mesmas pessoas estarem nas várias vertentes, nas várias linhas da frente do associativismo e das várias exigências locais dá também esta característica que é transversal nesta dimensão do imaterial, porque se consegue uma conjugação quase perfeita desta mesma dimensão. O facto de tu ou de alguém da comunidade poder estar nas diversas linhas da frente, quer ligadas à igreja, quer ligadas ao associativismo, à associação, ao grupo folclórico, acaba por haver uma gradualidade positiva na dinâmica e no cuidado, portanto, a Senhora da Saúde, um bocadinho nesta dimensão mais imaterial e espiritual ligada ou conjugada com o grupo folclórico onde houve algumas temáticas criadas a partir daí, ou mesmo a relação do grupo folclórico ao recriar alguns elementos onde liga o profano e o sagrado são e fazem história na comunidade local e aqui sim, são marca e dão marca na comunidade distrital e na comunidade regional e, portanto não me pareceu, nem me parece que seja uma barreira, o imaterial é cuidado e é vivido, independentemente da linha da frente onde tu ou qualquer outra pessoa possa estar

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

Todos os organismos locais têm claramente um papel importante na salvaguarda do património e quem não achar ou quem reduzir qualquer uma destas dimensões só a uma questão funcional está a começar a não guardar e a não fazer memória de todos os homens e de todas as mulheres que no passado deram corpo ao manifesto, quer na igreja, quer no centro social, quer no pódio de recordações. A comunidade concreta de Belide, cada homem e cada mulher que lá vive tem a obrigação, mais que não seja, dos seus antepassados de manter viva, essa linha de continuidade.

O FESTIBELIDE no segundo fim de semana de setembro, toda a região gira em belide naqueles dias, até eu tinha de organizar a minha agenda para também poder estar presente, é marca, é quase que… Há pequenas marcas naquela comunidade, e estamos a falar daquela comunidade, que são assumidas, quase que não precisam de ser recordadas ou marcadas anualmente, são assumidas por todos, e aquele fim de semana é assumidos pelos locais, portanto, pela comunidade, pelas pessoas que vivem lá, mas também sempre fez parte das pessoas que não viviam lá, faziam parte do restante concelho e que também a nível regional se congregavam naquele momento.

O Encontro de Cantares do Ciclo Natalício tem a particularidade de reavivar memórias da importância que a religiosidade teve noutros tempos, duas dimensões que nós encontramos neste evento, a primeira a dimensão cultural, pela época em que estamos, ou que é feita, ali entre o advento e os reis, a nível cultural é mais um momento que as comunidades tinham esta mais valia de percorrer várias localidades também para se darem a conhecer neste evento, para estarem com as comunidades, culturalmente é uma mais valia poder viver e fazer parte dessa parceria e por isso mesmo, a disponibilidade por parte da igreja enquanto estive lá como páraco, para vos acolher. Em segundo lugar, a dimensão da fé, que é, nós hoje descobrirmos através do canto, e através do canto popular, tradicional, formas de viver a fé, isto mostra o quê? Mostra da minha parte que a igreja não é uma comunidade fechada, marcada pelas suas regras intransponíveis, mas que pode ser uma comunidade aberta que sem perder essas regras também vive esses momentos, a cultura e a fé ligadas numa harmonização perfeita. Foi uma mais valia podermos ter percorrido algumas comunidades e sobretudo nesta dimensão de fé, no nosso caso, estar em 10 comunidades a trabalhar em conjunto, criou-se consciência de pertença a um grupo mais alargado.

Os CDS gravados são marcas da patrimonialização do cancioneiro local, quando vocês me ofereceram ouvi os dois e comecei pelo profano, porque estava curioso, nós no religioso acabamos por estar um bocadinho à espera daquilo que posso lá estar e que possa aparecer, chamou-me a atenção de facto o profano, porque…, foi um trabalho muito positivo, nós corremos o risco de só salvaguardar o património religioso, mas também temos um património profano, um conjunto de cantares profanos que também devem ser salvaguardados, que tiveram os seu tempo, o seu contexto, a sua época, e que provocaram naqueles momentos também muitas experiências às comunidades locais. O canto religioso foi também uma aposta… e uma boa aposta, para nós voltarmos a ter esta consciência da tradição popular, marcada pela simplicidade do seu canto como maneira e forma de louvar a Deus e nós não nos podemos esquecer que esta herança que nós recebemos do canto tradicional e popular foi de certeza como agora o mais trabalhado possível pelas nossas gentes, porquê? Porque era para o canto litúrgico, era para venerar e louvar a Deus. Esta dimensão hoje, que já não se tem tanto, da vivencia da fé e do divino naquele tempo era uma dimensão muito marcada, muito presente, é como as primícias do campo, eram sempre oferecidas a Deus, aquilo são como se fossem as primícias do coração de cada homem e de cada mulher que fez e que preparou aquele canto e que agora nesta fase, também o reviveram e nos ajudar a reviver esse tempo marcado.

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

Envolvimento da igreja no associativismo local, com o objetivo de dizer e mostrar às comunidades que a igreja está presente no meio do mundo, no meio da cultura, no meio da ciência, no meio, nós não somos, a igreja não tem que ser um aparte da comunidade local, da comunidade distrital ou da comunidade regional, a igreja está e faz parte, e nós, sempre foi esse cuidado que se foi tendo com as várias comissões fabriqueiras, com as várias equipas, nos vários fóruns de discussão e reflexão

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

que foi, ser uma porta aberta, ser um instrumento, um veículo que possa promover, edificar a comunidade local nas suas vertentes, pelo associativismo, pelo pódio de recordações, noutros contextos da unidade pastoral, sempre quisemos ser e estar presentes no meio do mundo, como uma resposta capaz de estar com e não estar à parte de. Essa foi a grande bandeira que nós tentámos salvaguardar ao longo dos 6 anos em que estive por lá, no caminho da atualidade é o único caminho. Nós começámos por dizer que Belide é uma comunidade pequena, ora, se é uma comunidade pequena, porque é que nós, os que estamos, e estamos nas várias linhas da frente dos vários momentos, dos vários lugares, desde o associativismo ao religioso, porque é que haveremos de estar de costas voltadas? Porque é que não seremos capazes de nos sentarmos e delinearmos um plano de atividades comum, foram sempre essas as nossas preocupações naquele tempo.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: _____

Data: 17 / 11 / 2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

_____

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO IV

ENTREVISTA – HD

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide é uma pequena localidade, uma aldeia da UFSB, tirando este aspeto geográfico, é uma área onde as pessoas têm bastante iniciativa, são bastante dinâmicas e tem vindo nos últimos anos a preservar todo o seu património cultural, que com o tempo se foi perdendo e há um retomar de todo esse trabalho. As associações tem tido um papel muito importante quer a nível civil e também a comissão da fábrica da igreja ao longo dos anos.

A UFSB são duas culturas e duas identidades, não nos choca, porque cada lugar tem características próprias embora sendo uma união de freguesias, num território de duas antigas freguesias extintas, tem como chapéu sempre o concelho. As pessoas revêm-se, apesar das suas diferenças, as suas culturas, as suas tradições, algo diferenciado com pequenos pormenores, mas no conjunto as pessoas continuam a ser unidas dentro da UF e do concelho

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Belide é uma ponta do concelho, a transição, aquela zona que liga o concelho aos campos do Baixo Mondego, a que mais próxima está dos aluviões do Mondego, tendo em conta a sequencia, primeiro é Soure e depois Montemor. Em termos geográficos e de altitude é a zona mais baixa do concelho. Em termos culturais parece-me que existe um misto entre esta zona do concelho e o Baixo Mondego em termos de tradições existe essa ligação. Em termos regionais, o nosso próprio concelho é um concelho muito reduzido, feito de muitas pequenas aldeias. No caso de Belide a influencia não é tão significativa, e vejo sempre Belide não em termos de região, mas numa perspetiva mais micro não tão abrangente

Qual o património material mais representativo da comunidade?

O mais representativo será sempre a igreja, por uma razão muito simples, a forte tradição da Senhora da Saúde em Belide, isso é inquestionável. Em termos arquitetónicos não tem o peso que têm outras igrejas do concelho, mas a dimensão que atingiu a romaria coloca-a num lugar cimeiro. A capela também é um exemplo interessante, os marcos são também, mas do ponto de vista histórico, houve ao longo dos anos, alguns ajustes nas dimensões da freguesia. O cruzeiro em qualquer lugar tem sempre a sua importância. Outra, mais privada que está na origem de muitas tradições do próprio lugar é o Palácio dos Barata Tovar que infelizmente está em ruínas fruto do incendio que lá aconteceu há muitos anos, é uma construção que deve ser referida e nunca pode será esquecida, faz parte da cultura das gentes de Belide

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

A romaria á senhora da Saúde é o que mais distingue o território de Belide, Belide antes de todo o resto é a romaria da Senhora da Saúde. Também existe a tradição da Senhora da Conceição, mas

está longe de ter o peso que tem a SS. É próprio da condição humana estamos a falar da saúde, como bem maior de cada um de nós. O facto de se chamar Nossa Senhora da Saúde, deu certamente, origem a muitas promessas, preces, orações. As pessoas podem ter dinheiro, mas sem saúde ninguém consegue fazer nada, podem ter acesso a mais meios, mas ninguém compra saúde. A SS em Belide é a grande e principal romaria que nós temos na região, sendo que, como é no verão tem a vantagem de tudo se propiciar, a junção do sagrado e do profano e daí também esta dimensão. A SS tem as duas vertentes e as duas são muito fortes, uma complementa a outra, e as duas são importantes para aqueles dias e para a vivencia da população, estas festividades são o ex-libris de Belide.

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

O trabalho de recolha que foi feito, desde os cantares as formas como se vestiam, todo esse estudo da cultura do lugar é importante manter-se e preservar-se, daí o executivo ter entendido que deveria ser mantido o apoio que já vos era dado para que pudessem desenvolver o melhor possível essa atividade, apesar de ser apenas uma fatia de um bolo grande, mas era o que nos foi possível dar. Gostei imenso de vos acompanhar nas várias saídas que foram tendo, tanto em contexto religioso, como profano, algumas das músicas eu já chegava ao ponto de vos estar a acompanhar a bater o pé e comecei a apender a gostar da música popular e tradicional que não lhe achava grande piada, confesso. As melodias, a forma como era cantada e tocada, agora gosto, foi o meu processo de aculturação.

O FESTIBELIDE, naquele fim de semana Belide é a capital do folclore, tenho pena que as pessoas não se envolvam mais, pois simultaneamente existem outros eventos a acontecer e acabam por lhe retirar população. A representação dos grupos, pelo que tenho tido oportunidade de ver têm sido grupos bastante bons, com culturas diferenciadas de diferentes pontos do país que nos dá a conhecer outras culturas, outras tradições, outras formas de ser e de estar. A participação de grupos espanhóis, onde esta questão da diferenciação ainda se nota muito mais, quer na sonoridade, quer nos trajos, quer na forma de dançar, tudo é diferente, até a própria composição musical, são sempre aspetos importantes. Para o povoado, são dias de grande dinamismo, são atividades que dão muito trabalho. A população de Belide é pouca, são poucas as pessoas, envolve muita gente para além daqueles, que de uma forma geral intervém diretamente no grupo folclórico, muitas vezes os familiares, eu diria… na organização é metade de Belide que está envolvido neste processo. Mas só funciona, porque é numa comunidade rural e há um espírito de entre ajuda, em contexto urbano era impensável, falamos da boa vontade de todos. São pessoas que vestem a camisola, as pessoas fazem gosto em que aquele evento se mantenha, seja organizado, se realize e depois preparar tudo, organizar as coisas o melhor possível só faz sentido ser assim, porque senão tudo era pago e seria impossível, não existia orçamento para aquilo.

O Ciclo Natalício, no início do evento, o GFEB era o único no concelho que se dedicava a estas temáticas, que tinha um repertório para esta época do ano, cantares próprios para aquela época do

ano, do Natal, do Menino Jesus. E nos dias de hoje, aquela coisa, o pai natal, levar a tradição dentro da própria igreja, como vocês fizeram e muito bem. Não tenho nada contra o pai natal mas é preciso por as cosas nos sítios certos e nos dias de hoje cada vez se dá mais importância e esta figura. As crianças dão, porque os pais assim o entendem, mas não dão importância à figura principal que é o Menino Jesus. Quando voltarem a repetir o evento deixo a sugestão para também as crianças poderem estar presentes, as crianças das catequeses o percebam também esse fenómeno e vocês nos vossos objetos decorativos possam também ter a imagem do Menino convosco.

Também é importante percorrerem as localidades da União de Freguesias para colocar a associação em contacto com todas as populações da UF, dar a conhecer, haver intercambio, e que possam ir a essas comunidades buscar recolhas.

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

É importante falarmos também no edificado, a cedência de instalações e mais recentemente a atribuição do lavadouro. Dei continuidade à cedência da sala para vocês guardarem as vossas coisas, os vossos fatos, um espaço com dignidade para guardarem todo o vosso espólio. O novo protocolo relativo ao lavadouro, tem como objetivo que o PRAEF possa recriar lá as antigas tradições da lavagem da roupa. Das mulheres que se juntava no espaço, o espaço tem ótimas condições para isso, é bom que possa ser reaproveitado, recriando o espaço de trabalho e de convívio e de julgamento, tantos namoros se arranjaram e tantos outros se estragaram. Os antigos tribunais do povo, o convívio dá para os dois sentidos, para o bem e para o mal.

Do ponto de vista financeiro havia o pagamento de uma verba anual para por tranches, aquilo que nós podemos proporcionar.

Os CD´s patrimonializam o cancioneiro, se daqui por uns anos não hajam pessoas para dar continuidade ao GF, pode acontecer, porque Belide tem uma população pequena e que não se está a renovar. No mínimo fica isto, é um registo que podem ouvir a música a letra e olhar para os fatos que possam estar guardados. Uma das minhas preocupações com Belide para o futuro é a diminuição da população, pois temos uma população muito envelhecida e não sabemos o que poderemos ter de hoje a amanhã naquela área, também há esse problema em alguns lugares da antiga freguesia do Sebal, a Rapoila, o Avenal e os Palhagões estão na mesma situação, lugares que poderão desaparecer por falta de população.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: Helena de Almeida Diogo

Data: 17/11/2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO V

ENTREVISTA – JC

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide é uma terra que eu sempre gostei, vivi lá muitos anos, sempre gostei de Belide. Casei lá, vivi lá 7 anos, vou lá quando posso. Belide para mim é como se fosse o Sebal, ou ainda melhor, sempre gostei do lugar em si, do próprio povo, da dinâmica das coletividades, que nos fazem distrair um pouco…

Sebal e Belide, o que há em comum? Têm, sim, muita coisa em comum uma com a outra, Belide e Sebal completam-se, Sebal é um povo simples, Belide, um povo simples é, nunca andaram em quezílias um com o outro, há outros povos que sim, Belide e Casével andaram sempre em questões difíceis, agora não, mas antigamente aquilo era muito complicado, Belide e Sebal não, sempre houve uma harmonia, nunca houve aquela situação do Casal de Santo Amaro, onde andavam a mudar placas de um lado para o outro e isso não linha lógica nenhuma e nunca se chegava a um consenso, agora está tudo calmo mas na altura foi complicado…

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Belide enquadra-se muito bem, está bem situada, a nível concelhio, derivado á distancia podia estar mais próximo. Em Coimbra que é o distrito, também não é assim tão longe, há transportes, a parte ferroviária também não é muito longe e antigamente era o que se usava e mesmo de carro, agora, é muito rápido, meia hora no máximo. Está bem situado, é um sítio plano, não tem altos e baixos, é um sítio muito bom.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

Eu acho que é a igreja, tem anualmente uma romaria que já é de há muitos anos, torna Belide diferente, é no concelho, talvez a terra com mais dinamismo, não há nenhuma terra no concelho que tenha tanta gente num dia, como em Belide a 5 de agosto. Não há nenhuma festa que tenha tanto romeiro, uma tradição já de há muito tempo e sempre houve os romeiros à Senhora da Saúde, agora há na mesma, mas não há, não há aqueles que vão a pé, não foi há muitos anos, recordo-me disso. Junta-se muito povo e é um dia alegre para todos e todos gostam. Nos nossos dias o ponto alto é procissão das velas, é uma elevação da fé, a energia e a envolvência de milhares de velas acesas, torna-se diferente pela sua imponência. O dia da SS mesmo, vai lá muito povo, mas o dia da procissão das velas é o melhor dia, um dia que mexe mais.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

Todas as associações têm tido um papel importante, o Pódio, a Comissão Fabriqueira, o que temos hoje deve-se ao trabalho dos corpos dirigentes que lá têm passado ao longo dos anos. A irmandade existe há muitos anos, tem um papel importante na comunidade, quando há procissões são sempre representadas pela irmandade, funerais também, quer sejam irmãos quer não sejam, até mesmo para fora de Belide já têm ido representar o concelho. Fui parar à irmandade porque herdei uma opa, o meu padrinho faleceu e eu fiquei-lhe com a opa e entrei, o meu cunhado herdou a do meu sogro, e entrámos os dois mais ou menos na mesma altura. Agora fui eleito como juiz, também acho que não é mau, não me prejudica em nada.

Com os tempos, estas realidades começam a ser alteradas, cada vez menos gente nas missas, com a pandemia não veio ajudar nada, as pessoas retraem-se cada vez mais, se isto alguma vez ficar bem, já é um hábito que se cria nelas e depois é mais difícil entrarem novamente, vão-se acomodando e nesse aspeto. As gerações mais novas, cada vez estão mais isoladas, mais metida nas suas coisas, telemóveis… um estilo de vida da cidade mas no campo, as pessoas vão trabalhar, fazem as suas compras, enfiam-se em casa e não saem, há uns anos atrás andava tudo na rua, até na parte cultural, rancho, o grupo folclórico cada vez vai tendo menos gente, não é só o nosso.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: José Beri de Brito Loureiro

Data: 17/12/2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO VI

ENTREVISTA – ASM

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide é a minha terra e há de ser sempre, sem Belide… eu acho que não conseguiria viver em mais lado nenhum. Fui nascido aqui, criado aqui é aqui que eu tenho as minhas raízes é aqui que eu gosto de estar e viver … eu era incapaz neste momento de sair de Belide…Na realidade estou no lugar de Belide, mas no concelho de Soure, neste momento com o novo ordenamento do território, ficaram 3 casas, que são as do lado de cá, do lado poente, tivemos que alterar o código postal e pertencemos à freguesia de Figueiró do Campo, as outras casas do lado de baixo de Belide até ao antigo lagar, pertencem a Belide, freguesia de Belide, e código postal de Condeixa-a-Nova.

Eu do lado de cá, infelizmente, tenho o código postal de Figueiró do Campo, mas sou e serei sempre de Belide, rua da eira velha, Belide, só o código postal é que não é. Eu considero-me de Belide e serei sempre de Belide, toda a vida, apesar de …. Vou votar a Figueiró, ás vezes digo que sou de Figueiró na brincadeira, mas na verdade sou, as minhas filhas não aceitam isso, mas a verdade é essa. Uma mudança administrativa que não muda nada, pronto, é como se fosse a mesma coisa.

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Belide sempre teve um papel importante em termos concelhios, concretamente em Condeixa a Nova. Belide tem uma localização de excelência, no extremo do concelho, foi uma freguesia muito pequenina, já foi concelho, o meu visavô foi presidente do concelho, já teve prisão, aquelas coisas todas.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

A igreja, o cruzeiro, o lavadouro, temos a nascente que aquilo também é histórico, lá no pinhal aquilo é engraçado, a mina da fonte fui lá muitas vezes limpar aquilo, tudo limpinho, desinfetado, era impecável. A escola, ainda temos a escola, se a escola for encerrada perde-se um grande marco na terra, então, não perde? Andei na escola primária de Belide até à 4ª classe, ainda estava dividida, masculino, feminino, a parte do lado de Belide era só meninas, a parte do lado de Casével era só rapazes e não havia misturas, um professor para os rapazes e uma professora para as meninas. Agora cada vez as crianças são menos, mas olha, ainda vai funcionando. Todo o património faz parte da história da terra, sem dúvida alguma.

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sem dúvida, a festa anual da Senhora da Saúde, dias 4, 5. 6 e 7 de agosto, é a maior festa a nível concelhio, Belide só se compara à rainha santa em Coimbra, a parte religiosa aqui é uma coisa imponente, todos os anos vêm cá os cavalos, mas antigamente era uma coisa, onde era impossível as pessoas furarem, cruzarem-se umas com as outras, tanta gente, tanta gente, pá… de ano para

ano vai sendo diferente mas continua a ter o seu marco, aquela festa religiosa principalmente. Tem também a parte do arraial, naquelas noites aquilo é tradição e nada pode falhar de maneira nenhuma.

Nos nossos dias, o auge da romaria deixou de ser o dia 5 e passou a ser o dia 4 à noite, por muitas razões, o calor principalmente, antigamente a missa era à uma da tarde e logo de seguida era a procissão, ainda me lembro, o alcatrão da estrada derretia. As pessoas tinham a promessa de ir de joelhos durante a procissão, aquilo era quase impossível, vinham cá os bombeiros todos os anos regar a estrada. Adiantou-se a missa para mais tarde para fazer a procissão mais tarde, mas o calor sempre foi tanto que era quase impossível, as pessoas também ficavam a ver ao longe ás sombrinhas.

Em contrapartida começou-se a apostar mais na procissão das velas à noite, de ano para ano é uma coisa impossível, são centenas, milhares de pessoas ali sempre, sempre, sempre, cada vez há mais. O meu pai punha-se num cantinho a contar as pessoas, e de ano para ano não parava de aumentar e cada vez mais à noite, para mim até é mais bonito, ver aquelas velas todas, aquelas ruas, é uma rua cheia do princípio ao fim, cheia de gente ali. A tradição já não era o que é, não, não é assim, a tradição está cá, os tempos é que são outros.

O Rio dos Mouros, lembro-me no verão, havia lá um poço que era o poço dos cães, toda a gente ia para lá nadar, os miúdos todos e eu como não sabia nadar, eu gostava de ir, mas não mergulhava tinha medo. Uma vez arrisquei ir para lá com o meu primo Ilídio, eu agarrei-me a ele ia lá morrendo afogado, nunca me esquece dessa. É pá, o poço dos cães, aquilo era água limpinha, não havia o que há hoje, era clarinha, peixe…

Era um fundão que havia logo a seguir à ponte, a água caia ali, havia água todo o ano, a água batia, fazia aquele fundão e trazia areia, todos os anos lá se ia buscar, tratores e tratores e carradas de areia para as obras, o pessoal aproveitava, era muito limpinho, impecável.

No pinhal, a Fonte da Caldeirinha, eu sei que antigamente os pinhais era um gosto ir lá porquê? Eu lembro-me, andava a estudar, saíamos e íamos para as pessoas roçar mato, sempre, os pinhais estavam sempre limpinhos, era raro ver um pinhal com matos, havia nascentes em todo o lado, nós não precisávamos de levar água para os pinhais porque aquilo lá nas nascentes com o pucarozito, não havia eucaliptos, era água em todo o lado.

A Fonte da Caldeirinha, bebia lá água muitas vezes, constava-se e toda a gente que aquela pedra enorme rebentasse inundava Belide toda e mais alguns lugares, era o que se dizia e as pessoas acreditavam, agora é impossível lá ir é só matagais

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

Sou sócio fundador do Pódio de Recordações e agora tesoureiro, já estive envolvido nelas todas, comecei pelo Centro na altura da construção. Aquilo era uma febre que havia, no princípio não havia dinheiro, depois conseguiram-se uns patrocínios, toda a gente se juntava ali aos sábados e aos domingos para trabalhar até conseguirmos a obra, espetáculo, conseguiu-se, começou a funcionar…

Passados uns anos fui para a Comissão Fabriqueira da Igreja, estive lá por 2 vezes, 4 anos, mais quatro anos, sempre em prol de Belide, da festa de Belide, cada vez mais gente, não há palavras para descrever o que se sente quando se está naquela comissão, acho que não há ninguém em Belide que nunca tenha passado por lá.

Com o Pódio, agora é o que é, Belide é uma coisa indiscritível, começou-se com uma brincadeira, hoje atingiu dimensões que só visto. O GFEB é um museu vivo, eu quando vou trajado sinto esse orgulho e essa responsabilidade, como fui militar toda a minha vida, o meu ponto de honra é trajar como deve ser. Aqui não há misturas, eu nesse aspeto, ou é ou não é e tem de ser assim. Eu gosto assim, é o que é e mais nada, o que protege o frio, protege o calor e mais nada.

FESTIBELIDE, desde sempre estive na organização destes festivais temáticos, não só em termos de direção, mas também em mão de obra. Para mim todos foram excelentes, mas há um que para mim foi tudo, foi as lavadeiras do rio, o rio de Belide lá representado, os peixes, as lavadeiras, a cegonha a tirar água, a marinha do arroz, pá… Tudo isso representado ali, e depois a emoção das pessoas a assistirem aquilo, a recordarem o que era Belide há não sei quantos anos atrás … aquilo foi qualquer coisa do outro mundo, trouxemos do rio 1500 litros de água e os peixinhos lá e aquilo tudo, é pá, fantástico. O cenário criado ali naquele recinto da festa, aliás, ainda hoje, toda a gente fala em Belide, e uma das razões é por isso. Apesar de nos outros anos, desde as vindimas, a apanha da azeitona, as feiras, a romaria à Senhora da Saúde, todos foram fantásticos, mas para mim, o que mais mexeu e me marcou até hoje foi aquele e gostaria de repetir um dia.

O que custa mais nestes eventos e no domingo de manhã desmanchar tudo, é uma dor, tanto trabalho para fazer e para destruir é um instante, mas é assim, fica tudo limpo e arrumado.

Estivemos 7 minutos seguidos na Televisão, com a RTP em Condeixa, só fizemos a apresentação do trajo, não tínhamos muita gente. Belide, correu o mundo, foi uma experiência daquelas… marca... é um orgulho para Belide e para todos nós estar ali a mostrar o que de melhor se faz na região e nós a representar Condeixa.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: Álvaro Ferreira dos Santos Monteiro

Data: 18/11/2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO VII

ENTREVISTA – MJCR

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Sempre estive ligada ao território à antiga freguesia do Sebal, fiz sempre parte dela, apesar de não viver aqui, em termos de memórias e do conhecimento de quem aqui vivia e as coisas que se iam aqui fazendo, está no meu DNA. Vim cá parar porque a uma determinada altura da minha vida fiquei responsável por esta casa e também responsável de alguma forma pela minha mãe, e nesse sentido, tornou-se possível, vir mesmo residir para cá. Em Belide, o investimento da população no seu território, na sua antiga freguesia, faz com que a própria terra se vá apresentando de uma forma diferente aos olhos de quem vai passando, Belide tem uma série de coisas que o Sebal não tem, por uma dinâmica associativa muito mais forte.

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

NR

Qual o património material mais representativo da comunidade?

A Casa dos Barata Tovar e a igreja. A realidade da Casa dos Barata Tovar em Belide é exatamente a mesma realidade da Casa dos Matos no Sebal. No Sebal tanto a Casa Matos como a Casa Velha dos Archers de Carvalho. A aldeia vivia muito próxima a todos os níveis da Casa Matos, trabalhavam para a Casa Matos, eram uma grande comunidade e por causa disto, as pessoas mais antigas têm muitas memórias da casa. Sei que em tempos muito maus no nosso país, em que havia muita pobreza, muita miséria, muita fome, apesar de tudo no Sebal não haveria tanto porque existia a Casa Matos. Hoje quem passa no Sebal a Casa Matos não é só um postal ilustrado, é mais que isso, tem uma função identitária da própria aldeia, é uma casa que não está desassociada da comunidade, a Casa Matos está disponível para a população que dela queira usufruir. Aqui há muito espaço e bastante bem tratado

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

A minha ligação à associação deveu-se ao facto de uma festa que organizei na altura do casamento do meu filho, e os convidados não conheciam de todo esta zona do país, especialmente esta zona aqui do Baixo Mondego. Vieram cá e deram a conhecer as nossas tradições, a nossa forma de viver, a nossa cultura popular. Noutros eventos da casa e da família recorro muito a vós para me ajudarem a tornar a festa única e inesquecível de forma a continuar a transmitir algumas destas tradições, as histórias destas populações aqui do Baixo Mondego.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

O trabalho que a Casa Matos tem feito com o Pódio de Recordações, poderá chamar-se uma educação patrimonial em contexto comunitário, as pessoas do mundo se não tiverem memórias, mas memórias concretas, se perderem a noção deste caminho, que é a vida, que implica o de onde viemos, o onde estamos e o para onde vamos não é possível serem seres completos. Esta educação que é feita com muito pouco esforço pelas pessoas que estão a assistir, quem está a ver, tudo entra pelos olhos e ouvidos dentro, é, portanto uma competência gratuita que se dá às pessoas. É muito importante para a construção desta identidade comunitária, mas também pessoal, porque, volto a repetir se não soubermos as 3 fases deste caminho, o que nos foi legado por aqueles que nos antecederam e que estes também se foram construindo com os legados dos que estão para trás, onde é que eu me encontro neste momento? Ou onde nos encontramos enquanto comunidade? E para onde é que vamos ….

Esta casa recebeu também a festa de encerramento do curso de PG PCTPP, um momento importante para as memórias desta casa, é importante que esta casa crie memórias, o encerramento do curso foi o culminar de uma formação muito interessante, de uma ideia única, porque, como é que numas aldeias praticamente desconhecidas, alguém se vai lembrar em fazer aquilo que se fez? Estas casas proporcionam momentos de convívio, de lazer, de troca de impressões entre as pessoas, fazem parte do sítio onde estamos naquele momento. Memórias que se constroem no sítio em que estamos, é esta, também a função social destas casas na comunidade, um porto de abrigo, um local com sentido de estética e ao mesmo tempo se está à vontade e onde se respira cultura, onde se faz a mediação da cultura pessoal que cada um transporta.

Qualquer projeto que venha da parte desta associação, na Casa Matos será sempre bem acolhido, e vou dar o que puder para estar sempre convosco, isso é garantido. Qualquer projeto é bem-vindo, bem necessitados estamos deles, tanto tempo de pandemia, tanto tempo fechados, já chega…

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: _____

Data: 18 / 11 / 2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

_____

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO VIII

ENTREVISTA – CM

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Diria que uma comunidade rural será um conjunto de pessoas que vive num meio com essas caraterísticas, ou seja, um território com características mais ligadas à atividade e à exploração agrícola. Meios de urbanização mais dispersa, menos concentrada, com mais espaços verdes e outros usos do solo que não é o urbano, puro e duro como nós conhecemos. São as pessoas que vivem, mas não, as que usam esses espaços, que o trabalho, que conduzem as suas vidas num espaço com essas características. Um espaço onde há outro tipo de relações pessoais que não são tão evidentes para quem vive em contexto urbano, pois isto funciona um bocadinho, como por oposição. As relações de proximidade são muito mais evidentes e muito mais coesas

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

N/R

Qual o património material/imaterial mais representativo da comunidade?

É uma questão de identificação, a questão do património permite-nos enquadrar coletivamente e socialmente uma herança comum, que nos une, que nos liga, e que nos prende a um determinado território. É essa a identidade comum dessas comunidades que o património de alguma forma sustenta

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

Eu diria que é, naturalmente essencial, eu digo isto porque trabalho num organismo do estado central, apesar de num ramo regional, mas é um organismo do estado central e tomamos essas associações locais como nossos parceiros. Porque necessariamente nós temos uma noção macro das coisas, mas o que faz muitas diferenças é quem as vive localmente, quem as experiencia, quem as detém, efetivamente, as memórias e o saber fazer e sobretudo o património imaterial, porque posso saber que existem determinadas manifestações culturais, mas eu não as vivo, eu própria. Essas associações são quem ainda mantém vivas e dinamiza para que estes patrimónios se mantenham, que se perpetuem. Temos vindo a assistir à perda desses patrimónios imateriais, pois são extremamente sensíveis, se perdemos quem o conhece, quem tem a viva voz, óbvio que se perde, eu posso ler num livro, mas não é a mesma coisa. Essas associações locais são para nós um parceiro imprescindível, têm um conhecimento próprio das coisas, que nós não temos, e se calhar, não será a nossa competência, essa intermediação é de facto, o nosso papel

O património reveste-se de tantas formas, é uma construção social, o que é hoje para nós algo que nós identificamos com valor patrimonial pode não ser amanhã, não foi ontem e até mesmo entre diferentes pessoas isso poderá de alguma forma ter um significado diferente do significado que nós lhe damos e lhe dá esse valor.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Começando pelo imóvel, edifícios representativos das comunidades que sustentam atividades comunitárias, como por exemplo os tanques de lavagem, onde as pessoas iam lavar a roupa, isso é curioso, porque apesar de terem perdido completamente a sua função. Os lavadouros comunitários, ainda detém naquelas comunidades, um valor de afetividade que ainda se mantém, apesar de terem perdido a sua função primordial que não faz sentido nos dias de hoje.

Nas comunidades rurais as igrejas têm um papel importante, aí até nos dois tipos de património, no imaterial, as grandes manifestações que nós temos estão ligadas a rituais ligados à religião. São incontornáveis nas vivências dessas comunidades

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

A salvaguarda do património cultural é a nossa competência base da DRCC e a minha como diretora de serviços, é a minha função primordial, esse é o fundamento da nossa existência, prosseguimos competências que vão desde a questão dos processos de classificação ou de inventariação, não atribui mais significado às coisas do que aquele que elas já têm, mas de alguma forma oficializam.

As comunidades locais terão de ser as primeiras a gostar de si próprias, a reconhecer o seu património e ás vezes não é assim tão evidente, para o protegerem e o salvaguardarem, se as comunidades locais não o fizerem não somos nós de cima que conseguimos ser eficazes nessa proteção. A autenticidade muitas vezes encontramo-la com maior força nos meios rurais que em meios urbanos que já sofreram uma tremenda transformação, por serem mais dinâmicos. Temos estado a fazer um trabalho de aproximação via municípios e a partir dos municípios a entidades locais para reconhecer as manifestações de património imaterial e pudermos finaliza-las e inventariar, porque havendo risco de perda, pelo menos fica-nos esse reconhecimento. Seja por um trabalho mais técnico de acompanhamento local, tanto quanto os nossos recursos nos permitem, nós temos muitas solicitações vindas das mais diversas entidades externas, porque elas próprias percebem que têm uma situação de fragilidade. Há um monumento que está ameaçado, chamam-nos para que possamos salvaguardar, fazemos vistorias, relatórios de estado de conservação, apoiamos, tentamos encontrar fontes de financiamento.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: _____

Data: 15 / 11 / 2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

_____

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO IX

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

ENTREVISTA – JPM

O que é para si Belide?

Eu nasci em França, vim para Portugal e a maior parte da minha infância e da minha vida foi passada aqui. Aqui tenho as minhas bases, as minhas raízes, a minha família, os meus amigos, neste momento não resido cá, sinto-me da terra, venho cá com regularidade e sempre com gosto, Belide é muito… é muito..

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Belide no contexto concelhio sobressai, temos grandes valores, uma grande tradição, uma grande festa, temos a NSS. Belide é conhecido a nível concelhio e até mesmo a nível nacional e internacional por causa da festa de NSS. Foi sempre, mesmo antes das redes sociais e da divulgação informática, já há muitos anos que era conhecida e que vinham autocarros e pessoas de outros sítios pela fama que tinha e que continua sempre, em termos religiosos mantém-se.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

Para mim todos, todo o património tem a sua importância em Belide, o mais conhecido é a igreja. Uma igreja em todas as localidades é sempre um símbolo, uma localidade que não tenha uma igreja, não tem identidade, até poderá ter, mas não é a mesma coisa, a igreja é um símbolo muito forte, por haver muita gente religiosa. Eu pessoalmente acho-os em Belide a todos, tenho-os divulgado desde há muitos anos a todos através de fotografias e de alguma informação que eu tinha, se calhar não muita. A igreja é o que se vê e neste momento está muito bem arranjada, por fora, por dentro, está excelente, embora haja algumas alterações que se possa não ter gostado, um pouco mais modernas, contrasta um pouco com aquilo que era mas é a adaptação aos tempos, está muito bonita, não vês ervas em lado nenhum, está toda bem arranjada. Eu lembro-me e através de registos fotográficos, ver a igreja com manchas pretas de lado e não há muitos anos e agora de há uns anos para cá, parece que está sempre nova, sempre branquinha, tudo arranjado, seja durante a festa, durante o ano em qualquer altura.

A capela também é importante, acho que até deveria haver mais missas, não só na altura da Senhora da Conceição. O espaço deveria ser mais aproveitado, tem todas as condições, também lá tem um parque de merendas que deveria ser utilizado pelos populares, rentabilizar mais aquele espaço, tem todas as condições.

A quinta, a mim e a toda a gente foi um património que se perdeu e que dá vontade de chorar, todo o historial que tinha e que se perdeu, desde livros, de brinquedos, de fotografias. Todos os registos que de um momento para o outro se perderam, nós ainda dizemos, a quinta de Belide, mas na verdade são as ruínas da quinta de Belide. O incêndio que destruiu aquele palácio foi um grande atentado para o nosso património.

O lavadouro brinquei lá muita vez, às escondidas, lembro-me bem de ver as mulheres a lavarem a roupa, eram as redes sociais da altura, sabiam das novidades ali e fazia bem às pessoas, não tinham muito com que se entreter. Agora está fechado e acho que deveria ser um espaço dinamizado ou aberto.

O cruzeiro é um marco histórico que eu gosto, também lá brincávamos, nós andávamos sempre nesses sítios, na rua, não sei porquê? Nesses marcos históricos, andávamos lá a correr de um lado para o outro, às escondidas…

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

A festa anual da Senhora da Saúde, também, o campo e o rio, deixam-me saudades, na minha infância e hoje recordo isso com alguma mágoa, por causa da poluição. O rio não está de todo em condições para haver banhos no verão por parte dos jovens e crianças. Já tive vontade de voltar a mandar um mergulho cá de cima da ponte como se fazia antigamente, mas aquilo está de todo impossível. Passei lá bons momentos, com os meus amigos de infância que não vou esquecer e falta um bocado isso ao pessoal de hoje em dia, o saírem à rua. Também as tecnologias de hoje são boas, mas é demais, as crianças passam a vida agarradas aos computadores, tabletes e telemóveis e falta-lhes a aventura do aprender, do explorar, do se magoar, levantar e todas essas situações.

O pinhal íamos para lá passear, brincar, chegámos a fazer cabanas com pernadas de árvores e folhas, passávamos alguns momentos agradáveis na infância.

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

O rancho acaba por divulgar as tradições de Belide e não só, aqui da nossa zona do Baixo Mondego.

O desgaste físico da festa da SS é de facto elevado, mas quando se trabalha por amor à camisola tudo se faz, nós tiramos aqueles dias para trabalhar e damos tudo. Por vezes, é desmotivante quando alguém critica por alguma coisa que se tenha feito mal dentro desse trabalho, pois as pessoas estão dedicadas a fazer o seu melhor.

Em 2011 o GFEB surgiu com um projeto que eu criei no Facebook que se chama os amigos de Belide, foi o Fernando Brito que me picou me deu essa ideia, tudo começou para cada um contar a sua história, lembranças, surgiu a ideia de ir buscar fotografias. Sempre gostei, ainda hoje gosto, para me conhecer a mim próprio gosto de conhecer o meu passado, se houvesse uma máquina do tempo e pudesse voltar atrás estava lá sempre, no passado, adorava. Fascina-me ir ao passado, entender melhor tudo o que se passou e aprendi muito com tudo isto, arranjei muita fotografia, se não fossem divulgadas na altura, podiam desaparecer para sempre. Ninguém fazia ideia do espólio que existia desta terra, um território tão pequeno com um espólio fotográfico desta envergadura. Aqui se vê a força que sempre teve a SS, a esmagadora maioria das fotografias foram tiradas na

altura da festa, temos fotografias a partir de 1900, e até antes, praticamente todas as pessoas tinham uma fotografia da SS, tiradas no dia 5. É que eram vários dias, 5, 6 e 7, eu cheguei ver essas datas, fotografias quase todas com o mesmo fundo, até me chegaram a dizer que esse fotografo vivia cá, quase em frente ao lavadouro, por aí.

Há fotografias de muitos seniores e até mesmo muito que já faleceram, jovens, há seniores em criança, com 2 ou 3 anos com uma qualidade espetacular, está tudo lá na página. Marcou-me também a forma como as pessoas me receberam em casa delas, foi espetacular, davam-me as fotografias para digitalizar e contavam a história e toda a memória associada à fotografia, eu ia fazendo alguns registos. Quando se iniciou o rancho isso pediu-se e apareceram muitas fotografias. Ouvi muitas histórias que eu não sabia, se as fotografias fossem selecionadas por datas tínhamos a história de Belide dos últimos 150 anos contada em imagens.

Os Beliriders surgiram de uma brincadeira em que o responsável foi o Marco Ferreira, ele é muito ativo, tem ideias e faz e concretiza também as ideias dos outros, não perde tempo, é uma pessoa com muita iniciativa, tem sempre força. Tudo começou com um passeio de motorizadas também com pessoas mais velhas, e depois ele começou com motas de mais cilindrada. Manteve também as motorizadas, até eu caí no gosto de uma mota de maior cilindrada por causa disso, acabei por comprar uma 125, para poder acompanhar quando há concentrações de motas. O pessoal de Belide é pacato, não gosta de confusões, gosta de se divertir. Gosto dos Beliriders e da parte solidária que também tem feito ao longo destes anos.

Esta dinâmica nunca acaba, as pessoas em Belide desde sempre tiveram necessidade destas festas, do convívio, de estarem uns com os outros a beberem um copo, isto nunca se vai perder. Há sempre aquela coisa, o conflito de gerações, criticamos sempre os mais novos, mas nós também já fomos criticados, nós esquecemo-nos disto e vai continuar, 4, 5 e 6 de agosto, Belide é o centro do mundo na nossa região.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: _____

Data: 22/11/2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

_____

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO X

ENTREVISTA – RP

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide é uma terra importante do concelho de Condeixa, uma aldeia com a sua história e as suas gentes, de âmbito rural, que tem a sua história, como todas as outras.

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Belide enquadra-se com alguma importância, apesar de ser uma terra pequena, mas tem muita atividade, nomeadamente na parte cultural e associativa.

Fui o primeiro responsável do novo executivo após a união das freguesias, o processo de união foi alheio às nossas vontades, foi um processo pacífico, as pessoas de Belide e do Sebal respeitam-se umas às outras. Juntaram-se sem grandes tumultos, já se conheciam e já se respeitavam mutuamente. O processo não foi do agrado de toda a gente, mas viram que foi uma lei imposta e tivemos que a aceitar.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

A igreja de NSS, o pelourinho, pela forte religiosidade, pelas festas de NSS, uma população fortemente cristã

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

Senhora da Saúde, não só local, mas de âmbito regional, as festas da SS são um acontecimento muito vincado na nossa região

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

Todas as associações são importantes à sua maneira, com caraterísticas diferentes umas das outras, todas elas são importantes na comunidade de Belide, elas em conjunto constroem um todo. Um todo patrimonial com bastante importância na região. O FESTIBELIDE é um fim de semana importante na cultura local, a vinda de grupos internacionais a Belide é um acontecimento que deve ser sempre mencionado. Grande festival internacional de S. Mamede de Infesta, é importante, apesar de ser um território pequeno, mas sentimos orgulho de chegar ao Porto, ao estrangeiro e saber-se onde é Belide. Enquanto presidente de junta não me preocupei só com o financiamento, mas também com a cedência de instalações. Quando entrei neste edifício logo percebi que ele estava subaproveitado e era uma pena o edifício não estar aberto à população. Cedi esta sala à associação e se fosse hoje voltaria a fazê-lo. É com muito orgulho que aqui venho e vejo as excelentes condições que aqui estão hoje e é uma mais valia para a população de Belide.

USC UNIVERSIDADE

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: _____

Data: 22 / 11 / 2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

_____

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO XI

ENTREVISTA – BT

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide é uma terra pequenina como as suas gentes, já foi muito grandiosa em termos de envolvimento, associativismo, na relação que as pessoas tinham entre elas. Neste momento, eu acho que as pessoas se estão a afastar umas das outras, a deixarem certas tradições de parte, a não conviverem tanto. É isso que eu pretendo alterar enquanto presidente do Centro, pretendo que as pessoas vão ao centro, estejam juntas, convivam, partilhem as suas ideias, também para evitarem o isolamento nos idosos e também para tornar um bocadinho melhor a vida das pessoas.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

O mais representativo para as pessoas de Belide é a igreja, as pessoas em Belide são religiosas, ligam-se muito à igreja e vemos na festa de NSS que atrai muitas pessoas de vários pontos do concelho e até do distrito. Vêm cá para seguir a nossa santa e vêm à igreja que é muito bonita e para uma terra como a nossa, pequena, é um cartão de visita.

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

Sem dúvida, a festa de NSS. Eu cresci na festa… cresci a deitar-me às seis da manhã, a acordar as duas da tarde para dinamizar tudo o que é a festa. A festa não são só os dias que estão no cartaz, a festa tem muito mais que isso, a festa tem um ano de planeamento, de angariação de fundos, toda uma preparação dos meses anteriores, porque envolve muitas coisas que as pessoas não vêm. Desde a preparação do espaço, o envolvimento com os vários membros de Belide, tal como a igreja, nós também procuramos a junta, apoios a nível das pessoas, uma angariação de fundos monetários, mas também uma angariação de mão de obra, porque há muita coisa para fazer … e é isso, viver a festa, crescer na festa, é por isso que agora sou presidente do centro, não quero que feche, não quero que as coisas acabem…

É muito bonito vermos as pessoas virem à nossa terra de prepósito para viverem a nossa festa, virem à procissão, mas depois passarem no arraial e estarem a conviver, a partilharem experiências, amigos de longas datas que já não se viam há anos a trocarem ideias, isso é o mais bonito da festa… As pessoas conviverem, juntarem-se, estarem juntas, ás vezes é o inicio de umas relações, outras, um voltar a um tempo antigo, recordar memórias e a partir dali começam outra vez aquela relação… é bonito… Relações que se constroem aqui nas festas, apesar de parecer que não há nada sentimental, há muita coisa sentimental e eu sei que por exemplo estar na organização destas festas, obriga a que eu comece a criar relações com pessoas com quem se não fosse a festa, se não fosse a organização e tudo o que envolva, eu nunca desenvolveria uma relação com aquela pessoa porque não havia uma oportunidade, digamos… eu acho que é uma oportunidade de criar relações.

Com as filmagens dos drones, percebeu-se os milhares de pessoas que estiveram em Belide naqueles dias, eu tinha noção disto, nós sabemos o que é organizar, comprar os bens alimentares para dar resposta às necessidades da comunidade, depois os lucros que fazemos com isso. Temos noção da quantidade de pessoas, não tinha noção da quantidade de pessoas por metro quadrado, não tinha… os drones deram uma imagem completamente diferente da dimensão, do tamanho, do comprimento da procissão, que até eu, não sabia ao certo a quantidade de pessoas que se deslocam à nossa terra para virem à nossa festa

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etnofolclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

Todos os organismos têm tido importância, eu sou uma pessoa muito relacional, prezo muito as relações que as pessoas estabelecem entre elas, se não fossem esses órgãos, as pessoas, muitas ficavam esquecidas nas suas casas, até as pessoas mais velhas, mais idosas, não se deslocariam, não sairiam de casa, porque não teriam um objetivo. Assim é como se fosse um objetivo, por exemplo, enquanto vão à missa e veem, sempre trocam uma conversa, e isso promove aquelas relações… preserva a sua memória, a memória do que já foram, do que já são, dá para nós mais jovens, ao ouvi-las falar percebermos o que já foi. Eu tinha uma ideia, que por exemplo na festa, uma festa muito maior, mais dinâmica, havia muito mais gente, até vinham os carrinhos de choque, haviam tendas de comércio, de uma ponta a outra de Belide, o meu pai até me conta, e o meu avô, que as pessoas até faziam competição para ver quem chegava antes, vinham com 15 dias de antecedência para poder marcar lugar e agora nós não vemos isso, agora o que há? Há muita gente a vir na mesma à fresta, mas o que há é uma igreja, e umas tendas entre a igreja e o centro e é isto… é importante nós não nos esquecermos do que já fomos e tentarmos progredir e desenvolver, mas a saber um bocadinho do que éramos.

Apesar de eu achar que nos estamos a adaptar às novas gerações, essas novas gerações também vão levar a que se acabem tradições e os jovens de hoje em dia, eu não sei se é por não quererem ou por não gostarem, eu acho que a zona de conforto deles é irem a bares e discotecas que estão abertas durante todo o ano, que eles já estão habituados e vão para ali. Já sabem quem são as pessoas que frequentam aquele espaço e querem ir para lá. Quando há uma festa é uma coisa que acontece uma vez ou duas vezes por ano.

Estão a acabar-se tradições, eu não sou religiosa, e quando me chamam para ir levar um andor, só pelo facto de saber que há pessoas que adoram a procissão e quem vêm a Belide de propósito, eu penso – as pessoas não podem ficam sem isto! – Eu vou, eu acompanho, eu dou o meu papel social, porque eu acho que isto é também uma responsabilidade social. Nós como jovens devemos ter um bocadinho de respeito pelos mais velhos, pois estes, já não podem levar os andores, e gostam de os ver a ir, temos de fazer esse papel, como eles nos transmitiram as tradições, nós devemos preservá-las, assim como eles se têm adaptado aos nossos tempos, nós também temos de respeitar o deles. As tradições não podem nem devem ser completamente apagadas porque fazem parte da história de alguém. Enquanto fizer sentido para alguém não deve ser apagado.

O nome NS da Saúde tem muito peso, é uma união entre as ciências da saúde e a religião, vê-se gente de todas as idades a pagar promessas, uma herança que trazem das pessoas mais velhas, eu vejo muitas pessoas a serem religiosas porque os pais são, cresceram na igreja, têm essa tradição. As pessoas cada vez menos se comportam de acordo com os ensinamentos da igreja, não vejo as pessoas a ser essas boas pessoas na prática.

A SS tem uma energia muito forte em Belide, sente-se o calor das pessoas, tenho receio que nós jovens a possamos descurar pela falta de responsabilidade pela fé e de fique só com a parte do arraial.

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

A força e a garra é para manter, o problema é que as coisas não dependem só de mim, porque se eu pudesse isto não era só aquilo que é, se desse fazíamos muito mais eventos no centro, as pessoas conviviam muito mais, as pessoas estão a desfalecer com o tempo, muitas vezes as pessoas não aparecem nos eventos, ou são sempre os mesmos, consegui já este ano chamar muita gente que já não aparecia há imenso tempo nestes eventos, mas ainda não é, nem metade aquilo que eu quero fazer. Se eu tiver companhia, pessoas com a mesma vontade que eu, tenho a certeza que esta garra e o nome desta terra são para manter.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: Beatriz da Silva Tavares

Data: 28/11/2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO XII

ENTREVISTA – ECF

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide é para mim é uma recordação… muito boa… mas também menos boa. A minha infância foi dura e a oportunidade que me deram, também não foi e isso me deixa triste. Queria estudar e estudei pouco. O amor à terra continua, a terra não tem nada a ver com isso, sou de Belide e com toda a honra! Hoje, Belide é como uma cidade pequena, antigamente era uma tristeza, carros de bois para cá e para lá, era gente com feixes de lenha às costas e à cabeça, o pau de ir aos cavacos, a vara de ir às pinhas, o ancinho de ir aos bicos, aquilo tudo, encontrava-se muita gente no mato, tudo nessas tarefas... a gente ia a Condeixa, e já se sentíamos mal, já éramos os tais, os coitadinhos da aldeia, a Coimbra, ainda mais, ninguém ia, eu só fui umas duas vezes antes de vir para o Brasil.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

Todos eles, mas principalmente a igreja. Tenho um amor imenso pela igreja, o meu pai era sacristão eu vivia lá, entrava e saía, minha mãe é que cuidava das roupas do padre, da limpeza da igreja, daquilo tudo, punha e tirava flores e eu andava lá, siri quitando o tempo todo, me criei ali. Quando fomos a Belide no verão, olhámos a igreja e todo aquele entalhado dourado do altar mor estava caindo, estava se acabando, eram só velhos que tomavam conta, não havia dinheiro… sei lá… O que é certo é que nós bancámos aquilo quase tudo e foi ótimo, ótimo, está linda, está lá.. bonita e preservada.

O buraco ao pé da SC era a cova, o parque de merendas que tem lá era uma cova com água e dava erva lameira, hoje ninguém semeia erva lameira, porque também não tem vacas para a comer. Dava erva lameira no inverno, na água e as rãs cantavam, elas cantavam a noite inteira. A capela foi construída no terreno que o meu avô deu, deu e os Baratas construíram, o terreno poderia dar que não lhe fazia falta, agora construir ele não tinha dinheiro para isso. O buraco encheram-no com a terra que foi tirada da Fonte do Bugalho, depois até a água da fonte ficou meio imprópria já não tinha mais aquele filtro, aquela coisa. A cova deixou de ser a cova e o pai do Américo tomava conta daquilo, se um tanque quebrava punha para lá, de outra coisa deixava de servir ia para lá, uhm, etc. era a lixeira dele, e eu falei para o Fernandes: Olha aqui, a gente não podia reclamar com o Ti Duarte, senão ia arrumar encrenca, mas a gente pode fazer diferente, pode doar para a Junta de Freguesia e foi assim que surgiu o parque, assim foi, doámos o terreno e está lá um lugar bonito, que dá gosto a gente ver.

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

A festa da SS, porque tem quem a mantenha, tem o seu povo que a organiza, se não tiver que cuide e prepare o ano inteiro não tem jeito. Da minha infância, ai tão lindo, a saia e a blusa que vestíamos no dia 5, ficava para o ano para vestir no dia 6, ficava guardadinha, a roupa do domingo era uma, a das festas era outra. A SS era uma coisa linda, eu via aqueles ranchos chegando, passavam a noite

ali em Belide debaixo de uma oliveira, aqueles ranchos com os harmónios, com os cestos à cabeça… e muitos tendeiros, os tendeiros também faziam parte da história, quando eu via a começar a montar as tendas eu ficava toda ouriçada. NSS sempre foi uma referência, as pessoas vinham fazer novenas, pagar promessas, vinham aqueles grandes grupos de moças, o sanfoneiro, uma com a cesta das broinhas à cabeça. Eu como era filha do sacristão ia abrir a porta da igreja e ganhava uma broinha e uma moeda.

Os meus pais criavam coelhos e galinhas, a minha mãe não gostava de galinha, a gente nunca comia galinha. Para o dia da festa matava-se um coelho, nós éramos só 3, não ia comprar cabra, não tinha dinheiro, fazia uma espécie de chanfana com o coelho, eu comia aquilo com o maior prazer, era muito gostoso. Comia-se as broitas que se compravam e comia-se arroz doce, mas era raro, não tínhamos açúcar, na época da guerra não havia açúcar. Mas na festa uma sopita melhor, um arroz de coelho ou mesmo o coelho assado com as batatas, nossa… era uma festa.

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

Todas elas têm um papel preponderante, se não fossem as associações, Belide era um zero à esquerda, sem jeito. Eu fico encantada, até mesmo com os motards eu fico encantada, o que fizeram agora no casamento da Ritinha, adorei, achei o máximo. Todas estas associações, cada uma no seu campo, fazem o máximo, todas trabalham em prol da aldeia, da freguesia, seja o que for, é em prol da comunidade.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: Elvira das Dores Fernandes

Data: 29 / 11 / 2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO XIII

ENTREVISTA – RO

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide é …para mim significa alguma coisa, sou presidente desta freguesia, a ligação até era mais ali a Casével, em termos de mocidade… Depois de assumir a junta, como tesoureiro, na equipa no Raul e da Helena, pois com certeza, o conhecimento com as pessoas, o convívio… Depois vim para carteiro, para Belide e estou-me a adaptar, adaptei-me às pessoas com certa facilidade, as pessoas também de adaptaram a mim e acho que tenho boa afinidade ao território. Assim como, há situações que as pessoas me pedem esclarecimento e tento dar o meu melhor, aquilo que eu sei, porque para além da minha vida de carteiro, também tenho os tratores e como ando por aí nas terras, sei… marcos, e outras situações que as pessoas precisam de saber onde é que fica uma rua, ou um terreno, tento dar a melhor explicação e normalmente é sempre com sucesso.

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Belide enquadra-se. Como? Muito bem… não estou a ver nada para não se enquadrar.

Qual o património material mais representativo da comunidade?

Pá, são todos eles, mas o que se destaca mais é a igreja, porque tem uma festa muito antiga, a festa de N. S. das Dores, não, não, da Saúde, desculpa. É pá, pronto, conheço Belide desde pequenino por causa das festas de NSS.

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

A festa de NSS, sem dúvida. Que memórias, tenho? - Olha vinha a pé do Sebal, não era muito longe, mas era criança. Vinha com os meus pais, com os meus vizinhos, trazíamos o lanche, por aqui comíamos e depois fazíamos o mesmo trajeto a pé outra vez para o Sebal, a tradição era sempre comprar um brinquedozito, havia cá muitas tendas, muitas tendas…

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

O papel… é um papel muito importante… então? Não é? Principalmente o Pódio das Recordações que representa Belide a nível nacional, até internacional. O associativismo, a parte da associação é mais local, as capacidades também são menores, a igreja também é importante, para além da parte religiosa tem também a da cultura, salvo erro.

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

Pois, as medidas salvaguardadas é uma pergunta que eu não te vou conseguir responder… Ah, os apoios é um dever da Junta dentro das possibilidades, ajudar esta entidades, elas sobrevivem com apoios e daí nós ajudarmos dentro das possibilidades do orçamento da junta.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: _____

Data: 29/11/2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

_____

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO XIV

ENTREVISTA – NMC

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide é um lugar de Condeixa que eu gosto bastante, tem algo que eu aprecio, é uma comunidade muito unida, apesar de ser um lugar muito pequeno, mas devido a isso também se contribui para essa união. Pessoas unidas que se dedicam à comunidade, têm várias atividades culturais e que prestigiam, ao fundo ao cabo, aquilo que deverão fazer as comunidades, que é não deixar morrer as tradições, manterem-se unidas, viverem em harmonia. Desde o Grupo Folclórico a outras atividades que fazem, é uma comunidade com vida e com dinâmica. É um lugar que eu gosto muito, pelas suas características, pelas casas, todo o seu património.

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Em Belide, o GF destaca-se, é um dos mais importantes, senão o mais importante do concelho, representações internacionais, uma dinâmica muito própria, tem atividades únicas, lembro-me daquela pós-graduação que organizaram e que se desenvolveu ali em torno do património, algo muito inovador e diferenciador e que teve muito bons resultados.

Belide tem condições para continuar, apesar de tudo isto que nós estamos a passar, fez com que algumas atividades cessassem, tem condições para o continuar a fazer com a mesma dinâmica. Há também um trabalho que deve continuar a ser feito com as pessoas mais jovens, que é continuar a motivar, será deles o futuro e a gente já sabe, que atualmente as pessoas que estão em Belide, organizam, participam e têm o sentimento da identidade do lugar, têm orgulho em ser de Belide. É importante que isso seja transmitido para a geração seguinte e que se mantenha esse percurso, porque isso será bom, não só para Belide, mas também para o concelho. É umas formas de evitar a desertificação.

Belide é um local que não se nota essa situação, essa saída, há outros lugares do município onde se nota a saída dos jovens, das pessoas no geral, muitas vezes aqui para o centro da vila, é um fenómeno que existe mas que Belide tem evitado que isso aconteça e isso consegue-se como? – Através da atividade cultural atividade associativa e aquele sentimento de pertença, que o tem, e que eu admiro e gosto bastante.

Belide em termos regionais tem um destaque grande, aí está, pelo seu grupo de folclore que lhe dá nome e que lhe dá destaque a si. O GF quando sai, e vai aqui ano distrito, na região, ou para fora, leva o nome de Belide, levando também o nome de Condeixa-a-Nova. Isso é bom, pois estamos a falar de uma comunidade com pouco mais de 200 pessoas é algo importantíssimo, algo distintivo, por isso é que eu digo que tem uma marca identitária forte, o grupo folclórico sai, um terço da população vai também… tem essa excelente caraterística. Há lugares maiores e bem maiores que não têm essa dinâmica tão forte. Belide tem essa forte dinâmica cultural ligada à tradição, é importante nós darmos novos passos em frente em temos culturais, novas formas de cultura, mas nunca se pode esquecer e nunca deixar de acarinhar a tradição e uma delas é o folclore

Qual o património material mais representativo da comunidade?

O palácio oitocentista dos Barata Tovar, é uma referência em termos locais, uma pena estar em ruína, vamos tentar em conjunto com a Junta de Freguesia, perceber o que se poderá ali fazer. Também a igreja e o cruzeiro, que são símbolos que ao fim e ao cabo são marcas da identidade do lugar, não há um representativo, mas sim um conjunto, são construções edificadas que distinguem o lugar

Qual o património imaterial mais representativo da comunidade?

As tradições folclóricas em Belide fazem com que aquela comunidade se projete, de Belide para o mundo. O folclore dá mundo à comunidade de Belide, é a aposta certa sem esquecermos a parte do associativismo, a parte da população mais idosa e cativar os jovens para continuarem esta trabalho em torno das tradições e a manterem-se a viver em Belide. Belide tem uma localização geográfica que também é boa, um local de transição e ligação a outros concelhos, com boas vias rodoviárias. Isto também ajuda e essa fixação e a esse crescimento

Se há bocado se dizia que quando o grupo folclórico saía, saía um terço da população de Belide, no caso da romaria da SS que capta gente do concelho e de toda a região, estes dias que ocupa toda a população de Belide, dá também para vocês evidenciarem a vossa identidade, os vossos saberes, a promoção dos produtos endógenos. Para nós algo muito importante, uma marca ligada à tradição, claro está, a câmara tem marcado presença e colabora sempre que há solicitação para isso

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

Todos os organismos locais se interessam e têm como objetivos estatuários a preservação e a

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

Não há uma rúbrica específica para o património cultural, mas há apoios, apoio ao grupo folclórico, à PG em património… tudo quanto tem sido solicitado.

Os CD's foram uma mais valia, bastante importante. Uma tónica da Câmara Municipal é deixar registo do que é feito, do que são as tradições, uma transição para as novas gerações, é importante que assim seja, há muita coisa que infelizmente se perdeu no tempo. Aqui é o preservar de algo que é a tradição.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: _____

Data: 30 / 11 / 2021

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

_____

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO XV

ENTREVISTA – MJN

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

O que é para si Belide?

Belide pelo que conheço é uma comunidade rural. Assim, é um conjunto de pessoas e de circunstâncias que trabalham, vivem e usufruem de um determinado espaço situado num espaço não urbano e, portanto, aqui o conceito é se anda ao contrário de urbano, é rural.

É um pouco esta filosofia. Se bem que a temática da ruralidade se aplica não só ao meio agrícola, mas também às comunidades piscatórias, ou seja, tudo a aquilo que é considerado como ligação ao setor primário.

Àquilo que se usufrui mais diretamente daquilo que a natureza produz. É este o meu conceito sobre as comunidades rurais que se aplica não só ao espaço florestal e agrícola, mas também aos espaços ribeirinhos como comunidades piscatórias, etc.

Como acha que Belide se enquadra no contexto concelhio, distrital, regional?

Belide é uma freguesia de Condeixa, integrada nas Terras de Sicó. O território de Sicó tem um problema e tem, ao mesmo tempo, uma potencialidade. O que é que eu vou referir? O estar perto de uma pequena metrópole que por acaso não é de uma, são de duas ou três, porque o equilíbrio do território Sicó é feito entre a atração empresarial e industrial do eixo com Leiria-Pombal, e também com a prestação de serviços que é o principal setor administrativo ligado à administração pública central, à saúde e à educação, cuja atração de facto está em Coimbra e é entre estes dois polos de atração que vai progredindo.

O território de Sicó e aquilo que são as suas comunidades rurais, em termos de conjunto de aldeias, em paróquia, em comunidades sociais com raízes familiares muito profundas, que faz com que muitas vezes estas aldeias sejam um conjunto alargado de famílias. Acho que são pessoas com uma ambiência e com raiz do ponto de vista da ligação à terra muito, muito forte.

De facto, há uma desvirtuação daquilo que seria no início do século XX, que depois sofreu com os grandes fluxos migratórios, quer para o Brasil, quer para as Américas ali nos finais do século XIX, inícios do século XX. Depois na década de sessenta, fortemente com a emigração para os países da Europa. Hoje em dia, esses fluxos migratórios estão um pouco mais estanques. São feitos para outros locais: Lisboa.

Lisboa cada vez mais perto em tempo, sempre que se mantém a distância em termos métricos, mas faz com que haja aqui uma alteração nas dinâmicas e começa a haver uma fixação de pessoas, normalmente os mais jovens e os mais qualificados. Como eu estava a dizer para os polos de atratividade que são Pombal-Leiria, para as indústrias e para os serviços e para a administração pública para Coimbra. Isso cria alterações que vão sendo cada vez mais profundas, nomeadamente no âmbito da paisagem e do uso do território, o que tem depois consequências a nível cultural. Mas

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

porquê? Umas das características do território de Sicó, daquilo que é a sua parte o maciço calcário, por exemplo, tem a ver com a pastorícia, com o uso intensivo e a presença dos animais que ajudam a identificar esta comunidade e que tem tido um despovoamento do ponto de vista daquilo que é por exemplo os pequenos alimentos. Os terrenos de ovelhas e cabras, quer sejam pequenos, quer sejam grandes, uma diminuição na ordem dos 90% nos últimos 30 anos, o que é significativo para a paisagem e para os usos e costumes.

Por outro lado a parte mais baixa do território de Sicó e aqui sim inclui grande parte do concelho de Condeixa, também uma parte significativa do concelho de Soure e do concelho de Pombal, o território de Sicó virá para uma agricultura mais de campo, para os cereais, para o arroz, para as hortícolas, têm sofrido também essa mutação pela perca significativa de mão de obra e com as exigências da rentabilidade económica da agricultura que hoje são completamente diferentes daquilo que era no início do século passado.

Como tal, muito pouca gente está a trabalhar a agricultura do ponto de vista empresarial, há uma diferenciação enorme daquilo que são os empresários agrícolas de hoje e os empresários agrícolas de há 50 anos atrás e, portanto, existe hoje uma presença importante do ponto de vista económico da agricultura, feita para funções mais específicas o que se traduz numa alteração da paisagem. Diga eu que até vendo o ponto de vista positivo porque traz uma aproximação muito grande entre a rentabilidade do muito rural e aquilo que é a sua sustentabilidade do ponto de vista económico.

Altera do ponto de vista social estas comunidades rurais, cada uma vai tendo particularidades muitos fortes. Umas mantêm características por opção dos seus residentes ligadas ao sossego, ligadas à qualidade de vida ambiental, mas também suscetível por não terem infraestruturas tecnológicas, ou seja, ter bons acessos aos meios tecnológicos das telecomunicações, de terem falhas no abastecimento de água ou de ainda não terem saneamento básico, mas são opções de vida, e outras que já têm mesmo sendo comunidades rurais, nomeadamente as de baixo, as partes mais baixas das terras de Sicó, nomeadamente as que eu acabei de referir: grande parte do concelho Condeixa, grande parte do concelho de Soure e grande parte do concelho de Pombal onde esta ruralidade já tem acesso a melhores vias de comunicação, fácil acesso a Coimbra, Figueira ou Pombal.

O acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, acesso a redes de água e saneamento de acordo com os atuais padrões de exigência e, portanto, estamos a falar de pessoas com uma qualidade de vida com outro. Não com melhor qualidade de vida, isso são fatores que têm de ser determinados com um conjunto mais alargado de fatores, mas com acesso a mais meios e acesso até por ventura, a mais rendimento do ponto de vista da agricultura porque a sua facilidade de mobilidade e acessos, permite-lhe obter outro tipo de rendimentos *per capita,* para puderem usufruir da sua vida.

Qual o património material e imaterial mais representativo da comunidade?

O património e a identidade das comunidades rurais é uma ligação muito forte porque mesmo quando se tem uma origem diferente daquela onde estamos a viver, costuma-se dizer num ditado popular transversal ao nosso mundo ocidental que é: "*Em Roma se é romano*", não é? Portanto a facilidade com que os cidadãos devem ter numa determinada aculturalidade, ou seja, para onde vamos viver rapidamente nos vamos identificar com o património.

Isso passa-se o mesmo com a nossa diáspora, portanto quando estão no estrangeiro começam por também se integrar facilmente com as comunidades para onde vão viver e aqui a mesma coisa. Das duas uma e isso existe no nosso território de Sicó: há uma percentagem enorme que eu não me atrevo a quantificar se será 80 ou 90 %, em termos de quantidade, mas é uma percentagem significativa das pessoas que cá vivem estão perfeitamente identificadas com aquilo que é a história, que é o património cultural, material ou imaterial das comunidades onde estão inseridas.

Seja do ponto de vista dos usos e costumes, que se foram criando e sustentando pela atividade económica, pelo tipo de produção, pelo tipo de rendimentos das famílias, pelas artes, pelos ofícios dos familiares, dos amigos, ao fim ao cabo da comunidade e isso está muito enraizado significativamente em tudo aquilo que são as comunidades rurais, sejam elas mais perto de Condeixa, sejam elas mais afastadas do ponto mais afastado da urbanidade que possa existir no território Terras de Sicó. Isso está fortemente enraizado.

Depois ainda há, nos restantes habitantes, nas restantes famílias um outro pormenor interessante: uma percentagem desse resto, uma percentagem ainda significativa daqueles que se facilmente adotaram a essa culturalidade, e, portanto, adotaram o espírito que existe nas artes, nos ofícios, na maneira de ser, na maneira de viver, na maneira de estar. Isso está refletido no funcionamento das paróquias, está refletido em todos os movimentos culturais ligados à etnografia, está refletido nos museus etnográficos que existem na região, está refletido no associativismo, muito refletido no associativismo, nas associações de recreio que existem centenas no território; está refletido no comportamento autárquico das próprias juntas de freguesia e diria eu até naquilo que depois é o entendimento mais global dos municípios e nesta associação de municípios que é a Terra de Sicó.

Portanto aqui existe uma cadeia muito cimentada de grande assimilação daquilo que é a história da região, e por isso tem sucesso alguns contributos e alguns fatores que se pretendam que sejam fatores de desenvolvimento e afirmação cultural e da identidade da região que é comer por exemplo os produtos endógenos mais carismáticos.

O caso do queijo na zona serrana; o caso do uso dos animais nos campos dominantes para a gastronomia, o caso do cabrito que Condeixa potencializa muito bem mas também Sicó; o caso da chanfana que é através também da carne de cabra, na nossa região; o caso do arroz que tem características, na parte mais baixa o arroz carolino, quer no concelho de Soure, um pouco o concelho de Condeixa e um bocadinho também no concelho de Pombal e, principalmente no concelho Soure, fator importante com certificação de denominação de origem protegida. O caso do azeite que tem uma importância fundamental na região, a cultura do azeite que tem muito de

conhecimento ancestral, desde a produção da oliveira há quatro/cinco mil anos atrás, no nosso território e, portanto, tudo isso tem uma ligação muito própria.

Depois tudo aquilo que existe em termos da parte da cultura musical, das danças, etc… , têm raízes muito profundas e que se identificam muito com aquilo que é feito há centenas de anos no território e como eu dizia podemos afirmar perentoriamente que existe uma perfeita identidade cultural nas comunidades rurais com aquilo que é a história e património social.

O associativismo local (Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica), tem um papel importante na salvaguarda do património cultural em Belide? Porquê?

Sim, claro o associativismo tem um papel importante, nós até costumamos dizer comparando a um parsismo político, um parenteses dentro de outro parêntese pode não aproveitar para o seu trabalho, mas é só para trocarmos esta impressão. Isto é, um chavão que é dito nas técnicas dinâmicas nacionais que deve dar mais competências ao poder local porque ele é o que está mais perto da população e sabe identificar claramente as necessidades e tem um efeito multiplicador do ponto de vista da aplicação dos recursos públicos , que sendo mais próximo eles não se perdem na cadeia hierárquica de decisão.

Eu diria que abaixo da Junta de Freguesia, ainda estão, que é equivalente às paróquias, são este conceito de Freguesia na Europa, portanto há esta subdivisão ainda do poder local em freguesia, que surgiu com a necessidade de criar um equivalente à paróquia para definir, dividir o poder da igreja do poder civil. Mas abaixo da Freguesia, depois ainda há a capelania, que é um outro conceito que nós ainda temos, porque dentro da mesma freguesia neste parenteses o são Pedro é o São Pedro, o Cimeiro é o Cimeiro e o Figueiró é o Figueiró e Rabeiro da Mata é o Rabeiro da Mata e gira tudo um pouco à volta da Capela.

Hoje também com um pensamento mais livre do ponto de vista religioso, as pessoas muitas delas podem divergir na religião e não estar tão encostados ao poder da igreja na Capela, mas estão na associação local. Há de reparar que há sempre uma associação local, que acaba por ter identidade de cada uma destas aldeias e isso é transversal em todo o território de Sicó, não é transversal só para Soure, Condeixa ou nos sítios mais urbanos ou com maior acesso á informação.

O associativismo ainda está mais próximo e é frequente vermos associações genéricas nas zonas rurais de cultura de desportos e tempos livres, é assim que elas se encaixam no código civil, assumirem funções cívicas e funções de cidadania e de intervenção na comunidade, é muito frequente. Não conheço bem o caso de Belide, eu de Belide conheço aquilo que são as festas da Nossa Senhora da Saúde que é um elemento agregador de Belide, ou seja, identifica uma tradição, identifica um conjunto de situações que leva a ter, quer os Belidenses presentes quer os que estão na viagem para ter ali uma identidade muito forte e que tudo pode mover se á volta disto. Não conheço as associações de Belide, penso que tem um grupo de Folclore e portanto é fácil encontrar , não sei no caso de Belide isto acontece , mas em comunidades muito parecidas com a de Belide

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

existem várias onde a associação local , alem de ter o grupo folclore e ter outras valências de dança, etc, animação, tempos livres, organização de passeios, várias coisas e também faz intervenção comunitária.

Costuma em situações de crise profunda, como aquela que passámos no inicio desta pandemia com algumas pessoas a fazer intervenção sociocaridativa ,uma primeira intervenção em que alguém está a precisar de medicamento ou de um cabaz de compras ou etc , faz intervenção no espaço público , parceiro quer da junta de freguesia quer do município e isto acontece em muitos sítios, ou seja, há muitas coletividades o tal chamado movimento associativo que funciona ate no seguimento de uma dinâmica que Portugal teve logo a seguir ao 25 de Abril, chamado Comissões de Melhoramento e que existe também no espaço urbano que as comissões de vizinhança e com as comissões de vizinhos.

Já que está a fazer um doutoramento em Santiago de Compostela, os espanhóis têm muito isto das associações vizinhas que tratam dos caminhos vicinais , tratam do seu condomínio de aldeias onde já começa a haver aqui uma linguagem transporte para o nosso ornamento jurídico em termos de alguns, chamados condomínios da aldeia, que são conceitos que não são nossos , mas na prática foram, porque a seguir ao 25 de Abril com a necessidade de desenvolvimento e com aquilo que foi criado com a liberdade, a oportunidade de chegarmos de Portugal sem infra estruturas correu muito estas figuras, das associações de vizinhos dos chamados condições de empoderamento local.

Do ponto de vista jurídico até há situações inorgânicas, ou seja, não estavam estruturadas do ponto de vista jurídico, as que beneficiavam como instituições do ponto de vista informal. Isso hoje, é um aspeto que se vai perdendo, o conceito do condomínio da aldeia está neste momento a ressurgir, o mecanismo fundamental está a financiar algumas aldeias como nomeadamente, aquilo que em tempos em que a malta ia segura, para criar mecanismos de proteção aos incêndios por exemplo, mecanismos de proteção civil, mecanismos de animação, mecanismos de proteção de espécies, que devem ser protegidas no caso do carvalho, do pinheiro manso, azinheiras, etc.… e dos sobreiros. Isto, vem potencializar essa forma de dar importância ao associativismo, que tem aqui um poder muito lacto, lembro que uma das formas associativas que Portugal tinha até há bem pouco tempo, ainda a seguir ao 25 de Abril, mas que vem antes do 25 de Abril era o mutualismo informal.

As associações mútuas da aldeia serviam nomeadamente para segurar o gado que os chamados compromissos , enquanto os proprietários tinham vacas de trabalho, portanto os animais, vacas, burros, cavalos, éguas, machos, muitas vezes se quotizavam e pagavam uma quota mensal ou em dinheiro ou algo do género para esse compromisso que não era mais do que um serviço de mutualismo que existia nessas comunidades. Isso hoje não existe por questões legais, mas o associativismo tem essa raiz nas nossas aldeias e, portanto, aquilo que assistimos é uma transferência de todos esses conhecimentos e saberes e espírito mutualista e de formas de condomínio para hoje para uma nova linguagem, que é criar as comunidades, que hoje fala se que o que vem aí vem com outros conceitos, comunidades de energia renovável, por exemplo, é um conceito que vai entrar na transição energética na qual chamada problemas de transição climática

que nós vamos ter que aprofundar, ou temos de possivelmente um dia destes, vamos ver em determinado tipo de aldeias a instalação de painéis solares , além de servirem cada um de forma individual como ainda hoje ta aberto, poderem vir a servir a comunidade no seu conjunto , havendo uma gestão dessa forma associativa."

No exercício das suas funções profissionais / associativas / políticas que medidas implementa/ou para a salvaguarda do património cultural local?

Para salvaguardar o Património Cultural nesta área geográfica, nós temos tido uma preocupação, que tem a ver com a gestão da paisagem e por isso, estamos a trabalhar num projeto de fundo, não para todo o território, mas para a parte do maciço calcário para criar a área de paisagem que todos dizem, Serra de Sicó.

É um instrumento estruturante, que precisa de decisões políticas muito determinadas, está numa fase final de apreciação e irá espero eu durante o ano de 2022, é esse o meu objetivo ate passar a liderança das terras de Sicó a outro colega, e, portanto, é nossa ambição terminar este processo, entretanto, penso que ele já tem um estado de maturação suficiente para serem tomadas principais decisões, terá constrangimentos ao funcionamento do dia-a-dia na sua área geográfica , terá preciso por tudo aquilo onde se impõe as regras de gestão, obviamente que há locais que vai ficar limitado nos seus direitos.

Há um direito maior, que é o direito que eu acho que a comunidade presente e a do futuro têm, que é a de manter aqui uma certa identidade e de salvaguardar aquilo que são os aspetos naturais e que nos pertenciam também como na área do turismo, uma área de ecologia, uma área da sustentabilidade do Património Natural, principalmente interagindo com o Património Cultural.

Esta é a minha principal ambição e neste momento o principal projeto Terras de Sicó, além de estarmos a trabalhar na articulação com outras instituições, naquilo que são as áreas integradas na paisagem, ligadas mais ao movimento ambiental, portanto ao uso do espaço florestal, do espaço rural, associados aos condomínios da aldeia que sãos os micro intervenções. Há intervenção no espaço cultural, portanto um protocolo com a faculdade, com a Universidade de Coimbra, através do departamento de arquitetura para fazer estudo daquilo que nós estamos a tentar desenvolver como a rede das aldeias de calcário e que estamos a fazer investigação e estudos em aldeias do maciço calcário para também preservar a sua identidade do património construído e também criar condições para potencializar a utilização desse património nomeadamente, por novos residentes e/ou visitantes ao dar lhe rentabilidade económica desse património.

Depois, tem uma outra componente muito forte que é o desenvolvimento, o apoio e a interligação com o Ministério da Agricultura e com aquilo que é a abordagem LIEDER para o desenvolvimento da agricultura e para o desenvolvimento das empresas agrícolas e instalação de empresas agrícolas, porque isso é uma forma de continuar presente no território e manter a relação entre residente, proprietário e a rentabilidade económica do património natural.

CONSENTIMENTO INFORMADO

Apresentação do investigador: Bruno José Ferreira Mendes, doutorando em Estudos Culturais: especialidade em memória, território e património na Escola de Doutoramento Internacional da Universidade de Santiago de Compostela, com a dissertação: ***Belide: a terra e as gentes – território, património, memória e identidade.***

Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de avaliar a ação dos atores locais e do poder público no processo de patrimonialização e territorialização da comunidade.

Autorização: Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando o uso da minha imagem, o som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotografias, documentos e objetos por mim apresentados, no seu todo ou em parte, em documentos de investigação/divulgação que venham a ser produzidas pelo investigador. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em suportes impressos como digitais.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relativos à minha imagem ou som da minha voz, ou qualquer outro.

Assinatura: _____

Data: 09/09/2022

Obrigado pela sua colaboração,

O investigador responsável:

_____

(Bruno José Ferreira Mendes)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO XVI

ESTATUTOS PRAEF

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA



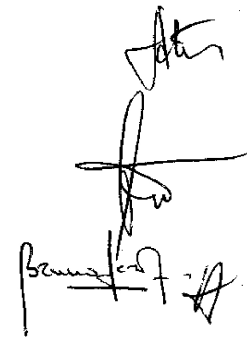
ESCRITURA PÚBLICA

CONSTITUIÇÃO DE ASSOCIAÇÃO * 21.08.2013

CONSERVATÓRIA DA FIGUEIRA DA FOZ

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Constituição de Associação



Primeiro: ÁLVARO FERREIRA DOS SANTOS MONTEIRO, casado, natural da freguesia de Belide, concelho de Condeixa-a-Nova, residente em Rua da Eira Velha, Número 6, Belide, Condeixa-a-Nova, contribuinte nº 132394790.

Segundo: NUNO DOS SANTOS SIMÕES, casado, natural da freguesia de Ega, concelho de Condeixa-a-Nova, residente em Rua Nossa Senhora da Saúde, Número 9, Belide, Condeixa-a-Nova, contribuinte nº 138487740.

Terceiro: BRUNO JOSÉ FERREIRA MENDES, casado, natural da freguesia de Coimbra (Sé Nova), concelho de Coimbra, residente em Rua da Malaposta, Número 51, 3º F, Leiria, contribuinte nº 238590224.

Que constituem uma Associação que se regerá pelo disposto nos artigos seguintes:

Artigo 1.º
Denominação, sede e duração

1. A associação, sem fins lucrativos, adopta a denominação PÓDIO DE RECORDAÇÕES - ASSOCIAÇÃO , e tem a sede na Rua Nossa Senhora da Saúde, Número 9, Belide , freguesia de Belide , concelho de Condeixa-a-Nova e constitui-se por tempo indeterminado.
2. A associação tem o número de pessoa colectiva 510655726 e o número de identificação na segurança social 25106557266.

Artigo 2.º
Fim

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A associação tem como fim promoção e divulgação da cultura tradicional da região do Baixo Mondego.

Artigo 3.º
Receitas

Constituem receitas da associação, designadamente:

a) a jóia inicial paga pelos sócios;

b) o produto das quotizações fixadas pela assembleia geral;

c) os rendimentos dos bens próprios da associação e as receitas das actividades sociais;

d) as liberalidades aceites pela associação;

e) os subsídios que lhe sejam atribuídos.

Artigo 4.º
Órgãos

1. São órgãos da associação a assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal.

2. O mandato dos titulares dos órgãos sociais é de 3 ano(s).

Artigo 5.º
Assembleia geral

1. A assembleia geral é constituída por todos os associados no pleno gozo dos seus direitos.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2. A competência da assembleia geral e a forma do seu funcionamento são os estabelecidos no Código Civil, designadamente no artigo 170º, e nos artigos 172º a 179º.

3. A mesa da assembleia geral é composta por três associados, um presidente e dois secretários, competindo-lhes dirigir as reuniões da assembleia e lavrar as respectivas actas.

Artigo 6.º
Direcção

1. A direcção, eleita em assembleia geral, é composta por 3 associados.

2. À direcção compete a gerência social, administrativa e financeira da associação, representar a associação em juízo e fora dele.

3. A forma do seu funcionamento é a estabelecida no artigo 171º do Código Civil.

4. A associação obriga-se com a intervenção de 3 diretores.

Artigo 7.º
Conselho Fiscal

1. O conselho fiscal, eleito em assembleia geral, é composto por 3 associados.

2. Ao conselho fiscal compete fiscalizar os actos administrativos e financeiros da direcção, fiscalizar as suas contas e relatórios, e dar parecer sobre os actos que impliquem aumento das despesas ou diminuição das receitas.

3. A forma do seu funcionamento é a estabelecida no artigo 171º do Código Civil.

Artigo 8.º

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Admissão e exclusão

As condições de admissão e exclusão dos associados, suas categorias, direitos e obrigações, constarão de regulamento a aprovar pela assembleia geral.

Artigo 9.º

Extinção. Destino dos bens.

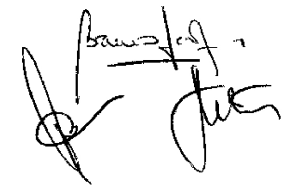
Extinta a associação, o destino dos bens que integrarem o património social, que não estejam afectados a fim determinado e que não lhe tenham sido doados ou deixados com algum encargo, será objecto de deliberação dos associados.

Os associados declaram ter sido informados de que devem proceder à entrega da declaração de início de actividade para efeitos fiscais, no prazo legal de 90 dias.

Aos 21 dias do mês de Agosto de 2013

Reconheço as assinaturas supra de NUNO DOS SANTOS SIMÕES, ÁLVARO FERREIRA DOS SANTOS MONTEIRO e BRUNO JOSÉ FERREIRA MENDES, feitas na minha presença pelos próprios, pessoas cuja identidade verifiquei, respetivamente, pelo Bilhete de Identidade nº 8225692, de 07-09-2005, emitido pelos SIC de Coimbra, e pelos Cartões de Cidadão nºs 04362846 0 ZZ2, válido até 02-02-2014 e 12992190 4 ZZ0, válido até 24-01-2017, emitidos pela República Portuguesa.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Conservatória do Registo Comercial da Figueira da Foz, 21 de agosto de 2013

A Conservadora, _____

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



ESCRITURA PÚBLICA

ALTERAÇÃO ESTATUÁRIA * 28.04.2016

CARTÓRIO NOTARIAL DE CONDEIXA

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CARTÓRIO NOTARIAL EM CONDEIXA-A-NOVA

Praça do Município – Centro Cívico – 1º Andar – Sala 8

3150-124 – CONDEIXA-A-NOVA

- 239 948 410 Fax – 239 948 408

****

Notária

Maria Dulce Gonçalves Póvoa

C.F. 183.617.436

C E R T I F I C O:

Um: **Que a fotocópia anexa está conforme o original.** ----------

Dois: **Que foi extraída neste CARTÓRIO da escritura exarada de folhas CATORZE a folhas QUINZE do LIVRO DE NOTAS PARA ESCRITURAS DIVERSAS NÚMERO CENTO E OITO e respetivo documento complementar.** ----------

Três: **Que ocupa QUINZE folhas numeradas, rubricadas por mim, tendo aposto em todas elas o Selo Branco deste Cartório.** ----------

Condeixa-a-Nova, vinte e oito de abril de dois mil e dezasseis. ---------

A colaboradora,

Autorizada pela Notária, Maria Dulce Gonçalves Póvoa

Marta Susana Machado da Silva Cruz

(Nº de inscrição 120/6 – Autorização publicada no site da Ordem dos Notários em 11/01/2016)

Conta registada sob o nº FAC 2.403.001.2016

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CARTÓRIO NOTARIAL EM CONDEIXA-A-NOVA
Livro 108
Fls. 14

---------- **ALTERAÇÃO DE ESTATUTOS** ----------

------ No dia vinte e oito de abril de dois mil e dezasseis, no Cartório Notarial em Condeixa-a-Nova, da notária Maria Dulce Gonçalves Póvoa, perante mim, Celeste Maria Rainho de Jesus Pita, notária com Cartório em Soure, nomeada, por impedimento, pela notária titular deste Cartório, nos termos do nº 1 do artº 9 do Estatuto do Notariado, compareceram: ----------

------ **a) NUNO DOS SANTOS SIMÕES,** casado, natural da freguesia da Ega, concelho de Condeixa-a-Nova, residente na Rua Nossa Senhora da Saúde, nº 9, lugar de Belide, União das Freguesias de Sebal e Belide, concelho de Condeixa-a-Nova; ----------

----- **b) BRUNO JOSÉ FERREIRA MENDES**, casado, natural da freguesia de Coimbra (Sé Nova), concelho de Coimbra, residente na Rua da Malaposta, nº 51, 3º F, na cidade de Leiria, União das Freguesias de Leiria e Cortes e Barreira, concelho de Leiria; e; --------

------- **c) ÁLVARO FERREIRA DOS SANTOS MONTEIRO**, casado, natural da freguesia de Belide, concelho de Condeixa-a-Nova, residente na Rua da Eira Velha, nº 6, no mencionado lugar de Belide; ------ que outorgam na qualidade de únicos membros da Direcção e em representação da associação: ----------

------ "**PÓDIO DE RECORDAÇÕES - ASSOCIAÇÃO**", **NIPC 510.655.726**, com sede na Rua Nossa Senhora da Saúde, nº 9, lugar de Belide, União das Freguesias de Sebal e Belide, concelho de Condeixa-a-Nova, constituída por documento lavrado na Conservatória do Registo Comercial da Figueira da Foz, em vinte e

25

Mod 2-1 Esc. Div. A4 - A. J. Sá Pinto & Filhos - Viseu

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

um de agosto de dois mil e treze, do qual se arquiva respetiva certidão.----------

------ Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos cartões de cidadão nºs 08225692 6 ZZ9, 12992190 4 ZZ0 e 04362846 0 ZY4 e a sua qualidade e poderes pelas deliberações tomadas nas Assembleias-Gerais realizadas em vinte e cinco de agosto de dois mil e treze e em catorze de novembro de dois mil e quinze, bem como pelo auto de tomada de posse de vinte e cinco de agosto de dois mil e treze, dos quais se arquivam públicas-formas das respetivas atas. ------

------ **E DISSERAM**: ----------

------ Que, dando cumprimento à deliberação tomada na referida Assembleia-Geral realizada em catorze de novembro de dois mil e quinze, **ALTERAM NA TOTALIDADE** os Estatutos da referida Associação, que passam a ter a redação constante do documento complementar, o qual faz parte integrante da presente escritura, elaborado em conformidade com o disposto no nº 2 do atº 64 do Código do Notariado, cujo conteúdo tem perfeito conhecimento, pelo que é dispensada a leitura do mesmo. ----------

------ Verifiquei pela consulta efetuada no portal da empresa, através do código de acesso 7436-4883-0047, pelas quinze horas e quarenta e seis minutos, que foi emitido em 01.02.2016, pelo Registo Nacional de Pessoas Coletivas o Certificado de Admissibilidade de Firma ou Denominação, para efeitos da presente alteração. ----------

------ **ASSIM O OUTORGARAM**. ----------

25 ------ Esta escritura foi lida aoS outorganteS e explicado o seu

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CARTÓRIO NOTARIAL
EM
CONDEIXA-A-NOVA
Livro 108
Fls. 15

Fls 3

conteúdo.

Nada mais.

Álvaro Ferreira dos Santos Martins.

A Notária,

Celeste Maria Patrício de Sousa Pitz

Conta registada sob o nº. FACS-403-001-2016

Mod 2-1 Esc. Div. A4 - A. J. Sá Pinto & Filhos - Viseu

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

108 14

Documento complementar elaborado nos termos do artº 64 do Código do Notariado, que instrui a escritura iniciada a folhas **catorze** do Livro de notas **cento e oito**, do Cartório Notarial sito em Condeixa-a-Nova, a cargo da Notária Maria Dulce Gonçalves Póvoa. ----------

ESTATUTOS

CAPÍTULO I

Constituição, denominação, natureza, âmbito, fins e sede

Artigo 1.º

O **Pódio de Recordações - Associação Etno-Folclórica (PRAEF)**, adiante denominada apenas por **PRAEF**, é um organismo de direito privado, sem fins lucrativos, regida pelas disposições legais e, em especial, pelos presentes estatutos.---

Artigo 2.º

1. O PRAEF é uma instituição com personalidade jurídica, criada em 21 de Agosto de 2013, na Conservatória do Registo Comercial da Figueira da Foz, constituída por tempo indeterminado, titular do **Documento de Identificação de Pessoa Colectiva n.º 510 655 726**, **Segurança Social n.º 251 065 572 66**, não preconiza qualquer ideologia política, religiosa e sindical, que se alvitra na cooperação local, nacional e internacional com os seus congéneres, ou entidades afins. ----------

2. O PRAEF dá o seu contributo no desenvolvimento de diversas políticas culturais, educativas, desportivas e sociais que promovam enriquecimento e formação pessoal dos seus associados, a ocupação do tempo livre, a qualidade de vida, os seus direitos individuais e sociais, qualquer que seja a sua condição, etnia, cultura ou nacionalidade. ----------

3. O PRAEF desenvolve a sua acção em estreita relação com outras instituições e organismos de carácter cultural, educativo, desportivo e social que intervenham de forma directa ou indirecta, junto da comunidade. ----------

Artigo 3.º

1. O PRAEF tem por objetivo principal a salvaguarda do património e cultura tradicional e popular da região geográfica onde está inserido, no âmbito de uma política de proximidade, assim como: ----------

a) A actividade ininterrupta do **Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide**, o qual é por si tutelado, nos parâmetros: técnico, artístico, administrativo e financeiro. ----------

b) Inventariar, salvaguardar e divulgar o **Património Cultural Tradicional e Popular** da sua região, em actividades formativas (contínuas, complementares e/ou pós-

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

graduadas), em colaboração com outras instituições de ensino superior devidamente certificadas. ----------

c) Fomentar actividades culturais, de aprendizagem, desenvolvimento lúdico, direccionadas aos seus associados, numa perspectiva intergeracional (crianças, jovens, adultos e seniores). ----------

d) Promover, apoiar e participar em cursos ou outras acções de formação ou reciclagem, susceptíveis de contribuir para o incremento dos conhecimentos dos seus associados e familiares directos, autonomamente ou em protocolo com outras entidades formativas. ----------

e) Promoção, aprofundamento e divulgação da cultura tradicional e popular do Baixo Mondego Litoral, com especial ênfase para o Vale do Rio dos Mouros, onde as **Gentes da Freguesia de Belide e a Romaria à Senhora da Saúde,** assumem o papel matricial.----------

2. Pretende ainda: ----------

a) Fomentar a prática de diversas modalidades de desporto, como princípio de qualidade de vida e de bem-estar entre os seus associados e familiares directos. -------

b) Recolher apoios de natureza diversa e canalizá-los para iniciativas admitidas como convenientes nos domínios atrás enunciados, destinados nomeadamente a: ----------

c) Apoiar a integração social e comunitária; ----------

d) Proteger os cidadãos vulneráveis nas situações de falta ou diminuição de meios de subsistência, de capacidade para o trabalho ou de autonomia; ----------

e) Educar e formar socialmente, ética e culturalmente os seus associados e familiares directos; ----------

f) Cooperar com outros organismos e/ou entidades oficiais em que tudo for de interesse para o PRAEF, e para os demais fins que a associação prossegue; ----------

---------- **Artigo 4.º** ----------

Para a prossecução dos seus objectivos, o PREF diligenciará pela existência de: -------

a) Reuniões e debates sobre matérias da actualidade, visando antecipar ou diagnosticar problemas e contribuir para a sua resolução imediata ou prevenção; -------

b) Unidades ou projectos de referência que contribuam para a promoção geral da qualidade de vida, educação, cultura, desporto e solidariedade social, tendo em consideração o seu bem-estar material e espiritual; ----------

c) Comissões que estudem, avaliem e difundam as suas conclusões, bem como executem os trabalhos propostos pela PRAEF, para a promoção da cultura tradicional e popular; ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

d) Celebração de convenções ou de protocolos de acordo com departamentos governamentais, com autarquias e organizações não governamentais; ----------

e) Atribuição de verbas ou subsídios para o desenvolvimento dos seus objectivos; -----

2. O PRAEF promoverá: ----------

a) A organização de pelo menos um encontro anual para o estabelecimento de directivas gerais; ----------

b) A realização de cursos de formação e pós-graduação, em colaboração com instituições de ensino superior devidamente certificadas, divulgando referências e directrizes; ----------

c) Outras formas que sirvam de divulgação a informações de referência, nomeadamente a implementação de estudos de carácter cultural, bem como a edição de publicações relevantes; ----------

d) Serviços de apoio à comunidade no âmbito dos seus estudos e directivas; ----------

e) O trabalho de comissões científicas que deverão funcionar em torno das matérias consideradas de interesse; ----------

f) Organização anual no mês de Setembro, o FESTIBELIDE – Festival Internacional de Folclore da Freguesia de Belide; ----------

g) Organização anual no mês de Dezembro, o Encontro de Cantares do Ciclo Natalício (do Advento aos Reis); ----------

h) Outras actividades não consideradas nas alíneas precedentes, que visem contribuírem para os objectivos do PRAEF; ----------

---------- **Artigo 5.º** ----------

O PRAEF tem a sua sede na Rua de N. S. da Saúde, n.º 9 em Belide, poderá ter delegações ou secções locais, para desenvolvimento dos seus princípios estatutários, quer directamente, quer através de protocolos de acordo com outras instituições, organismos oficiais e/ou particulares e ainda, com serviços da administração local e/ou regional. ----------

---------- CAPÍTULO II ----------

---------- Dos Associados ----------

---------- **Artigo 6.º** ----------

Os associados do PRAEF são pessoas singulares ou colectivas que se proponham a tal, respeitem os presentes estatutos, pertencentes a uma de quatro categorias: --------

a) Fundadores; ----------

b) Efectivos; ----------

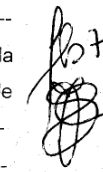
c) Auxiliares; ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

d) Beneméritos; ----------

---------- **Artigo 7.º** ----------

São associados **Fundadores** as pessoas singulares que foram responsáveis pela constituição legar do PRAEF. Estes associados estão isentos do pagamento de qualquer quota ou encargo social. ----------



---------- **Artigo 8.º** ----------

São associados **Efectivos** as pessoas singulares que participem com regularidade nas actividades do PRAEF, nomeadamente os componentes do Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide, ou de outra resposta educativa, desportiva ou sociocultural do PRAEF que venha a ser constituída. ----------

---------- **Artigo 9.º** ----------

São associados **Auxiliares**, todos que sejam admitidos como tal e paguem a sua quota mensal. ----------

---------- **Artigo 10.º** ----------

São associados **Beneméritos** as pessoas singulares ou colectivas que por mérito e valor da função ou actividade que desempenham contribuam para a defesa dos objectivos do PRAEF e cuja admissão tenha sido proposta pela Assembleia Geral e aprovada por pelo menos dois terços de votos válidos entrados. Estes associados estão isentos do pagamento de qualquer quota ou encargo social ----------

---------- **Artigo 11.º** ----------

1.São admitidos como associados do PRAEF, as pessoas singulares que subscrevam o Boletim de Inscrição, no entanto, compete à Direcção averiguar as condições necessárias e suficientes à concretização da sua admissão, cabendo eventual recurso da decisão para a Assembleia Geral; ----------

2. Exclusivamente os Associados Fundadores e Efectivos têm o direito de eleger e ser eleitos para os Órgãos Sociais. ----------

---------- **Artigo 12.º** ----------

---------- **Dos direitos gerais dos associados** ----------

1. São direitos dos Associados Fundadores, Efectivos e Auxiliares: ----------

a) Colaborar e participar em todas as acções levadas a cabo pelo PRAEF e usufruir das respectivas respostas; ----------

b) Requerer a convocação de uma Assembleia Geral, nos termos do Art. 20º, com rejeição das mutações estatuárias e dissolução do PRAEF; ----------

c) Requerer a convocação de Assembleia Geral extraordinária; ----------

d) Participar nos trabalhos da Assembleia Geral, sem prejuízo do disposto n.º2 do Art. 11º; ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

e) Tomar parte nas deliberações da Assembleia Geral, igualmente quando respeitem especificamente a matérias referentes à categoria do Associado, incluindo a Assembleia Geral eleitoral, sem prejuízo do disposto n.º 2 do Art. 11º, e com exclusão das alterações estatuárias e dissolução do PRAEF; ----------

f) Examinar os livros, relatórios de contas e demais documentos, desde que o requeiram por escrito com a antecedência mínima de sete dias e se verifique um interesse pessoal, directo e legítimo. ----------

2. Aos Associados Fundadores e Efectivos, atribuem-se direitos exclusivos: ----------

a) Ser eleito nos termos e condições do Art. 11.º ----------

b) Apresentar, discutir, deliberar e votar quaisquer matérias em Assembleia Geral, nomeadamente alterações estatutárias e dissolução do PRAEF, honrando estas últimas em maioria qualificada legalmente exigida. ----------

---------- **Artigo 13.º** ----------

---------- **Dos deveres gerais dos associados** ----------

1. São deveres dos associados **Efectivos** e associados **Auxiliares**: ----------

a) Pagar a Jóia de Admissão e a Quota, nos termos e quantitativos fixados; ----------

2. São deveres dos associados Fundadores, Efectivos, Auxiliares e Beneméritos: ------

a) Apresentar contas, sempre que se desloquem em serviço de representação do PRAEF, assim como a elaboração dos respectivos relatórios; ----------

b) Participar nas iniciativas levadas a cabo pelo PRAEF; ----------

c) Honrar os estatutos, objectivos e reputação do PRAEF, assim como, as disposições legais em vigor; ----------

3. Os associados Fundadores e Efectivos deverão exercer os cargos para que sejam eleitos. ----------

---------- **Artigo 14.º** ----------

---------- **Da disciplina dos associados** ----------

1. Da não observância dos deveres referidos neste estatuto poderá resultar a instauração de um processo de inquérito sempre que a Direcção assim o deliberar, consoante a gravidade dos factos. ----------

2. O associado a quem for instaurado um inquérito será notificado do mesmo e dos factos que o determinaram, bem como da sanção eventualmente aplicável. ----------

3. No prazo de quinze dias, após a notificação, o associado poderá apresentar a sua defesa escrita, indicar testemunhas ou outros factos que sirvam à defesa dos seus direitos. ----------

4. Da sanção aplicada o associado terá sempre a possibilidade de recurso para a Assembleia Geral. ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Artigo 15.º

Sanções aplicadas aos associados

1. As sanções a que os associados estão sujeitos são:

a) Suspensão da inscrição e o correspondente exercício de direitos aos associados que atrasem o pagamento de quotas e encargos devidos ao PRAEF, num período igual ou superior a um ano;

b) Repreensão registada;

c) Demissão;

3. A Demissão é da competência da Assembleia Geral por proposta da Direcção.

4. A sanção a aplicar dependerá da gravidade dos factos e suas consequências e da intenção e circunstâncias da sua prática.

CAPÍTULO III

Dos Órgãos Sociais

Secção I

Disposições Comuns

Artigo 16.º

1. Os Órgãos Sociais do PRAEF são a Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal, eleitos por três anos.

2. Os Órgãos Sociais compreendem associados Fundadores e associados Efectivos, sempre reelegíveis.

Secção II

Da Assembleia Geral

Artigo 17.º

A Assembleia Geral é o órgão deliberativo, constituído por todos os seus Associados no pleno gozo de todos os seus direitos, sendo dirigida por uma Mesa.

Artigo 18.º

1. A Mesa da Assembleia é formada por um Presidente, por um 1.º Secretário e por um 2.º Secretário.

2. Os membros da Mesa são eleitos pela Assembleia Geral, sem prejuízo do disposto n.º 2 do Art. 16º.

3. Compete ao Presidente da Mesa da Assembleia:

a) Convocar as reuniões ordinárias e extraordinárias;

b) Dirigir os trabalhos;

c) Apurar os resultados;

d) Investir os associados eleitos;

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

3. Compete ao 1.º Secretário e na ausência deste ao 2.º Secretário: ----------
a) Substituir o Presidente nas suas ausências ou impedimentos e com ele colaborar; --
b) Promover todo o tipo de expediente da mesa; ----------
c) Lavrar as actas da Assembleia Geral; ----------
4. Na falta ou impedimento de qualquer dos membros da mesa da Assembleia Geral, competirá a esta eleger os respectivos substitutos de entre os associados presentes, os quais cessarão as suas funções no termo da reunião. ----------

---------- **Artigo 19.º** ----------

Compete à Assembleia Geral deliberar sobre todas as matérias não compreendidas nas atribuições legais ou estatutárias dos outros órgãos do PRAEF e, designadamente: ----------
a) Definir as linhas fundamentais de atuação do PRAEF; ----------
b) Eleger e destituir, por votação secreta, os membros da respetiva Mesa, da Direção e do Conselho Fiscal; ----------
c) Apreciar e votar anualmente o orçamento e o programa de ação para o exercício seguinte, bem como o relatório e contas de gerência; ----------
d) Deliberar sobre a aquisição onerosa e a alienação, a qualquer título, de bens imóveis e de outros bens patrimoniais de rendimento ou de valor histórico ou artístico;
e) Deliberar sobre a realização de empréstimos com ou sem garantias reais efetuados pela Direção em defesa dos interesses do PRAEF; ----------
f) Deliberar sobre a alteração dos estatutos e sobre a extinção, cisão ou fusão do PRAEF; ----------
g) Autorizar o PRAEF a demandar os membros dos corpos gerentes por atos praticados no exercício das suas funções; ----------
h) Aprovar a adesão a Uniões, Federações ou Confederações. ----------
i) Deliberar sobre a atribuição da qualidade de Associado Benemérito. ----------
j) Deliberar sobre qualquer outro assunto de interesse da Associação, que não seja da competência própria de outro órgão. ----------

---------- **Artigo 20.º** ----------

---------- **Convocação e Publicitação da Assembleia Geral** ----------

1. A Assembleia Geral é convocada com 15 (quinze) dias de antecedência pelo Presidente da Mesa ou substituto. ----------
2. A convocatória é obrigatoriamente afixada na sede e pessoalmente, por meio de aviso postal expedido para cada associado. ----------
3. A convocatória pode também ser efectuada, facultativamente, através de correio

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

electrónico para o endereço fornecido pelo associado. ----------

4. Da convocatória, constará obrigatoriamente o dia, a hora, o local e a ordem de trabalhos da reunião. ----------

5. Independentemente da convocatória é obrigatório ser dada publicidade à realização da Assembleia Geral nas edições do PRAEF, no sítio institucional e em aviso afixado em locais de acesso público, nas instalações e estabelecimentos do PRAEF, bem como através de anúncio publicado nos dois jornais de maior circulação da área onde se situe a sede do PRAEF. ----------

6. Os documentos referentes aos diversos pontos da ordem de trabalhos devem estar disponíveis na sede e no sítio institucional do PRAEF, logo que a convocatória seja expedida, por meio de aviso postal, para os associados. ----------

7. A Assembleia Geral reúne à hora marcada na convocatória, se estiver presente mais de metade dos associados com direito de voto, ou trinta minutos depois, com qualquer número de presenças. ----------

8. A Assembleia Geral extraordinária que seja convocada a requerimento dos associados só pode reunir se estiverem presentes três quartos dos requerentes. --------

---------- **Secção III** ----------

---------- **Da Direcção** ----------

---------- **Artigo 21.º** ----------

A Direcção é o órgão que administra e executa a gestão do PRAEF com carácter de permanência. ----------

---------- **Artigo 22.º** ----------

A Direcção é composta por um Presidente, um Secretário e um Tesoureiro. ----------

---------- **Artigo 23.º** ----------

Compete à Direção gerir a associação e representá-la, incumbindo-lhe designadamente: ----------

a) Garantir a efetivação dos direitos dos associados; ----------

b) Elaborar anualmente e submeter ao parecer do conselho fiscal o relatório e contas de gerência, bem como o orçamento e programa de ação para o ano seguinte; ---------

c) Assegurar a organização e o funcionamento dos serviços e equipamentos, nomeadamente elaborando os Regulamentos Internos que se mostrem adequados e promovendo a organização e elaboração da contabilidade, nos termos da lei; ----------

d) Organizar o quadro do pessoal, e contratar e gerir o pessoal do PRAEF; ----------

e) Representar o PRAEF em juízo ou fora dele; ----------

f) Zelar pelo cumprimento da lei, dos estatutos e das deliberações dos órgãos do PRAEF; ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

g) Propor à Assembleia Geral a criação ou extinção de delegações; ----------
h) Admitir e rejeitar os pedidos de associados efetivos; ----------
i) Elaborar e apresentar à Assembleia Geral, para aprovação, o Regulamento Eleitoral;
-j) Resolver os casos omissos nos presentes Estatutos e nos Regulamentos, relativamente a todas as questões que caibam no âmbito das suas competências; ------
-2. A Direção pode delegar poderes de representação e administração para a prática de certos atos ou de certas categorias de atos em qualquer um dos seus membros ou em profissionais qualificados ao serviço da instituição, ou mandatários. ----------

---------- **Artigo 24.º** ----------

Forma de obrigar: ----------

1. Para obrigar a associação são necessárias e bastantes as assinaturas conjuntas de quaisquer **três membros da direção**, ou as **assinaturas conjuntas do presidente e do tesoureiro**. ----------

2. Nos atos de mero expediente bastará a assinatura de qualquer membro da direção.

---------- **Secção III** ----------

---------- **Do Conselho Fiscal** ----------

---------- **Artigo 25.º** ----------

O Conselho Fiscal é o órgão de fiscalização da associação. ----------

---

---------- **Artigo 26.º** ----------

1. Compete ao Conselho Fiscal o controlo e fiscalização do PRAEF, podendo, nesse âmbito, dirigir à Direção e Mesa da Assembleia Geral as recomendações que entenda adequadas com vista ao cumprimento da lei, dos estatutos e dos regulamentos, e designadamente: ----------

a) Fiscalizar a Direção, podendo, para o efeito consultar a documentação necessária; -
b) Dar parecer sobre o relatório e contas do exercício, bem como sobre o programa de ação e orçamento para o ano seguinte; ----------
c) Dar parecer sobre quaisquer assuntos que a Direção e/ou Mesa da Assembleia Geral submetam à sua apreciação; ----------
d) Verificar o cumprimento da Lei, dos Estatutos e dos Regulamentos; ----------

2. Os membros do Conselho Fiscal podem assistir às reuniões da Direção, quando para tal forem convocados pelo presidente deste órgão. ----------

---------- **Secção IV** ----------

---------- **Das Disposições Patrimoniais e Financeiras** ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

---------- **Artigo 27.º** ----------

1. São receitas do PRAEF: ----------

a) As quotas a pagar por cada associado nos termos a fixar pela Assembleia Geral; ---

b) Os subsídios concedidos por entidades públicas ou particulares; ----------

c) Os donativos de qualquer natureza, desde que permitidos por lei; ----------

d) As provenientes de actividades promovidas pelo PRAEF; ----------

e) As importâncias resultantes da celebração de protocolos de acordo de cooperação.

2. O activo patrimonial é constituído por todos os bens, móveis e imóveis, adquiridos a qualquer título, que visem melhorar a prossecução dos seus fins. ----------

---------- **Secção V** ----------

---------- **Das Eleições** ----------

---------- **Convocatória** ----------

---------- **Artigo 28.º** ----------

1. Os membros dos órgãos sociais da Associação são eleitos trienalmente por sufrágio directo e secreto. ----------

2. As eleições efectuar-se-ão até final de Dezembro, na reunião ordinária anual da Assembleia Geral, que será convocada com a antecedência mínima de quinze dias úteis e funcionará durante a Assembleia como Assembleia Eleitoral. ----------

3. Da respectiva convocatória constarão: ----------

a) O dia, o local, a hora e a ordem de trabalhos; ----------

b) Horário de abertura e encerramento da urna; ----------

---------- **Caderno Eleitoral** ----------

---------- **Artigo 29.º** ----------

1. Para efeitos eleitorais são considerados membros no pleno gozo dos seus direitos, todos os que cumpram as condições expressas no Art. 11.º, n.º 2, destes Estatutos. ---

2. Qualquer associado fundador e efectivo poderá reclamar, por escrito, da inclusão ou omissão de qualquer associado, devendo as reclamações dar entrada na sede do PRAEF, até sete dias úteis antes da data designada para a Assembleia Eleitoral. -------

3. As reclamações serão apreciadas pela Mesa da Assembleia até ao final do segundo dia útil seguinte ao termo do prazo fixado no número anterior, com conhecimento da decisão ao associado reclamante, não havendo recurso desta decisão. ----------

---------- **Candidaturas** ----------

---------- **Artigo 30.º** ----------

1. As listas candidatas deverão dar entradas na sede da Associação até dez dias úteis antes do acto eleitoral. ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2. As candidaturas podem ser apresentadas por associados que cumpram as condições expressas no Art. 11.º, n.º 2 destes Estatutos. ----------

3. Qualquer associado fundador e efectivo pode ser subscritor da sua própria candidatura, mas é-lhe interdito subscrever mais de uma lista. ----------

4. Todas as candidaturas deverão ser acompanhadas de declaração do associado proposto, no qual se confirme a aceitação do cargo para que é candidato. ----------

5. Na apresentação das candidaturas, os proponentes deverão indicar qual de entre eles será o mandatário da lista e exercerá as funções de vogal verificador, fazendo, como observador, parte da Comissão Eleitoral. ----------

---------- **Votação** ----------

---------- **Artigo 31.º** ----------

1. A votação efectuar-se-á por escrutínio secreto, tendo como horário o indicado na convocatória, apenas podendo votar associados em pleno gozo dos seus direitos à data da eleição. ----------

2. Haverá uma única mesa de voto presidida pela Comissão Eleitoral, que será composta pelos elementos da mesa da Assembleia Geral e pelos mandatários das listas, sendo estes estritamente observadores. ----------

3.Encerrada a urna, proceder-se-á de imediato ao escrutínio, sendo considerada vencedora a lista que obtiver mais votos. ----------

---------- **Acto de Tomada de Posse** ----------

---------- **Artigo 32.º** ----------

1. Os eleitos serão empossados em sessão pública de Acto de Posse que deverá decorrer de seguida à proclamação da lista vencedora, ou até quinze dias após o acto eleitoral. ----------

a) O Presidente da Mesa da Assembleia Geral cessante dará posse ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral eleito; ----------

b) O novo Presidente da Mesa da Assembleia Geral dará posse aos restantes membros eleitos. ----------

---------- CAPÍTULO IV ----------

---------- Disposições Finais ----------

---------- Extinção e Liquidação ----------

---------- **Artigo 33.º** ----------

1. A dissolução tem lugar numa Assembleia Geral convocada especialmente para o efeito. ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2. Para que tenha valor a decisão da dissolução é necessário o acordo de três quartos de todos os associados. ----------

3. Em caso de dissolução, o activo do PRAEF, depois de satisfeito o passivo, reverterá integralmente a favor da entidade que a Assembleia Geral determinar nos termos da legislação em vigor, bem como eleger uma Comissão Liquidatária. ----------

4. Os poderes da Comissão Liquidatária ficam limitados à prática dos actos meramente administrativos e necessários quer à liquidação do património social, quer à ultimação dos negócios pendentes. ----------

---------- **Artigo 34.º** ----------

Os casos omissos serão resolvidos pela Assembleia Geral, ao abrigo dos termos da legislação em vigor. ----------

Aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de Catorze de Novembro de Dois Mil e Quinze. ----------

A Notária,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANEXO XVII

REGULAMENTO INTERNO GFEB

REGULAMENTO INTERNO

GRUPO FOLCLÓRICO E ETNOGRÁFICO DE BELIDE

GRUPO FOLCLÓRICO E ETNOGRÁFICO DE
BELIDE
CONDEIXA – BAIXO MONDEGO

Aprovado em Assembleia Geral Extraordinária em 2015.11.14

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

REGULAMENTO INTERNO

GRUPO FOLCLÓRICO E ETNOGRÁFICO DE BELIDE

CAPITULO I – ORGANIZAÇÃO

Artigo 1.º - Âmbito

Ao abrigo dos Estatutos do **Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica** – Art. 2.º - a associação têm como finalidade a divulgação da cultura tradicional da região do Baixo Mondego Litoral, foi integrado como sua secção o **Grupo Folclórico e Etnográfico de Belide** (GFEB) e que será constituído por todos os amigos e simpatizantes, de ambos os sexos que se subordinarão este Regulamento Interno.

Artigo 2.º - Finalidade

O GFEB tem como finalidade pesquisar, **recolher, preservar, divulgar e salvaguardar** as **Tradições Populares da Freguesia de Belide**, bem como da região onde se encontra inserida, **Vale do Rio dos Mouros**, com influências peculiares, oriundas da Região do Baixo Mondego Litoral, Urbe de Coimbra e Terras de Sicó.

Artigo 3.º

1. O GFEB faz parte integrante do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica, onde tem a sua sede, alínea a), Art.3.º dos Estatutos do PRAEF.

2. O GFEB não possui Órgãos Sociais autónomos, está abrangido pelos Estatutos do Pódio de Recordações * Associação Etno-Folclórica.

Artigo 4.º | Corpos Sociais

Hierarquicamente dependentes dos estatutos do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica (Art. 16.º), que dirige a atividade do GFEB

Artigo 5.º | Conselho Técnico

Está hierarquicamente dependente do Art. 16.º dos Estatutos do PRAEF, são-lhe atribuídos os seguintes aspetos organizacionais:

1. Recolha, divulgação e promoção de danças, cantares, trajares, usos e costumes tradicionais do Vale do Rio dos Mouros, com especial ênfase para a Freguesia de Belide;

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

---

2. Organização dos ensaios e das atuações; ----------

---

3. Supervisão do uso correto dos trajos, adereços e instrumentos musicais que deverão, tanto quanto possível, representar de forma fidedigna os usos e costumes da região representada; ----------

---

4. Organizar e manter o arquivo do GFEB; ----------

---

5. Promoção e divulgação das atividades do GFEB nomeadamente na: a) Comunicação social; b) Cartazes; c) Página da Internet; d) Gravação áudio de músicas e cantares; e) Gravação de vídeos; f) Seleção de novos executantes candidatos à entrada no GFEB. ----

---

---------- **Artigo 6.º | Composição do Conselho Técnico** ----------

Diretor Técnico – Responsável pela coreografia/execução das danças, canto, musicalidade, trajares, assim como toda a representatividade do GFEB; ----------

---

Vogal – Responsável pela assessoria nas tarefas do Conselho Técnico; ----------

---

---------- **Artigo 5.º - Recrutamento dos elementos do Conselho Técnico** --------

Diretor Técnico | Vogal – Nomeados pela Direção do PRAEF com a consentimento de todos os elementos que constituem o GFEB. ----------

---

-------- **Artigo 9º - Periodicidade das reuniões do Conselho Técnico do GFEB** --------

Reúne ordinariamente ou extraordinariamente, sempre que o Presidente da Direção do PREAF, o convocar por sua iniciativa. ----------

---

Podem ser convidados outros executantes que não integrem os **Corpos Sociais do PRAEF ou o Conselho Técnico do GFEB** sempre que se considere relevante para prestar esclarecimentos motivadores a um melhor funcionamento do GFEB. ----------

---

---------- **CAPÍTULO II** ----------

---------- **Funcionamento** ----------

---------- **Artigo 11.º - Admissão** ----------

1. A admissão de executantes do GFEB é da exclusiva competência dos Corpos Sociais do PREAF, mediante proposta apresentada pelo Conselho Técnico. ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2. Podem ser admitidos como executantes do GFEB quaisquer indivíduos, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade, sexo, idade, orientação política, sexual, religiosa e condição económica. ----------

3. A admissão de novos executantes pode ser efetuada entre outras, da seguinte forma: -

a) Mediante convite do Conselho Técnico tendo em consideração o descrito no ponto 1 deste Capítulo. ----------

b) O pedido do interessado ao Conselho Técnico, tendo em consideração o descrito no ponto 1 deste Artigo, deve obedecer à forma escrita, mediante o preenchimento de impresso próprio fornecido pelos Corpos Sociais onde constem: os elementos de identificação e a razão ou razões que levaram à sua candidatura. ----------

c) A admissão de interessados com menos de dezoito anos depende do preenchimento e assinatura do impresso pelos seus pais ou tutor, acompanhado de fotocópia do Bilhete de Identidade do preponente e deste (s) responsável (eis). ----------

d) O preenchimento do pedido de admissão importa, por parte do interessado, o conhecimento e a concordância com o Regulamento do GFEB que deverá aceitar e cumprir. ----------

e) Com a admissão do interessado é atribuído um cartão de identificação de elemento componente do GFEB. ----------

f) Todos os executantes maiores de 18 anos serão obrigatoriamente Associados Efetivos do PRAEF. ----------

---------- **Artigo 12.º - Bens** ----------

1. O trajo, o calçado, os adereços e os instrumentos musicais do GFEB com vista ao seu funcionamento são propriedade do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica, a quem compete a sua aquisição, manutenção e distribuição. ----------

2. A posse do trajo, e dos adereços serão, por questões de higiene, e de uso pessoal, exclusivos do respetivo executante, o qual se encarregará da sua limpeza e preservação. O Conselho Técnico deverá permanentemente inteirar-se do uso e estado de

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

conservação do material referido no número 1 do presente Artigo, assim como das necessidades sentidas pelo GFEB, transmitindo esse conhecimento à Direção do PRAEF. ----------

3. A entrega dos bens aos executantes fica dependente do preenchimento e assinatura de um termo de entrega/responsabilidade, em impresso próprio fornecido pelo Conselho Técnico do GFEB o qual servirá de título executivo em caso de recusa de restituição dos mesmos àquele proprietário, no qual constarão todos os elementos de identificação e de contacto com o executante, bem como uma lista discriminada dos bens. ----------

---------- **Artigo 13.º - Ensaios** ----------

1. O GBEB ensaiará ordinariamente quinzenalmente no local a designar pela Direção do PRAEF, em dia e hora designados e com o prévio acordo entre todos; ----------

2. Os ensaios são orientados pelos elementos do Conselho Técnico devendo os restantes executantes do GFEB acatar as suas orientações. ----------

---------- **Artigo 14.º - Atuações** ----------

1. A Direção do PRAEF e o Conselho Técnico do GFEB, tem a faculdade de decidir que este atue em quaisquer festas, convívios, cerimónias, apresentações, iniciativas ou atos que considere úteis e convenientes à prossecução dos fins estatuários do PRAEF e do próprio GFEB, quer seja ou não gratuita a sua atuação, designadamente os que envolvam: ----------

a) O PRAEF | b) o Município de Condeixa; | c) a Junta de Freguesia de Belide; | e) outras entidades singulares ou coletivas sediadas ou diretamente ligadas ao Município de Condeixa; | f) o auxílio a estabelecimentos de solidariedade social, beneficência ou de reconhecida utilidade pública; g) outras entidades singulares ou coletivas sedeadas noutros concelhos do país ou estrangeiro; | h) no caso de saídas e atuações no estrangeiro deverá ser tida em conta a disponibilidade dos executantes do GFEB. ----------

2. É da competência do Conselho Técnico do GFEB a assunção de compromissos perante terceiros, nos termos estipulados pela Direção do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica, em exercício. ----------

---------- **Artigo 15.º - Deslocações** ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

1. As deslocações do GFEB serão suportadas pela entidade anfitriã e podem ser subsidiadas pelo PRAEF, desde que devidamente comprovadas. ----------

2. Os Executantes do GFEB ficam excluídos de qualquer tipo de despesa, inerente à atividade do GFEB, designadamente de transporte, alojamento, caso o local da atuação fique a uma distância superior a 30 Km de Belide. ----------

3. Todas as despesas de caráter e consumo individual, que sejam efetuadas sem autorização expressa dos responsáveis do GFEB, serão suportadas pelos respetivos sujeitos. ----------

---------- **Artigo 16.º- Receitas e Despesas** ----------

1. Todas as despesas relativas ao GFEB serão suportadas pelo PRAEF; ----------

2. Salvo decisão em contrário por parte do PRAEF, todas as receitas angariadas pelo GFEB revertem a favor do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica. ----------

3. Todas as receitas realizadas no âmbito da atividade do GFEB, devem ser preferencialmente aplicadas para os fins consignados no artigo 27.º dos Estatutos do PRAEF. ----------

4. Porém pode o PREAF, ouvindo outros responsáveis técnicos e elementos do GFEB, consignar as suas receitas para outros fins de caráter social, cultural, educativo, desportivo do PRAEF. ----------

---------- **Artigo 17.º - Deveres do Órgãos Sociais do GFEB** ----------

O Conselho Técnico do GFEB, integrado no PRAEF tem os seguintes deveres e funções:

1. **Órgãos Sociais**: ----------

a) Cumprir e fazer cumprir o preceituado neste Regulamento Interno, e nos Estatutos do Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica, assim como as deliberações e decisões da Direção deste; ----------

b) Organizar e manter uma lista completa e permanentemente atualizada dos executantes do GFEB; ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

c) Informar trimestralmente a Direção do PREAF das ações desenvolvidas e a desenvolver, e ainda, elaborar um relatório anual da atividade desenvolvida pelo GFEB; --

d) Apresentar à Direção do PRAEF e com ela decidir sobre todos os assuntos omissos nos estatutos sociais e no presente Regulamento que se relacionem com o GFEB; --------

e) Contribuir com a sua opinião para um melhor funcionamento do GFEB e para a prossecução dos seus objetivos do PREAF; ----------

f) De uma forma geral, cumprir pontualmente com as obrigações que, na qualidade de responsáveis do GFEB, lhe estão conferidas estatutariamente. ----------

2. **Conselho Técnico**: ----------

a) Exercer gratuitamente as suas funções; ----------

b) Cumprir e fazer cumprir o preceituado neste Regulamento Interno; ----------

c) Dar conhecimento ou fazer seguir para os Órgãos Sociais do PRAEF, todas as infrações disciplinares, cometidas pelos elementos e/ou executantes do GFEB, ou, em seu entender, suscetíveis de tal serem consideradas; ----------

d) Organizar e manter o espólio musical do GFEB, assegurando a sua existência em partituras musicais, som e imagem; ----------

e) Organizar e manter um mapa mensal de assiduidade dos executantes; ----------

f) Apresentar à Direção do PRAEF e com ele decidir sobre todos os assuntos omissos nos estatutos sociais e no presente regulamento que se relacionem com o GFEB; ---------

g) Contribuir com a sua opinião para um melhor funcionamento do GFEB e para a concretização dos seus objetivos e dos do PREAF; ----------

h) Participar ao PRAEF, com pelo menos trinta dias de antecedência, a pretensão de abandonar as suas funções; ----------

i) De uma forma geral, cumprir pontualmente com as obrigações que, na qualidade de

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

elemento do Conselho Técnico, lhe estão conferidas. ----------

---------- **Artigo 18.º - Deveres dos executantes** ----------

1. Sem prejuízo do previsto noutros preceitos deste Regulamento Interno, constituem deveres de cada elemento: ----------

a) Exercer gratuitamente as funções que vier a desempenhar no GFEB; ----------

b) Cumprir o preceituado neste Regulamento Interno; ----------

c) Dar conhecimento à Direção do PRAEF e ao Conselho Técnico do GFEB de qualquer irregularidade verificada; ----------

d) Proceder a todo o momento com delicadeza e lealdade aos Corpos do PRAEF e do GFEB e respetivos membros, evitando divisionismos; ----------

e) Proceder a todo o momento com sociabilidade para com os restantes executantes e público em geral; ----------

f) Cumprir prontamente as instruções da Direção do PRAEF e Conselho Técnico do GFEB; ----------

g) Comparecer regularmente aos ensaios nas datas designadas e cumprir pontualmente os horários estabelecidos, salvo motivo de força maior, caso em que deverá apresentar a respetiva justificação ao Conselho Técnico do GFEB ou quem o represente no prazo de sete dias corridos; ----------

h) Não abandonar o local dos ensaios ou de atuação sem prévia autorização do Conselho Técnico ou quem o represente; ----------

i) Comparecer com pontualidade e corretamente trajado em todas as atuações; ----------

j) Conservar com zelo o traje, adereços e instrumentos musicais que lhe estejam confiados; ----------

l) Restituir os bens referidos na alínea anterior no modo e no prazo que lhe sejam fixados pelo PRAEF e GFEB; ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

---

m) Cooperar com o Conselho Técnico, designadamente no trabalho de recolha, estudo e de edição de folclore; ----------

---

n) Participar nas reuniões/plenários convocados pelo Conselho Técnico do GFEB; --------

---

o) Tomar conhecimento dos assuntos referentes ao GFEB, nomeadamente no que se refere a atuações; ----------

---

p) Contribuir com a sua opinião para um melhor funcionamento do GFEB; ----------

---

q) Participar por escrito à Direção do PRAEF e ao Conselho Técnico do GFEB, com pelo menos trinta dias de antecedência, a pretensão de abandonar as suas funções no GFEB;

---

r) De uma forma geral, cumprir pontualmente com as obrigações que, na qualidade de executantes, lhes estão acometidas. ----------

---

CAPÍTULO III

Ação Disciplinar

Artigo 19.º - Competência da ação disciplinar

O exercício da ação disciplinar sobre os executantes é da competência da Direção do PREAF e do Conselho Técnico do GFEB. ----------

---

Artigo 20.º - Sanções disciplinares

1. Aos executantes do GFEB podem ser aplicadas, por ordem crescente de gravidade, as seguintes sanções disciplinares: ----------

---

a) Repreensão oral; ----------

---

b) Repreensão registada; ----------

---

c) Suspensão até um ano; ----------

---

d) Expulsão; ----------

Artigo 21.º----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Vanda Alice Andrade

---------- **Infrações disciplinares e aplicação das sanções**----------

1. A sanção da alínea a) do artigo anterior é aplicada a faltas consideradas leves, designadamente: ----------

a) Atos, palavras ou atitudes que sejam considerados menos próprios para os executantes ou órgãos do PRAEF e GFEB; ----------

b) Falta de cordialidade para com as entidades anfitriãs ou contratantes e público em geral; ----------

c) Falta de assiduidade e de pontualidade ocasional aos ensaios sem justificação comprovada ou apresentação extemporânea de justificação; ----------

2. A sanção da alínea b) do artigo anterior é aplicada a faltas consideradas menos graves, designadamente: ----------

a) Atos, palavras ou atitudes que sejam considerados ofensivos para os executantes ou órgãos do PRAEF e GFEB; ----------

b) A reincidência na falta de assiduidade e pontualidade aos ensaios e atuações sem justificação comprovada ou apresentação extemporânea de justificação; ----------

c) Falta de zelo com o traje, adereços e instrumentos musicais que lhe estejam confiados. ----------

3. A sanção da alínea c) do artigo anterior é aplicada a faltas consideradas graves, designadamente: ----------

a) Atos, palavras ou atitudes que sejam considerados gravemente ofensivos para os executantes ou elementos dirigentes do GFEB; ----------

b) Incumprimento ilegítimo das decisões superiores; ----------

c) Abandono do local dos ensaios ou de atuação sem prévia autorização do Diretor Técnico ou na sua ausência a quem o represente; ----------

d) Danificação voluntária do património do PRAEF nomeadamente ao traje, adereços e instrumentos musicais que lhe estejam entregue; ----------

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

---

e) Não proceder à substituição dos bens ou à reparação dos prejuízos causados aos bens referidos na alínea anterior quando intimado para o efeito pelos Corpos Sociais do PRAEF e Conselho Técnico do GFEB; ----------

---

3. Não restituir os bens que lhe estejam adstritos no modo e no prazo que lhe sejam fixados pelo Órgãos Sociais do GFEB; ----------

---

4. A fim de garantir o bom funcionamento do GFEB, o componente que falte a três ensaios seguidos antes do ensaio geral para uma atuação, será penalizado com a sanção de não participar na mesma. ----------

---

5. Como garantia da boa representatividade do GFEB, o Conselho Técnico, poderá solicitar ao componente que não esteja presente numa determinada atuação, o seu trajo e respetivo adereço. Estes deverão ser entregues nas devidas condições de manutenção e higiene, no entanto, o componente não goza do privilégio de uso exclusivo de um determinado trajo. ----------

---

---------- **Artigo 22.º - Processo** ----------

1. A aplicação de qualquer sanção deve ser tomada no seio do Órgãos Sociais do PRAEF, por uma maioria de 50% dos votos mais um de todos os elementos que a compõem, em caso de empate o Presidente tem o voto de qualidade. ----------

---

2. Nos casos em que se verifique algum facto suscetível de ser qualificado como infração disciplinar, dele deverá ser dada informação ao Órgãos Sociais do PRAEF, no prazo de quinze dias seguidos sobre o seu conhecimento, mediante participação escrita com a descrição circunstanciada dos factos imputáveis ao infrator e indicação dos meios de prova. ----------

---

3. Após a receção da participação, os Órgãos Sociais do PRAEF e do GFEB reunirão no prazo de oito dias para tomar uma das seguintes decisões: ----------

---

a) Aplicar uma sanção considerada adequada de acordo com o previsto no número 1 do presente Artigo; ----------

---

b) Em situações em que subsistam dúvidas devem o Órgãos Sociais do PRAEF e do GFEB nomear um instrutor para realizar um processo de averiguações, e que deverá no

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

prazo de quinze dias entregar um relatório do ocorrido aos referidos Órgãos Sociais; ------

c) Na posse do relatório o Órgãos Sociais do GFEB decide se há lugar ou não a sanção disciplinar; ----------

d) Caso haja lugar a sanção disciplinar aplica-se o descrito na alínea a) do presente Artigo; Da decisão dos Órgãos Sociais do GFEB deve ser dado conhecimento ao interessado por escrito; ----------

e) Em caso da sanção aplicada ser uma das descritas nas alíneas c) e d) do artigo 2º do presente Capítulo, devem os Órgãos Sociais dar conhecimento das mesmas aos restantes associados em Assembleia Geral convocada para o efeito. ----------

---------- **CAPÍTULO IV** ----------

---------- **Disposições Finais** ----------

---------- **Artigo 23º - Publicitação** ----------

1. O presente Regulamento será objeto de publicação por edital no **Pódio de Recordações – Associação Etno-Folclórica**, cabendo aos Corpos Sociais, entregar um exemplar a todos os membros do GFEB e aos restantes órgãos da instituição supra mencionada. ----------

---------- **Artigo 24º - Entrada em vigor** ----------

O presente Regulamento Interno entra em vigor no dia seguinte ao da sua aprovação na Assembleia Extraordinária do PREAF convocada para o efeito. ----------

Aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de Catorze de novembro de Dois Mil e Quinze. ----------

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL: ----------

Presidente: Vanda Maria Costa Ferreira: Vanda Maria Costa Ferreira

1.º Secretário: Anabela Ferreira Mendes: Anabela Ferreira Mendes

2.º Secretário: M.ª Alice Bernardes dos Santos: Maria Alice Bernardes dos Santos

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

CAMPUS VIDA
CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

Os territórios e a sua humanização oferecem um plano fértil para a investigação antropossociológica, pesquisar e inventariar esta relação com as conceções contemporâneas de património, memória, identidade e linguagem, leva-nos a compreender a relação e apropriação entre as organizações locais e a comunidade, que por sua vez leva à (re)construção e afirmação da identidade local, alicerçada na memória coletiva, colocando-as ao serviço público de forma a promover o conhecimento e o crescimento sustentado. É neste contexto que pretendemos evidenciar o processo construtivo da identidade da antiga localidade de Belide, povoamento bélico habitado desde o império romano, a curta distância da civitas romana de Conímbriga.